



RADIOFONIAS

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

Rádio e Esportes | V.14, N.1 | 2023.1



PPG
UFOP COM

CONJUR

nrtv
Núcleo de Rádio e TV

INTERCOM
GP Rádio e Mídia Sonora

RADIOFONIAS

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

ISSN: 2675-8067

Rádio e Esportes
V.14, N.1 | 2023.1

Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, antiga Rádio-Leituras (ISSN 2179-6033), é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e do Núcleo de Rádio e TV (NRTV) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Conta com o apoio do Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). O objetivo da publicação é ser um espaço para análise e reflexão sobre o rádio, a mídia sonora, o rádio-jornalismo e os processos de convergência que dialoguem direta ou indiretamente com as diversas modalidades de comunicação sonora. A revista pretende promover debates e estimular o desenvolvimento e difusão de conhecimento científico, contribuindo, juntamente com outros esforços e iniciativas, para o crescimento do campo dos estudos radiofônicos e da mídia sonora como um todo. Desta forma, a publicação encoraja a abordagem de questões metodológicas e conceituais relativas ao estudo do rádio e da mídia sonora, estimulando também a interdisciplinaridade nas propostas e o diálogo com pesquisadores de outros países. Radiofonias prioriza publicações decorrentes de pesquisas em nível de pós-graduação e inéditas. Destina-se a pesquisadores, professores, profissionais e estudantes de comunicação e especificamente de rádio.

RADIOFONIAS

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo e do Núcleo de Rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

realização:

PPG COM
U F O P
Comunicação e Temporalidades

nrtv
Núcleo de Rádio e TV

CONJOR
Convergência e Jornalismo

apoio:


INTERCOM
GP de Rádio e Mídia Sonora

Equipe Editorial / Editorial Board / Equipo Editorial

Debora Cristina Lopez | Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Brasil

Marcelo Kischinhevsky | Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil

Camille Vizzoni, Yasmin Montebello | Graduandas ECO-UFRJ

Conselho Editorial / Editorial Board / Consejo Editorial

Belén Monclús

Universidad Autónoma de Barcelona (UAB), Espanha

Daniel Martín Pena

Universidad de Extremadura (UEx), Espanha

Doris Fagundes Haussen

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil

Eduardo Meditsch

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Eduardo Vicente

Universidade de São Paulo (USP), Brasil

José Luis Fernández

Universidade de Buenos Aires (UBA), Argentina

Luciano Klöckner

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil

Luiz Artur Ferraretto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil

Madalena Oliveira

Universidade do Minho (UMinho), Portugal

Mágda Rodrigues da Cunha

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil

Manuel Fernández Sande

Universidad Complutense de Madrid, Espanha

Marcelo Freire

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Brasil

María del Pilar Martínez-Costa

Universidad de Navarra, Espanha

Mia Lindgren

Swinburne University of Technology, Austrália

Monica Rebecca Ferrari Nunes

Escola Sup. de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP)

Nair Prata

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Nelia Rodrigues Del Bianco

Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade de Brasília (UnB), Brasil

Othon Fernando Jambeiro

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Sonia Virginia Moreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil

Tiziano Bonini

Università di Siena, Itália.

Pareceristas nesta edição

Alexandre Carauta

Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio)

Arnaldo Zimmerman

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Cirö Gotz

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Fausto Amaro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Filipe Mostaro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Gilson Luiz Piber da Silva

Faculdade Integrada Hélio Alonso (FACHA)

Irlan Simões

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Leda Costa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Luciano Klockner

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Mágda Rodrigues da Cunha

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Marizandra Rutilli

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Ricardo Zimmerman Fiegenbaum

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Roberto Falcão

Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA)

Diagramação

www.lenabenz-comunica.com

Capa sobre fotos de: canva.com

Editora:

Universidade Federal de Ouro Preto

R. Diogo de Vasconcelos, 122.

Pilar | Ouro Preto | Minas Gerais

CEP 35400-000

SUMÁRIO

	PÁG.
APRESENTAÇÃO	
A dimensão sonora nos estudos de comunicação e esporte Marcelo Kischinhevsky, Debora Cristina Lopez	<u>2</u>
DOSSIÊ RÁDIO E ESPORTES	
Mais show, menos notícia Carlos Guimarães, Marizandra Rutilli	<u>8</u>
O rádio esportivo e as relações de conflito nas mensagens enviadas pela audiência em plataformas digitais Bruno Balacó, Edgard Patrício	<u>28</u>
Discursos radiofônicos sobre os ídolos do futebol: um gesto de olhar para a narração da final da Copa do Mundo de 1970 Mateus Oliveira Silva, Vinícius Durval Dorne	<u>47</u>
Revisitando as transmissões radiofônicas pioneiras de Jogos Olímpicos no Brasil William Douglas de Almeida, Daniel Gomes do Nascimento de Araújo, Katia Rubio	<u>76</u>
Narração esportiva do futebol por mulheres no rádio brasileiro: registros históricos de transmissões entre a década de 1970 e os anos 2000 Raphaela Xavier de Oliveira Ferro, Valci Regina Mousquer Zuculoto	<u>105</u>
Armindo Antônio Ranzolin: ícone paradigmático da narração esportiva brasileira Ciro Götz	<u>134</u>
O público como prosumidor no radiojornalismo esportivo: revisão de literatura de 2009-2010 Luciana Mendes Fonseca, Valquíria Aparecida Passos Kneipp	<u>154</u>
A origem das lives esportivas em emissoras de Seberi-RS João Victor Gobbi e Gonzalo Prudkin	<u>179</u>
ENTREVISTA	
Ronaldo Helal: o rádio como pioneiro na relação entre mídia e esporte Filipe Mostaro	<u>205</u>

A dimensão sonora nos estudos de comunicação e esporte

Marcelo Kischinhevsky, Debora Cristina Lopez

Articulado com a ideologia do higienismo e com o avanço do capitalismo, que estimula a competitividade e o individualismo, o esporte se afirmou ao longo da segunda metade do século XIX como ícone da modernidade. Não é coincidência que muitas das modalidades mais populares tenham se delineado no período, com a criação de federações e estabelecimento de regras (Football Association, em 1863, Rugby Football Union, em 1871, Federação Internacional das Sociedades de Remo, em 1892, entre outras). E logo na sequência, multiplicam-se os clubes, que extrapolam seus quadros de sócios para se constituírem como instituições sociais, mobilizando torcidas em torno de suas equipes.

>> Como citar este texto:

KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina. A dimensão sonora nos estudos de comunicação e esporte. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 2-7, jan./jul. 2023.

Sobre a equipe editorial

Debora Cristina Lopez
debora.lopez@ufop.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-1030-1996>

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), é professora de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), onde coordena o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e o Laboratório de Inovação em Jornalismo (Labin). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Marcelo Kischinhevsky
marcelok@forum.ufrj.br
<https://orcid.org/0000-0002-4838-2162>

Professor do PPGCOM e dos cursos de Jornalismo e Rádio e TV da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), é doutor e mestre em Comunicação e Cultura pela mesma instituição, onde atua ainda como diretor do Núcleo de Rádio e TV. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

E logo na sequência, multiplicam-se os clubes, que extrapolam seus quadros de sócios para se constituírem como instituições sociais, mobilizando torcidas em torno de suas equipes. E logo na sequência, multiplicam-se os clubes, que extrapolam seus quadros de sócios para se constituírem como instituições sociais, mobilizando torcidas em torno de suas equipes. Eventos esportivos atraem crescente interesse da imprensa, o que seria potencializado com a realização, em 1896, dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em Atenas, na Grécia.

Por isso não é surpresa que, quando o rádio dá seus primeiros passos, nos anos 1910/1920, a transmissão de relatos esportivos tenha despertado tanto interesse. Pode-se afirmar que “a narração do futebol no Brasil desempenha papel central na própria construção da radiofonia”, operando como articuladora “espaço-temporal, de produção do tempo presente e de narrativas sobre a coletividade” (MOSTARO e KISCHINHEVSKY, 2016). Podemos ir além, afirmando que a narração esportiva, direto do palco dos acontecimentos, é decisiva para o próprio nascimento do conceito de “ao vivo” (FRATICELLI, 2008), que posteriormente vai desaguar na noção de “tempo real”, cujo pioneirismo é reivindicado pela internet.

Não que exista o tal tempo real. Profissionais do rádio têm consciência desde os primórdios do meio que não se tratava de um espelho da realidade, mas sim um relato de segunda mão, que construía narrativamente os acontecimentos. Uma das primeiras grandes coberturas internacionais ocorreu já em 1921, na final do campeonato mundial de boxe, entre o pugilista estadunidense Jack Dempsey e o francês Georges Carpentier, que reuniu mais de 80 mil pessoas em Nova Jersey, nos EUA. O pesquisador canadense Jonathan Sterne cita memorando interno da Radio Corporation of America (RCA) com instruções para a transmissão da luta, que expõe surpreendente clareza em relação à natureza do novo meio: “A RCA transmite uma ‘descrição de voz’ da luta, não a luta em si” (STERNE, 2002).

As interfaces entre esporte e ciências sociais e humanas foram extensamente exploradas ao longo do século XX, sobretudo a partir dos anos

1980 (ver, entre outros, DAMATTA, 1982, HUIZINGA, [1938] 1996, HELAL, 1997, HELAL, SOARES e LOVISOLO, 2001, AGOSTINO, 2002, SANTOS NETO, 2002, ALABARCES, 2003, GUMBRECHT, 2007, HELAL, 2011). Apesar de sua importância social e cultural, contudo, o rádio esportivo suscitou esparsos estudos compreensivos (SOARES, 1994, GUERRA, 2000), outros tantos de caráter histórico (PRATA e SANTOS, 2012, RANGEL e GUERRA, 2012) e, ainda mais raramente, voltados para formação profissional (SCHINNER, 2004).

Foi justamente com o objetivo de suprir essa lacuna que surgiu a proposta do dossiê “Rádio e Esporte”, que **Radiofonias** publica nesta edição.

A narração esportiva domina as atenções dos participantes desta edição, representando objeto de pesquisa em quatro dos oito artigos. O dossiê começa com “Mais show, menos notícia: o rádio esportivo como performance”, de Carlos Guimarães e Marizandra Rutilli, que discute a atuação dos comunicadores em cena a partir de autores como Zumthor, Costa e Goffman, a partir dos parâmetros de teatralidade, espetáculo, ação e representação.

Nos últimos anos, na esteira da inovação narrativa e das novas dinâmicas de produção e circulação de conteúdo, o rádio esportivo se reconfigurou, apropriando-se de espaços digitais, o que suscitou uma série de reflexões. Entre elas, está “O rádio esportivo e as relações de conflito nas mensagens enviadas pela audiência em plataformas digitais”, de Bruno Balacó e Edgard Patricio, que buscam compreender os tipos de relações de conflito que emergem nas mensagens enviadas por ouvintes/internautas que acompanham o programa Toque Esportivo, da rádio O Povo/CBN, de Fortaleza.

Em “Discursos radiofônicos sobre os ídolos do futebol: um gesto de olhar para a narração da final da Copa do Mundo de 1970”, Mateus Oliveira Silva e Vinícius Durval Dorne partem de narrações da Rádio Nacional para buscar entender, a partir dos estudos discursivos foucaultianos, como a emissora constrói os ídolos nacionais da seleção brasileira de futebol que se sagrou tricampeã na Copa do Mundo de 1970.

Já William Douglas de Almeida, Daniel Gomes do Nascimento de Araújo e Katia Rubio, em “Revisitando as transmissões radiofônicas pioneiras de Jogos Olímpicos no Brasil”, enfocam as coberturas das Olimpíadas de 1936, 1948 e 1952, explorando o acervo da Rádio Nacional e reportagens publicadas na imprensa da época.

A desigualdade de gênero na narração esportiva é abordada em “Narração de futebol por mulheres no rádio brasileiro” por Raphaela Xavier de Oliveira Ferro e Valci Regina Mousquer Zuculoto, que realizam um levantamento das (poucas) locutoras que atuaram e atuam no rádio hertziano desde os anos 1970. Na sequência, em “Armando Antônio Ranzolin: ícone paradigmático da narração esportiva brasileira”, Ciro Götz recupera a trajetória e a importância do locutor gaúcho.

Em seguida, em “O público como prosumidor no radiojornalismo esportivo”, Luciana Mendes Fonseca e Kneipp Valquíria Aparecida Passos promovem uma revisão da literatura acadêmica de 2009 a 2020 sobre o impacto dos conceitos de transmídiação e narrativa transmídia nas práticas sociais de produção radiofônica no esporte.

E por fim, em “A origem das lives esportivas em emissoras de SeberRS”, João Victor Gobbi Cassol e Gonzalo Prudkin apresentam estudo sobre duas emissoras da cidade gaúcho, buscando compreender a gênese das transmissões radiofônicas replicadas em plataformas como Facebook, com ênfase na cobertura de eventos esportivos.

Fechando o dossiê, trazemos uma entrevista com Ronaldo Helal, um dos maiores pesquisadores do mundo no campo interdisciplinar entre Comunicação e Esporte, assinada por seu colega de Uerj, o professor de rádio Filipe Mostaro.

Esperamos contribuir para o avanço nos estudos radiofônicos que exploram as interfaces com o esporte, de interesse sempre renovado no Brasil.

Boa leitura!

Referências Bibliográficas

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Faperj/Mauad, 2002.

ALABARCES, Pablo (org.). **Futbologias**: fútbol, identidad y violencia en América Latina. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Clacso), 2003.

DAMATTA, Roberto (org.). **O Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FRATICELLI, Damián. El nacimiento de las transmisiones deportivas o de cómo la radio comenzó a construir acontecimientos sociales en directo. In: FERNANDEZ, José Luis (dir.). **La construcción de lo radiofónico**. Buenos Aires: La Crujía, 2008.

GUERRA, Márcio. **Você, ouvinte, é a nossa meta**. A importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol. Juiz de Fora: Etc., 2000.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. "Perdido numa intensidade focada": esportes e estratégias de reencantamento. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 15, jan.-jun. 2007.

HELAL, Ronaldo. Futebol e Comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 8, 2011.

HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio, LOVISOLO, Hugo. **A Invenção do País do Futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: O Jogo Como Elemento da Cultura. São Paulo: Perspectiva, [1938] 1996.

MOSTARO, Filipe, KISCHINHEVSKY, Marcelo. Narrativas sobre as primeiras transmissões de jogos internacionais da seleção brasileira. **Revista L.I.S. – Letra, Imagem, Somido**, v. 1, p. 147-165, 2016.

PRATA, Nair, SANTOS, Maria Cláudia (org.). **Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2012.

RANGEL, Patrícia, GUERRA, Márcio de Oliveira. **O rádio e as Copas do Mundo**. Juiz de Fora: Ed. Juizforana, 2012.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do jogo** – Primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Ed. Cosac & Naify, 2002.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos**: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. São Paulo: Panda, 2004.

SOARES, Edileuza. **A bola**: o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

STERNE, Jonathan. **The Audible Past**: Cultural Origins of Sound Reproduction. Durham: Duke University Press, 2003.

Mais show, menos notícia: o rádio esportivo como performance

More show, less news: sports radio as performance

Más espectáculo, menos noticias: la radio deportiva como performance

Carlos Guimarães; Marizandra Rutilli

Resumo

O artigo defende a ideia de que o rádio esportivo é, essencialmente, performático. Trata-se de um desdobramento de outra pesquisa feita por Guimarães (2020), que apontou que os programas de mesa-redonda no rádio esportivo funcionam como se fossem um papo de bar. Neste estudo, a análise será feita em torno da performance dos comunicadores neste cenário. Zumthor (2007), Costa (2010) e Goffman (2014) fornecem o repertório teórico que embasa o conceito de performance, em que os comunicadores são personagens que atuam em cena. São aplicados quatro parâmetros sobre o corpus escolhido: teatralidade, espetáculo, ação e representação (TAYLOR, 2013), reforçando o pensamento de que o rádio esportivo estimula a falação esportiva (ECO, 1984), em que o jornalismo cede lugar à performance.

Palavras-chave: Rádio; Rádio esportivo; Performance; Jornalismo esportivo; Falação esportiva

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 22/03/2022 aceito em: 28/06/2023.

>> **Como citar este texto:**

GUIMARÃES, Carlos. RUTILLI, Marizandra. Mais show, menos notícia: o rádio esportivo como performance. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 08-27, jan./jul. 2023.

Sobre os autores

Carlos Guimarães

csquimaraes@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5855-7915>

Professor na ESPM de Porto Alegre, doutorando em Comunicação pela PUCRS, mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS, com especialização em Jornalismo Esportivo pela UFRGS. Integrante do Núcleo de Estudos em Rádio (NER). Autor do livro *O comentarista esportivo contemporâneo: novas práticas no rádio de Porto Alegre* (2018).

Marizandra Rutilli

maryrutilli@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4677-360X>

Docente do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Atua no Projeto de Extensão Cultura Plural da UEPG, coordena o programa de rádio Cultura e Pluralidades pelo mesmo grupo. Integrante do Núcleo de Estudos de Rádio da UFRGS (NER) e do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte da UERJ (LEME). Doutora e mestra em comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Jornalista formada pela Unijuí.

Abstract

The article defends the idea that sports radio is essentially performative. This is an offshoot of another research carried out by Guimarães (2020), which pointed out that roundtable programs on sports radio work as if they were a bar chat. In this study, the analysis will be made around the performance of communicators in this scenario. Zumthor (2007), Costa (2010) and Goffman (2014) provide the theoretical repertoire that supports the concept of performance, in which communicators are characters who act on stage. Four parameters are applied to the chosen corpus: theatricality, spectacle, action and representation (TAYLOR, 2013), reinforcing the idea that sports radio stimulates sports talk (ECO, 1984), in which journalism gives way to performance.

Keywords: Radio; Sports radio; Performance; Sports journalism; Sports talk

Resumen

El artículo defiende la idea de que la radio deportiva es esencialmente performativa. Esta es una derivación de otra investigación realizada por Guimarães (2020), que señaló que los programas de mesa redonda en la radio deportiva funcionan como si fueran una charla de bar. En este estudio, el análisis se realizará en torno a la actuación de los comunicadores en este escenario. Zumthor (2007), Costa (2010) y Goffman (2014) aportan el repertorio teórico que sustenta el concepto de performance, en el que los comunicadores son personajes que actúan sobre el escenario. Al corpus elegido se le aplican cuatro parámetros: teatralidad, espectacularidad, acción y representación (TAYLOR, 2013), reforzando la idea de que la radio deportiva estimula la charla deportiva (ECO, 1984), en la que el periodismo da paso a la performance.

Palabras clave: Radio; Radio deportiva; Performance; Periodismo deportivo; Charla deportiva.

A falação esportiva

Umberto Eco (1932-2016) escreveu em 1969 um ensaio chamado *A falação esportiva*, publicado como capítulo de um livro em 1984¹. O polêmico texto, feito pelo genial escritor que detestava futebol, provoca sobre o esporte

¹ O artigo foi publicado em *Viagem na irrealidade cotidiana*, livro de crônicas, artigos e ensaios de Eco sobre imaginário.

e sobre a imprensa esportiva. Para ele, não importava mais a prática desportiva como essência; no esporte-espetáculo, o fundamental é falar sobre o assunto. Eco cita Heidegger (1927): “falação é a possibilidade de compreender tudo sem qualquer apropriação preliminar da coisa: a falação garante já de saída contra o perigo de falhar em tal apropriação” (HEIDEGGER apud ECO, 1984, p. 225). Para Eco (*idem*, p. 223), o esporte é um discurso sobre a imprensa esportiva: “o discurso da imprensa esportiva é um discurso na medida em que vê o esporte alheio como discurso”. A prática é um discurso sobre o jogo, mediado pela imprensa, repercutido pelo público. Essa é a falação de Eco: o que importa é que se fale.

De acordo com esse princípio de Eco, os comunicadores esportivos não são *jornalistas esportivos*, diante da perspectiva de diversos teóricos que se debruçaram a solidificar uma noção de jornalismo enquanto teoria, ética, mercado, produtor de conhecimento, prática profissional ou mesmo aparato ideológico (LAGE, 2014; MARCONDES FILHO, 2002; TRAQUINA, 2015). Tampouco se baseia na – ainda que, para muitos, obsoleta – premissa de que o jornalismo é um mediador de **uma** realidade. Essa realidade é constituída por dois pontos: o exercício do *10ews judgment* – o julgamento do que é notícia – e por uma realidade socialmente construída através de uma ideia de senso comum (BERGER; LUCKMANN, 1985). Essa “**uma** realidade²” para o jornalista é descrita por Bourdieu como uma operação técnica que observa, seleciona, filtra e transmite as notícias. São os *óculos*: “jornalistas operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado, através de óculos particulares” (BOURDIEU apud TRAQUINA, 2015, p. 75). Lage (2014, p. 20) sintetiza melhor esse compilado de perspectivas:

O jornalismo é uma prática social que se distingue das outras pelo compromisso ético peculiar e pela dupla representação social: jornalistas podem ser vistos, de maneira ampla, como intermediários no tráfego social da informação ou, de maneira estrita, como agentes a serviço de causas consideradas nobres. A razão dessa duplicidade é

² O grifo feito pelo autor visa enfatizar que a mediação da realidade depende de subjetividades, contextos e observações pertencentes a quem busca transmitir essa realidade. Trata-se de uma construção social, um emprego do senso comum sobre o cotidiano.

histórica e suas consequências ganham relevância numa época em que as narrativas impostas se sobrepõem e determinam os fatos.

Entre todas as abordagens, há um consenso: o compromisso do jornalista é com a verdade. Ainda que essa verdade seja transmitida a partir de seleções pessoais, trata-se de uma verdade. Nos tempos atuais em que narrativas se sobrepõem a algumas verdades incontestáveis³, Silva e Laranjeira (2022, p. 12) fazem uma advertência: “A principal consequência da teoria da subjetividade é a desqualificação da verdade enunciada pelo outro sem a necessidade de fazer a demonstração da verdade apresentada como oposta”. Mesmo com essa ressalva, por seu *ethos*, é isso que o jornalista busca. Ele é um profissional que situa sua atividade a partir desta verdade mencionada, ainda que mediando **uma** realidade possível: a sua realidade, com os seus “óculos”. Em suma, são lentes diferentes para um mesmo fim.

E por que o *falador esportivo* de Umberto Eco não está fazendo *jornalismo esportivo*? No seu pensamento, Eco não considera a imprensa esportiva como esse mediador da realidade. Ele transcende e a coloca em outro patamar: a imprensa esportiva modula um discurso sobre o esporte enquanto assistido: uma vez que a falação sobre o esporte dá a ilusão de ter interesse pelo esporte, a noção de praticar o esporte confunde-se com aquela de falar o esporte, o falante se considera esportista e não percebe mais que não pratica o esporte” (ECO, 1984, p.225). É quando o jornalista esportivo assume uma outra função: ele se transforma, então, em um *performer*.

A ideia de Eco é um tanto quanto irônica, mas serve para embasar a proposta desse artigo. Sendo o jornalismo uma construção social de uma realidade e a *falação esportiva* um discurso sobre a imprensa esportiva, Eco está certo em, por outras linhas, afirmar que não existe jornalismo esportivo? As coberturas esportivas funcionam, essencialmente, como coberturas de jornalismo esportivo? Se há encenação, há verdade ou realidade, ainda que selecionada pelos *óculos* de Bourdieu?

³ Silva e Laranjeira (2022) citam o negacionismo científico como forma de ilustrar de que forma uma crença – uma narrativa – se sobrepõe a uma verdade comprovada – chamada de verdade incontestável.

Os debates sobre a cobertura de futebol ser jornalismo ou entretenimento são constantemente realizados sem que se chegue a uma conclusão definitiva. Talvez nem precise. Como coloca Amaral (1969, p. 98), “esporte é, sobretudo, entretenimento e, por isto, editoriais especializadas no assunto gozam com bom grau de independência”. Marques de Melo (2003, p. 115) já situou o jornalismo esportivo como uma cobertura do *esporte-espetáculo*⁴.

Se o que aparece na mídia é o espetáculo e não a prática, todo espetáculo tem o seu palco e os seus artistas. Esse é o ponto-chave deste artigo. Defende-se aqui a hipótese de que o público – os *voyeurs* de Eco – é uma plateia que “assiste” ao espetáculo regido pelos atletas em campo e pelos comunicadores nas cabines e redações. A performance jornalística é um complemento para a performance esportiva, como uma trilha sonora funciona para um filme: é parte do show.

Metodologia e *corpus* da pesquisa

O meio escolhido para análise é o rádio, por dois motivos: a) por uma questão histórica; b) por uma questão conceitual. No primeiro ponto, o rádio sempre teve esse viés espetacularizado nas coberturas esportivas. Ferraretto (2014, p. 217) coloca que “o trabalho do repórter esportivo até meados dos anos 1970 caracterizava-se por uma mistura, nem sempre bem dosada, de informação e opinião, sendo um profissional que calca o seu trabalho na impressão pessoal”. Coelho (2017, p. 7-8) afirma que nos primórdios do jornalismo, pouco se acreditava que futebol fosse assunto sério para estampar as manchetes de primeira página. Era um assunto menor: “Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas gradas – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país?” (*idem*).

O segundo ponto contempla o rádio esportivo enquanto conceito.

⁴ O próprio Bourdieu (1983) já havia utilizado esse termo, diferenciando o esporte como prática do esporte como mídia, chamado por ele de esporte-espetáculo.

Ferraretto (2014, p. 218) pontua que, “com a bola em jogo, há um apelo constante à sensorialidade do ouvinte”. Uma tradicional narrativa jornalística daria conta de explorar essa sensorialidade? Jost (2011) apontou categorias existentes para os modos de emissão da mensagem televisiva. Ele concentrou sua análise na oposição entre real e ficcional na imagem. Ferraretto (2016, p. 150-151), considerando que o assinalado em relação à imagem vale também para a fala, expôs desta forma os modos de emissão apontados por Jost: o rádio é um meio autenticante – ele comprova a realidade –, ficcional – ele pressupõe uma dramatização – e lúdico – ele diverte. A transmissão esportiva flutua entre essas três categorias:

As jornadas esportivas têm, na descrição lance a lance de um jogo de futebol, uma característica autenticante. É o lúdico, no entanto, que faz o ouvinte sintonizar a transmissão. Na voz do narrador, uma partida ganha emoção e o caráter quase ficcional de uma contenda, na qual o gramado transforma-se, hipoteticamente, em campo de batalha e um gol ou uma defesa habilidosa em momento de heroísmo extremo. (FERRARETTO, 2016, p. 154).

Com estas definições, entende-se que o jornalismo esportivo no rádio sempre pendeu para uma espetacularização dos fatos. Este cenário potencializa o lado performático dos comunicadores. Por isso, tem-se como objeto de estudo os programas esportivos de mesa-redonda nas quatro principais rádios de Porto Alegre – Band, Gaúcha, Grenal e Guaíba. Ferraretto (2014, p. 72) aponta que este é um tipo de programa em que “a opinião dos participantes (fixos ou não) constitui a base da mesa-redonda, tipo tradicional de programa radiofônico que procura aprofundar temas da atualidade, interpretando-os”. A escolha se deu pelo modo com que se desenvolve a mesa-redonda esportiva no rádio de Porto Alegre. São programas mais descontraídos, em que a notícia em si serve como um ponto de partida para a apresentação dos argumentos. Por isto, mais propício ao desenvolvimento performático dos comunicadores.

Um primeiro estudo foi feito por Guimarães (2020) em que ele define a mesa redonda como uma extensão do papo de bar. Isto é, ela é uma espécie

de fórum ou painel em que a dinâmica é norteadada por uma conversa informal, como se os participantes estivessem em um ambiente mais livre, como uma mesa de bar. A partir dessa pesquisa, entende-se que o objetivo é analisar a performance dos participantes e o modo com que eles apresentam essa performance. A justificativa para o *corpus* da pesquisa é, portanto, esta: se há o espetáculo esportivo, nos programas de mesa-redonda há uma série de atuações dos comunicadores que encarnam personagens que dramatizam a narrativa, como se fosse um folhetim. Logo, se há dramatização, há performance.

Esta performance será analisada com o aporte metodológico da análise de conteúdo, em que Bardin (2016) recomenda como um dos passos fundamentais a categorização dos objetos, realizada em dois passos: “o *inventário*, que consiste em isolar os elementos, e a *classificação*, que consiste em repartir os elementos e, portanto, procurar ou impor certa organização às mensagens” (BARDIN, 2016, p. 148). A categorização obedece aos parâmetros colocados por Taylor (2013): a) teatralidade – se há uma encenação dos comunicadores; b) espetáculo – se há o uso de hipérboles, figuras de linguagem e exageros entre os comunicadores; c) ação – se há um potencial de transgressão na fala dos comunicadores e d) representação – se há uma “quebra do real” no conteúdo.

Serão analisados os seguintes programas de mesa-redonda: *Dupla em Debate* (Rádio Grenal, de segunda a sexta, das 12h às 14h); *Apito Final* (Rádio Band, de segunda a sexta, das 12h às 14h); *Sala de Redação* (Rádio Gaúcha, de segunda a sexta, das 13h às 15h) e *Ganhando o Jogo* (Rádio Guaíba, de segunda a sexta, das 11h às 13h). É preciso enfatizar que se trata de uma pesquisa exploratória, como se fosse um teste, uma ideia lançada para que um estudo de mais fôlego – como uma dissertação ou uma tese – consiga dar conta efetivamente do que se propõe. Neste sentido, Appolinário (2006, p. 69) indica que na pesquisa exploratória “é como se o pesquisador quisesse fazer uma pesquisa simplificada em uma etapa anterior à pesquisa que, de fato deseja realizar”. Na verdade, a intenção é prosseguir com a pesquisa

anterior de Guimarães (2020), como se fosse uma segunda parte de um estudo maior.

Com isto, foi feita a opção de analisar apenas um dia de programação. A data escolhida foi a segunda-feira, 15 de agosto de 2022. Justifica-se esse dia pelo fato de que Grêmio e Internacional, os dois times mais populares de Porto Alegre, jogaram no final de semana anterior, isto é, há uma pauta relevante no noticiário.

A partir desta análise, chega-se à categorização proposta, com o resultado que indicará se houve performance dos componentes e de que forma ela aconteceu. Serão apontados os seguintes quesitos: se houve teatralidade na fala – dramatização, encenação; se houve uma fala espetacularizada⁵ – mesmo que não se tenha encenação, se há exagero, tom de voz, figuras de linguagem; se houve o que Taylor (2013) chama de ação – uma “transgressão em cena”, uma fuga de roteiro, uma piada; e, por fim, se houve uma representação – uma “quebra do real”, como uma imitação, uma figura ficcional. Esses quatro parâmetros indicarão se há uma performance no conteúdo analisado.

Performance e representação no jornalismo esportivo

O conceito de performance colocado aqui pode ser confundido com o de falsificação. Não é essa a ideia pretendida. Como performance, entende-se que existe uma atuação, um modo de se transmitir o acontecimento. Zumthor (2002, p. 32) coloca que a performance não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca. O uso de recursos performáticos serve para estreitar as relações entre autor e público e, no caso, entre jornalista e audiência. Zumthor (2007, p. 31) entende que a performance é um jogo que junta o locutor ao autor e a situação e a tradição: “esse jogo é de aproximação, de abordagem, de apelo, de provocação do outro, de pedido, em

⁵ Com a introdução da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997) na indústria cultural, entende-se que a mídia esportiva incorpora características da espetacularização.

si mesmo indiferente à produção de um sentido” (ZUMTHOR apud AMARAL et al., 2018, p. 68). Isto é, quando um comunicador se utiliza de uma performance para divulgar uma notícia, narrar um acontecimento ou transmitir uma informação, ele escolhe o modo com que vai fazer isso de acordo com o que está sendo narrado. Por exemplo, não se divulga a notícia de uma morte com um sorriso no rosto ou um acontecimento positivo com uma entonação triste. A emissão não é apenas o relato: ela é vocalizada, gesticulada, demonstrada.

No jornalismo esportivo, isto é potencializado devido à configuração do que é um jogo de futebol. Essa estrutura dramatiza a linguagem no jornalismo esportivo, potencializa os exageros, as narrativas heroicas, o simulacro de batalha. Por exemplo, quando há a eliminação do Brasil numa Copa do Mundo, o “drama sem fim” (COSTA, 2010, p. 69) passa a ser uma atuação, uma performance. Neste sentido, o jornalismo esportivo se torna performático ou, como situa a pesquisadora, folhetinesco: “os mecanismos narrativos se assemelham aos usados em obras ficcionais, sobretudo, aqueles familiares ao melodrama e ao folhetim” (COSTA, 2010, p. 72):

Muitas reportagens sobre futebol produzidas pela imprensa tem o excesso como marca forte, assim como o suspense, a polêmica e uma visão de mundo maniqueísta, dividida entre o bem e o mal, o certo e o errado, entre heróis e vilões. A ênfase no caráter dramático dos lances de uma partida, em cenas lacrimosas, em depoimentos eivados de emotividade, é constante em muitas reportagens. Tais características se exacerbam nas coberturas da participação da seleção em Copas do Mundo que frequentemente se configuram como um caldeirão de sentimentos diversos, acionados de acordo com o placar final do jogo. Caso o Brasil ganhe, tudo são risos e festa mesmo que antes do jogo a imprensa não tenha poupado a seleção de objeções e críticas. E quando o Brasil perde, tudo são lágrimas e parece errado, mesmo que no dia anterior não tenha faltado exaltação aos craques brasileiros. (COSTA, 2010, p. 67-68)

É difícil imaginar o rádio esportivo sem essa narrativa. Sem a performance, um gol seria apenas um gol, sem um relato emocionado, hiperbólico e exagerado do narrador. Um programa de debates, sem a emoção, seria uma mera mesa-redonda de ponto e contraponto, concordância

e divergência. A mágica do rádio esportivo está nessa performance, que alimenta algo que se associa ao hábito de escuta nas transmissões esportivas: por lidar com paixão, ela estimula o imaginário. Gastaldo (2010) chama esse vínculo de Relações Jocosas Futebolísticas, que funciona como uma fala paralela àquela que acontece no rádio, na forma de “provocações, sátiras, pilhérias, desafios ou apostas, isto é, ‘jogos’ paralelos aos jogos de futebol propriamente ditos. É o papo de bar, tema levantado por Guimarães (2020). Em geral, tais relações ocorrem entre participantes afetivamente vinculados a equipes adversárias, e a jocosidade é manifesta em situações públicas” (GASTALDO, 2010). Desta forma, um torcedor, além de torcer fielmente pela sua equipe, se dedica também a torcer pelo insucesso do principal adversário local quando este estiver em campo, num ciclo interminável de gozações, movido pelo “combustível” da rivalidade clubística. Para Ortriwano (1985), o rádio esportivo é um segmento que se destaca historicamente pelo potencial participativo do público e se notabiliza como um dos que mais suscitam opiniões na programação radiofônica. Um dos fatores que justificam esse cenário é o fato de o rádio esportivo explorar a emoção e o imaginário do torcedor, mexendo, dessa forma, com uma das grandes paixões do brasileiro, que é o futebol. Tal visão é reforçada por Guerra (2006, p. 143): “O rádio esportivo apresenta como característica que fascina o torcedor essa mistura de razão e emoção. No rádio, mais do que entender o que se transmite, é preciso compreender o que quem está do outro lado espera da narrativa”.

Esse tom passional da narrativa esportiva é potencializado a partir do uso abundante de figuras de linguagem, como metáforas, hipérboles e onomatopeias, incorporados ao discurso do comunicador no rádio esportivo, com base no linguajar futebolístico, que estimulam o “imaginário popular” (ABREU, 2001, p. 2). Por isso, a narração é repleta de bordões, com um ar mitológico, em que os personagens do jogo são alçados à condição de “heróis” e “vilões”. Borzilo e Magnoni (2009) consideram que esses recursos são usados para chamar atenção para a participação do ouvinte justamente

pelo lado sensorial. É o que Costa (2010) chama de “folhetinização da notícia”: no jornalismo esportivo, é a performance que busca estreitar esse elo entre a imprensa (emissor) e o público (receptor).

Mesmo sendo uma característica marcante essa narrativa melodramática, a ideia da performance ganha força na medida em que com maiores possibilidades de circulação de notícias, a narrativa do exagero parece pender mais para o espetáculo que para o jornalismo. Os parâmetros de narrativa jornalística se enfraquecem diante da necessidade de conquistar audiência⁶. Essa lógica é bastante perceptível no universo das redes sociais, mas, levantando a lógica da *midiamorfose* (FIDLER, 1998), em que uma mídia naturalmente incorpora elementos de outra mídia, atinge o rádio. A performance, por exemplo, é vista em programas de debates esportivos. No artigo *O ouvinte e a mesa-redonda esportiva no rádio: uma extensão do “papo de bar”*, o primeiro autor defendeu a hipótese de que um debate esportivo funciona como uma conversa entre amigos em um ambiente descontraído, como um bar. É um desdobramento de pensamentos que reúnem McLuhan (1964, p. 336), que define o rádio como um tambor tribal, uma extensão de sentimentos e com uma potencialidade de conexão que ele classifica como uma experiência particular, e de Brecht (1927-1932), que realizou um compilado de textos que traz uma das melhores definições sobre o que é o rádio: ele é um companheiro (BRECHT, 2000, p. 272).

Esta definição coloca o rádio em um patamar de intimidade, conforto e proximidade entre comunicador e ouvinte. Quando o debate é um *papo de bar*, o ouvinte se sente pertencente a esse ambiente. E, se há ali a *representação* de um papo de bar, existe, por consequência a representação de personagens. O jornalismo, em sua essência, não produz essa relação afetiva. É preciso assumir um papel. Goffman (2014) afirma que o indivíduo adota máscaras conforme o lugar que ele representa em diferentes ambientes sociais. Para cada situação, há um diferente comportamento, que o representa de acordo

⁶ Ganhar audiência no ecossistema de redes sociais significa ter *likes*, cliques, compartilhamentos e visualizações.

com o que ele deseja. Se a intenção é aproximar, é preciso assumir um papel diferente do jornalista. É quando o rádio se faz palco e a audiência se faz plateia. Estes *papéis* são as performances dos jornalistas, que se tornam personagens nestes programas. O ponto que colocamos neste artigo é justamente pensar de que forma acontece essa performance e, ainda, se essa performance é preponderante sobre o que é considerado jornalismo.

A performance no rádio esportivo de Porto Alegre

As quatro principais emissoras de Porto Alegre (Band, Gaúcha, Grenal e Guaíba) possuem uma programação esportiva intensa. Destas, a Grenal dedica integralmente sua grade ao noticiário de futebol. A dupla Grenal, isto é, as notícias sobre os dois grandes clubes da cidade, o Grêmio Football Porto-Alegrense e o Sport Club Internacional, é a principal pauta destas emissoras. Historicamente, o rádio de Porto Alegre foi marcado como um meio que repercute essa rivalidade, construída culturalmente através dos anos:

Desde o início da trajetória do clássico, difundindo a rivalidade, criando costumes e sistematicamente acompanhando os passos de Grêmio e Internacional, esteve a imprensa. Inicialmente, apenas os jornais faziam esta cobertura diária. Com o passar do tempo, a televisão, a internet e, especialmente o rádio, passaram a repassar para os espectadores os detalhes públicos e de bastidores a respeito dos dois grandes clubes de Porto Alegre. A imprensa desenvolve, portanto, papel preponderante para a implantação, difusão e manutenção desta rivalidade. Em especial, o rádio assume uma função única, pois é o único meio por onde, nos tempos modernos, todos os jogos da Dupla Grenal são transmitidos ao vivo. Ou seja, a construção de uma cobertura esportiva passa, necessariamente, pela consolidação de um campo que se abre com a popularização do futebol no Brasil. (GUIMARÃES, 2018, p. 34)

A cobertura da dupla Grenal é apoiada justamente nos sentidos de performance mencionados anteriormente. Trata-se de uma construção quase perfeita dessas alegorias que o rádio esportivo alimenta através do imaginário. Quem torce para um clube naturalmente torce contra o outro. Não há meio-termo. Com isso, os ouvintes não acompanham apenas as notícias de seu time; também prestam atenção naquilo que é dito sobre o outro time,

no sentido de, além de estar inteirado sobre os acontecimentos da sua equipe favorita, saber o que se passa com o adversário, em nome da *secação*⁷.

As redes sociais, em que o torcedor se torna igualmente um produtor de conteúdo, aquele que vê e é visto, estimularam a ideia da performance. Considerando que elas são uma espécie de fórum para a *falação esportiva*, dentro da lógica de que os meios incorporam naturalmente características de outros, o rádio também agregou características que são próprias das redes sociais. A Rádio Grenal é um exemplo disso. A programação consiste basicamente em *falar sobre futebol*, a notícia fica em segundo plano para o debate. Seus programas possuem uma característica em comum: são grandes fóruns de debate, em que os comunicadores debatem os acontecimentos com o apoio dos ouvintes, que participam da programação através dos canais de interatividade, como o WhatsApp.

Dupla em debate é uma mesa-redonda em que os jornalistas do programa dividem espaço com representantes de Grêmio e Internacional. A notícia é o pretexto, uma espécie de pano de fundo. Ao ser veiculado, o fato é levado para debate, em que a formatação do que é dito em nada se difere do “papo de bar”. O debate funciona como se fosse um *show*: há gozação com o rival, encenação dos integrantes, que se mostram mais ou menos exaltados, ironias e uma espécie de *batalha pela razão*: o debate, ao invés de levantar dados, torna-se um simulacro da própria rivalidade. No período de análise proposto, os quatro elementos para definir a performance no jornalismo foram atendidos: há a teatralidade, pois os comunicadores encenam suas reações para gerar engajamento; há o espetáculo, uma vez que o debate possui um exagero retórico; há a chamada ação, na medida em que as falas dos integrantes transcendem o jornalismo; e há a representação, visto que, ali, quebra-se o real, que é o jornalismo ou a notícia, gerando um conteúdo que visa introduzir o público nesse debate.

A Gaúcha, mais tradicional, reserva para o horário do *Sala de Redação*,

⁷ Na linguagem do futebol, *secar* significa torcer contra.

o mais conhecido programa de debates de Porto Alegre, essa ideia de performance. Os outros programas ainda obedecem a uma lógica jornalística, seguindo o formato de *resenha esportiva*, isto é, atrações em que a notícia é o principal e não esse pano de fundo para as encenações. Os quatro pontos são efetivamente vistos no *Sala de Redação*, que muitas vezes se torna uma simulação de peça teatral, com todos os elementos da *falação esportiva* ou do *papo de bar* presentes: gremistas contra colorados, ironias com o adversário e tradicionais picardias existentes na rivalidade Grenal.

Esse caminho também é seguido pelo *Apito Final* na Band. Enquanto os demais programas da emissora colocam a notícia em primeiro plano, no programa de debates todas aquelas características que servem para categorizar a performance estão presentes. Na Rádio Guaíba, o programa *Ganhando o Jogo* também adota esse formato, em que há uma encenação dos integrantes em busca de introduzir o ouvinte no debate. Nestas duas emissoras, as demais atrações da grade se situam entre resenhas esportivas, ou seja, noticiário e entrevistas.

O quadro abaixo analisa os momentos em que houve performance dos participantes e de que forma aconteceu essa performance.

Quadro 1: características dos quatro programas de mesa-redonda das quatro principais emissoras de rádio de Porto Alegre quanto à performance.

	Teatralidade	Espetáculo	Ação	Representação
Dupla em Debate – Rádio Grenal	Há elementos de teatralidade ao longo de todo o programa. Muitas vezes, os comunicadores respondem com ironia ou indignação às provocações dos ouvintes. Na dinâmica do debate, também há	Praticamente toda fala é espetacularizada, com entonação, vocabulário e exageros próprios do jornalismo esportivo.	A transgressão do conteúdo acontece quando se fala sobre questões pessoais, nas ironias entre os participantes fora dos assuntos propostos e em provocações que fogem do jornalismo.	Cada comunicador exerce um papel nos debates.

	uma variação do humor que visa provocar o colega de bancada.			
Sala de Redação – Rádio Gaúcha	O Sala de Redação é um programa extremamente teatral. Segue um roteiro em que cada componente já possui uma fala pronta para provocar um colega.	A fala é espetacularizada, a fim de potencializar o impacto do debate.	A transgressão é vista no Sala de Redação quando o jornalismo ‘escapa’ para o entretenimento.	No Sala de Redação, cada comunicador se associa a um personagem. Há o cômico, o crítico, o ponderado e o desligado, por exemplo.
Rádio Band	Existe uma encenação para reforçar os sentimentos, como a indignação, a crítica e o momento engraçado.	Como característica do jornalismo esportivo, a fala é espetacularizada.	A transgressão é vista, ainda que de forma tímida, quando assuntos de pouca relevância ao ouvinte são levantados pelos integrantes.	Há menos performance, mas é possível detectar em alguns momentos que há uma representação por parte dos comunicadores.
Rádio Guaíba	No programa Ganhando o Jogo, há encenação na fala, com o objetivo de trazer o ouvinte para o debate, deixando-o como pertencente ao mesmo.	O debate é feito com a espetacularização das falas e das abordagens.	A transgressão é vista no Ganhando o Jogo. Por vezes, o debate abandona o futebol e transcende para outros temas e performances.	No Ganhando o Jogo, também existe a ideia de criar um personagem no sentido de reforçar características de cada integrante.

Fonte: autores (2022)

O quadro apresentado revela situações semelhantes entre os quatro programas analisados. Em geral, são programas em que a notícia é realmente um pano de fundo e o debate adota esse tom folhetinesco. Parece que todos possuem o mesmo roteiro: a notícia, a apreciação do fato por cada integrante, uma divergência lançada, ponto, contraponto e a exaltação em cima da defesa desses argumentos. É nessa exaltação que se identifica a performance. No sentido de reforçar o que cada um pensa, entra em cena um personagem, que

busca assumir uma condição de ator e não de jornalista. Neste ponto, há a representação. Quando o assunto se esgota, a descontração retorna ao programa e assuntos que não são relevantes são levantados pelos debatedores, ou seja, há a chamada ação, ponto que Taylor (2013) indica como uma transgressão ou uma fuga da pauta principal. Já a espetacularização é vista como uma marca tradicional do radiojornalismo esportivo. Dos quatro itens propostos pela análise, ela é a mais presente.

Considera-se, portanto, que os quatro programas analisados estimulam a chamada *falação esportiva* por meio de performances que conferem aos participantes personagens que buscam dramatizar suas participações. Com isso, atinge-se, ainda que como um teste ou uma ideia, o ponto inicial do estudo: não é pelo jornalismo que se desenvolve um programa de mesa-redonda; é por esta *falação*, em que a performance ou a atuação prepondera sobre a prática jornalística.

Considerações finais

Os debates esportivos no rádio de Porto Alegre têm uma dinâmica mais semelhante à de um programa de entretenimento que de um programa jornalístico. A notícia é um pretexto, um pano de fundo. A partir da veiculação do assunto principal, segue-se um roteiro que se incorpora ao debate como se fosse realmente um folhetim. A novela, presente no cotidiano do brasileiro, acaba sendo incorporada à narrativa dos programas nas falas dos comunicadores e no modo com que se segue a atração. Todos os clássicos elementos dessa narrativa foram vistos nos quatro programas analisados: há o núcleo do protagonista (a dupla Grenal) e do antagonista (o adversário); o herói (o destaque da rodada) e o vilão (o treinador, um jogador que atuou mal ou um atleta do oponente); a história de superação (um atleta que superou as expectativas), de reconciliação (quando a torcida aplaude), de tragédia (a derrota) e de final feliz (a vitória). Esse roteiro não é visto apenas nos programas de debate. É a base com que o rádio esportivo transmite os jogos e os campeonatos para o público.

Essa forma de repassar os acontecimentos não se dá pelo jornalismo. Com sua técnica, seu rigor e seu próprio *ethos*, uma narrativa jornalística não teria força para penetrar no imaginário do torcedor. É preciso lembrar que no futebol a relação é passional, ou seja, não atende a um público que estaria disposto somente a meramente acompanhar o noticiário esportivo. Para adentrar o imaginário da audiência, é preciso recorrer a estes recursos linguísticos e discursivos. É onde entra a performance. O público não é plateia apenas ao assistir ao jogo; ele é plateia também ao ouvir o jogo e ao ouvir a programação. Se há plateia, há palco, que é a emissora de rádio. E, se há palco, há atores e há performance. Logo, o comunicador não precisa atuar somente como jornalista para atender a essa demanda. Ele deve ser, também, um ator; um *performer*.

Esse cenário foi acentuado com as redes sociais, com a plataformização dos conteúdos e com as transformações que a TV aberta ofereceu ao noticiário esportivo. A *midiamorfose* do rádio esportivo é fruto dessas alterações. Hoje, se faz jornalismo esportivo em televisão como um *show* para o espectador do sofá. Não é mais apenas sobre futebol, é sobre futebol contado de um jeito a engajar todos os espectadores de casa, inclusive aqueles que não gostam de futebol. A presença de aplicativos como o Instagram e o TikTok, em que o entretenimento e as correntes de performances são compartilhados⁸, também interfere no modo com que o rádio vai atuar. Se há um público que está inserido nessa dinâmica de rede social, é preciso trazê-lo para o rádio. Não é somente a partir do transbordamento do rádio para outras mídias que isso acontece, é também pela apropriação desses conteúdos que ele se transforma.

Esses conteúdos são essencialmente performáticos. Isso faz com que o jornalismo em rádio seja tensionado pelo entretenimento em rádio. Ou, então, que esses dois eixos se misturem. Não se trata aqui do conceito de *infotainment*, a junção entre informação e entretenimento. Se trata,

⁸ Popularmente conhecido como *memes*.

efetivamente, de performance, vista neste estudo através dos paradigmas criados por Taylor (2013). Por um lado, a tradição ainda segura um tanto os modelos jornalísticos culturalmente veiculados nas emissoras de conteúdo esportivo. Porém, é perceptível, cada vez mais, a influência das redes sociais e da ideia de integrar o cotidiano do ouvinte às programações. Por isso, a encenação, como se fosse um papo de bar; por isso, a ação, uma transgressão do jornalismo em troca de passar a impressão de que o comunicador é *gente como a gente*. Por isso, a representação, em que cada radialista assume um papel, um personagem. E, junto a tudo isso, a presença marcante do espetáculo, característica marcante do rádio esportivo desde seu início.

Cabe ressaltar que esta pesquisa é exploratória. Trata-se de uma ideia semeada pegando como exemplo um *corpus* pequeno, como forma de sintetizar, de forma embrionária, a premissa levantada. Por isso, optou-se por fazer um resumo do que se entendeu por performance em cada programa ao invés de uma descrição exata do que foi dito e da forma que foi dito. Reitera-se que um estudo com mais fôlego, como uma dissertação ou uma tese, responderia com mais amplitude essa questão identificada pelos autores. A questão preponderante é seguir uma linha que se dedica a compreender a comunicação atual, entendendo que este é um desdobramento natural do rádio esportivo. Ele sempre foi um *show* e sempre foi estimulante da *falação esportiva*. Entretanto, a ideia foi apontar que a performance vem tomando uma proporção maior no sentido de engajar o público e de conquistar a audiência. A *falação* é protagonista e não o jornalismo. E para a *falação* atingir seu objetivo, é preciso que tenha performance.

Referências

ABREU, João Batista de. **Metáforas, hipérboles e metonímias, uma jogada de efeito** – o discurso do radiojornalismo esportivo. Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). Campo Grande: UFMS, UNIDERP, UCDB, 2001.

AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da ciência**. São Paulo: Thomson, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERGER, Peter.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BORZILO, Andressa; MAGNONI, Antônio Francisco. **As características da linguagem do radiojornalismo esportivo**. II Simpósio de Comunicação e Tecnologia Cidadã: Bauru, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRECHT, Bertolt. "Ao pequeno aparelho de rádio". In: BRECHT, B. **Poemas**. 1913-1956. São Paulo: Editora 34, 2000.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2017.

COSTA, Leda Maria da. Futebol folhetinizado: a imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. In: **Comunicação e Esporte**. Vol.17, N°02, 2º semestre 2010.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERRARETTO, Luiz Arthur. A autentificação da realidade pelo radiojornalismo: pistas para compreensão do papel do âncora, do comentarista e do repórter no século XXI. In: ROSÁRIO, Nísia Martins do; SILVA, Alexandre Rocha da (Org.). **Pesquisa, comunicação informação**. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 147-163.

FIDLER, Roger. **Mediamorfosis**. Comprender los nuevos medios. Buenos Aires: S.A. Ediciones Granica, 1998.

GASTALDO, Édison. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. **Mana**: Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 311-325, 2010.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: o jogo da narração**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2006.

GUIMARÃES, Carlos. **O comentarista esportivo contemporâneo**: Novas práticas no rádio de Porto Alegre. Curitiba: Appris, 2018.

GUIMARÃES, Carlos. O ouvinte e a mesa-redonda esportiva no rádio: uma extensão do “papo de bar”. **Revista Âncora**: revista latino-americana de jornalismo, João Pessoa, v. 7. n.1, p.322-341, jan./jun.2020.

LAGE, Nilson. Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas. In: **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, vol.1, n.1 p.20-25, Jan-Jul, 2014.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2002

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

ORTRIWANO, Gisela. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

SILVA, Juremir Machado; LARANGEIRA, Álvaro. Teorias do jornalismo – a hipótese do mediador complexo: da isenção (possível) à independência (necessária). In: **Galáxia**, São Paulo, PUC-SP, 2022.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo – Volume II**: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2015.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

O rádio esportivo e as relações de conflito nas mensagens enviadas pela audiência em plataformas digitais

Sports radio and conflict relations in messages sent by the audience on digital platforms

La radio deportiva y las relaciones de conflicto en los mensajes enviados por la audiencia en las plataformas digitales

Bruno Balacó; Edgard Patrício

Resumo

Esta pesquisa visa compreender os tipos de relações de conflito que emergem nas mensagens enviadas por ouvintes/internautas em programas de rádio esportivo. Como objeto de estudo, analisamos a experiência do programa Toque Esportivo, da rádio O Povo/CBN, de Fortaleza. A partir de uma análise de conteúdo, com base no acervo sonoro e digital dos programas, identificamos quatro tipos principais de relações de conflito dentro dessa experiência de programa esportivo no rádio: a) entre torcedores, b) entre torcedores e clubes, c) entre torcedores e imprensa e d) entre torcedores e demais atores envolvidos no futebol. Para a construção deste modelo, consideramos que a relação conflituosa tem origem no sentimento passional do torcedor em se manifestar através de expressões ríspidas ou de tom jocoso direcionadas a determinados agentes que podem fazer oposição a ele ou mexer com o seu sentimento.

Palavras-chave: Radiojornalismo; Rádio esportivo; Conflito; Audiência; Plataformas digitais.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 17/05/2023 aceito em: 26/06/2023.

>> Como citar este texto:

BALACÓ, Bruno. PATRÍCIO, Edgard. O rádio esportivo e as relações de conflito nas mensagens enviadas pela audiência em plataformas digitais. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 28-46, jan./jul. 2022.

Sobre os autores

Bruno Balacó
brunoandersonfb@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0003-2248-9911>

Mestre e doutorando em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Integrante dos grupos de pesquisa PráxisJor – Práxis no Jornalismo, vinculado à UFC, e do Núcleo de Estudos de Rádio (NER), vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro-fundador da Rede Nordestina de Estudos em Mídia e Esporte (ReNEme).

Edgard Patrício
edgard@ufc.br
<http://orcid.org/0000-0002-3130-8628>

Mestre e doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM-UFC). Integrante do grupo de pesquisa PráxisJor – Práxis no Jornalismo, vinculado à UFC.

Abstract

This research aims to understand the types of conflict relations that emerge in the messages sent by listeners/internet users in sports radio programs. As an object of study, we analyze the experience of the Toque Esportivo program, on the radio station O Povo/CBN, in Fortaleza. From a content analysis, based on the sound and digital assets of the programs, we identified four main types of conflict relations within this experience of a sports program on the radio: a) between fans, b) between fans and clubs, c) between fans and the press and d) between fans and other actors involved in football. For the construction of this model, we consider that the conflicting relationship originates in the fan's passionate feeling to manifest itself through harsh verbal expressions or with a joking tone directed at certain agents who can oppose him or mess with his feeling.

Keywords: Radio journalism; Sports radio; Conflict; Court hearing; Digital platforms

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo comprender los tipos de relaciones de conflicto que emergen en los mensajes enviados por los oyentes/internautas en los programas deportivos de radio. Como objeto de estudio, analizamos la experiencia del programa Toque Esportivo, en la emisora O Povo/CBN, en Fortaleza. A partir de un análisis de contenido, basado en los activos sonoros y digitales de los programas, identificamos cuatro tipos principales de relaciones conflictivas dentro de esta experiencia de un programa deportivo en la radio: a) entre aficionados, b) entre aficionados y clubes, c) entre aficionados y prensa y d) entre aficionados y otros actores implicados en el fútbol. Para la construcción de este modelo, consideramos que la relación conflictiva se origina en el sentimiento pasional del hincha para manifestarse a través de expresiones verbales ásperas o con un tono jocoso dirigido a ciertos agentes que pueden oponerse a él o meterse con su sentimiento.

Palabras clave: Periodismo radiofónico; Radio deportiva; Conflicto; Audiencia judicial; Plataformas digitales

Introdução

Por essência, o radiojornalismo esportivo é um segmento radiofônico dominado pelas discussões em torno do futebol, paixão de milhões de brasileiros, que movimenta todas as esferas da sociedade, rendendo acalorados debates e discussões entre torcedores em diferentes ambientes da vida cotidiana. No Brasil, há uma particularidade de que essas interações sociais sobre o universo futebolístico ocorrem de forma lúdica, através de provocações, sátiras, pilhérias, desafios ou apostas, isto é, "jogos" paralelos aos jogos de futebol propriamente ditos, num contexto que Gastaldo (2010) define como Relações Jocosas Futebolísticas.

Essas relações de tom jocoso estão presentes no processo interativo entre audiência e emissora de rádio e ganham amplitude no ambiente das plataformas digitais, expressas por postagens/comentários de xingamentos e provocações, temperadas, muitas vezes, por um clima de hostilidade, conflito e zoação. É nesse contexto que propomos nesta pesquisa compreender os tipos de relações de conflito que emergem nas mensagens enviadas por ouvintes/internautas em programas de rádio esportivo. A discussão está inserida no contexto do rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e hipermidiático (LOPEZ, 2010) e das conversações em rede (RECUERO, 2012), ambiente onde, a partir do conteúdo da transmissão radiofônica, as discussões transbordam para o debate em espaços de interação nas plataformas digitais.

Tendo isso em vista, buscamos, dentro da programação do rádio esportivo do estado do Ceará, realidade onde estamos inseridos, um programa que privilegiasse a abertura regular de espaços para a participação da audiência nas plataformas digitais. Definimos, a partir desse critério, o nosso objeto de estudo: a experiência do programa Toque Esportivo, da rádio O Povo/CBN, emissora *all news* de Fortaleza-CE. Trata-se de uma atração em formato de mesa-redonda esportiva e que vai ao ar de segunda a sexta-feira, fundamentando suas discussões no noticiário local dos clubes do futebol cearense, com conteúdo desenvolvido a partir do debate entre os

comentaristas e interação com o público a partir de mensagens enviadas por WhatsApp e Facebook, por onde o programa é transmitido com imagens do estúdio desde agosto de 2017.

Características do rádio esportivo e o conflito nas interações

O rádio esportivo ou radiojornalismo esportivo pode ser definido como a prática do jornalismo esportivo no rádio (GUERRA, 2010). Trata-se de um dos segmentos mais tradicionais do rádio e que está ativo no país desde o início da década de 1920, época em que foram registradas as primeiras transmissões esportivas por ondas *hertzianas*. Conforme Ferraretto (2001), o segmento de esportes é um dos dois pilares (o outro é a área de notícias) fundamentais da infraestrutura de cobertura jornalística de uma estação de rádio. Na maior parte das emissoras, essa área se organiza em departamentos ou equipes esportivas, chefiadas por um coordenador e que costuma ser integrada por narradores, comentaristas, repórteres/setoristas, plantonistas e produtores.

Dentro desse gênero radiofônico, a cobertura esportiva se concentra em dois eixos. O primeiro diz respeito à transmissão lance a lance das competições esportivas, que são o ponto alto da programação. No Brasil, a consolidação das transmissões na grade das emissoras ocorreu a partir da década de 1950, impulsionada pelo sucesso da seleção brasileira masculina de futebol, que conquistou três títulos de Copa do Mundo entre 1958 e 1970. No embalo de grandes coberturas, o rádio esportivo mobilizou audiências expressivas, atraiu patrocinadores e segue pautado até hoje, quase que exclusivamente, pelo debate sobre futebol, o esporte mais popular e midiático do país.

O outro eixo que marca o fazer radiofônico na área esportiva é capitaneado pelos programas de esporte, que fazem a cobertura diária dos acontecimentos esportivos. Os programas esportivos são caracterizados em formatos que variam desde noticiários a programas de mesas-redondas, que mesclam comentários, reportagens, entrevistas, debates e análises.

A característica principal do rádio esportivo, presente tanto no eixo de transmissões quanto no de programas esportivos, é a intensa massificação da discussão em torno do futebol, criando um discurso sobre os discursos da modalidade, “jogado por outros e visto por mim”, como diz Eco (1984) ao cunhar a expressão “Falação esportiva”, conceito que expressa o imenso volume de informações midiáticas sobre o esporte, que chega até a “elevação à enésima potência daquele desperdício inicial (e calculado) que era o jogo esportivo” e que é, portanto, “a magnificação do desperdício e por isso o ponto máximo de consumo” (ECO, 1984, p. 226). Em termos práticos, a falação esportiva se manifesta na cobertura esportiva da mídia sob diversos aspectos, que são os assuntos que se tornam pautas dos debates esportivos, como detalha Betti (2001):

A falação esportiva (Eco, 1984) informa e atualiza: quem ganhou, quem foi contratado ou vendido (e por quanto), quem se contundiu, e até sobre aspectos da vida pessoal dos atletas. Conta a história das partidas, das lutas, das corridas, dos campeonatos; uma história que é sempre construída e reconstruída, pontuada pelos melhores momentos – os gols, as ultrapassagens, os acidentes etc. Cria expectativas: quem será convocado para a seleção brasileira? A falação faz previsões: qual será o placar, quem deverá vencer. Depois, explica e justifica: por que tal equipe o atleta ganhou ou perdeu. A falação promete: emoções, vitórias, gols, medalhas. Cria polêmicas e constrói rivalidades: foi impedimento ou não? A falação critica: “fala mal” dos árbitros, dos dirigentes, da violência. A falação elege ídolos: o “gênio”, o craque fora de série. Por fim, sempre que possível, a falação dramatiza. (BETTI, 2001, p. 1)

É essa falação esportiva que abastece o debate público entre os torcedores, nas calçadas, na praça, nos bares e nos ambientes virtuais, como os grupos de WhatsApp, em fóruns de discussão de torcedores no Twitter e nos *chats* do Facebook e do Youtube. No caso específico do Brasil, essas interações sociais mediadas pelo futebol entre torcedores ocorrem de forma lúdica e podem ser explicadas com base em um fenômeno conhecido como “relações jocosas futebolísticas”, teoria que, segundo Gastaldo (2010), ocorre na forma de “provocações, sátiras, pilhérias, desafios ou apostas, isto é, “jogos” paralelos aos jogos de futebol propriamente ditos. Em geral, tais

relações ocorrem entre participantes afetivamente vinculados a equipes adversárias, e a jocosidade é manifesta em situações públicas” (GASTALDO, 2010).

O conceito de relações jocosas futebolísticas tem base antropológica e é oriundo das chamadas “relações jocosas”, representada a partir da relação entre duas pessoas na qual uma delas tem permissão, pelos costumes, e em alguns casos a obrigação, de zombar ou fazer graça de outra que, por seu turno, não pode se ofender. Nas interações entre torcedores, presenciais ou virtuais, essa ‘zoação’ pode ser expressa (e é aguçada) pelas rivalidades locais, a partir da incorporação de um chamado “clubismo” ou “pertencimento clubístico”, que implica o imediato reconhecimento de um grande rival em nível local. (GASTALDO, 2010)

Dessa forma, um torcedor, além de torcer fielmente pela sua equipe, se dedica também a torcer pelo insucesso do principal adversário local quando este estiver em campo, num ciclo interminável de gozações, movido pelo “combustível” da rivalidade clubística. Esse cenário se manifesta em praticamente todas as capitais brasileiras, sobretudo onde o futebol é polarizado por duas grandes equipes, caso de Porto Alegre (Grêmio x Internacional), Salvador (Bahia x Vitória), Belo Horizonte (Atlético x Cruzeiro) e Fortaleza (Ceará x Fortaleza).

Esse cenário de rivalidade clubística entre os torcedores, onde essas relações jocosas futebolísticas se desenvolvem, ganha amplitude nos debates desenvolvidos em plataformas digitais a partir de relações de conflito, que é uma dinâmica frequente nos processos de interação nas redes sociais de internet, como destaca Recuero (2009). Associada a uma ideia de violência e agressão física ou verbal, o conflito tem como característica fundamental a hostilidade e a necessidade de reconhecimento dos antagonistas como adversários (RECUERO, 2009, p. 83), que é justamente um traço característico das rivalidades no futebol: o reconhecimento de um clube (geralmente da mesma região) como adversário, com o qual meça forças, busque se sobressair e faça oposição, sempre que essa equipe estiver em ação, como mencionamos anteriormente.

A noção de conflito também é discutida por Motta (2010), que elege a

identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios como um dos seis procedimentos da análise pragmática da narrativa jornalística:

O conflito é o elemento estruturador de qualquer narrativa, particularmente da narrativa jornalística, que lida com rupturas, descontinuidades e anormalidades – o discordante no dizer de Ricoeur (1994-1995). O conflito é o núcleo em torno do qual gravita tudo o mais na narrativa. São os conflitos que abrem o espaço para as novas ações, sequências e episódios, que prolongam e mantêm a narrativa viva. É a expectativa em torno do desenlace das histórias que mantém as notícias nos jornais ou telejornais (MOTTA, 2010, p. 149).

Segundo o autor, há sempre dois lados em confronto em quase todo acontecimento jornalístico, sempre com interesses contraditórios, algo que se rompe a partir de algum equilíbrio ou estabilidade anterior e que gera tensão. E é justamente essa noção de relações conflituosas que entendemos ser uma das marcas das interações do rádio esportivo em ambientes virtuais, manifestadas em programas esportivos e jornadas de transmissão de jogos de futebol, aguçada pela disputa e rivalidade entre os clubes, refletida também nas discussões produzidas por torcedores.

Em relação aos programas esportivos, especialmente os de formato de mesa-redonda, é preciso destacar ainda outra peculiaridade, ressaltada por Guimarães, que é a de que atrações desse formato radiofônico, diferentemente dos programas informativos (como os radiojornais), permitem um “relaxamento maior dos integrantes da bancada, especialmente por conta de como a trajetória deste tipo de programa foi construída no rádio informativo” (2020, p. 323), marcada, como citado anteriormente, por uma linguagem coloquial, de vocabulário próprio, com expressões populares, bordões e figuras de linguagem, que exploram a emoção e o imaginário dos ouvintes. Há, portanto, nesse cenário de coloquialidade, espaço para irreverência, brincadeiras, provocação e criação de laços de proximidade entre ouvinte e emissora.

Corpus da pesquisa, metodologia e coleta de dados

Diante da proposta da pesquisa, que visa compreender as relações de conflito que emergem nas mensagens enviadas por ouvintes/internautas em programas de rádio esportivo, buscamos, dentro da programação esportiva radiofônica no estado do Ceará, realidade onde estamos inseridos, um programa que privilegiasse a abertura regular de espaços para a participação da audiência, por meio das plataformas digitais. Definimos, a partir desse critério, o nosso objeto de estudo: a experiência do programa Toque Esportivo, da rádio O Povo/CBN, emissora *all news* instalada na cidade de Fortaleza-CE.

Trata-se de uma atração em formato de mesa-redonda esportiva e que vai ao ar de segunda a sexta-feira, de 10h20min a 11h, fundamentando suas discussões no noticiário local dos clubes do futebol cearense, sobretudo Ceará Sporting Club e Fortaleza Esporte Clube. O conteúdo é desenvolvido a partir do debate entre os comentaristas, participações dos repórteres setoristas das equipes e interação com o público a partir de mensagens enviadas pelas redes sociais digitais, WhatsApp e Facebook, por onde o programa é transmitido com imagens do estúdio desde agosto de 2017.

Um dos diferenciais do Toque Esportivo é o fato da atração contar com um(a) profissional que, durante a exibição do programa, atua na gestão das redes sociais, monitorando e selecionando as mensagens dos ouvintes, enviadas por Facebook e WhatsApp, para serem contempladas no ar. A função é exercida pelo(a) noticiarista da emissora, que está integrada(o) na bancada que participa do programa. Entre as atrações da emissora, o Toque Esportivo é o que atua há mais tempo com transmissão *live streaming* (desde 2017) e com interação em redes sociais digitais (desde 2014), fazendo uso rotineiro das plataformas WhatsApp e Facebook no contato com a audiência.

Em formato de mesa-redonda esportiva, o programa tem um perfil bem definido, que privilegia a cobertura esportiva local, pautado inteiramente no futebol, seguindo o calendário de jogos e a agenda semanal de atividades das equipes. Dessa forma, assuntos ligados a clubes de outras regiões do país e do exterior praticamente não são mencionados. Até mesmo a seleção

brasileira de futebol só ganha destaque em tempos de Copa do Mundo, quando as equipes locais estão de férias. Assim, as discussões do Toque Esportivo se voltam de forma a atender o público-alvo do programa: os torcedores de Ceará e Fortaleza (em proporção bem equilibrada, sem que seja possível atestar qual dos dois lados prevalece), sendo a maioria absoluta formada por homens, como é possível perceber facilmente a partir das manifestações da audiência por meio de mensagens que são enviadas pelas plataformas digitais e posteriormente lidas no ar.

Tomando como base as características gerais do objeto selecionado, o programa Toque Esportivo, da rádio O Povo/CBN, de Fortaleza, selecionamos como corpus da pesquisa dois meses em que houve disputa do Clássico-Rei (como é conhecido o jogo Ceará x Fortaleza, elemento central da narrativa do programa) no intervalo dos últimos seis meses em que o programa foi realizado de forma presencial, até ser impactado pela pandemia do novo coronavírus. Ao todo, analisamos as mensagens postadas nos 38 programas transmitidos via Facebook nos meses de novembro de 2019 e fevereiro de 2020.

Ressalta-se o fato de que optamos pela análise das interações dos ouvintes apenas no Facebook, por se tratar de uma plataforma digital aberta, com informações disponíveis de forma pública, permitindo acesso a todos os conteúdos postados pela audiência na plataforma, além de fornecer outros dados sobre interação, como o número de visualizações nas postagens, compartilhamentos e curtidas/reações na publicação.

A interatividade entre os usuários do Facebook é estabelecida através das Conversações em Rede, fenômeno das redes sociais que enfoca as apropriações dessas redes para a interação. São aquelas cujas mensagens podem ser visualizadas por todos os participantes da conversa e que se espalham pelas redes, como destaca Recuero (2012), ao afirmar que “a conversação em rede é composta de diálogos coletivos, cujos participantes constituem-se em indivíduos de uma audiência invisível, forjada pelas conexões e pela visibilidade nas redes sociais” (RECUERO, 2012, p. 217).

Coleta e análise dos dados de interação

Após a definição da amostra da pesquisa, procedemos com a fase de coleta de dados do material que nos interessa para análise: as mensagens postadas pelos ouvintes/internautas nas *lives* do programa no Facebook. De forma manual, catalogamos os comentários postados em todos os 38 programas transmitidos ao longo dos dois meses (novembro de 2019 e fevereiro de 2020) que compõem a amostra e agrupamos em um arquivo no aplicativo Excel para uma apreciação geral do conteúdo. Foram contabilizados, ao todo, 1.494 comentários, o que perfaz uma média de 39,3 mensagens postadas por programa, dentro do recorte estudado.

Buscando um refino e melhor aproveitamento dessas informações, procedemos com a construção de um corpus qualitativo, com seleção de dados representativos, que visou identificar, dentro desse volume total de mensagens, as recorrências para a construção das categorias de análise. Assim, por meio de uma triagem textual de todo material bruto, conseguimos filtrar 578 mensagens postadas no *chat* de transmissão do programa Toque Esportivo pelo Facebook, em que foi possível identificar o contexto de direcionamento da mensagem, que nos permite fazer inferências sobre o seu significado. Nesse processo de filtragem, foram descartadas as mensagens que se repetiam nas edições, bem com as postagens onde não foi possível reconhecer o seu significado dentro do processo interativo com a emissora, pelo teor inconclusivo do ponto de vista semântico.

Com o corpus qualitativo definido, acionamos a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004) para sistematizar as categorias de estudo. Para definir a categorização, analisamos as peculiaridades dos conteúdos expressos pela audiência, tendo como referência estudos anteriores (QUADROS, 2013; GUIMARÃES, 2020) sobre interatividade entre ouvintes e emissoras pelas redes sociais digitais.

Ao avaliarmos as mensagens, detectamos a presença de marcadores clássicos da interatividade pelas redes sociais apontados por Quadros (2013),

como o envio de perguntas aos comunicadores do programa, um agrupamento de repasse de informações (que inclui reclamações de questões técnicas e tentativa de correções de algo mencionado no programa), registros de audiência mesclados com elogios ao programa ou aos comunicadores.

Para o enquadramento das mensagens em tom de comentário, propomos uma mesclagem com o que Guimarães (2020) chamou em sua pesquisa, também sobre interação da audiência no rádio esportivo, de “repercussão do que é e dito”, para a criação da categoria Opinião sobre pauta esportiva, que diferenciamos como as mensagens que contêm comentários da audiência com um caráter propositivo, que emite uma opinião/posicionamento (não agressivo) sobre temas que integram a pauta esportiva, tenham sido eles discutidos ou não no programa.

Além dos elementos básicos da interação ouvinte-emissora em ambientes digitais, propomos também – a partir da observação de recorrências dos conteúdos – categorias que levam em conta as especificidades do radiojornalismo esportivo, que é o contexto em que as mensagens estão inseridas. Pelo fato de as discussões nos programas esportivos de rádio fundamentarem-se quase que exclusivamente no futebol, esporte que desperta a paixão de milhões de brasileiros e que suscita acalorados debates em ambientes de sociabilidade, observamos que esse tom passional se apresenta de forma recorrente nos comentários do Toque Esportivo, de modo especial, com a forte presença do marcador de conflito, com tom de zoação, hostilidade e ataques pessoais, que caminham em três direções.

A primeira situação que nos chamou atenção na avaliação geral das mensagens foi a identificação de uma tendência de questionamento da imparcialidade das opiniões apresentadas pelos debatedores do programa, como observamos em comentários como: "Mídia cearense é uma brincadeira, bem parcial kkk" (postado em 19/2/2020), "Se forem falar dos lances polêmicos sejam IMPARCIAIS!!!" (postado em 03/02/2020) e em "Saíam de cima do muro" (postado 11/02/2020).

O segundo traço detectado nas mensagens foi um forte marcador relacionado à rivalidade clubística, que se manifestou em comentários com viés de provocação, zoação e ironia ao clube considerado adversário. Percebemos essa movimentação em comentários como "O kanal (*apelido pejorativo atribuído ao Ceará*) não tem nacional" (19/02/2020), "TOME PEIA VOVÓ (*forma pejorativa de se dirigir ao Ceará*)!" (18/11/2019) e "Jogo Domingo mais difícil que contra o Kanal....kkkkkkkkk que só levou sola em 2019...." (15/11/2019).

A terceira direção de comentários identificados foi a de xingamentos, com mensagens em tom hostil, direcionadas sobretudo aos comunicadores do programa e à imprensa de forma geral, que expressam sentimentos de desabafo, indignação ou ataque pessoal aos comentaristas a partir de uma desaprovação na forma como se manifestam, como vemos em situações como nas postagens "Chupa Evaristo (*Nogueira, um dos debatedores do programa*)" (22/11/2019), "Sergio Ponte (*um dos âncoras do programa*) é um pé frio e coxinha" (20/11/2019) e "Vavá (*apelido ao âncora Evaristo Nogueira*), cabeça de tartaruga" (27/11/2019).

Dessa forma, propomos três novas categorias de análise: Questionamento da imparcialidade, Rivalidade Clubística e Xingamento. Somadas aos outros quatro agrupamentos de mensagens, chegamos à seguinte definição da categorização que será operacionalizada na pesquisa:

QUADRO 1 - Categorias de conteúdo das interações no Toque Esportivo:

Categoria	Descrição
Questionamento da imparcialidade	Comentários em que a audiência questiona a imparcialidade dos comentaristas do programa ou da imprensa de forma geral.
Rivalidade clubística	Postagem em tom de provocação/zoação/ironia relacionada à rivalidade clubística entre os torcedores.

Xingamento	Envio de mensagem em tom de hostilidade, com uso de expressões de tom ríspido ou pejorativo aos integrantes do programa ou à imprensa de maneira geral
Opinião sobre pauta esportiva	Comentários da audiência com um caráter propositivo, que emite uma opinião/posicionamento (não agressivo) sobre temas que integram a pauta esportiva, tenham sido eles discutidos ou não no programa.
Informes/Correções	Repases de informações, tentativa de correção de algo que foi mencionado no programa ou reclamações da audiência em relação a problemas operacionais do programa, como qualidade do áudio.
Perguntas	Comentários em que a audiência manifesta o desejo de tirar dúvidas ou saber a opinião dos comunicadores sobre determinado assunto da pauta esportiva.
Elogios/Saudações	Saudação, registro de audiência, elogio e pedido direcionado aos comunicadores do programa.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Quadros (2013) e Guimarães (2020)

Após uma análise geral do conteúdo das interações da audiência postadas nas transmissões do programa no Facebook, avaliamos que as categorias de questionamento da imparcialidade, rivalidade clubística e xingamento estão associadas a uma relação de conflito, com ataques à imprensa, a torcedores adversários, atletas e demais atores envolvidos diretamente no esporte, como dirigentes, entidades esportivas e arbitragem. Consideramos que as questões de conflito estão ligadas, inicialmente, pelo contexto da dinâmica das redes sociais.

Dessa forma, levamos em conta a perspectiva de Recuero (2009), que entende que um dos elementos dinâmicos dos estudos das redes sociais é o conflito, visto como processo social, que influencia a interação entre os usuários e que é também um dos fenômenos emergentes da rede social. Pode gerar, assim, hostilidade, desgaste e ruptura da estrutura social, muitas vezes, associado à violência ou agressão. E no caso do ambiente digital, à violência verbal ou simbólica. Para que o conflito exista é preciso um antagonismo concreto. Há, portanto, uma "necessidade de reconhecimento do antagonista como adversário" (p. 82), diz a autora. Nesse debate, é preciso pontuar ainda que as redes sociais, ao criarem "bolhas" (regidas pelos mecanismos de

controle algorítmico das plataformas digitais), orientam a uma polarização dos usuários, a partir de seus interesses pessoais. Quando analisamos o conteúdo da programação esportiva nas redes sociais digitais, temos então um duplo movimento de polarização. Um deles inerente à própria dinâmica das redes, como enfatiza Recuero (2009), e outro pelo próprio conteúdo, que está vinculado, no caso do contexto dos debates do rádio esportivo, a um cenário que tem quase sempre dois clubes rivalizando em cada estado, que fomenta repercussão na mídia, discussões e zoação entre torcedores. No caso específico do objeto de estudo, a rivalidade é materializada pelo duelo à parte entre duas equipes de futebol: Ceará Sporting Club e o Fortaleza Esporte Clube, reconhecidamente, arquirrivais em campo.

Nossa proposta das relações de conflito nas interações do rádio esportivo foi pensada a partir das marcas interativas manifestadas pela audiência que acompanha e interage com o programa Toque Esportivo pelo Facebook, podendo apresentar variações e novos elementos característicos no processo de análise de outros programas desse segmento, tendo em vista as peculiaridades de cada experiência do meio radiofônico. Para a construção deste modelo, consideramos que a relação conflituosa tem origem no sentimento passional do torcedor em se manifestar através de expressões verbais ríspidas ou de tom jocoso direcionadas a determinados agentes que podem fazer oposição a ele ou mexer com o seu sentimento. (GASTALDO et al., 2005).

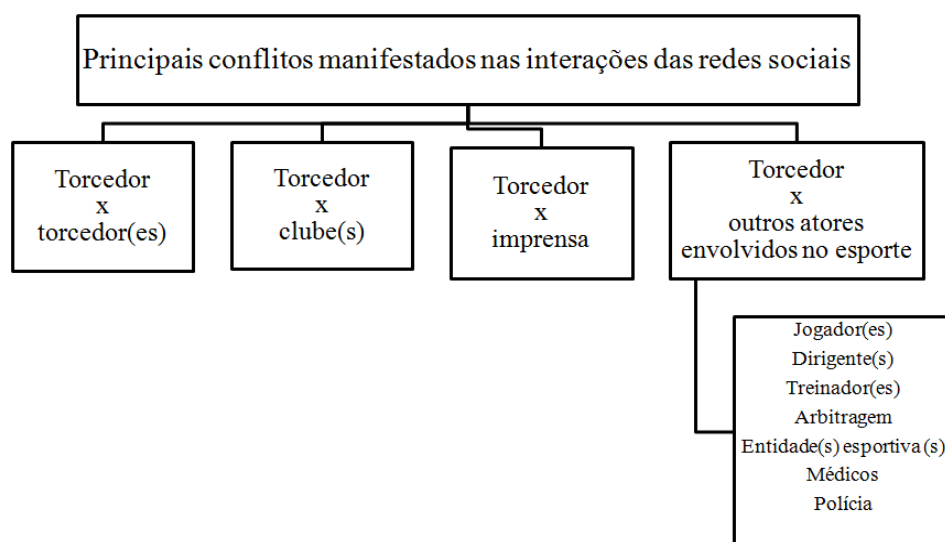
As relações de conflito na interação esportiva

A análise do conteúdo das mensagens e do material sonoro dos programas nos permitiu identificar quatro tipos principais de relações de conflito dentro dessa experiência de programa esportivo no rádio: entre torcedores (movidos pela zoação), torcedores x clubes (em provocações ao time adversário ou manifestando desabafo e indignação ao próprio clube do coração), torcedor x imprensa (que vão de xingamentos a questionamento das imparcialidade dos comunicadores) e entre torcedores e demais atores

envolvidos no futebol (manifestada através de xingamentos), como árbitros, jogadores e treinadores. Dessa forma, é possível projetar a noção de conflito sob duas perspectivas: a) como elemento estruturador da narrativa jornalística e que "rompe" o equilíbrio (MOTTA, 2010) e b) como fenômeno emergente das redes sociais, caracterizado pela hostilidade (RECUERO, 2009).

Organizamos assim o que seria a estrutura dos conflitos das interações presentes nas mensagens e conversações estabelecidas pelo ouvinte (representado no quadro pela figura do torcedor) que acompanha o programa:

Quadro 1 – Estrutura do conflito nas interações do programa Toque Esportivo



Fonte: elaborado pelo autor

Uma análise das mensagens postadas pelo público no Facebook nos permitiu inferir a presença de comportamentos recorrentes nas postagens dos ouvintes-internautas, que tinham um endereçamento definido. No que diz respeito à categoria “xingamentos”, observamos que, através das mensagens, a audiência manifesta alguns comportamentos:

a) Cria apelidos para os comentaristas com termos jocosos e depreciativos (registramos o uso de expressões como “cabeça de babaçu”, “cabeça de tartaruga”, “véi do babau”, “só fala besteira”, “só fala merda”,

“chupa”, “calou tua boca”, “já chutou uma bola?” e “Não era galinha morta?” direcionados aos comunicadores).

b) Questiona o caráter e competência dos comunicadores (como visto em situações como os comentários “Sergio Pontes, pense num sujeitinho asqueroso” e “programa peba! só tem himpócrita”).

c) Ataca um comunicador comparando-o a um outro (“Graziani, imparcial, ético e profissional... Já o cabeça de Kururu, sequer esconde o lado alvinegro”),

d) Ataca a emissora de rádio (visto em comentários como “CBN lixo” e “Rede Globo vocês não prestam”).

No que diz respeito à categoria de questionamento da imparcialidade, a audiência se manifesta nas mensagens no sentido de:

a) Afirmar que o comunicador torce para clube A ou B (“O Grazianne já está vestido a caráter para o jogo, como torcedor tricolor que o é” (mensagem de 27/02/2020).

b) Reclamar da criticidade e pessimismo dos comentários, como no comentário: “Acho que a imprensa cearense vê muitos defeitos no futebol cearense” (11/11/2019).

c) Apontar omissão da imprensa em determinados assuntos, como em: “Bom dia a todos, sejam sinceros o Ceará foi roubado contra o Fortaleza, aí a imprensa se cala. Abraço a todos” (04/02/2020).

d) Cobrar imparcialidade dos comunicadores, como em: “Mídia cearense é uma brincadeira, bem parcial kkk” (19/02/2020).

e) Questionar o equilíbrio da cobertura, por supostamente favorecer determinado clube, como em: “Porque não falam no ferroviário” (19/06/2020).

f) Ironizar palpites e opiniões anteriores defendidas pelos comunicadores, como em: “Raquel A Chapecoense calou a boca do Vavá só fala besteira” (19/01/2019).

Em relação à rivalidade clubística, notamos um comportamento notório da audiência que interage com o programa: a zoação com o clube e com o

torcedor do time adversário, manifestada com o uso de piadas, ironias, termos depreciativos, com traços de homofobia e intimidação. Entre os exemplos de termos presentes nas mensagens temos: “kanal”, “steliatas”, “estela gay”, “leoas”, “coloridos”, “alvisujo”, “peia”, “chororô”, “curral”, “carniça” e “chibata”. Para exemplificar o contexto das expressões jocosas nas mensagens (e, tom de zoação, ironia, intimidação, xingamentos e utilização de apelidos pejorativos), cabe realizar a seguinte contextualização, baseada no linguajar jocoso do futebol cearense:

- a) O uso das expressões “Kanal” e “kanalense” em alusão ao Ceará e sua torcida;
- b) O uso dos termos “Coloridos”, “stelitas” e “leoas” em alusão ao Fortaleza;
- c) A utilização da expressão “Secar” em alusão a torcer contra um clube;
- d) O uso das expressões “Fumo”, “levou sola”, “peia” e “sacola” em alusão a uma derrota vexatória de um clube; e
- e) O uso da expressão “Colocou no bolso” em alusão a jogador que leva ampla vantagem em duelo contra outro em uma partida.

Considerações finais

A partir da análise do conteúdo das mensagens postadas em plataformas digitais e do material sonoro discutido nos programas, conseguimos identificar quatro tipos principais de relações de conflito dentro da experiência de programa esportivo no rádio no objeto analisado: entre torcedores (movidos pela rivalidade clubística), entre torcedores e clubes (manifestadas por provocações contra o clube adversário ou desabafos contra o próprio clube do coração), entre torcedor e imprensa (em um movimento de questionar a imparcialidade dos profissionais da mídia ou do veículo) e entre torcedores e demais atores envolvidos no futebol (como jogadores, atletas, dirigentes, técnicos, manifestada através de xingamentos).

Dessa forma, concluímos que é possível projetar a noção de conflito

dentro da interação em programas esportivos de rádio em (pelo menos) três perspectivas teóricas diferentes: a) o conflito visto como elemento estruturador da narrativa jornalística e que "rompe" o equilíbrio (MOTTA, 2010), b) o conflito visto como fenômeno emergente das redes sociais, caracterizado pela hostilidade (RECUERO, 2009) e c) o conflito visto como critério de noticiabilidade para algo ser levado ao ar (TRAQUINA, 2005).

Por fim, esperamos que essa pesquisa possa contribuir especialmente como estímulo para a realização de novos estudos que abordam as dinâmicas de interação no radiojornalismo esportivo, que possui suas parcialidades e que ainda é pouco discutido no meio acadêmico, especialmente em trabalhos de mais densidade, como dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Enfatizamos que a discussão não se encerra nos pontos apresentados aqui. Pelo contrário. Buscamos apenas dar um ponto de partida para que algumas dessas questões sejam ampliadas, revisadas e novos pontos de abordagem sejam desenvolvidos, como base em toda a cadeia de interatividade que envolve o radiojornalismo, no contexto do rádio expandido e hipermidiático, que vai desde o contato feito pela audiência à repercussão de suas contribuições durante os programas até as interações que ocorrem entre os usuários fora do ar, especialmente no ambiente das plataformas digitais, nas conversações em rede.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.

BETTI, Mauro. **Esporte na mídia ou esporte da mídia?** Florianópolis: Motrivivência, 2001.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

GASTALDO, Edison. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. **Mana**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 311-325, 2010.

GASTALDO, Edison et al. Futebol, mídia e sociabilidade: uma experiência

etnográfica. **Cadernos IHU Ideias**, 43:1-26, 2005.

GUIMARÃES, Carlos. O ouvinte e a mesa-redonda esportiva no rádio: uma extensão do “papo de bar”. **Revista Âncora**, v. 7, n. 1, João Pessoa, jan.-jun. 2020.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; FERNÁNDEZ, José Luis; BENZECRY, Lena; MUSTAFÁ, Izani; CAMPOS, Luiza; RIBEIRO, Cintia; VICTOR, Renata. Desafios metodológicos nos estudos radiofônicos no século XXI. **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 4 a 7 de setembro de 2015.

LOPEZ, Debora. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã, Portugal: LabCom Books, 2010.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

QUADROS, Mirian. **As redes sociais no jornalismo radiofônico: as estratégias interativas adotadas pelas rádios Gaúcha e CBN**. Dissertação de Mestrado (UFSM): Santa Maria, 2013.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo – Volume II – A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

Discursos radiofônicos sobre os ídolos do futebol: um gesto de olhar para a narração da final da copa do mundo de 1970

Radio speeches on football idols: a gesture of looking at narration of the 1970 cup final

Discursos radiales sobre los ídolos del fútbol: un gesto de mirada a la narrativa de la final del mundial de 1970

Mateus Oliveira Silva e Vinícius Durval Dorne

Resumo

Este artigo se dedica a compreender como a transmissão futebolística da emissora Rádio Nacional constrói discursivamente os ídolos nacionais do referido esporte, focando nos atletas da Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1970. Nos valem dos Estudos Discursivos Foucaultianos, a fim de observar as regularidades discursivas presentes na narração. A análise recai sobre como o discurso fabrica os sujeitos sobre os quais fala, objetivando-os e, não obstante, subjetivando-os neste mesmo processo. Nomeação valorativa dos jogadores; Narrativa das jogadas de destaque; Avaliação da arbitragem: o desafio na trajetória do herói; Comentarista e narrador: da posição sujeito de especialista/técnica à de torcedor; e Sonoplastia: trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio – estas são as cinco regularidades encontradas. Observou-se que um ídolo é criado no exato momento em que o discurso é produzido e colocado em circulação para os ouvintes brasileiros, produzindo sentidos sobre e para os atletas.

Palavras-chave: Discurso, Transmissão Futebolística, Rádio, Ídolos, Futebol Brasileiro

Sobre os autores

Mateus Oliveira Silva

mateus-oli@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6905-3379>

Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação pela mesma instituição.

Vinícius Durval Dorne

dorne.vinicius@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6905-3379>

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), com sanduíche no Programa Ciências da Comunicação, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e graduado em Comunicação Social/Jornalismo e Letras – Português/Inglês pelo Centro Universitário Cesumar. Atualmente, é professor adjunto da Faculdade de Educação, lecionando no curso de Jornalismo, no Programa de Pós-Graduação em Linguística e no Mestrado Profissional Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação e Educação da UFU. Membro dos Grupos de Pesquisa Laboratório de Estudos

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 25/03/2022 aceito em: 22/05/2023.

>> **Como citar este texto:**

SILVA, Mateus Oliveira; DORNE, Vinícius Durval. Discursos radiofônicos sobre os ídolos do futebol: um gesto de olhar para a narração da final da copa do mundo de 1970. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 47-75, jan./jul. 2023.

Discursivos Foucaultianos (Ledif, do qual é vice-líder), do Instituto de Letras e Linguística, e Interfaces Sociais da Comunicação: Tecnologias, Políticas e Culturas, ambos da UFU.

Abstract

This article seeks to understand how the football broadcast from Rádio Nacional discursively builds the national idols of the referred sport, emphasising the athletes of the Brazilian National team of the 1970 World Cup. We make use of Foucauldian Discursive Studies to observe the discursive regularities present in the narration. The action of analysis is directed on to how the discourse generates the subjects it talks about, objectifying them and, furthermore, subjecting them in the same process. Evaluative attribution of players; Narrative of their highlights in the field; Evaluation of refereeing: the challenge in the hero's journey; Commentator and narrator: from the subject position of specialist/technician to that of a fan; and Sound design: soundtrack, sound effects and silence, are the five regularities found. It observed that an idol is created at the exact moment when the speech is produced and put into circulation to the Brazilian listeners, producing meanings about and for the athletes.

Keywords: Speech, Soccer Broadcast, Radio, Idols, Brazilian Soccer

Resumen

Este artículo se dedica a comprender cómo la transmisión de fútbol de Radio Nacional construye discursivamente los ídolos nacionales de ese deporte, centrándose en los atletas de la Selección Brasileña de la Copa del Mundo de 1970. El gesto de análisis recae en cómo el discurso produce los sujetos de los que habla, objetivándolos y, sin embargo, someténdolos en un mismo proceso. Designación evaluativa de jugadores; narrativa de las actuaciones destacadas; evaluación del arbitraje: el desafío en la trayectoria del héroe; comentarista y narrador: de la posición de sujeto de especialista/técnico a la de aficionado; y diseño sonoro: banda sonora, efectos sonoros y silencio son las cinco regularidades encontradas. Se observó que se crea un ídolo en el momento exacto en que el discurso es producido y puesto en circulación para los oyentes brasileños, produciendo significados sobre y para los atletas.

Palabras clave: Discurso, Transmisión del fútbol, Radio, Ídolos, Fútbol brasileño

Introdução

O foco deste artigo recai propriamente na construção discursiva dos ídolos nacionais do futebol brasileiro em transmissões futebolísticas no rádio, mais especificamente na transmissão da final da Copa do Mundo de 1970, disputada entre Brasil e Itália.

Em primeira instância, é necessário frisar o pioneirismo da Rádio Clube de Pernambuco como a que deu início às transmissões radiofônicas, no Brasil, em 6 de abril de 1919. Ferraretto (2009) expõe que, juntamente com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, foram as primeiras que se desenvolveram como estações de rádio em território brasileiro. Após isso, com o desenvolvimento tecnológico e estrutural, as grades de programações das emissoras foram se desenvolvendo em músicas, entretenimento, de modo a fortalecê-lo como meio de comunicação (ABREU, 2001). Antes considerado um esporte elitizado, o futebol se transformou em um evento popular e as transmissões futebolísticas tiveram um papel primordial na construção de grandes ídolos para o público que acompanhava o esporte.

Sobre a primeira transmissão de futebol no rádio, Götz (2020) afirma que o primeiro locutor esportivo do Brasil foi Abílio de Castro, pela Rádio Clube de Pernambuco, a emissora mais antiga do país, sendo um dos pioneiros nas transmissões no Norte/Nordeste. Naquela época, as transmissões futebolísticas se resumiam a boletins informativos para os ouvintes. Com o desenvolvimento das transmissões ao passar do tempo, o futebol foi se consolidando na grade das principais estações radiofônicas.

Dessa forma, tanto o rádio quanto o próprio esporte criaram uma união bilateral em que ambos se retroalimentam. Por um lado, as estações pretendiam, ao utilizar-se do futebol, atrair mais ouvintes e, conseqüentemente, valorizar sua marca. Ao mesmo tempo, essas transmissões contribuíram para ampliar ainda mais o número de adeptos e simpatizantes do esporte em território brasileiro.

Soares (1994) expõe que, tornando-se cada vez mais velozes e dinâmicas, as transmissões futebolísticas no rádio tiveram seu ápice nas Copas do Mundo de Futebol de 1958 e 1962. Ainda como o principal meio de comunicação, o rádio foi o responsável por transmitir os dois títulos da Seleção Brasileira. Em 1962, a cobertura radiofônica foi intensa, criando um cenário em que as transmissões futebolísticas no rádio se tornaram um fenômeno do cotidiano da maioria dos brasileiros, que acompanhavam e consumiam o maior evento mundial esportivo.

Foi exatamente nas Copas de 1958 e 1962 que os atletas de futebol (da Seleção Brasileira, especificamente) foram dados como grandes ídolos e heróis nacionais, potencializados, claro, pelos títulos mundiais conquistados pela Seleção em tais anos. Como na época ainda não havia transmissão via televisão, foi o rádio o grande responsável por criar essa ponte entre a Seleção e a torcida (sociedade brasileira).

Todo esse processo culminou no estabelecimento de um vínculo permanente entre o rádio, os atletas e os amantes do esporte. A hegemonia dessas transmissões futebolísticas perdurou até a Copa do Mundo de 1970, quando a televisão começou a despontar como uma outra via para acompanhar os jogos de futebol (GUERRA, 2006).

Com os atletas da Seleção Brasileira já consagrados com o bicampeonato e em busca do tri, a transmissão radiofônica da Copa do Mundo de 1970 foi a consolidação de um sistema comunicativo radiofônico que estabeleceu uma ligação intrínseca entre os ídolos do esporte e este meio de comunicação. Frente a todo esse histórico, levantamos a seguinte questão norteadora deste artigo: Como a transmissão radiofônica da final da Copa do Mundo de 1970, realizada pela Rádio Nacional, construiu discursivamente os ídolos nacionais do referido esporte? Para tanto, nos valem dos Estudos Discursivos Foucaultianos, especialmente nas reflexões concernentes à função enunciativa, discurso-saber-poder, e sujeito. Conforme Orlandi (2013), considera-se a análise do discurso como um método pois a própria tem procedimentos já definidos em sua essência.

De modo distinto da análise de conteúdo, “a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo, ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado” (ORLANDI, 2013, p. 17). Para a realização desse empreendimento analítico, Orlandi (2013) explica que são necessários dois movimentos fundamentais: descrever e interpretar o objeto.

Nesse esteio, então, houve o exercício de análise, em um batimento entre descrição e interpretação. Compreende-se que todo o constructo teórico e o dispositivo de análise foram construídos a partir da pergunta discursiva levantada como norteadora deste trabalho. Em busca de respondê-la, como gesto de análise, decidiu-se por observar quais eram as regularidades discursivas constitutivas do corpus analisado.

A partir da leitura do objeto analisado, movimento amparado pelas reflexões teóricas realizadas pelo analista, observaram-se cinco regularidades: nomeação valorativa dos jogadores; narrativa das jogadas de destaque; avaliação da arbitragem: o desafio na trajetória do herói; comentarista e narrador: da posição sujeito de especialista/técnica a de torcedor; e a sonoplastia: trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio.

A transmissão⁹ radiofônica tomada como objeto de análise tem ao todo 1h 49 '11", e conta com dois narradores, Jorge Curi e Waldir Amaral, com comentários de Luiz Mendes e Mário Vianna e complementos de Willy Gonser e Paulo César Tenius. Sobre o contexto histórico da narração, havia uma grande expectativa da Seleção Brasileira para conquistar o tricampeonato, após o vexame na edição anterior, em 1966. A final terminou 4 a 1 para o Brasil, com gols de Pelé, Gérson, Jairzinho e Carlos Alberto Torres.

Com isso, é importante salientar que este artigo é relevante no âmbito acadêmico. Após um levantamento bibliográfico, observou-se uma escassez de estudos relacionados às transmissões futebolísticas no rádio e como isso se relaciona com a criação de grandes ídolos nacionais do esporte em

⁹ A transmissão completa se encontra no link: <https://www.youtube.com/watch?v=ya5N1JbEPpQ>

questão. As pesquisas analisadas no levantamento bibliográfico, em sua maioria, se estabelecem em um nível mais analítico e observativo da relação entre o esporte e o meio de comunicação (o rádio). Esta pesquisa avança e abre uma reflexão teórica sobre a forma como as transmissões futebolísticas de rádio podem criar grandes ídolos nacionais.

Além disso, este artigo também se justifica em relação à sua relevância social. Estudar as transmissões futebolísticas de rádio pode auxiliar jornalistas esportivos em suas práticas profissionais do dia a dia. Conhecer a teoria aprofundada sobre a relação entre as transmissões e os ídolos nacionais é fundamental na prática do comunicador esportivo, podendo aperfeiçoar e refletir sobre o seu próprio fazer.

Por ser o esporte mais popular do Brasil, a pesquisa pode ser útil a uma parcela considerável da população brasileira que acompanha o esporte. Por conta disso, a relevância social está na própria importância que o tema tem no debate cultural e histórico da sociedade brasileira.

Discussões e análise

Antes de nos debruçarmos sobre o gesto de análise da narração em questão, se faz necessário elencar alguns temas e conceitos, a partir de seus respectivos teóricos, que subsidiam o estudo, sendo eles: rádio e futebol, discurso/discurso midiático e ídolos do futebol brasileiro. Logo em seguida, apresentamos as reflexões advindas da análise discursiva feita pelos pesquisadores.

Rádio e futebol

Conforme Guerra (2006), tanto o rádio quanto o futebol ganharam popularidade até chegarem ao posto de paixões nacionais. O rádio foi a principal mídia eletrônica até meados do século 20, presente em todas as casas das mais diversas classes sociais. O futebol, esporte mais popular no país, é praticado e assistido por milhões de brasileiros. Segundo o autor, esta

relação se mantém até hoje em dia, uma vez que o futebol é ainda narrado pela forma estabelecida pelo rádio décadas atrás. Assim, o rádio pode ser o responsável por moldar a narrativa do referido esporte, tanto nas transmissões quanto nas mentes dos ouvintes.

Guerra (2006), ainda, esclarece que não é coincidência que ambos (rádio e futebol) tenham caído no gosto popular durante o mesmo período. Isso se justifica, pois um deve ao outro parte de seu crescimento:

ligado às coberturas esportivas. A necessidade de se criar para as transmissões fez com que soluções técnicas fossem logo descobertas e implantadas” (GUERRA, 2006, p. 21)

O pesquisador reforça que o rádio sempre teve como virtude uma capacidade de se reinventar e de encarar novos desafios. Assim, foi a partir da cobertura esportiva que houve um desenvolvimento do jornalismo como um todo, abarcando estratégias, equipamentos e formas de cobrir determinado acontecimento.

Ainda debatendo sobre como se deu a popularização do futebol por meio do rádio, Almeida (2004) assevera que os torcedores só começaram a frequentar as arquibancadas por volta de 1910. Naquela época, o público era elitizado, ou seja, “os intelectuais ainda gostavam de futebol e comparavam, em artigos derramados e versos eloquentes, os jogadores a deuses gregos, os estádios ao Olimpo. Desde que os 'deuses' e os 'olimpós' pertencessem, é claro, à elite, nacional ou estrangeira” (ALMEIDA, 2004, p. 4). O pesquisador afirma que, enquanto a elite assistia das arquibancadas, a classe média enchia os estádios com muita paixão e entusiasmo, sempre acompanhando as partidas pelo rádio. Dessa forma, o interesse pelo esporte aumentou e o público passou a se estabelecer em classes menos elitistas e mais populares.

Discurso/discurso midiático

Em primeira instância, Foucault (1960) chama de discurso um conjunto de enunciados apoiados em uma mesma formação discursiva. Isso significa que há um número limitado de enunciados, definindo, dessa forma, condições

de existência para tal discurso aparecer e circular na sociedade. Ou seja, todo discurso se materializa em enunciados.

Conforme Fernandes (2012), o discurso em termos foucaultianos se estabelece como uma “reverberação” de uma verdade que nasce diante dos olhos do próprio sujeito, concretizando-se em enunciados materialmente existentes, “são proposições que adquirem caráter de verdadeiras passando a constituir princípios aceitáveis de comportamento” (FERNANDES, 2012, p. 19).

Nesse sentido, o discurso pode ser considerado “um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica [...] as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2009, p. 43). Sobre tal função, o filósofo elucida alguns elementos fundamentais no entendimento do que é posto como função enunciativa, que são eles: materialidade, campo associado, referencial e posição sujeito.

Foucault (2009), em sua obra intitulada *A Arqueologia do Saber*, ao examinar o enunciado, descobriu que tal função se apoia em conjuntos de signos, necessitando de um referencial, um sujeito, um campo associado e uma materialidade. Conforme o autor, a materialidade desempenha um papel muito importante, sendo ela a constitutiva do próprio enunciado, ou seja, o enunciado precisa ter um suporte. Sobre o campo associado, o filósofo revelou que é a partir deste campo que faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado, permitindo ter um contexto determinado.

Já em relação ao referencial do enunciado, Foucault (2009) observa que o mesmo forma a condição de um enunciado existir, definindo as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu valor de verdade.

Sobre essa função enunciativa disposta pelo discurso, Sargentini e Navarro (2004, p. 26) explicam que o “enunciado é um conjunto de signos em função enunciativa”. Tal característica do enunciado é uma questão bastante discutida pelos autores. Conforme os mesmos, há uma relação intrínseca

entre o enunciado e o que ele enuncia.

Conforme Foucault (2009), a materialidade desempenha um papel muito importante, sendo ela a constitutiva do próprio enunciado, ou seja, o enunciado precisa ter um suporte. Sobre o campo associado, o filósofo explicita que todo enunciado mantém ligação com outros enunciados (seja para sucedê-los, refutá-los, silenciá-los, retomá-los), sendo que é a partir deste campo que faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado, permitindo ter um contexto determinado.

Sousa (2017) explica que o enunciado, na visão foucaultiana, rompe com as formulações da gramática tradicional e com correntes funcionalistas fundadas em uma busca do sentido que está inserido nas frases, textos ou discursos. Trata-se de tomar o enunciado em sua singularidade, como um acontecimento irreduzível às concepções de atos de fala, frases, proposições.

Desta forma, conforme Gregolin (2007), o discurso pode ser considerado uma prática social, historicamente determinada, que constitui os sujeitos e os objetos. Tomando por base a mídia como prática discursiva, é necessário analisar a circulação dos enunciados, as posições de sujeito que estão ali assinaladas, as materialidades que dão forma aos sentidos e as articulações que esses enunciados estabelecem com a história e a memória. "Trata-se, portanto, de procurar acompanhar trajetórias históricas de sentidos materializados nas formas discursivas da mídia (GREGOLIN, 2007, p.13)."

No funcionamento dos discursos midiáticos, destaca-se o papel da memória, noção discutida por Michel Pêcheux (1999). Segundo o autor, a formação de uma memória se marca a partir de um jogo de retomadas e de efeitos de paráfrase. Com isso, esclarece que a transformação de um acontecimento em memória está em um jogo de forças entre o acontecimento, que é novo, e a sua estabilização sob a forma de memória. Pêcheux (1999, p. 52) considera que a "memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os 'implícitos'".

Gregolin (2007) explica que há sempre um cruzamento entre passado

e presente, o que chama de memória discursiva. Conforme a pesquisadora, as novas representações são agenciadas com os sentidos já tradicionais, ou seja, é como “nó em uma rede”, em que cada enunciado se relaciona com outras séries de formulações, com outros trajetos que se cruzam e constituem identidades através justamente de uma memória discursiva.

Ídolos do futebol brasileiro

Helal (2003) afirma que as construções midiáticas presentes nas transmissões futebolísticas só são possíveis porque o futebol é a modalidade esportiva mais importante no Brasil, tanto que é considerado um dos principais elementos da cultura nacional. Com esse grau de importância, evidentemente, tal esporte sofre grande influência da mídia em geral, recebendo enorme cobertura por parte da imprensa. Dessa forma, é impossível dissociar do fenômeno esportivo os meios de comunicação e a organização social presente no espetáculo. Nesse sentido, Rubio (2002) propõe que, ao analisar o futebol, deve-se considerar que este é um fenômeno cultural de grande magnitude na sociedade, possibilitando apresentar inúmeras situações e manifestações em relação aos diversos grupos sociais envolvidos.

Segundo Campbell (1995), uma das maiores construções discursivas que surgem entre a mídia e o futebol é a figura do herói. Esse herói é caracterizado como um futebolista que conseguiu superar as dificuldades e conquistou feitos relevantes no cenário competitivo do esporte. Assim, o autor explica que a “saga clássica do herói fala de um ser que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, os vence e retorna à casa, trazendo benefícios aos seus semelhantes” (CAMPBELL, 1995, p.36).

Conforme Rubio (2002), o papel exercido pela mídia nos eventos esportivos faz com que o atleta profissional do esporte contemporâneo tenha sido reconhecido como uma personalidade pública, ídolo e herói. Isso se dá

porque a figura dos atletas está associada ao sucesso, à fama e a uma vida vitoriosa, ou seja, valores cultivados pela sociedade atual. Nesse sentido, Marques (2005) destaca que o universo esportivo é propício para a formação de ídolos e heróis, pois os atletas e jogadores de futebol são constituídos em um processo intensamente estabelecido por construções midiáticas.

De acordo com Helal (2003), essa característica presente nos jogadores de futebol, de um “ídolo-herói”, acaba por transformar o universo futebolístico em um terreno fértil para a produção de narrativas heróicas por parte do público. Conforme pontua, as façanhas dos ídolos despertam a curiosidade do público que consome os eventos. Com isso, suas respectivas trajetórias rumo à fama são “editadas” na mídia, enfatizando certos aspectos, potencializando, assim, a produção de ídolos nacionais. Assim, considerando tais reflexões, a partir deste momento, apresentamos nosso gesto de análise que busca responder a seguinte questão norteadora: Como a transmissão radiofônica da final da Copa do Mundo de 1970, realizada pela Rádio Nacional, construiu discursivamente os ídolos nacionais do referido esporte?

Nosso gesto de análise

Neste momento, realiza-se o gesto de análise do corpus a partir de algumas entradas propostas no próprio movimento de análise. Neste caso específico, as regularidades discursivas observáveis na narração tomada como objeto deste artigo são: nomeação valorativa dos jogadores; narrativa das jogadas de destaque; avaliação da arbitragem: o desafio na trajetória do herói; comentarista e narrador: da posição sujeito de especialista/técnica a de torcedor; e a sonoplastia: trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio. Ainda que tais regularidades sejam apresentadas, dado seu caráter didático e estrutural, em tópicos próprios, compreende-se que, como é próprio do funcionamento discursivo, elas não existem isoladamente e, são constitutivas do próprio discurso: estão intimamente ligadas.

Nomeação valorativa dos jogadores

Ao decorrer da narração escolhida, é possível observar uma nomeação valorativa dos jogadores brasileiros e, na mesma medida, uma ausência desse movimento a respeito dos jogadores italianos. Essa valoração é dada pelo uso constante de apelidos e expressões que remetem somente aos jogadores brasileiros. Um dos principais nomes citados é de Roberto Rivellino, meia atacante da Seleção Brasileira. No minuto 14' 35", o narrador diz "Olha o tiro de Riva!", referindo-se ao jogador. No minuto 19' 28", o narrador também fala "Combinou com Riva no comando". O mesmo acontece no minuto 22' 36", quando o narrador diz "Põe na esquerda pra Riva". No minuto 24' 30", também pode ser evidenciado em "Vai, Riva. Dispara, Riva". Estes são somente alguns dos vários exemplos em que o narrador se refere a Rivellino como "Riva". A contração do nome do atleta na referida locução, não obstante, produz sentidos de proximidade, que o desloca de um simples jogador anônimo, e o coloca numa relação outra, muito mais íntima com o público.

Outro atleta brasileiro em que pode ser analisada essa nomeação valorativa é o atacante brasileiro Edson Arantes, o Pelé. É possível observar que em vários momentos este atleta é denominado por rei. No minuto 15' 25", o narrador diz "Dominou o rei!", referindo-se ao atleta em destaque. O mesmo acontece no 31' 29", quando verbaliza: "A bola vai na conta na cabeça do rei". Já no minuto 35' 10", ele diz: "Para o rei, atrasa a jogada para Gérson". Assim como Rivellino, o narrador ao longo da transmissão de rádio em momentos específicos dá a Pelé o título de rei.

Além de Rivellino e Pelé, outros dois jogadores também são nomeados não por seus nomes, mas por apelidos. O volante da Seleção Brasileira, Clodoaldo, geralmente é descrito como "Clodô". Isso pode ser observado no minuto 22' 46", quando o narrador fala "Clodô pela direita" e também no minuto 29' 27", sendo dito pelo comunicador esportivo: "Desde Clodô pela direita". O outro jogador é Gérson, meia esquerda da Seleção Brasileira, sendo chamado geralmente por "o canhotinha de ouro". No minuto 24' 06", isso acontece em "Vai levando o canhotinha de ouro do futebol brasileiro", assim

como no minuto 29' 21", quando o narrador diz "Vai caminhando o canhotinha de ouro", ou também no minuto 33' 22" em "Vai o canhotinha trabalhando".

A partir dos excertos acima, observa-se que o uso de apelidos e expressões dadas aos jogadores pelo narrador responde a uma dada demanda enunciativa: uma tentativa de dar valor ao jogador brasileiro, excluindo os jogadores italianos. Ao fazer isso, o narrador busca trazer uma identidade aos jogadores da Seleção Brasileira. Assim, conforme Sargentini e Navarro (2004), o processo de produção de identidade decorre do fato de cada enunciado colocar em cena o sujeito, o que eles dão o nome à memória do dizer. "A identidade vai, pois, sendo construída a partir da memória que emerge em determinados momentos, sempre lembrando que em cada emergência há a produção de um novo sentido, nunca o mesmo" (SARGENTINI, NAVARRO, 2004, p.121).

Há uma tentativa, também, de humanizar o jogador brasileiro, justamente por meio desses apelidos, aproximando o ouvinte do atleta. Sobre tal humanização, Almeida (2004) coloca que o processo de popularização do futebol se deu pela utilização de um vocabulário informal. Abreu (2001, p. 3) auxilia revelando que as expressões fazem parte do "vocabulário popular, seja porque dele foram extraídas, seja porque acabam sendo absorvidas por força da mídia. Temos aqui um caso de interação de linguagem, em que locutores e ouvintes se complementam".

Quando o narrador diz "Riva" e não Rivellino, há a produção de uma identidade, que coloca o sujeito Rivellino em cena. Isso produz um novo sentido ao jogador, não sendo considerado apenas um atleta de futebol, mas um jogador próximo e até amigo. O apelido é caracterizado historicamente por algo que se dá a um amigo ou a alguém bem próximo. Com isso, é a partir dessa análise discursiva do enunciado "Riva" que se pode observar uma tentativa de produzir identidades nos jogadores da Seleção Brasileira. O mesmo pode ser observado quando o narrador utiliza "Clodô" em vez de Clodoaldo.

Já sobre Pelé, denominado como "rei", o enunciado retoma outros

discursos criados historicamente sobre o jogador, no funcionamento do campo associado. O sentido circunscrito nesse enunciado possibilita observar então que há um “reino” no futebol mundial e que este precisa de um rei para que o mesmo possa existir. Dentre tantos jogadores que poderiam estar neste posto, somente o jogador brasileiro é apto para estar. Esse jogo enunciativo se efetiva a partir do funcionamento de uma memória discursiva (GREGOLIN, 2007). Ou seja, há sempre um cruzamento entre passado e presente, em que cada enunciado se relaciona com outras séries de formulações, com outros trajetos que se cruzam e constituem identidades no funcionamento da memória discursiva. Dessa forma, o enunciado “rei” só é validado por formulações anteriores, possibilitando sua circulação na sociedade brasileira.

Por fim, é possível analisar, também, a produção de sentido dada a Gérson, denominado pelo narrador como “canhotinha de ouro”. Primeiro, é necessário avaliar o porquê do enunciado “canhotinha” e não “canhota”. Historicamente, enunciados no diminutivo dão um sentido de intimidade e carinho, fato que não acontece quando é utilizado “canhota”. Dessa forma, este enunciado produz sentidos de aproximação do jogador e público, ao longo da partida. A utilização do enunciado “ouro” também pode ser analisada com esse mesmo olhar.

A produção de sentidos de “ouro” se refere historicamente como algo raro, difícil de ser encontrado na natureza com certa facilidade. Ou seja, há uma produção de sentidos que coloca Gérson como um jogador único, algo que não pode ser encontrado em outro lugar que não seja em solo brasileiro. Sobre esse olhar, Navarro (2012) expõe que, ao analisar determinado enunciado midiático, a investigação das memórias ali presentes e suas relações de sentido podem contribuir na observação do funcionamento das práticas discursivas materializadas nos enunciados midiáticos.

Narrativa das jogadas de destaque

Uma das regularidades mais marcantes na narração é a narrativa em

jogadas de destaque, sempre utilizando adjetivos, metáforas, advérbios e outros recursos discursivos para descrever as jogadas dos brasileiros. Observa-se a presença dessa regularidade em lances de perigo, como por exemplo em chutes para o gol adversário ou dribles realizados pelos atletas brasileiros.

Na materialidade, observamos quando o narrador fala sobre um chute de um jogador brasileiro, no minuto 1h 04' 31", em "Correu o garoto, disparou a mortífera, defendeu!". Nesse caso, há a utilização do adjetivo "mortífera" para qualificar o chute do atleta brasileiro. Essa característica pode ser vista também logo em seguida, no minuto 1h 04' 52", em "Inteiramente livre, o zagueiro nacional que atua splendidamente". O uso do enunciado "splendidamente" qualifica a atuação do zagueiro brasileiro, diferentemente daquilo narrado quando são os jogadores italianos os donos das ações de jogo. Também no minuto 1h 14' 48", o narrador diz: "Situação excepcional para Rivellino, mas pode bater também Pelé". Há nesse caso também o adjetivo "excepcional", qualificando a situação que pode resultar em um gol brasileiro.

O mesmo acontece no minuto 1h 08' 00", quando o narrador diz "quase que a trama diabólica resulta no segundo tento". O uso de "diabólica" mais uma vez qualifica a jogada brasileira que quase terminou em um gol. O comentarista, ao relatar um chute de um jogador brasileiro, também faz uso de adjetivos, no minuto 1h 09' 18" quando diz, "Ele trabalhou excepcionalmente bem, o garoto do parque, atirou entretanto com violência, muito alto, pela linha de fundo". Em outro momento, no minuto 1h 13' 05", o comentarista dá sua opinião sobre uma jogada brasileira: "A jogada foi sensacional, o tiro carimbou o poste superior da baliza italiana, quase Rivellino, quase o segundo gol". Nesse enunciado, além do adjetivo "sensacional", é notória a utilização do advérbio "quase".

Um momento específico em que pode ser observada a utilização constante de adjetivos, superlativos e outros recursos discursivos é nos gols brasileiros. No segundo gol, por exemplo, no minuto 1h 19' 20", o narrador se exalta ao descrever o gol brasileiro: "Gérson, Gérson, Gérson, desempata com

um golaço, um tirambaço, Gérson, pode ser o gol do campeonato, Gérson, oito é a camisa dele, indivíduo competente o Gérson”. Logo em seguida, no minuto 1h 19' 58”, o comentarista relata o gol brasileiro da seguinte forma: “espetacular o gol do canhotinha, atirou com a esquerda mortífera”. Com isso, é necessário destacar os superlativos “golaço” e “tirambaço” e também a utilização dos adjetivos “competente” e “espetacular”, sempre retomando as jogadas ou os jogadores brasileiros que executaram tal ação de jogo.

Adjetivos presentes na narração, citados acima como “esplendidamente”, “excepcional”, “sensacional” e “espetacular”, são utilizados geralmente para caracterizar produções artísticas, como óperas, peças de teatro, exposição de quadros, entre outros. Dessa forma, constrói-se o futebol brasileiro como uma produção artística da mais alta qualidade e que o público (os ouvintes) deve apreciá-lo. Nesse caminho, Soares (1994) acredita que uma das características mais marcantes do rádio esportivo é transformar o evento em propriamente um espetáculo. “O rádio esportivo foi e continua sendo como um teatro. Os locutores apresentam o espetáculo e o ouvinte aplaude os artistas” (SOARES, 1994, p. 34).

O futebol como um espetáculo e um produto artístico também é defendido por Abreu (2001), afirmando que o rádio esportivo constrói um verdadeiro show. Segundo o autor, tal construção narrativa do evento tem apelo sensorial, lançando mão de sonorização ambiente e de uma riqueza descritiva. Assim, a narração realça o futebol como um espetáculo que passa apenas de um mero entretenimento, mas sim uma produção mais sofisticada e com traços de elegância.

Assim, o uso desses enunciados permite tal produção de sentidos, possibilitando que o futebol seja tido como uma arte e os jogadores brasileiros sejam vistos como artistas. Esse discurso se faz presente no cenário futebolístico brasileiro, ou seja, esses discursos constituíram o que era entendido como futebol brasileiro em 1970. Um “futebol arte” em que nenhuma outra nacionalidade poderia fazer páreo com o que era jogado aqui no Brasil.

Observamos essa construção discursiva sobre o futebol-arte, bem como seus jogadores, no minuto 1h 24' 16", quando o narrador diz: "É a vitória da raça, da fibra, da garra, do coração, é vitória de noventa milhões que amam esse querido e imenso Brasil". O funcionamento deste enunciado qualifica a vitória brasileira como uma verdadeira guerra. Nas guerras entre duas nacionalidades, é preciso ter fibra, raça e garra, pois sem esses componentes não há vitória. É como se os jogadores estivessem no campo de batalha duelando contra outra nacionalidade. A produção desse sentido reforça ainda mais a narrativa de que são necessárias muitas lutas e batalhas para a conquista do título mundial, valorizando, dessa forma, os feitos dos atletas brasileiros. Além disso, quando o narrador diz "É vitória de noventa milhões que amam esse querido e imenso Brasil", discursivamente, busca-se colocar a vitória como sendo de todos os brasileiros, como se todos os brasileiros estivessem em campo e tivessem vencido a batalha.

O uso de "noventa milhões" retoma a outros enunciados relevantes nesse cenário da Copa do Mundo de 1970. Um olhar histórico para tal enunciado é que o Brasil, na década de 70, vivia em uma ditadura militar. Conforme Rollemberg (1999), o país atravessava o período de maior popularidade do regime, sob a presidência de Emílio Garrastazu Médici, com o início do "Milagre Econômico". Assim, a vitória nas quatro linhas foi incorporada e associada a este momento positivo. Agostino (2002) complementa que o governo brasileiro explorou o tricampeonato através de todas as formas possíveis, buscando potencializar o futebol como um fator capaz de promover a unidade entre os brasileiros. Com isso, ao utilizar-se de "noventa milhões", o narrador colabora para a unificação de todos os brasileiros, característica que era fundamental para o então atual regime político.

Neste mesmo ano, houve também o lançamento da música oficial da Seleção Brasileira para a referida Copa do Mundo. A música nomeada "Pra Frente, Brasil" se inicia com o trecho: "Noventa milhões em ação/ Pra frente, Brasil/ Do meu coração/ Todos juntos vamos/ Pra frente, Brasil/ Salve a

Seleção!”. Com isso, constituiu os ouvintes brasileiros que estão sendo bem representados pelos jogadores que estão em campo. Ou seja, cada um dos atletas ali está correndo não somente por si mesmo, mas por todos os ouvintes brasileiros. Nesse mesmo sentido, é como se não houvesse somente os onze jogadores em ação, mas noventa milhões de brasileiros que, apesar das dificuldades, sempre podem “vencer suas batalhas diárias”.

Avaliação da arbitragem: o desafio na trajetória do herói

Outra regularidade presente na narração em destaque são as pontuações do comentarista sobre a arbitragem. Em todo momento, é possível observar que o comentarista sempre relata algum acontecimento da partida como se a arbitragem estivesse atrapalhando e ajudando a equipe italiana de alguma forma. Tais comentários criam um cenário em que há barreiras, dificuldades e obstáculos que os jogadores brasileiros precisam enfrentar para conseguir êxito. Sobre esse funcionamento, Campbell (1995) reflete que o herói futebolista é caracterizado como um atleta que conseguiu superar as dificuldades e conquistou feitos relevantes no cenário competitivo do esporte. Assim, o autor explica que a “saga clássica do herói fala de um ser que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, os vence e retorna à casa, trazendo benefícios aos seus semelhantes” (CAMPBELL, 1995, p. 36).

Dessa forma, a superação de obstáculos se dá como uma das características de todo ídolo futebolista. Campbell (1990, p. 133-134) conclui que as provações são concebidas para “ver se o pretendente a herói pode realmente ser um herói. Será que ele está à altura da tarefa? Será que é capaz de ultrapassar os perigos? Será que tem a coragem, o conhecimento, a capacidade que o habilitem a servir?”.

Conforme Helal (2003), a narrativa clássica do herói fala de superação de obstáculos, redenção e glória. O autor coloca que essa superação é como se o problema sofrido pelos jogadores aproximasse o ídolo dos fãs, aumentando a identificação e iniciando uma nova trajetória de ídolo esportivo.

Dessa forma, o pesquisador observa que essa trajetória possibilita a criação de ídolos esportivos, especificamente no futebol brasileiro.

Na materialidade analisada, observa-se que constantemente o comentarista expõe obstáculos que os jogadores brasileiros precisam ultrapassar; a arbitragem (o árbitro da partida era o alemão Rudolf "Rudi" Glöckner) sempre está contra a Seleção Brasileira. Em 34' 55", o comentarista se revolta com a marcação de um impedimento: "Absurdo, absurdo, absurdo, não houve impedimento".

No minuto 53' 43", também é possível observar esse no trecho "Esse juiz não entende, não conhece o que é bola prensada". O mesmo acontece no minuto 57' 18", em "A coisa mais absurda é essa advertência do árbitro ao atleta brasileiro, ele levou um pontapé propositadamente e ele marca a falta certa a favor do Brasil, e vai lá e adverte o jogador brasileiro, é um brincalhão". Logo em seguida, o comentarista se indigna novamente com o árbitro, no minuto 58' 19": "Senhoras e senhores, além de faltar quinze segundos, vejo o propósito da imparcialidade desse árbitro! Como ele marca com precisão cronométrica aquilo que não existiu? Pelé dominou a bola no peito, fez o gol e ele anulou ainda faltando quinze segundos! "Ô ratazana!"

Nesses excertos, observa-se que o comentarista sempre descaracteriza o juiz, nunca o chamando pelo nome. Diferentemente do que acontece com os jogadores brasileiros e italianos, o comentarista se refere ao árbitro sempre como "esse juiz". Vale destacar que o nome próprio, na cultura brasileira é de extrema importância, bem como quando nascemos já há um registro no cartório para identificar tal pessoa. Ou seja, quando a equipe de transmissão da partida verbaliza "esse juiz" se produz um sentido de que o mesmo não tem relevância e que tudo que ele faça haja uma certa desconfiança.

Já o enunciado "absurdo" e sua constante repetição são utilizados com frequência em nossa cultura em situações quando há escândalos políticos envolvendo corrupção e grandes roubos. Dessa forma, este reforça que há determinada predisposição do árbitro em cometer erros contra a Seleção

Brasileira, sendo assim, considerado ladrão e não merecedor do exercício de sua função como juiz. Por outro lado, quando algum jogador italiano sofre uma falta, o discurso do narrador e do comentarista é completamente diferente. Em nenhum momento a equipe de transmissão utiliza o enunciado “absurdo” para caracterizar uma falta cometida por algum brasileiro sobre os italianos.

Além disso, também é necessário analisar como a voz do comentarista está inserida nesse contexto. No minuto 34' 55", por exemplo, quando o comentarista diz: “Absurdo, absurdo, absurdo, não houve impedimento”. Assim, é possível observar que o comentarista usa uma voz ríspida, aguda e gritante. O tom de voz utilizado reforça seu sentimento de revolta e raiva no momento em que está fazendo seus comentários. Tais elementos produzem sentidos ancorados em uma dada vontade de verdade: a de que a arbitragem é imparcial e que a Seleção Brasileira está sendo constantemente prejudicada.

Comentarista e narrador: da posição sujeito de especialista/técnica à de torcedor

Outra regularidade discursiva que vale destacar é a posição sujeito do comentarista e do narrador ao longo da transmissão. Na posição-sujeito de jornalistas esportivos, espera-se que ambos exerçam a função de informar ao público. Com isso, o narrador é responsável por descrever os lances, já o comentarista tem a função de analisar taticamente e tecnicamente a partida. Contudo, como assevera Foucault (1987, p. 59) “as posições de sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos”. Assim, ao analisar a transmissão, observa-se que, ao enunciar, há um deslocamento da posição-sujeito jornalista esportivo – que seria aquele que relata, que observa, que descreve – para a posição-sujeito de torcedor.

No minuto 58' 55", o narrador, antes de começar o segundo tempo, diz:

“Deus há de nos ajudar para ganharmos esse cortejo”. Esse mesmo tipo de enunciado se repete no minuto 1h 15' 04", quando o narrador enuncia: “pode ser o segundo gol do Brasil, Deus queira”. Pela terceira vez, no minuto 1h 31' 03", o narrador diz: “com o Brasil de tricampeão, se Deus quiser”. Em 1h 13' 39", o narrador declara sua torcida: “Vamos embora, Brasil!”. Esse mesmo enunciado acontece exatamente da mesma forma no minuto 1h 17' 29", repetindo o “Vamos embora, Brasil!”. Tal enunciado se repete pela terceira vez no minuto 1h 20' 36", quando o narrador comemora o segundo gol brasileiro: “Vamos embora, Brasil, vamos para o tri, vamos para o tri, Brasil, se Deus quiser”. No minuto 1h 16' 31", também é perceptível tal torcida, quando o narrador dá uma informação sobre caso a partida acabe empatada: “se houver empate, o que não esperamos, porque estamos contando com a vitória do Brasil por 3 a 1, mas se houver empate, prorrogação de 30 minutos, se persistir o empate, novo jogo na terça-feira. Mas esperamos que o Brasil vença por 3 tentos a 1”.

Outro excerto é o minuto 1h 21' 27", quando o narrador diz que o atleta italiano precisa ser expulso por uma falta cometida em cima de Pelé: “Tem que ser expulso, tem que ser expulso, tem que ser expulso, tem que ser expulso!”. Logo após o jogador ser expulso, o narrador diz, no minuto 1h 22' 02": “Brasil, vamos na bola, vamos na raça, vamos no coração, vamos para o tricampeonato Brasil!”.

Vemos se desenhar essa posição-sujeito também nas falas do comentarista ao longo da transmissão radiofônica. Logo após o segundo gol brasileiro, no minuto 1h 19' 54", o comentarista diz: “Avante, Brasil!”. O mesmo enunciado se repete no minuto 1h 22' 20" e no minuto 1h 24' 43". Pela quarta vez, no minuto 1h 26' 47", o comentarista diz: “Avante, Brasil, a corrente da vitória brasileira”.

Em primeira instância, vale destacar a utilização recorrente do enunciado “se Deus quiser”. Esse tipo de enunciado é validado e pronunciado pelo narrador justamente por conta de o Brasil ser considerado um país cristão. Esse discurso também constitui o ouvinte brasileiro cristão que faz

cotidianamente suas orações a Deus e que espera um dia ser atendido. Um brasileiro que tem esperança e acredita que algo maior do que ele pode operar milagres e fazer o impossível se tornar real. O tornar-se real, nesse caso, é a conquista de mais um título nacional para o Brasil. Assim, são 90 milhões de brasileiros em constante oração para que o bem (Seleção Brasileira) vença o maligno (Seleção Italiana).

Outra construção de sentido que pode ser observada quando narrador utiliza enunciados referentes ao divino é a tentativa de transformar os simples atletas em semideuses e seres com superpoderes. Dessa forma, quando os enunciados são verbalizados favoráveis somente à Seleção Brasileira, cria-se um sentido de que os atletas brasileiros estão sendo amparados pelas forças divinas e que isso pode favorecer a equipe brasileira em campo.

Além da utilização constante desses enunciados relacionados ao divino, também há de se destacar o uso do "Avante, Brasil!" com frequência. Analisando discursivamente, a produção de sentidos desse enunciado se liga com outros enunciados verbalizados anteriormente, no funcionamento do campo associado. Um fato relevante é que esse mesmo enunciado "Avante, Brasil!" foi utilizado também com frequência na Proclamação da República do Brasil, em 1889. Ou seja, quando esse enunciado é utilizado no comentário da narração, emergem sentidos próprios de valores ufanistas, de independência, liberdade e autonomia. A cada gol do Brasil, em que o comentarista diz "Avante, Brasil!", constrói-se a ideia de que o futebol brasileiro é independente e pode jogar seu melhor futebol, sem precisar "importar" alguma característica do futebol europeu.

Pode-se também citar vários outros contextos em que o "Avante, Brasil" foi utilizado para produzir um sentido de liberdade e autonomia. Em 1930, a Revolução liderada por Getúlio Vargas já utilizava esse discurso de avanço. Outro momento histórico relevante que reverberou esse discurso foi no governo de Juscelino Kubitschek, juntamente com o famoso enunciado "50 anos em 5". Por fim, seis anos antes da Copa do Mundo de 1970, em 1964, o Brasil viu seu país ser transformado em uma ditadura militar. Novamente, o

discurso de “Avante, Brasil” apareceu de forma evidente nos dizeres dos principais grupos políticos favoráveis a essa conjuntura política. Dessa forma, é perceptível que o “Avante, Brasil” verbalizado pelo narrador se liga a diversos outros contextos políticos e sociais da história brasileira.

Assim, para que tais enunciados existam, é preciso uma base histórica e social. Foucault (1996) frisa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época, sendo preciso considerar as condições históricas para o aparecimento de um objeto discursivo que garantam esse dizer em determinada época. Sargentini e Navarro (2004) corroboram evidenciando que não é qualquer sujeito que pode sustentar um discurso. Assim, o narrador e o comentarista estão em uma condição histórica que permite que os mesmos sejam verdadeiros torcedores.

Sargentini e Navarro (2004) ainda explicam que é preciso, antes de tudo, que lhe seja reconhecido o direito de falar, que fale de um determinado lugar reconhecido pelas instituições, que possua um estatuto tal para proferir discursos. Gregolin (2007) também evidencia que discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, ou seja, compreender que quem fala, fala de algum lugar, sempre baseado em um direito reconhecido institucionalmente.

Dessa forma, quando o narrador e comentarista verbalizam enunciados de torcida à Seleção Brasileira, os mesmos estão sendo sustentados em um direito reconhecido institucionalmente, que nesse caso é um veículo de comunicação de massa brasileiro. Esse mesmo discurso a favor da Seleção Brasileira em outro país não surtiria o mesmo efeito.

Por fim, também vale destacar a importância da voz nesse cenário de comentarista e narrador na posição sujeito de especialista se transformando em torcedores. Enquanto profissionais da comunicação, na posição-sujeito de jornalistas-esportivos, ambos deveriam se manter isentos e realizarem seu trabalho com imparcialidade.

Sonoplastia: trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio

A sonoplastia da narração em prol da construção discursiva dos ídolos

do futebol também é uma regularidade a ser destacada. Na materialidade, observamos de maneira mais presente na narração em si (narrador e comentarista) – verbo (texto) e sua vocalização –, bem como no silêncio e também em um efeito sonoro específico, sempre utilizado em lances que são favoráveis à Seleção Brasileira. O recurso sonoro se caracteriza como uma vinheta que diz: “Brasil, sil, sil, sil, sil, sil”. Vale destacar que esse recurso é utilizado enquanto o narrador ou o comentarista falam, misturando-se, então, com a narração e os comentários. Um fato relevante nessa análise é que a vinheta é a mistura de um homem gritando “Brasil, sil, sil, sil, sil, sil” juntamente com um efeito sonoro que remete a um som de alerta (como se fosse uma sirene). Tal função produz um sentido de identificação sonora entre os ouvintes, sempre remetendo o som a grandes momentos da Seleção Brasileira naquela referida Copa do Mundo.

Em todos os quatro gols da Seleção Brasileira, há a utilização dessa vinheta, diferentemente de quando a equipe italiana faz seu gol, sem a inserção de recursos sonoros. Neste caso, o silêncio é prenhe de sentidos, seja como uma espécie de apagamento ou minimização do próprio acontecimento, como uma lamentação pelo ocorrido, como algo não digno de um som capaz de exaltá-lo.

Em todos esses momentos, compreende-se que os recursos sonoros são constitutivos deste enunciado – transmissão da partida –, conferindo-lhe sentidos. Além de criar uma identificação com o público que está ouvindo, o recurso propicia um cenário de êxtase e animação frente aos lances que estão sendo descritos. Juntamente com a voz do narrador e o barulho da torcida, o efeito sonoro se mistura com outros elementos sonoplásticos e permite um ambiente de animação por parte dos ouvintes.

Sobre a utilização de tal recurso sonoro (efeitos), Almeida (2004) expõe que esse mecanismo sonoro permitiu uma maior proximidade entre o narrador e os ouvintes. O autor ainda frisa que o rádio buscou por meio dos vários recursos da linguagem radiofônica (a capacidade emotiva da voz, músicas, vinhetas) levar a magia ao ouvinte. Essa magia citada pelo autor é

constantemente observada na narração em questão, utilizando-se dos recursos sonoros para transformar a partida de futebol em um verdadeiro espetáculo. O estilo de narração super veloz e as inserções dos comentaristas deixam a transmissão mais dinâmica e fluida.

Algumas considerações

A discussão desenvolvida neste artigo, da construção teórica erigida pelo próprio movimento de análise até sua realização, buscou analisar discursivamente a transmissão radiofônica (da Rádio Nacional) da final da Copa do Mundo de 1970 e compreender como a mesma construiu os ídolos do futebol brasileiro.

Para que tal indagação fosse respondida, buscou-se, primeiramente, discutir como se deu o encontro entre rádio e futebol e como ambos foram importantes no processo de popularização do esporte e também do meio de comunicação.

Dessa forma, os objetivos em questão foram amplamente debatidos ao longo da discussão teórica e da análise discursiva da narração. Os objetivos se estabelecem em analisar, a partir da Análise do Discurso Francesa com recorrência a Michel Foucault, as coberturas jornalísticas esportivas no rádio, envolvendo narradores, repórteres e comentaristas.

Um dos objetivos centrais foi também refletir sobre a relação entre discurso e sujeito, para a compreensão de como a transmissão radiofônica se relaciona com os ouvintes, discutindo a relevância e influência do rádio no processo de popularização do futebol no Brasil. Houve, além disso, um olhar sobre a importância deste meio de comunicação na sociedade brasileira, e, por fim, levantando quais regularidades discursivas se fazem presentes nas transmissões futebolísticas no rádio que constroem os ídolos do esporte.

Com isso, o artigo caminhou para entender o que é considerado discurso na corrente foucaultiana e como este é inerente às relações sociais, sendo condição e produto da história. Além disso, a pesquisa se debruçou também em compreender como o discurso, na ótica foucaultiana, funciona no

campo midiático, visto que a pesquisa analisa discursos midiáticos radiofônicos. Afinal, a mídia desempenha um papel central na construção dos ídolos do futebol brasileiro.

A Análise do Discurso propõe que a própria construção teórica se dá mediante incômodo do pesquisador frente ao seu objeto analítico. Para a realização desse empreendimento analítico, Orlandi (2013) explica que são necessários dois movimentos fundamentais: descrever e interpretar o objeto.

Como gesto de análise, levantaram-se cinco regularidades discursivas que estão presentes na narração e que explicitam a construção discursiva de ídolos do futebol brasileiro. A partir das materialidades discursivas na narração, o gesto de interpretação buscou compreender quais sentidos são produzidos e colocados em circulação.

As análises das cinco regularidades discursivas presentes na narração, da final da Copa do Mundo de 1970, apontam para o funcionamento discursivo na construção dos ídolos do futebol no enunciado em questão: nomeação valorativa dos jogadores; narrativa das jogadas de destaque; avaliação da arbitragem: o desafio na trajetória do herói; comentarista e narrador: da posição sujeito de especialista/técnica à de torcedor; e a sonoplastia: trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio.

Tais regularidades discursivas foram essenciais no debate sobre como a linguagem (discurso, neste caso) radiofônica foi utilizada para a formação de ídolos nacionais do esporte. Cada uma delas evidenciou sinais e múltiplos sentidos que são colocados em uma partida de futebol transmitida via rádio.

Observou-se que os narradores e comentaristas constroem, a todo o momento, os ídolos do futebol brasileiro em suas enunciações. Isso se deu por inúmeras estratégias discursivas, que constituem o próprio funcionamento da narração esportiva e que, não obstante, é o resultado de uma ligação com vários outros discursos já existentes, retomando novamente a questão da memória discursiva debatida por Gregolin (2007).

Com isso, a criação do ídolo no futebol brasileiro se dá primeiramente no entendimento do porquê de certos discursos serem verbalizados em uma

situação e em outros momentos, não. Trazendo para o objeto em questão, compreender como os narradores e comentaristas anunciam as jogadas, dribles e gols dos jogadores da Seleção Brasileira e como isso não acontece com a Seleção Italiana é de suma importância na elaboração de uma resposta para a questão norteadora.

Dessa forma, o ídolo é criado no exato momento em que o discurso é produzido e colocado em circulação para os ouvintes brasileiros apaixonados por esse esporte, produzindo sentidos sobre e para os atletas naquele determinado momento histórico. A Seleção Brasileira, após o fracasso na edição anterior da Copa do Mundo, vinha em busca do seu tricampeonato. A expectativa da retomada de um futebol que enchesse de orgulho o brasileiro só seria possível através de um discurso que pudesse elevar o status dos jogadores, transformando-os em reais ídolos brasileiros. A escolha por esses ídolos se deu justamente por aqueles que melhor representavam a camisa verde e amarela, envolvendo os autores dos gols e também outros jogadores que estavam nas conquistas de 1958 ou 1962.

Logo, destacam-se as condições de possibilidade para o aparecimento deste discurso e não outro em seu lugar no momento social e político do Brasil em 1970. Tratava-se de um país com um senso de nacionalismo exacerbado e com traços ufanistas. Assim, a criação de ídolos não se deu de uma forma casual. Há uma ordem do discurso que o faz aparecer em dado momento da história, e que, neste caso em tela, se dá por meio do maior meio de comunicação da época, em um evento esportivo de escala mundial que liga de modo íntimo o rádio, o futebol e seus ouvintes/torcedores.

Referências

ABREU, João Batista. **Metáforas, hipérboles e metonímias, uma jogada de efeito – o discurso do radiojornalismo esportivo**. Trabalho apresentado para a disciplina Comunicação e Significação, do Prof. Milton José Pinto, do programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1. sem. 2001.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Faperj/Mauad, 2002.

ALMEIDA, Alda de. Rádio e Futebol: gritos de gol de Norte a Sul. II Encontro Nacional de História da Mídia – Rede Alfredo de Carvalho, **Anais [...]**, Florianópolis, 2004.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 1995.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**, São Paulo: Palas Athena, 1990.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FERRARETTO, Luiz Arthur. Rádio e capitalismo no Brasil: uma abordagem histórica. In: HAUSSEN, Doris Fagundes.; BRITTOS, Valerio Cruz. (Org.). **Economia política, comunicação e cultura: aportes teóricos e temas emergentes na agenda política brasileira**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2009. p. 93-112.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FUTNATICO. Brasil 4 x 1 Itália Final Copa 70 completo Jorge Curi e Waldir Amaral. 2018. Disponível em. <<https://www.youtube.com/watch?v=ya5N1JbEPpQ>> . Acesso em 07 março de 2022.

GÖTZ, Ciro Augusto. A narração esportiva no rádio do Brasil: uma proposta de periodização histórica. **Revista Âncora**. João Pessoa, v.7, n.1, p. 66-86, jan./jun. 2020.

GREGOLIN, Maria. Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo (CMC) – Revista de Comunicação**, São Paulo, v. 4, n. 11, 2007.

GUERRA, Márcio. **Rádio x TV: O jogo da narração**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Juiz de Fora: Juiz de Forana Editora e Gráfica, 2006.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-36, jul./dez. 2003.

MARQUES, José Carlos. **O mito construído, desconstruído e restituído: o caso cíclico de Ronaldo Fenômeno**. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 28., 2005. Rio de Janeiro. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso – princípios e procedimentos**. 11. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2013.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílio**: entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999.

RUBIO, Katia. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, v. VI, n. 119 (95), ago. 2002.

SARGENTINI, Vanice. A descontinuidade da história: a emergência dos sujeitos no arquivo. In: SARGENTINI, V; NAVARRO-BARBOSA, P. (org). **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividades. São Carlos: Claraluz, 2004, p 77-96.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar, o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.

SOUSA, Katia Menezes de. Das condições de possibilidade dos discursos em Michel Foucault: uma breve análise do presente. In: FERNANDES JÚNIOR, Antônio; STAFUZZA, Grenissa Bonvino (org.). **Discursividades contemporâneas**: política, corpo, diálogo. Campinas: Mercado de Letras, 2017, p. 101-129.

Revisitando as transmissões radiofônicas pioneiras de Jogos Olímpicos no Brasil

Revisiting the pioneering radio broadcasts of the Olympic Games in Brazil

Revisitando las transmisiones radiales pioneras de los Juegos Olímpicos en Brasil

William Douglas de Almeida; Daniel Gomes do Nascimento Araújo e Katia Rubio

Resumo

Indubitavelmente, as transmissões esportivas fazem parte da história do rádio brasileiro. O futebol, como modalidade esportiva com o maior apelo junto ao público, tem a sua história radiofônica bem documentada. Todavia, os Jogos Olímpicos são uma competição de caráter universalista, que também contam com uma grande atenção das emissoras de rádio e uma bibliografia menor. Este artigo tem como objetivo apresentar o trabalho desenvolvido pelas emissoras pioneiras na transmissão de Jogos Olímpicos no Brasil, com destaque para o trabalho da Rádio Nacional. A cobertura realizada pela emissora atingia diversos pontos do país, seja pelas ondas da própria emissora, ou pelo sistema de *pool*. Mesmo sem o apelo imagético da televisão, o rádio teve um papel fundamental para a difusão de informações sobre os Jogos Olímpicos durante muitos anos no Brasil, e a Rádio Nacional teve papel de destaque.

Palavras-chave: Olimpismo; Esporte; Rádio Nacional.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 22/12/2022 aceito em: 06/06/2023.

>> Como citar este texto:

ALMEIDA, William Douglas de; ARAÚJO, Daniel Gomes do Nascimento; RUBIO, Katia. Revisitando transmissões radiofônicas pioneiras de Jogos Olímpicos no Brasil. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 76-104, jan./jul. 2023.

Sobre os autores

William Douglas de Almeida
jornalismo_william@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-9838-0934>

Pós-doutorando na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e doutor pela Escola de Educação Física e Esporte da mesma instituição. Especialista em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte pela FMU. Jornalista formado pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (FAAC /Unesp). Membro da Academia Olímpica Brasileira.

Daniel Gomes do Nascimento
danielgomes.jornalista@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5541-5113>

Especialista em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte pela FMU. Jornalista formado pela FAAC /Unesp.

Katia Rubio
katrubio@usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-5632-6494>

Professora associada da Faculdade de Educação da USP, onde fez doutorado em Educação e mestrado em Educação Física. É jornalista formada pela Faculdade de Comunicação Social da Cásper Líbero e psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fez pós-doutorado em Psicologia Social na Universidade Autônoma de Barcelona. Coordena o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO-USP)

Abstract

Undoubtedly, sports broadcasts are part of Brazilian radio's history. Football, as the sport with the greatest appeal to the public, has a well-documented radio history. However, the Olympic Games are a competition with a universalist character, which also have great attention from radio stations and a smaller bibliography. The aim of this article is to present the work developed by the pioneer broadcasters in the transmission of the Olympic Games in Brazil, with emphasis on the work of Radio Nacional. The coverage carried out by the station reached several points in the country, either by the waves of the station itself, or by the pool system. Even without the imagery appeal of television, radio played a key role in disseminating information about the Olympic Games for many years in Brazil and Radio Nacional played a prominent role in this coverage.

Keywords: Olympism; Sport; Radio Nacional

Resumen

Sin duda, las transmisiones deportivas forman parte de la historia de la radio brasileña. El fútbol, como el deporte de mayor atractivo para el público, tiene una historia radiofónica bien documentada. Sin embargo, los Juegos Olímpicos son una competición de carácter universalista, que también cuentan con una *gran atención de las emisoras de radio y una bibliografía más reducida. El objetivo de este artículo es presentar el trabajo desarrollado por las emisoras pioneras en la transmisión de los Juegos Olímpicos de Brasil, con énfasis en el trabajo de Radio Nacional. La cobertura realizada por la estación llegó a varios puntos del país, ya sea por el oleaje de la propia estación, o por un *pool*. Incluso sin el atractivo de las imágenes de la televisión, la radio desempeñó un papel clave en la difusión de información sobre los Juegos Olímpicos durante muchos años en Brasil y Radio Nacional jugó un papel destacado en esta cobertura.

Palabras clave: Olimpismo; Deporte; Rádio Nacional

Introdução

Propagar informações de maneira ágil, seja a partir dos estúdios, seja em transmissões de diferentes ambientes, é a essência do rádio desde o surgimento das primeiras emissoras. Ao longo das décadas, o rádio, no Brasil

e no mundo, contou com a possibilidade de transmissões dos mais diversos lugares. O rádio passou por várias mudanças, mas há um elemento que fez e continua fazendo parte da história deste veículo de comunicação: o esporte. No Brasil, país no qual a monocultura do futebol domina o noticiário esportivo, falar sobre transmissões esportivas quase sempre é sinônimo de irradiações futebolísticas.

O rádio serviu de plataforma para a divulgação, massificação e ampliação dos eventos esportivos. Em troca, o meio de comunicação marcado apenas pelos sons construiu uma base fiel de ouvintes e cresceu de maneira exponencial. Criados nos últimos anos do século XIX, os Jogos Olímpicos da Era Moderna passaram por diferentes fases até se tornarem o megaevento que conhecemos nos dias atuais. Os meios de comunicação tiveram um papel de destaque e o rádio foi fundamental na divulgação do evento, principalmente na primeira metade do século XX.

Esse artigo tem como objetivo resgatar a história das primeiras transmissões olímpicas no rádio brasileiro, com ênfase na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que durante muitos anos foi a principal emissora do país e possui, até os dias atuais, alguns registros históricos. Como recorte temporal, adotamos as periodizações de Ferraretto (2018) sobre o rádio, considerando para este estudo principalmente a fase de difusão do meio de comunicação no Brasil, que coincide com as fases de estabelecimento e de conflito dos Jogos Olímpicos da Era Moderna (RUBIO, 2010).

O texto está estruturado da seguinte maneira: explicação metodológica; breve discussão sobre as primeiras transmissões de rádio no Brasil; a entrada do esporte no rádio no Brasil; as primeiras transmissões olímpicas; as transmissões ao vivo de disputas olímpicas pela Rádio Nacional nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952. Concluídas as etapas descritas acima, são feitos os apontamentos de conexões e distanciamentos entre o rádio e movimento olímpico ocorridos com o passar dos anos.

Método

Este é um artigo construído com base em uma metodologia qualitativa. Por meio de uma revisão bibliográfica, apontamos para momentos-chave que conectam o rádio e o olimpismo no Brasil. Para tal, utilizamos como referências textos sobre a história do rádio e o olimpismo. Foram consultados os relatórios oficiais dos Jogos Olímpicos e o acervo da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), atual responsável pela Rádio Nacional.

Como fontes secundárias, houve a consulta a jornais de época. O uso de jornais como fontes de informação é relevante, todavia as informações contidas em periódicos, na medida do possível, devem ser checadas e/ou confrontadas com outras fontes, haja vista a possibilidade de que algumas informações estejam equivocadas, ou que existam diferentes versões sobre um mesmo fato (LEMOS, 2008; GIGLIO, 2013). Para a busca em periódicos das décadas de 1920, 1930, 1940 e 1950, foram realizadas pesquisas na Hemeroteca Digital Brasileira, selecionando diferentes periódicos por meio de palavras-chave (jogos olímpicos, rádio, transmissões esportivas).

Rádio no Brasil, pioneirismo e expansão

Para discorrer sobre a conexão entre rádio e Brasil, é preciso retornar à “pré-história” deste meio de comunicação e se perguntar: afinal de contas, quem inventou o rádio? A patente (e o prêmio Nobel de Física de 1910, pelas pesquisas que levaram ao invento) cabe ao italiano Guglielmo Marconi, no primeiro semestre de 1896. Entretanto, esse pioneirismo é alvo de contestação.

Fornari (2010 apud Ferraretto, 2012) aponta que, já em 1894, um padre brasileiro, Roberto Landell de Moura, fazia transmissões sonoras a distância, com a tecnologia que anos depois se tornaria conhecida como rádio. Almeida (2022) detalha que no dia 3 junho de 1900, Moura transmitiu informações sonoras a uma distância de 8 quilômetros, a partir de um ponto do bairro de Santana, na zona Norte da cidade de São Paulo, até a Avenida Paulista. Um

ano antes, em 16 de julho de 1899, daquele mesmo local, ele conseguiu que a transmissão de rádio chegasse a 4 quilômetros de distância.

Como padre, porém, Roberto Landell de Moura enfrentou muitas resistências para continuar as pesquisas sobre a comunicação a longa distância por meio das ondas sonoras. Até mesmo o fator religioso pesou contra o brasileiro, devido a “lideranças eclesiais que viam, no transmissor desenvolvido pelo brasileiro, ‘o trabalho do demônio’, creditando ao obscurantismo religioso, no qual se inclui a depredação de equipamentos e a destruição dos laboratórios do padre por um bando de fanáticos” (FERRARETTO, 2012, p. 38).

Apesar dos estudos de Landell de Moura, o Brasil ainda demoraria para entrar, efetivamente, na Era do Rádio. Durante muitos anos, o discurso dominante foi que a primeira transmissão de rádio no Brasil ocorreu em 7 de setembro de 1922, como parte das comemorações do centenário da Independência. Contudo, há registros de outros eventos oficiais, com a presença de autoridades brasileiras, com transmissões radiofônicas, em datas anteriores.

A imprensa registra pelo menos duas outras demonstrações relevantes: as do cruzador-couraçado alemão SMS von der Tann, dotado do chamado sistema Telefunken, desenvolvido pelo consórcio Gesellschaft für drahtlose Telegraphie mbH, em 1911, na Bahia; e as da Marconi's Wireless Telegraph Company, no Rio de Janeiro, no ano de 1920. (FERRARETTO, 2018, p. 148)

Em outro texto, Ferraretto (2021) destaca que o pioneirismo do rádio brasileiro é da Rádio Clube de Pernambuco, fundada em 1919. Uma ferramenta importante utilizada por Ferraretto para a compreensão do processo histórico no Brasil é a periodização. Rubio (2010) afirma que a periodização é um recurso amplamente utilizado para facilitar a compreensão histórica dos mais diversos fenômenos. Ao trabalhar com essa sistemática, é importante compreender as passagens entre os períodos como ciclos, não colocando inícios e fins precisos, mas sim vendo as particularidades e compreendendo a riqueza existente nos momentos de transição.

Retomando os estudos de Ferraretto (2018), ele propõe os seguintes períodos:

1) fase de implantação, do final da década de 1910 até a segunda metade dos anos 1930;

(2) fase de difusão, do início da década de 1930 até a segunda metade dos anos 1960;

(3) fase de segmentação, do final da década de 1950 até o início do século XXI;

(4) fase de convergência, de meados da década de 1990 até a atualidade

Para esse artigo, concentramos os estudos na fase de difusão do rádio no Brasil. É neste período que a Rádio Nacional se consolida como um fenômeno de audiência, “fazendo jus à sua denominação e espraiando-se pelo território do país como a única emissora a exercer na história do meio uma hegemonia que ultrapassasse a sua região de origem” (FERRARETTO, 2018, p.11).

A compreensão sobre a expansão do rádio no Brasil entre as décadas de 1920 e o final dos anos 1940 fica mais clara ao analisarmos o levantamento feito por Azevedo (2002). Segundo o autor, durante os anos 1940 e 1950, era comum que uma mesma emissora transmitisse a mesma programação em diferentes frequências. A Rádio Nacional, por exemplo, apresentava sua programação em quatro canais.

Ano	Emissoras fundadas
1923	2
1924	5
1925	3
1926	2
1927	2
1928	2
1929	0
1930	0

1931	1
1932	0
1933	5
1934	15
1935	9
1936	8
1937	5
1938	0
1939	6
1940	10
1941	11
1942	7
1943	3
1944	8
1945	6
1946	26
1947	42
1948	49
1949	26

Fonte: Anuários estatísticos do IBGE 1936 e 1960 (apud Azevedo 2002)

Paralelamente à expansão das emissoras de rádio no Brasil, houve um avanço exponencial do acesso aos aparelhos receptores. Era necessário registrar a compra desse equipamento junto ao Departamento de Correios e Telégrafos. Em 1923 o Brasil tinha registradas 563 licenças de aparelhos; apenas 25 anos depois, em 1948, esse meio de comunicação já era encontrado em 91% dos domicílios do Rio de Janeiro e em 88% das casas de São Paulo (AZEVEDO, 2002).

O rádio era um meio de comunicação que ganhava cada vez mais adeptos e levava para dentro dos lares o lazer, informação e também o esporte, que passava por um momento de afirmação e descobria, em uma relação que começou conflituosa, o poder desse meio de comunicação.

Fundada em 1936, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, inicialmente uma emissora privada, foi incorporada ao patrimônio da União em 1940, durante o período do Estado Novo. Diversos autores, como Crepaldi (2009), Solis (2010), de França Pereira (2012) e Mustafá (2014), destacam o trabalho

realizado pelo governo federal com a estrutura da Nacional, que tornou-se líder de audiência e uma referência em todo o país. De França Pereira (2012, p. 135) destaca que a gestão implantada pela direção da Rádio Nacional a partir de 1940 teve muitos méritos na montagem de programação e atrações, “fazendo-a cada vez mais atrativa e, conseqüentemente, elevando seus índices de audiência”. De acordo com Mustafá (2014), a relevância da Rádio Nacional do Rio de Janeiro ganhou ainda mais destaque a partir de 1942, com a inauguração de um novo transmissor em Ondas Curtas, tornando a emissora uma das mais potentes do mundo. A emissora tinha um papel de destaque na formação da identidade nacional e o esporte, como fenômeno cultural, não ficou à margem desse processo.

Uma paixão inseparável, o rádio e o esporte

“O rádio, positivamente, não está fadado a ter no futebol um campo propício. Não que essa maravilhosa invenção do nosso século seja de completa inutilidade. Pelo contrário, por ser de grande serventia aos amantes de futebol é que os dirigentes de partidas o condenam. [...] O futebol está destinado a ser inimigo figadal do rádio” (GUIMARÃES, 2020, p. 84).

O texto acima parece anunciar uma profecia errada, com ares cômicos. O trecho acima foi publicado pelo jornal *A Gazeta*, em edição de 11 de dezembro de 1930, e recuperado por Guimarães (2020). Em vez de um grande erro, porém, o que as frases acima revelam é um olhar atento e perspicaz sobre uma verdadeira paixão. Esporte e rádio viviam um amor proibido em seus primórdios, mas essa paixão teve final feliz.

Soares (1994) considera que a primeira transmissão de uma partida de futebol no Brasil ocorreu em julho de 1931, com a irradiação de um jogo válido pelo VIII Campeonato Brasileiro de Futebol entre as seleções paulista e paranaense, realizada por Nicolau Tuma, pela Rádio Educadora Paulista. Dois anos depois, a Associação Paulista de Esportes Atléticos tentou proibir as emissoras de transmitir partidas. Apesar de ser uma entidade “amadora”, a mesma estava preocupada com a queda na arrecadação de dinheiro com a

bilheteria dos jogos, e culpava as transmissões radiofônicas por isso.

O conflito em São Paulo, entretanto, estava longe de ser algo inédito. Anos antes, em 1929, o Botafogo proibiu a Rádio Club do Brasil de transmitir informações ao vivo sobre um amistoso realizado entre a seleção carioca e os italianos do Bologna. Guimarães (2020) aponta que, dias antes, o Fluminense havia realizado um amistoso contra o Ferencvaros, da Hungria, e que a mesma proibição já havia ocorrido. Ainda segundo o autor, em novembro de 1929, o jornal *A Manhã* publicou que a Confederação Brasileira de Desportos havia proibido a Rádio Club de irradiar uma partida da seleção brasileira. Portanto, se aconteceu essa proibição, certamente já havia transmissões ou ao menos tentativas de transmissões esportivas.

Todavia, os relatos acima não desmerecem o pioneirismo de Tuma. Ao analisar os primórdios do futebol no Brasil, Máximo (1999) reconhece que houve partidas no país antes mesmo do jogo considerado inaugural do futebol brasileiro (uma partida realizada na rua do Gasômetro, em São Paulo, no dia 14 de abril de 1895). Para Máximo, aquela partida é a “verdadeira semente do futebol brasileiro”, por carregar características que se perpetuaram ao longo dos anos. Do mesmo modo, as transmissões esportivas, tais como conhecemos hoje, têm sua origem na irradiação realizada por Tuma em 1931.

Soares (1994) detalha que, “determinado a cumprir a missão de filmar oralmente o jogo, o locutor [*Nicolau Tuma*] é obrigado a narrar em alta velocidade, enunciando os detalhes como uma metralhadora de palavras” (p. 30) e que se valeu da criação de outros códigos que permitissem ao ouvinte melhor compreender aquilo que estava sendo irradiado, como as dimensões e o desenho do campo, a posição e formato do gol e os detalhes da regra do jogo. “Com essa linguagem repleta de expressões, muitas vezes engraçadas e redundantes, eles [*locutores*] recriam o ambiente e os momentos da partida, acrescentando-lhes entusiasmo e multiplicando suas emoções” (p. 61).

Desde seus primórdios, as transmissões esportivas de rádio foram demarcadas pela criação de “imagens mentais”, a partir de uma linguagem coloquial, direta e de fácil entendimento, apresentando “um jornalismo de

natureza 'substantiva' em seu grau máximo, com a 'recriação' do fato para o ouvinte com toda a emocionalidade que as palavras podem conseguir" (ORTRIWANO, 1985, p. 26).

O futebol ganhava espaço na sociedade brasileira, e as ondas do rádio acompanhavam esse movimento. Outras modalidades também tiveram seu espaço no *dial*. E não foi apenas por meio das rádios brasileiras que as informações esportivas chegaram até o território nacional.

O rádio e os Jogos Olímpicos

Um documento elaborado pelo Comitê Olímpico Internacional sobre a história dos meios de comunicação nos Jogos Olímpicos (LARROSA, 2016) aponta que em 1924 a possibilidade de haver a transmissão radiofônica de competições olímpicas era uma preocupação para os organizadores, que encaravam o meio de comunicação como um problema, tendo em vista que poderia impactar negativamente na venda de ingressos.

Oito anos depois, porém, o rádio deixa de ser visto como um adversário e passa a ser considerado um importante veículo de divulgação. De acordo com o relatório oficial dos Jogos Olímpicos de Los Angeles 1932, o trabalho de radioamadores foi fundamental para a propagação de informações sobre a competição. Ao todo, 1,5 mil pessoas trabalharam voluntariamente divulgando informações que foram fornecidas por membros do comitê organizador. Algumas emissoras de rádio fizeram programas especiais sobre os Jogos e houve até mesmo uma série semanal com dramatizações sobre o evento olímpico (Xth OLYMPIADE COMMITTEE OF THE GAMES OF LOS ANGELES, 1933).

O rádio passava a superar as barreiras dos continentes, e as ondas sonoras eram propagadas cada vez mais longe. Silva Neto (2011) indica que a primeira transmissão internacional em ondas curtas ocorreu na noite de ano novo de 1923 pela estação americana KDKA, com uma programação festiva destinada ao Reino Unido. Em 1929, Países Baixos, Grã Bretanha, França e Bélgica inauguraram emissões internacionais. Sobre a relação entre Jogos

Olímpicos e Brasil, um marco importante é o início das transmissões da rádio alemã DJA, em 1932. Ferraretto (2010) indica que a emissora realizava transmissões em alemão, espanhol e português. Com o grande número de imigrantes alemães vivendo no Brasil nesse período, a chegada do sinal ao país era uma estratégia de divulgação de informações por parte do governo alemão. *O Diário de Pernambuco*, em 29 de dezembro de 1935, trouxe a programação da “Estação Allemã D.J.A”, sendo que às 2h30 era transmitido um programa chamado “O equipe allemão (jogos olímpicos)”¹⁰, com duração de 15 minutos (RÁDIO, 1935).

Em 11 de janeiro de 1936, a relação entre rádio e Jogos Olímpicos volta a ser notícia, dessa vez no jornal *Correio da Manhã*:

“A Rádio Cruzeiro do Rio de Janeiro, iniciará hoje e transmissão do Programma Olympico, com notícias transmitidas diretamente da Alemanha sobre as Olimpíadas que se realizarão este ano em Berlim. Para a inauguração desse programa, que será dado das 9,15 às 9,45 da noite, dentro da Rede Verde Amarella, foram convidados e ocuparão o microfone da PRD-3, o sr. W. Koenig, representante oficial do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos em Berlim, e o general Newton Cavalcante, representante do Comitê Olímpico Brasileiro.” (PROGRAMMA OLYMPICO, 1936).

Em abril de 1936, o *Correio da Manhã* noticia a entrada de um novo programa com a temática olímpica, por meio da estação de ondas curtas alemã, mas em português.

Para melhor informar ainda o Brasil sobre as preparações olympicas, a estação de radio-difusão de Berlim resolveu de transmitir de 17 de abril em diante para o Brasil, regularmente as mais recentes noticias pre-olympicas. Estas transmissões de radio, que se repetirão todas as sextas-feiras, de 10,15 a 10,30 horas, poderão ser ouvidas na onda-curta de 31,45 metros 9.540 KHZ. (INFORMAÇÕES OLYMPICAS, 1936, p.10).

Muito além de um simples evento esportivo, a disputa olímpica ganhava, já na década de 1930, um contorno político importante, sendo a condição de sede do evento utilizada politicamente pela Alemanha. Afinal, conforme aponta Lemos (2008, p. 28), desde então o esporte já se constituía “um meio de identificação nacional e comunidade artificial, visto que

¹⁰ A grafia foi mantida conforme constava nos jornais de época consultados para a produção do artigo, incluindo erros de pontuação e acentuação.

evidenciou os laços que uniam todos os habitantes do estado nacional, independentemente das regiões”. Nessa mesma linha, Almeida e Rubio (2018) indicam que após o Congresso Olímpico de Paris, em 1915, os papéis de federações internacionais e dos comitês olímpicos nacionais ficaram mais claros dentro da estrutura do movimento olímpico, levando a uma conexão ainda mais direta da representação entre atletas e nações. A divulgação de informações olímpicas por parte dos alemães no sistema público de rádio não ocorria ao acaso, afinal, conforme detalha Mostaro (2012), a organização dos Jogos Olímpicos em Berlim foi uma forma de resgatar a autoestima do povo alemão e de demonstrar, internacionalmente, a força política da Alemanha naquele momento. O projeto de propaganda nazista incluiu até mesmo a realização de um filme sobre os Jogos, o documentário *Olympia*.

Conforme noticiou o *Correio da Manhã*, em maio, o Comitê Olímpico do Brasil enviou um convite para a Associação Brasileira de Imprensa para nomear um jornalista a fim de que viajasse até a Alemanha para realizar a cobertura dos Jogos. Foi escolhido Antônio Cordeiro, jornalista do periódico *A Noite*, que anos mais tarde faria história pelos microfones da Rádio Nacional. Em 24 de julho de 1936, já às vésperas dos Jogos, o *Diário da Tarde* anunciava:

Para o próximo início das Olimpíadas em Berlim, a estação alemã de Ondas Curtas, D J N (31,45m - 9540 kilocyclos) sofreu notáveis aperfeiçoamentos técnicos. Desde 1º de agosto, a sua potência será aumentada para 40 kilowatts. Considerando que a atual energia de irradiação é de unicamente 5 kilowatts podemos esperar uma esplêndida recepção das transmissões alemãs a começar no próximo mês. No Campo de Esportes de Berlim foi construída uma central de irradiações que informará 440 países sobre o estado momentâneo dos Jogos Olympicos. A cerimônia de abertura das Olimpíadas será transmitida no dia 1º de agosto da 1 às 2h30 do tempo europeu (9-10h30 hora brasileira). A festa de encerramento dos Jogos Olympicos poderá ser ouvida em 16 de agosto das 9 às 11 horas do tempo brasileiro. As transmissões da Estação Alemã de Ondas Curtas informando sobre o curso dos Jogos da Olimpíada poderão ser ouvidos no Brasil diariamente das 7 às 8 horas em português e das 9h às 10 horas em alemão e espanhol. (A TRANSMISSÃO DOS JOGOS OLYMPICOS PARA O BRASIL PELO RADIO, 1936, p. 6).

Uma semana depois, em 31 de julho, o jornal *O Imparcial* trazia mais

informações sobre como funcionariam as transmissões da Alemanha para o Brasil.

O Departamento de Propaganda enviou a Berlim para acompanhar as Olympiadas um dos seus speakers afim de transmitir diariamente para o Brasil uma reportagem radiophonica do desenrolar da grande parada atlética. Esse funcionário brasileiro conseguiu das emisoras berlinenses "D.Z.C." e "D.Z.H" que fizessem diariamente uma irradiação de dez minutos para o nosso paiz. Assim, a partir de amanhã, 1º de agosto, as emisoras alemãs, por iniciativa do Departamento de Propaganda, transmistirão uma reportagem em portuguez, durante 10 minutos. Para tanto a Radio Internacional do Brasil se prontificou a cooperar com o Departamento. O horário das transmissões (hora local é o seguinte: de 1 a 7 de agosto das 19h20 às 19h30; de 8 a 15, das 18h50 às 19h e, finalmente, no dia 16 de agosto, de 19.20 às 19.30. Para que todos no Brasil possam acompanhar as reportagens olympicas o Departamento de Propaganda retransmitirá aqui (TRECHO ILEGÍVEL) referidas. (OS JOGOS OLYMPICOS SERÃO IRRADIADOS PARA O BRASIL, 1936)

Apesar de não ser possível ler uma das últimas palavras da nota, é claro que houve um esforço governamental brasileiro ao enviar um funcionário até a Alemanha, a fim de que ele conseguisse, junto às autoridades alemãs, a permissão para a irradiação de informações ao Brasil. Outro ponto de destaque é um anúncio de venda dos receptores de rádio Philips, publicado no dia 2 de agosto, que citam o rádio como o meio de comunicação mais rápido para anunciar os vencedores dos Jogos Olímpicos.

O rádio mostrava sua força como meio de comunicação para a divulgação de informações sobre os Jogos Olímpicos. Conforme nota do jornal *A Notícia*, de 8 de agosto de 1936, "O Departamento de Propaganda transmite, diariamente, na Hora do Brasil, às 19.20 horas, amplas e completas reportagens sobre os Jogos Olympicos, realizados no decorrer do dia em que é feita a irradiação" (REPORTAGENS SOBRE AS OLYMPIADAS, 1936). Além de divulgar as transmissões, o jornal também se valeu das transmissões radiofônicas, ao publicar, em 16 de agosto, trechos de uma entrevista concedida pela nadadora Piedade Coutinho ao programa "Hora do Brasil" do dia anterior.

Além das transmissões da Hora do Brasil e da rádio alemã, outra opção

para o público brasileiro era acompanhar a transmissão olímpica pelas ondas da BBC, o serviço de rádio público da Grã-Bretanha, que também chegava aos receptores brasileiros por ondas curtas. Em 9 de agosto de 1936, o *Jornal do Brasil* publicou:

As estações transmissoras inglesas, a exemplo das alemãs, estão realizando transmissões especiais relativas ao desenrolar e aos resultados das justas internacionais que estão sendo efetuadas no Estádio Olímpico da capital alemã. A British Broadcasting Corporation, com efeito, oferece por meio de suas estações emissoras, uma série de informações interessantes sobre os jogos olímpicos (TRANSMISSÕES ESPECIAIS DA PRÓXIMA OLIMPÍADA, 1936).

De acordo com o relatório oficial dos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, 41 companhias estrangeiras enviaram 105 repórteres de rádio para Berlim. Em 16 dias, foram 2.328 reportagens (entre ao vivo e gravadas) e vinte transmissões foram irradiadas ao vivo para a Europa. O Brasil teve nove jornalistas credenciados, mas não há dados sobre quantos trabalharam para as rádios e para os meios de comunicação impressos (ORGANISATIONSKOMITEE, 1937).

Após a edição olímpica de Berlim, os Jogos Olímpicos teriam um hiato de duas edições. O rádio continuou a ganhar força nesse período e esse vigor foi percebido como um feito histórico para os ouvintes brasileiros nos Jogos de Londres 1948.

Um marco para o rádio brasileiro

Em 1948, quando Londres foi sede dos Jogos Olímpicos, o rádio já era um meio de comunicação consolidado na Europa. A BBC coordenou todo o trabalho de mídia dos Jogos, sendo também a responsável pela infraestrutura. As primeiras discussões sobre o trabalho das equipes de rádio ocorreram 20 meses antes das disputas, em 1946. Essa edição olímpica contou com 60 organizações de rádio, de 28 países, que transmitiram em 41 idiomas. Para a cerimônia de abertura, 28 das 32 posições do estádio que permitiram as irradiações ao vivo foram utilizadas (THE ORGANISING COMMITTEE FOR THE XIV OLYMPIAD).

No Brasil, a transmissão dos Jogos Olímpicos mobilizou diversos profissionais de rádio. Em 7 de julho de 1948, o jornal *A Manhã* publicou a seguinte nota:

“Sabe-se que a Nacional, Mayrink, Globo, Tupi-Tamoio e Rádio Continental estão providenciando o envio de seus repórteres esportivos a Londres, para transmissão dos Jogos Olímpicos. Os nomes em foco pela ordem são: Antonio Cordeiro, Oduvaldo Cozzi, Fernando Jacques, Mario Provenzano e Gagliano Neto. A BBC de Londres manterá, através do Serviço Brasileiro, uma série de boletins informativos, a serem apresentados a partir do dia 26 do corrente, diariamente das 20,00 às 20,30 (hora do Rio).” (AS OLIMPÍADAS DE LONDRES, 1948, p. 6)

Apesar da “previsão” realizada pelo periódico, o escolhido pela Rádio Nacional não foi Antônio Cordeiro, mas Pilar Drummond, eleito por votação de membros da Associação Brasileira de Imprensa. Dias depois, em 19 de julho de 1948, o jornal *A Noite* noticiava que a Rádio Nacional transmitiria reportagens e comentários diários dos Jogos Olímpicos, que teriam sido viabilizados graças ao patrocínio de uma empresa (Lojas Murray). Além do trabalho para a Rádio Nacional, Pilar Drummond publicou textos para o jornal *A Noite*.

A Rádio Nacional, porém, não foi a única a irradiar informações para o Brasil. Anúncios no jornal *Correio da Manhã* indicam que havia um programa sobre os Jogos Olímpicos na Rádio Continental, todas as noites, às 21h, entre 27 de julho e 17 de agosto. Anos depois, em 1951, o radialista Gagliano Neto comentou em entrevista à *Revista do Rádio* sobre o desafio de produzir conteúdo olímpico para a Rádio Continental, que havia entrado no ar poucos meses antes dos Jogos de 1948 (A SERVIÇO DO POVO POR TODA A PARTE, 1951, p. 35). Também pelas páginas do *Correio da Manhã*, de 14 de agosto, é possível notar que a Rádio Roquette Pinto tinha um horário reservado para informações sobre os Jogos Olímpicos (das 20h às 20h30) em “combinação com a BBC de Londres”. Na mesma edição, o *Correio da Manhã* apontava que o “Boletim Olímpico” da Nacional era transmitido às 22h35.

Dentre tantas disputas naquela edição olímpica, a campanha da seleção brasileira de masculina de basquetebol foi o grande destaque. Após

os bons resultados na primeira fase, o Brasil jogaria a semifinal contra a França, em uma partida que poderia entrar para a história – em caso de vitória, o Brasil garantiria ali a sua primeira medalha olímpica em uma modalidade coletiva. A possibilidade do feito inédito fez com que o rádio brasileiro vivenciasse um momento histórico. Em 11 de agosto de 1948, o jornal *A Noite* noticiava:

Brasil x França, pela Rádio Nacional

Uma sensacional reportagem radiofônica de Pilar Drummond, a partir das 17 horas, diretamente de Londres.

Atendendo ao interesse que está despertando em todo o país a decisão do Torneio Olímpico de Basketball, em Londres, a Rádio Nacional, mediante entendimentos com a B.B.C. e a Companhia Radiotelegráfica Brasileira (Radiobras) obteve um circuito para a transmissão direta do sensacional embate a ser realizado hoje em Haringay Arena, entre as equipes do Brasil e da França, semi-finalistas do empolgante certame.

Desse modo, a partir das 17 horas e na palavra de Pilar Drummond, os ouvintes brasileiros terão hoje uma completa reportagem do prelo em que o quadro invicto do Brasil enfrentará o seu sétimo adversário, na marcha empolgante para o título olímpico do basketball.

ALTO-FALANTES NA PRAÇA MAUÁ

A fim de facilitar ao público carioca a oportunidade de acompanhar em todos os seus detalhes o match Brasil x França, a Rádio Nacional vai colocar hoje, na Praça Mauá, em frente ao edifício de A NOITE, um amplo serviço de alto-falantes com os quais será retransmitida a descrição da peleja. Também uma rede de emissoras brasileiras levará a todos os pontos do território nacional a sensacional reportagem esportiva. (BRASIL X FRANÇA, PELA RÁDIO NACIONAL, 1948, p. 13)

A transmissão da partida entre Brasil e França tornou-se um verdadeiro evento, com o público podendo se reunir em um ponto central do Rio de Janeiro para ouvir pelos alto-falantes instalados pela Rádio Nacional. Houve ainda a distribuição do sinal para mais emissoras do país, por meio da rede. Pilar Drummond fez história diante dos microfones da Nacional.

Mais interessante ainda é saber que parte dessa história está preservada. Em consulta ao serviço de acervo da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), foi encontrada uma gravação de 15 minutos e 42 segundos da transmissão. No áudio, é possível perceber alguns sons ambientes e a entrada de mensagens publicitárias. Outro ponto que chama

atenção é o áudio ambiente e o fato de o narrador estar, durante toda a transmissão, sozinho. O estilo adotado por Pilar Drummond na narração é sóbrio, descrevendo lances da partida, mas também analítico, com algumas opiniões sobre o que ocorria em quadra. Os trechos descritivos de comentários se misturam, como podemos ver na transcrição abaixo.

Os brasileiros, porém, ainda não acertaram, não conseguiram acertar. Não vão com uma marcação eficiente na defesa, e no ataque, muito infelizes. Agora estão lá, dentro da defesa contrária, Algodão e Massinet. A troca de passes entre Rui e Massinet. Massinet se apossa da pelota, tenta uma cesta linda de costas, mas não consegue. Há um lance que podia ser para os franceses, passes curtos e muito calculados entre os nossos que agora estão no ataque, tentando cestas, até que Alfredo, Braz conseguiu colocar uma pelota de longe, marcando mais um ponto para os brasileiros! Os brasileiros estão reagindo de forma espetacular, estão atirando de longe, já conseguiram 24 pontos contra 36 dos franceses...

O trecho encontrado pelo arquivo da Rádio Nacional, contudo, não apresenta o início nem o final da transmissão. Além da transmissão, em si, chama atenção uma inserção publicitária, que cobre a voz do locutor com os seguintes dizeres:

Indisposição do estômago, sal de fruta Eno, E-N-O. O sal de fruta Eno está oferecendo aos ouvintes da Rádio Nacional e da Rede de Emissoras que retransmitem conosco essa reportagem, uma irradiação direta da peleja França e Brasil, pelo torneio olímpico de basquetebol.

Ao citar “essa reportagem”, o anúncio deixa claro que o caráter de transmissão esportiva ainda era algo incipiente. Outro ponto de destaque é a citação para a “rede de emissoras”, comprovando que, além da Nacional, essa transmissão foi compartilhada para outras estações de rádio. Quatro anos depois, a Rádio Nacional novamente colocaria à disposição de outras emissoras as transmissões olímpicas. O processo, porém, foi complexo e envolveu até o Presidente da República.

1952: Intervenção de Vargas para uma cobertura mais completa

Antes mesmo de começarem, os Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952, entraram para a história do rádio. Naquela edição, houve a presença de

150 repórteres de rádio de 30 países (KOLKKA, 1955). O Comitê Olímpico Internacional exigiu que todos os países atuassem no sistema de *pool*¹¹, sendo que Estados Unidos e União Soviética eram os únicos a terem direito a dois *pools*.

A determinação de realizar um *pool* único por país gerou controvérsia no Brasil. A Rádio Pan-Americana, de São Paulo, chegou a ser anunciada como responsável pelas transmissões, o que gerou revolta em radialistas no Rio de Janeiro e intervenção de agentes políticos. Em crônica no *Jornal dos Sports*, no dia 19 de junho de 1952, o jornalista Vargas Neto criticou a decisão de ceder a exclusividade do evento para a Rádio Pan-Americana.

O Comitê Olímpico Brasileiro está numa encruzilhada a respeito de uma concessão de privilégio para irradiação dos Jogos Olímpicos de Helsinqui.

Deu a concessão a uma única emissora, afastando da concorrência, sem concorrência, todas as demais emissoras brasileiras. O assunto tem varios aspectos a encarar. Em primeiro lugar um grupo de brasileiros não deveria privar de sua missão específica – informar o povo – varias empresas de radiodifusão do Brasil, que possuem o seu público e a sua freguesia. Cada porção de público tem a sua preferencia marcada por uma estação ou por um locutor. O privilegio viria a eliminar o direito de escolha, e alem disso, encarecer os preços dos anuncios pela falta de concorrência, que veio reduzir a um só veículo o meio de propaganda! O que se torna odiosa a proibição vexatória, abusiva e iniqua para as radiodifusoras de participarem de uma faculdade universalmente reconhecida de transmitir noticias, usando todos os meios de informações e obtendo os direitos iguais nas mesmas fontes, para fins idênticos. A liberdade do franco acesso aos locais de informação foi uma das liberdades reconhecidas pelas Nações Unidas. E há também o direito de exercer esse comércio lícito de publicidade, excluindo, portanto, o privilégio, aliás, sem razão lógica, como se fosse cartel internacional, ou um trust assambarcador de noticias. A decisão não encontra apoio nem simpatia do Comitê Internacional, nem da nossa representação diplomática na Finlândia, como não pode obter a proteção do Governo, cuja orientação é contra os trusts e privilegios. Sei que as associações de classe de locutores e cronistas não ficarão indiferentes. (PONDERAÇÃO, 1952, p. 5)

Em 28 de junho, o jornal *A Noite* informava sobre o protesto dos

¹¹ Em um sistema de *pool*, diversas emissoras compartilham uma mesma transmissão. Esse sistema é mais amplo que a formação de redes, tendo em vista que mesmo emissoras concorrentes passam a compartilhar a mesma transmissão.

parlamentares do Rio de Janeiro contra a exclusividade e trazia uma informação extra.

O RÁDIO BRASILEIRO EM HELSINKI

O Comitê Olímpico Brasileiro hoje reunido para apreciar mais uma vez a questão das transmissões radiofônicas de Helsinqui para o Brasil por ocasião dos próximos Jogos, recebeu a visita de uma comissão de vereadores cariocas constituída pelos Srs. João de Freitas, Leite de Castro e Joaquim Couto de Souza, a qual apresentou um apelo do Legislativo carioca para que a questão fôsse reaberta, de modo a evitar que houvesse exclusividade para uma só emissora. Respondendo ao apelo feito pelo vereador João de Freitas, o Sr. Ferreira dos Santos, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, comunicou que aquele órgão recebera um apelo do govêrno, por intermédio do dr. Lourival Fontes, no mesmo sentido e decidira encaminhar ao presidente da República a solução definitiva da questão, uma vez que Rádio Pan-Americana, de São Paulo, diante da marcha dos acontecimentos, também abrisse mão, a partir daquele momento, da concessão que o Comitê lhe havia outorgado. (OS JOGOS OLÍMPICOS, 1952, p. 7)

Em edição datada também de 28 de junho, o *Correio da Manhã* trazia a solução do caso.

Antes do presidente do C.O.B. sr. Ferreira dos Santos, ter anunciado aos presentes o desejo do presidente da República, uma comissão da Câmara dos Vereadores composta pelos edis João de Freitas, Leite de Castro e Joaquim Couto e Soza, por intermédio do primeiro, fizera-se ouvir, justamente para fazer um apêlo no mesmo sentido. Tornou-se o mesmo, porém, desnecessário, se bem que oportuno, em vista do que já havia deliberado o Comitê com a anuência dos diretores da Rádio Pan-Americana de São Paulo. É que, numa demonstração eloqüente de desprendimento e diante da solicitação do presidente da República, resolveram os citados dirigentes desistir da exclusividade que o Comitê Olímpico Brasileiro, de uma ou outra maneira, lhes haviam concedido. Sendo assim ficou o Comitê Olímpico Brasileiro à vontade para decidir, de conformidade com as autoridades superiores, o melhor meio de serem transmitidas as competições dos Jogos Olímpicos, sem que nenhuma das estações interessadas possa se julgar prejudicada. (PAVAM E GONÇALVES NA DELEGAÇÃO OLÍMPICA BRASILEIRA, 1952, p. 1)

A intervenção direta do presidente Getulio Vargas foi fundamental para que a Rádio Pan-Americana abrisse mão da exclusividade. Tanto que, no dia em que o presidente se despediu dos atletas brasileiros que embarcaram rumo a Helsinque, o jornalista Antônio Cordeiro aproveitou para agradecer a

intervenção do político em favor da Rádio Nacional.

Após a palavra do presidente da República, o locutor Antônio Cordeiro pediu a palavra para agradecer ao chefe do Governo, em nome das rádios nacionais, a sua intervenção a fim de que as emissoras do país, pudessem transmitir os XV Jogos Olímpicos e explicou que apenas uma estação de rádio havia conseguido o privilégio da irradiação, mas que solicitado ao Sr. Getúlio Vargas a sua interferência a favor dos demais, imediatamente o foi resolvido o impasse e graças ao presidente Getúlio Vargas todos os brasileiros terão a oportunidade de ouvir o desenrolar do magnífico certamente esportivo diretamente de Helsinque. (OS DESPORTISTAS OLLIMPICOS DESPEIRAM-SE DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, 1952, p.12)

Também pelo *A Noite*, mas em edição de 11 de julho, foi veiculada a informação sobre as emissoras que poderiam solicitar à Rádio Nacional a possibilidade de compor uma cadeia de transmissão dos Jogos Olímpicos.

As emissoras dos Estados e locais que desejarem entrar em rede com a Nacional para retransmissão dos jogos e boletins das Olimpíadas, podem fazê-lo livremente. Logo que fiquem estabelecidos os horários dos jogos e dos boletins, levá-lo-emos ao conhecimento de todos. ("COPA RIO" E AS OLIMPIADAS PELA RADIO NACIONAL. A Noite, 1952, p. 12)

A *Revista do Rádio*, por exemplo, aponta que a Rádio Pernambuco foi uma das emissoras que retransmitiu os Jogos. Já o periódico *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, cita transmissões em cadeia dos Jogos Olímpicos com transmissões na Rádio Continental.

Resolvido o imbróglio, a Rádio Nacional manteve uma programação diária com boletins dos Jogos Olímpicos. Parte destes, com duração aproximada de 15 minutos, está preservada pelo arquivo da EBC. Além das transmissões diárias gravadas, ainda são encontrados momentos históricos, como as transmissões da prova de salto triplo de Adhemar Ferreira da Silva, na qual ele conquistou a primeira medalha de ouro da história do atletismo brasileiro, e os momentos finais da prova de 1.500 metros nado estilo livre, na qual Tetsuo Okamoto se sagrou medalhista de bronze.

Dentre o material existente no acervo da EBC, vale a transcrição de alguns trechos. O modelo de jornalismo praticado é clássico, com a veiculação dos principais resultados e também entrevistas, como é possível

notar a seguir.

Raul Brunini: Senhoras e senhores ouvintes da Rádio Nacional, temos o prazer de trazer ao nosso microfone José Telles da Conceição, o destacado atleta brasileiro, que no dia inaugural das provas atléticas da 15ª olimpíada de Helsinque, fez tremular, no mastro da vitória, com o terceiro lugar, a bandeira do Brasil. José Telles da Conceição vai se dirigir agora aos ouvintes de todo o Brasil, através da Rádio Nacional.

José Telles: Desportistas da Rádio Nacional, boa noite. Meus amigos do Brasil, estou muito emocionado ao falar para todos, depois da vitória do nosso país, com o terceiro lugar no salto de altura. Para mim, é motivo de satisfação ostentar, pois veio com os meus esforços por vários meses de treinamento, e a dedicação do professor Gonçalves, um grande técnico de atletismo no Brasil. Espero que os meus patrícios tenham ficado satisfeitos com esse resultado, e se mais não fiz foi por falta de sorte. Aproveito a oportunidade da Rádio Nacional e envio à minha família as minhas saudades. Boa noite, amigos do Brasil, e agora vamos torcer para os outros colegas de nossa equipe.

A fala de José Telles é clara, direta, mas também extremamente formal, fazendo um agradecimento, citando nominalmente o trabalho do técnico que o acompanhava. Outro ponto de destaque é que a entrevista foi realizada por Raul Brunini, que trabalhava para a Rádio Globo. Em Helsinque, ele atuou em conjunto com a equipe da Rádio Nacional, tendo em vista o sistema de *pool*.

Dias depois, a Rádio Nacional irradiou, ao vivo, a conquista da primeira medalha de ouro do atletismo brasileiro, com Adhemar Ferreira da Silva, no salto triplo. O brasileiro liderava a competição no momento de seu último salto. A gravação da narração de Antônio Cordeiro está preservada, e é transcrita abaixo.

Antônio Cordeiro: Já se prepara Adhemar Ferreira da Silva, que hoje quebrou o recorde mundial no estádio Olímpico Olympiastadion, com 16 metros e 12. Recorde anterior que lhe pertencia, com 16m01, e quebrado aqui duplamente. Adhemar agora na série final, também já obteve no primeiro salto 16 e 9. Porém sua melhor marca é 16m12, quando se prepara para o segundo salto da última série. Toma posição o brasileiro Adhemar Ferreira da Silva, a sensação da tarde de hoje no estádio olímpico em atletismo. Coloca-se Adhemar, atenção já na pista, toma posição. Partiu Adhemar, no pique, lá vem ele. Atenção, vai colocar a primeira perna, a segunda perna, atenção, desprende o corpo, um bom salto, um bom salto. Adhemar... (gritos) é quebrado o novo recorde, 16 e 22, sensação no estádio olímpico, é uma sensação todo o estádio olímpico, é uma sensação. 16 e 22 para Adhemar, quebrando então, a sua melhor marca, que era 16 e 12.

Ao descrever as rotinas de transmissão esportiva para rádio, Araújo e Almeida (2007) constatam que, apesar de a maior parte das emissoras comerciais limitar as suas transmissões a esportes coletivos, existe uma série de possibilidades para a transmissão de diferentes modalidades. Ao relatar a técnica utilizada para narrar o salto triplo nos Jogos Pan Americanos de 2007, os autores detalham:

Nas execuções de salto com medição horizontal, salto triplo e salto em distância, a técnica narrativa consistia em apresentar inicialmente o comportamento do atleta antes do salto através dos indicativos de expressividade e a interação com a torcida. Posteriormente, descrevíamos o percurso do atleta durante a corrida (destacando, para o caso do salto triplo, quando se dava a primeira, a segunda e a terceira impulsão), a entrada na caixa de areia e o comportamento do atleta após o salto. Todo o processo narrativo da execução era repetido pelo menos uma vez, enquanto aguardávamos a confirmação da distância alcançada pelo esportista. (ARAÚJO; ALMEIDA, 2007, p. 109)

A descrição da técnica utilizada em 2007, se assemelha ao estilo adotado por Antônio Cordeiro, em Helsinque 1952. O narrador cria um “cenário sonoro”, que envolve os ouvintes. Elementos como o tom de voz, para definir os diferentes momentos da prova, com o ápice sendo a divulgação do resultado obtido por Adhemar Ferreira da Silva, e a vibração dos torcedores, ajudam a construir a transmissão. Schinner (2004) define este tipo de narração como linear ascendente pois há uma evolução de acordo com o clímax da competição.

O mesmo modelo é encontrado na narração dos instantes finais da prova de 1.500 metros de natação, na qual o brasileiro Tetsuo Okamoto conquistou o terceiro lugar. O áudio dessa prova é transcrito abaixo.

Antônio Cordeiro: Atenção, senhores ouvintes, neste momento passamos a falar diretamente da piscina olímpica de Helsinque para apresentar o final emocionante da prova de mil e quinhentos metros livre, na qual o brasileiro Okamoto está disputando arduamente a terceira colocação com o nadador norte-americano McLane que corre na raia um. Enquanto isso, trava-se também um duelo sensacional entre Konno dos Estados Unidos e Hashizume do Japão, sendo que Konno já tomou a dianteira e está liderando a prova, depois de Hashizume ter liderado o posto durante mil e duzentos metros. Enquanto isso, trava-se duelo sensacional. Vão bater para os mil e

quatrocentos metros, bateu primeiro McLane, bateu depois Okamoto, disputando a terceira e a quarta colocação neste momento. Pequena vantagem para McLane, confiamos, entretanto, no sprint final de Okamoto. Vejamos nos últimos 50 metros se o extraordinário nadador brasileiro conseguirá manter a terceira colocação que ele assumiu desde os cem metros, e somente nos mil e trezentos metros cedeu para o nadador norte-americano. Assim mesmo, é ínfima a diferença entre Okamoto e McLane e teremos, portanto, um final sensacional pelo terceiro e quarto posto. Enquanto isso, o nadador norte-americano, surpreendendo a todos, aliás, refiro-me a Konno, vem já ganhar a prova numa vantagem extraordinária de um quarto de piscina sobre o japonês Hashizume. A assistência já começa a aplaudir... já ganhou a prova. Aí vemos agora o duelo para o terceiro posto. Vem no seu sprint sensacional Okamoto, vem chegando também pela raia... chegada sensacional de Okamoto, vibra a torcida, vibra a piscina inteira. Bateu Okamoto, bateu McLane, uma virada sensacional, de acordo com as nossas previsões.

Assim como José Telles da Conceição, os outros dois medalhistas olímpicos brasileiros foram entrevistados pela Rádio Nacional. Os áudios seguem preservados, com o seguinte conteúdo:

Adhemar Ferreira da Silva: Ouvintes do meu querido Brasil, o meu boa noite. Estou bastante satisfeito por ter, não só me tornado campeão olímpico, como ter quebrado o recorde olímpico, o recorde mundial da prova de salto triplo. Meus ouvintes, eu espero que os de São Paulo estejam ouvindo, os meus familiares, espero mandar um abraço bastante saudoso. E devo dizer que dedico essa vitória antes que aos brasileiros, dedico aos meus pais. Peço perdão para isso, mas dedico primeiro aos meus pais, depois aos meus familiares, e, enfim, para todos os brasileiros, todos que estavam esperando o resultado final da responsabilidade que eu trazia em minhas costas quando saí de São Paulo, do Rio, para Helsinque. Agora espero, se Deus quiser, voltar ao meu Brasil, abraçar os meus familiares, os meus amigos, com a maior das satisfações, estou com a cabeça erguida por ter cumprido o meu dever, a minha obrigação. Muito obrigado, brasileiros, e até a volta, se Deus quiser.

Na entrevista com Tetsuo Okamoto, percebe-se uma interação e empolgação do jornalista Antônio Cordeiro, logo após a prova.

Tetsuo Okamoto: Amigos ouvintes, estou grandemente satisfeito com essa vitória, porque essa vitória representa seis anos de labuta diária na piscina, treinando diariamente. Estou satisfeito, por ter completado os meus esforços e, também, por ter elevado o nome do Brasil nessa distante e longínqua...

Antônio Cordeiro: Um momentinho, Okamoto, eu gostaria de

perguntar a você uma coisa: você percebeu quando o McLane tentou te passar, por que você nadava na raia seis e ele na raia um?

Tetsuo Okamoto: Dava para perceber, apesar do sol, eu pude ver o McLane se aproximar, mas eu nadava mais à frente.

Antônio Cordeiro: Mas você confiava na sua virada final?

Tetsuo Okamoto: Esperava imprimir maior velocidade que a dele.

Após os Jogos, Antônio Cordeiro não escondeu o orgulho em ter realizado a cobertura em Helsinque. Em entrevista à *Revista do Rádio*, Cordeiro exaltou o trabalho e aproveitou para tecer críticas à Rádio Pan-Americana.

“Em 1º lugar devo declarar aos amigos da REVISTA DO RÁDIO que a formação da Rêde Olímpica Brasileira, o chamado ‘pull’, constituiu, para nós, antes do embarque para Helsinque, verdadeira odisséia. A incompreensão de alguns, a confusão estabelecida junto ao Comitê Olímpico, sobre os verdadeiros objetivos da Finlândia em relação às emissoras do resto do mundo, e finalmente, a falta do ‘espírito olímpico’, de alguns interessados obrigaram as emissoras brasileiras a uma verdadeira batalha que afinal terminou com a vitória da razão [...] Antes de mais nada, devo esclarecer que nós, os repórteres e locutores do rádio brasileiro, que foram a Helsinque, eu, Raul Brunini, Waldir Amaral, Benjamin Wright e nossa boa colaboradora Ivete Mariz não encontramos a menor dificuldade de ordem ideológica, nem a menor restrição ao nosso trabalho.” (NAS OLIMPÍADAS DE HELSINQUE, O RÁDIO BATEU UM RECORDE!, 1952, p.12)

Dificuldades à parte, o trabalho foi realizado e segue preservado até os dias atuais no acervo da EBC. Atuando em conjunto, radialistas de diversas emissoras foram os responsáveis por informar aos torcedores brasileiros o que ocorria nos campos, pistas, piscinas e quadras da Finlândia. O rádio, mais uma vez, mostrava sua capacidade de superar os limites territoriais e trazia a emoção dos eventos esportivos para o cotidiano do público.

Considerações finais

Com a transmissão de boletins, provas ao vivo e entrevistas com atletas, técnicos e dirigentes, além da análise de correspondentes enviados por veículos de comunicação brasileiros, a cobertura dos Jogos Olímpicos de

1952 é um marco para o rádio brasileiro.

Pereira (2012) destaca que a Rádio Nacional teve um papel importante no engendramento da identidade brasileira durante o período do Estado Novo, que terminou em 1945. A intervenção de Getúlio Vargas em prol da emissora, em 1952, mostra que mesmo em seu último período como governante, Vargas continuou valorizando a Rádio Nacional e trabalhando para que a emissora tivesse um papel de destaque. A interferência do político deixa claro, mais uma vez, que o sofisma que esporte e política não se misturam é apenas um chavão utilizado por aqueles que tentam descaracterizar o fenômeno esportivo. Grandes eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos, são momentos nos quais o caráter de representatividade nacional se faz presente (ALMEIDA, 2021). Ressalte-se que a Rádio Nacional atuou como a líder de um *pool* e que, mesmo com a possibilidade de ser ouvida em ondas curtas, também houve a cessão da transmissão para outras emissoras interessadas em replicar o sinal.

Embora a expansão da televisão e a venda dos direitos de transmissão tenham feito deste meio a principal fonte de receitas do Comitê Olímpico Internacional (ALMEIDA; FRANCESCHI NETO, 2019), é indiscutível o papel que o rádio desempenhou em favor da difusão dos Jogos Olímpicos e ainda pode desempenhar.

Outro ponto que merece destaque é o fato de áudios históricos, como as entrevistas de pioneiros do esporte olímpico brasileiro (Adhemar Ferreira da Silva, José Telles da Conceição e Tetsuo Okamoto) ainda estarem preservados no acervo da EBC.

Este artigo não esgota o tema e abre possibilidades para novas pesquisas sobre o trabalho desenvolvido na cobertura esportiva em rádio no Brasil, a fim de mostrar sua contribuição do rádio não apenas para a difusão do futebol, mas também para outros esportes.

Referências

A SERVIÇO DO POVO POR TODA A PARTE. **Revista do Rádio**, 27 fev. 1951.

A TRANSMISSÃO DOS JOGOS OLYMPICOS PARA O BRASIL PELO RADIO. **Diário da Tarde**, 24 jul. 1936.

AS OLIMPÍADAS DE LONDRES. **A Manhã**, 7 jul. 1948.

ALMEIDA, Hamilton. **Padre Landell: o brasileiro que inventou o wireless**. Florianópolis: Insular, 2022.

ALMEIDA, William Douglas de. **Brasileiros, por que não?** Trajetória e identidade dos migrantes internacionais no esporte olímpico do Brasil. Laços, 2019.

ALMEIDA, William Douglas de; FRANCESCHI NETO, Virgílio. Entre o direito de transmitir e o de informar. In Rubio, Katia (org.). **Do pós ao neo olimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI**. pp. 145-159. Laços, 2019.

ALMEIDA, William Douglas; RUBIO, Katia. Internationalism and the first editions of the Modern Olympics. **International Sports Studies**, v. 40, n. 2, p. 34-46, 2018.

ARAÚJO, Daniel Gomes do Nascimento de; ALMEIDA, William Douglas de. Download de Emoção: O Pan off-tube na Unesp Virtual. Trabalho de Conclusão de Curso – Comunicação Social/Jornalismo, FAAC/Unesp, 2007. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/William-Almeida-2/publication/304318498_DOWNLOAD_DE_EMOCAO_O_PAN_OFF-TUBE_NA_UNESP_VIRTUAL/links/576bd78b08aef53f8d78fcf2/DOWNLOAD-DE-EMOCAO-O-PAN-OFF-TUBE-NA-UNESP-VIRTUAL.pdf. Acesso em 5 jul. 2022

AZEVEDO, Lia Calabre. No Tempo do Rádio. Radiodifusão e Cotidiano no Brasil. 1923-1960. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

BRASIL X FRANÇA, PELA RÁDIO NACIONAL. **A Noite**, 11 ago. 1948.

"COPA RIO" E AS OLIMPIADAS PELA RADIO NACIONAL. **A Noite**, 11 jul. 1952.

CREPALDI, Daniel Damasceno. A participação da rádio nacional na difusão do futebol no Brasil nas décadas de 1930 e 40. Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, 2009.

DE FRANÇA PEREIRA, Maria Fernanda. Comunidade imaginada sonora: a Rádio Nacional e o engendramento da identidade brasileira no Estado Novo. **Rádio-Leituras**, v. 3, n. 2, p. 129-149, 2012.

FERRARETTO, Luiz Artur. Aqui, o rádio de lá: uma análise histórica das influências estrangeiras nas emissoras brasileiras. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 9, n. 18, 2010.

FERRARETTO, Luiz Artur. Roberto Landell de Moura, o pioneiro brasileiro das telecomunicações. In: KLÖCKNER, Luciano; CACHAFEIRO, Manolo Silveiro (org.). **Por que o padre Roberto Landell de Moura foi inovador?** Porto Alegre: Ed. da PUCRS/ Prefeitura de Porto Alegre, 2012. p. 38-54. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0226-8/pages/v2.pdf>. Acesso em 9 ago. 2022.

FERRARETTO, Luiz Artur. O rádio antes do rádio: o Brasil como mercado para a indústria eletroeletrônica (1910-1920). **Conexão: comunicação e cultura**. Caxias do Sul. Vol. 17, n. 33 (jan./jun. 2018), p. 145-164, 2018.

FERRARETTO, L. A. Por que o rádio brasileiro começou em Recife. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. e40142, 2021. DOI: 10.15448/1980-3729.2021.1.40142. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/40142>. Acesso em: 22 dez. 2022.

GIGLIO, Sérgio Settani. COI x FIFA: a história política do futebol nos jogos olímpicos. Tese (Doutorado em Pedagogia do Movimento Humano) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.39.2013.tde-21012014-133735. Acesso em 5 jul. 2022.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. O INÍCIO DA NARRAÇÃO ESPORTIVA NO RÁDIO BRASILEIRO: As Transmissões Pioneiras. In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil; KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina; ZUCULOTO, Valci (org.). **Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção**. Ijuí: Unijuí, 2020.

INFORMAÇÕES OLYMPICAS. **Correio da Manhã**, 19 abr. 1936.

KOLKKA, Sulo. The Official Report of the Organising Committee for the Games of the XV Olympiad Helsinki 1952. WERNER SÖDERSTRÖM OSAKEYHTIÖ, HELSINKI, 1955. Disponível em <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll8/id/4950/rec/21>. Acesso em 5 jul. 2022.

LARROSA, Miranda. Broadcasting the Olympic Games: the media and the olympic Games. The Olympic Museum. Lausanne, 2016. Disponível em <https://library.olympics.com/Default/doc/SYRACUSE/185172/broadcasting-the-olympic-games-the-media-and-the-olympic-games-miranda-larrosa>. Acesso em 5 jul. 2022.

LEMOS, Danilo Luis Rodrigues. A história social do movimento olímpico brasileiro no início do século XX. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Movimento Humano) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/D.39.2008.tde-11082008-093623. Acesso em 5 jul. 2022.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, v. 13, p. 179-188, 1999.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. Jogos Olímpicos de Berlim 1936: o uso do esporte para fins nada esportivos. **Logos**, v. 19, n. 1, 2012.

MUSTAFÁ, Izani. O uso político do rádio pelos ditadores Getúlio Vargas (Brasil) e António de Oliveira Salazar (Portugal) no período de 1930-1945. Tese de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2014.

NAS OLIMPÍADAS DE HELSINQUE, O RÁDIO BATEU UM RECORDE! **Revista do Rádio**, 23 set. 1952.

ORGANISATIONSKOMITEE FÜR DIE XI. OLYMPIADE BERLIN. XI Olympic Games, Berlin, 1936 : Official Report, v.1, 1937. Disponível em <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll8/id/16471/rec/14>. Acesso em 5 jul.2022.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

OS DESPORTISTAS OLLIMPICOS DESPEDIRAM-SE DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA. **A Noite**, 5 jul. 1952.

OS JOGOS OLÍMPICOS. **A Noite**, 28 jun. 1952.

OS JOGOS OLYMPICOS SERÃO IRRADIADOS PARA O BRASIL. **O Imparcial**. 31 jul. 1936.

PAVAM E GONÇALVES NA DELEGAÇÃO OLÍMPICA BRASILEIRA. **Correio da Manhã**, Segundo Caderno, 28 jun. 1952.

PEREIRA, Maria Fernanda de França. Comunidade imaginada sonora: a Rádio Nacional e o engendramento da identidade brasileira no Estado Novo. **Rádio-Leituras**, v. 3, n. 2, p. 129-149, 2012.

PONDERAÇÃO. **Jornal dos Sports**, 28 jun. 1952.

PROGRAMMA OLYMPICO. **Correio da Manhã**, 11 jan. 1936.

RÁDIO. **Diário de Pernambuco**, 29 dez. 1935.

REPORTAGENS SOBRE AS OLYMPIADAS, **A Notícia**, 8 ago. 1936.

RUBIO, Kátia. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, p. 55-68, 2010.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão**. São Paulo: Panda Books, 2015.

SILVA NETO, Antônio Argolo. Radiodifusão Internacional: O Desenho do Mundo na Sintonia das Ondas Curtas. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade) – Universidade Estadual de Feira de Santana, 2011.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

SOLIS, Victor Nigro Fernandes. Condições históricas para a formação da rádio nacional do Rio de Janeiro. **Revista de História Comparada**, v. 4, n. 2, p. 43-70, 2010.

THE ORGANISING COMMITTEE FOR THE XIV OLYMPIAD. The official report of the organising committee for the XIV Olympiad. Londres, 1951. Disponível em <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll8/id/5717/rec/19>. Acesso em 5 jul. 2022.

TRANSMISSÕES ESPECIAIS DA PRÓXIMA OLIMPÍADA, **Jornal do Brasil**, 9 ago. 1936

XTH OLYMPIADE COMMITTEE OF THE GAMES OF LOS ANGELES, U.S.A. 1932, LTD. The Games of the Xth Olympiad Los Angeles 1932. Official Report. Los Angeles, 1933. Disponível em <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll8/id/8040/rec/13>. Acesso em: 5 jul.2022.

Declaração de conflito de interesses

Não há conflito de interesses entre os autores e o tema do artigo citado.

Os autores não receberam apoio financeiro de órgãos de fomento para a produção deste texto.

Narração de futebol por mulheres no rádio brasileiro: registros históricos de transmissões entre a década de 1970 e o início dos anos 2020

Soccer narration by women in Brazilian radio: historical records of broadcasts between the 1970s and the early 2020s

Narración de fútbol por mujeres en la radio brasileña: registros históricos de emisiones entre los años 70 y principios de los años 2020

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro, Valci Regina Mousquer Zuculoto

Resumo

O primeiro registro que se tem de uma mulher narrando um jogo de futebol no rádio no Brasil data da década de 1970, época em que Zuleide Ranieri e Claudete Troiano atuaram na função em transmissões exclusivamente femininas da Rádio Mulher (SP). Apesar de não ser inédita, a narração de futebol por mulheres em transmissões de rádio ainda é exceção e há poucas informações sobre profissionais que tenham narrado algum jogo da modalidade em diferentes momentos históricos. Com a intenção de identificar mulheres que atuaram na função no Brasil, em emissoras AM e FM, desenvolve-se pesquisa bibliográfica e documental a partir de recortes de jornais e notícias e conteúdos *on-line*. Busca-se contribuir com os estudos sobre radiojornalismo esportivo dando visibilidade às mulheres narradoras, comumente ausentes dos registros históricos, e a iniciativas que possibilitaram que elas atuassem na função, apesar da resistência ainda presente. Destaca-se a percepção do potencial de rádios públicas para a inclusão feminina e das webrádios como porta de entrada às transmissões de futebol.

Sobre as autoras

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro

raphaelaferro@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5887-0939>

Jornalista, doutoranda em Jornalismo na UFSC. Mestra em Comunicação (UFG). Especialista em Assessoria de Comunicação e Marketing (UFG). Integra o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq). Bolsista Capes.

Valci Regina Mousquer Zuculoto

valzuculoto@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2453-3990>

Jornalista, professora de graduação e pós-graduação em Jornalismo na UFSC. Doutora em Comunicação (PUCRS). Possui pós-doutorado (ECO-UFRJ) e é

Palavras-chave: Narração de futebol. Mulheres; Rádio brasileiro; Transmissões de futebol.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 04/04/2023 aceito em: 20/06/2023.

>> **Como citar este texto:**

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Narração do futebol por mulheres no rádio brasileiro: registros históricos de transmissões entre a década de 1970 e o início dos anos 2000. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 105-133, jan./jul. 2023.

coordenadora da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor/SBPJor) e da Rádio Ponto UFSC. Diretora Científica da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar). Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa), certificado no CNPq.

Abstract

The first time of a woman acting as a main commentator on a soccer radio broadcast in Brazil dates back to the 1970s, when Zuleide Ranieri and Claudete Troiano worked as main commentators on exclusively female broadcasts for Rádio Mulher (SP). Despite not being a new phenomenon, women commentating on football matches on the radio is still the exception, and there is little information available about professionals who had made this function at different points in history. In order to identify women who have worked as main commentators in Brazil, bibliographical and documentary research are being conducted using newspaper clippings and online news sources. With this research, we aim to contribute to the studies on sports radio journalism by bringing visibility to female commentators, who are often absent from historical records, as well as to initiatives that have enabled their engagement in this role, despite the ongoing resistance. The potential of public radios for female inclusion and the role of web radios as a gateway to football broadcasts are highlighted.

Keywords: Female soccer announcers. Women. Brazilian radio. Soccer broadcasts.

Resumen

El primer registro que se tiene de una mujer narrando un partido de fútbol en la radio en Brasil data de la década de 1970, época en la que Zuleide Ranieri y Claudete Troiano trabajaron como relatoras en transmisiones exclusivamente femeninas para Rádio Mulher en São Paulo. A pesar de no ser algo nuevo, la narración de partidos de fútbol por mujeres en transmisiones de radio sigue siendo la excepción, y hay poca información disponible sobre profesionales que hayan narrado partidos en diferentes momentos históricos. Con

la intención de identificar a mujeres que hayan desempeñado esta función en Brasil, se está llevando a cabo una investigación bibliográfica y documental utilizando recortes de periódicos y fuentes de noticias. Con esta investigación, buscamos contribuir a los estudios sobre el periodismo deportivo en la radio, dándole visibilidad a las mujeres narradoras, que suelen estar ausentes en los registros históricos del área, así como a las iniciativas que les han permitido desempeñarse en esta función a pesar de la resistencia aún presente. Se destaca la percepción del potencial de las radios públicas para la inclusión femenina y el rol de las radios en línea como puerta de entrada a las transmisiones de fútbol.

Palabras clave: Narración de fútbol. Mujeres. Radio brasileño. Transmisiones de fútbol.

Introdução

As histórias de algumas mulheres narradoras de futebol no rádio brasileiro começaram a ser efetivamente contadas e midiaticizadas recentemente, com a contratação de profissionais para exercer a função, principalmente em canais de televisão. Referências como a Rádio Mulher¹², de São Paulo, que teve Zuleide Ranieri e Claudete Troiano narrando jogos da modalidade na década de 1970, ganharam visibilidade em reportagens de programas como o Esporte Espetacular da Rede Globo de Televisão (LIMA, 2022) e documentários como o “Mulheres do Microfone”, da ESPN Brasil (VALENTE, 2023)¹³.

Entretanto, como explicam Betti e Zuculoto (2021), há um processo de exclusão e apagamento a respeito da existência e das contribuições das mulheres para o desenvolvimento histórico do rádio brasileiro. Se estão ausentes no que se diz e pesquisa sobre esse meio em geral, são ainda mais

¹² Criada em 1969, em São Paulo, a Rádio Mulher foi a primeira emissora de rádio no Brasil a se especializar exclusivamente em assuntos considerados femininos (ORTRIWANO, 1985) e funcionava com maioria de profissionais mulheres, muitas pioneiras nas funções que exerciam – chegando a ter, em determinado período, 132 mulheres dentre 136 funcionários.

¹³ O documentário produzido pela emissora de TV por assinatura ESPN, focada na cobertura esportiva, aborda trajetórias femininas da imprensa esportiva brasileira, com destaque para depoimentos de narradoras como Claudete Troiano, Luciana Mariano, Elaine Trevisan, Milla Garcia. Foi veiculado em maio de 2023 e também disponibilizado na plataforma de *streaming* Star+ (VALENTE, 2023).

esquecidas no âmbito das coberturas esportivas, ainda majoritariamente comandadas por homens. Buscando preencher lacunas deixadas até o momento sobre a presença de mulheres narradoras no rádio no Brasil e ampliar a visão sobre o tema, desenvolve-se este estudo exploratório (GIL, 2002) de caráter histórico, com pesquisa bibliográfica e análise documental, como método e como técnica (MOREIRA, 2017).

Para a revisão bibliográfica, foram considerados artigos científicos, dissertações, teses e livros. A busca foi realizada em: Portal de Periódicos¹⁴ e Biblioteca Digital de Dissertações e Teses¹⁵ da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Scientific Electronic Library Online (SciELO)¹⁶ e Google Acadêmico¹⁷, a partir das palavras “narradora” e “narração”, e também de combinações destas e/com os termos “jornalismo”, “futebol” e “rádio”. O levantamento das fontes bibliográficas indicou que, em maioria, nas pesquisas da área de Comunicação que tiveram a narração esportiva como foco, assim como em livros sobre essa atividade, as mulheres são, quando não ignoradas, citadas pontualmente. Suas histórias, práticas e técnicas não são efetivamente abordadas, como, por exemplo, em Schinner (2004), Guerra (2006), Faria (2011), Helal e Amaro (2012) e Götz (2015; 2022).

Com base na percepção da esparsa produção científica sobre a temática, iniciou-se a procura por documentos que contribuíssem para uma produção historiográfica. A pesquisa documental envolveu passos semelhantes ao da pesquisa bibliográfica, mas a partir de fontes documentais mais diversas e dispersas, que não haviam passado ainda por tratamento analítico (GIL, 2002) – nomeados como “documentos públicos não-arquivados” por Cellard (2008). Considerou-se, no processo, a importância de perceber as “diversas implicações relativas aos documentos” (GIL, 2002, p.

¹⁴ Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 11 jun. 2023.

¹⁵ Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/>. Acesso em: 11 jun. 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 07 jun. 2023.

¹⁷ Disponível em: <https://scholar.google.com.br/>. Acesso em: 07 jun. 2023.

47). A busca pelo material se deu em coletas com as ferramentas do Google. Foram utilizadas combinações das palavras “narradora”, “narradoras”, “narração”, “mulheres”, “futebol”, “rádio”, “radiojornalismo”, “esporte” e “radiojornalismo esportivo”. A intenção foi identificar notícias e conteúdos online que indicassem a atuação de mulheres na narração em qualquer época, desde que no Brasil. As indicações foram checadas com novas buscas a partir dos nomes profissionais encontrados.

Em ambas, tanto na pesquisa bibliográfica como na documental, fez-se necessário o ato de, como indica Gil (2002, p. 45), “analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições”, além da utilização de fontes diversas. Para uma avaliação adequada do material documental encontrado, procedeu-se a partir do que indica Cellard (2008) sobre análise preliminar (exame e crítica do documento, considerando contexto, autores, autenticidade e confiabilidade, natureza, conceitos-chave e lógica interna do texto) e a análise em si. Considerando os direcionamentos de Cellard (2008) sobre como se configura uma análise documental de natureza qualitativa, a investigação que aqui se apresenta foi iniciada em 2020 e está em andamento, como parte de uma pesquisa maior sobre a narração por mulheres no país.

A intenção, no presente artigo, é identificar e dar visibilidade a profissionais que atuaram na função, mesmo que em situações pontuais, em emissoras de rádio AM e FM – foco desta pesquisa por opção de recorte metodológico. Além disso, considera-se a importância de rever o relato histórico do meio, reforçando e detalhando a presença de mulheres nesse percurso. O jornalismo esportivo foi um dos primeiros gêneros a se firmar na história do rádio brasileiro (SOARES, 1994) e mantém, ainda hoje, a hegemonia masculina na atuação profissional (ZUCULOTO; MATTOS, 2017). Isso, porém, não significa que se trata de uma área da qual as mulheres não fizeram e não fazem parte. Apesar de todos os impedimentos sociais e da cultura profissional coercitiva (LELO, 2019), elas estiveram, sim, presentes, mas muitas de suas experiências não foram e ainda não são contadas e

valorizadas.

Transmissões de futebol

As transmissões de futebol estão presentes no rádio brasileiro desde as primeiras décadas do meio no país. É possível identificar, na literatura sobre o tema, precursoras delas em experiências desenvolvidas principalmente com alto-falantes em estabelecimentos comerciais. Ribeiro (2007) afirma que o jornalista Leopoldo Santana foi o primeiro a realizar uma irradiação esportiva no Brasil. “Na verdade, não era uma transmissão na íntegra, mas uma série de boletins recebidos por telefone e retransmitidos por alto-falantes” localizados na Confeitaria Mimi, no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, em outubro de 1922 (RIBEIRO, 2007, p. 59). Guimarães (2020) indica que foi noticiado, no jornal A Gazeta, um serviço de informações faladas sobre uma partida de futebol em janeiro de 1923, que seria oferecido na Sorveteria Meia Noite, na mesma região da capital paulista. Irradiação que foi repetida outras vezes, de acordo com documentos encontrados por esse autor.

Especificamente no rádio, as transmissões de jogos de futebol tiveram início com Amador Santos, na Rádio Clube do Rio de Janeiro, em 1925, e Nicolau Tuma, na Rádio Sociedade Educadora Paulista, em 1931. Com Tuma, efetivamente, teria ocorrido a primeira transmissão integral de um jogo de futebol em “tempo real” (MOSTARO; KISCHINHEVSKY, 2016). Contudo, de acordo com Guimarães (2020, p. 86), é possível inferir que “a narração de futebol existia quase uma década antes”. Há vestígios de experiências radiofônicas durante a década de 1920, assim como a possibilidade de Abílio de Castro ter narrado um jogo pela Rádio Clube de Pernambuco também em 1931, havendo indefinição se alguns dias antes ou alguns meses depois que Nicolau Tuma, em São Paulo (GÖTZ, 2020). Entretanto, o marco ainda hoje considerado como inicial é a transmissão de partida entre as seleções de São Paulo e Paraná, pela Rádio Sociedade Educadora Paulista, com a narração ininterrupta de Nicolau Tuma em 19 de julho de 1931 (GUIMARÃES, 2020).

Guimarães (2020) enfatiza que há dificuldade de estabelecer a cronologia do rádio em função da ausência de registros oficiais, do desaparecimento de testemunhas oculares e do péssimo cuidado com a documentação dos fatos históricos. Esse impasse se intensifica quando se busca identificar as mulheres que fazem parte dessa história. Nas primeiras transmissões de jogos de futebol, não se fala em presença feminina, até porque eram feitas por figuras únicas: a do narrador, no masculino. “Não havia a figura do repórter de campo, uma vez que este serviço era prestado somente pelo locutor, que muitas vezes era o único profissional a atuar no microfone” (GUIMARÃES, 2020, p. 83). Sozinho, ele narrava de forma linear, muitas vezes, apenas descrevendo quem estava com a bola.

Somente a partir da década de 40 o comentarista esportivo passa a atuar. Inicialmente ele fazia suas intervenções apenas no intervalo da partida. É possível afirmar que a atual configuração tradicional de uma jornada esportiva no rádio – com narrador, comentaristas, repórteres e plantão esportivo – começou a existir, de fato, somente em meados dos anos 50. (GUIMARÃES, 2020, p. 83)

Os primeiros registros da participação efetiva de mulheres nas coberturas esportivas indicam a presença de pioneiras cerca de quatro décadas depois do advento dessas transmissões. No início da década de 1970, a equipe da Rádio Mulher, exclusivamente feminina, transmitia jogos de futebol, com Zuleide Ranieri, Claudete Troiano, Leilah Silveira, Germana Garilli, Jurema Iara e outras (MATTOS; ZUCULOTO, 2017). Regiani Ritter começou sua carreira como repórter e comentarista esportiva em 1980, na Rádio Gazeta, de São Paulo (MATTOS, 2019). Rita Campos Daudt atuou como repórter da Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, na década de 1970 (PROVENZANO; SANTUÁRIO, 2009). Na mesma emissora, no fim daquela década, Carmen Rial foi redatora e, posteriormente, editora no Departamento de Esportes da Rádio Gaúcha (MATTOS, 2019).

Verificou-se, ainda, a presença de mulheres nas transmissões de futebol em momentos anteriores, mesmo que não seja possível identificar especificamente a amplitude da participação na cobertura. É o caso de Ruth

Costa, profissional da Rádio Difusora de Joinville, em Santa Catarina, entre as décadas de 1940 e 1960. Ela era locutora e desempenhava a função de plantão esportivo nas transmissões de domingo da emissora (MATTOS, 2019), onde trabalhou entre 1947 e 1963 (MUSTAFÁ, 2009). “Durante a programação esportiva, ela permanecia no estúdio para irradiar músicas, intercaladas com locução, caso houvesse queda de sinal da transmissão” (FERRO; GOMES; ZUCULOTO, 2022, p. 2). Segundo Mattos (2019), na década de 1960, Eva Mendonça, apesar de trabalhar no Departamento de Notícias, também contribuía com a área de esportes da Rádio Gaúcha de forma esporádica, com atividades administrativas ou de rádio-escuta. Na mesma época, Ivete Brandalise atuou como comentarista na Rádio Guaíba (RS) (SILVA; WEIGELT, 2018).

A inserção de mulheres na cobertura do radiojornalismo esportivo ocorreu de forma tardia, em contextos em que a permanência dessas mulheres nesses espaços profissionais era também dificultada. “O preconceito e a não aceitação de uma mulher num campo hegemonicamente masculino evidenciava-se no tratamento dado a elas, inclusive, por colegas de profissão”, como relatou Rita Daudt a Mattos (2019, p. 57). Dificuldade que se apresentou ainda maior para a atuação das mulheres na narração de jogos de futebol. Esta função principal, que inicia a trajetória das transmissões e se consolida como um lugar de protagonismo nas jornadas esportivas, só foi exercida por uma mulher pela primeira vez na década de 1970, pelo que se apurou até agora nos nossos estudos em andamento. Zuleide Ranieri e Claudete Troiano narraram jogos nas transmissões da Rádio Mulher. Depois, novas narrações femininas só são identificadas após os anos 2000.

A narração

Os dois primeiros narradores a serem reconhecidos como pioneiros na atividade, Amador Santos e Nicolau Tuma, ditaram estilos diferentes, que passaram a ser copiados, estabelecendo-se como padrões do que deveria ser essa atuação. Guerra (2006, p. 19) explica que “Amador narrava de forma mais

lenta, num estilo mais próximo do que fazem os locutores esportivos na televisão”. Já Tuma dava ritmo diferente à narrativa, mais rápido, “enunciando os detalhes como uma metralhadora de palavras” (SOARES, 1994, p. 30), o que lhe rendeu o apelido de “*speaker* metralhadora”. Ele pronunciava até 250 palavras por minuto, de acordo com Monteiro (2007), fazendo a descrição fotográfica do jogo (GUERRA, 2006).

No começo as transmissões eram feitas apenas pelo narrador. Não havia repórter de campo, comentarista e nem plantonista de estúdio. Daí a preocupação de Nicolau Tuma em não parar de falar em momento algum. Ele fazia de tudo para não perder o ritmo, com receio de “abrir buracos na transmissão” e o ouvinte mudar de estação. (GUERRA, 2006, p. 21)

Para Guerra (2006), a narração esportiva fez do futebol um espetáculo à parte. Segundo o autor, integram esse cenário o surgimento de estilos próprios para a descrição das partidas, com a utilização de bordões, expressões e linguagens estereotipadas e redundantes. Ele considera o locutor como um contador da história vista e vivida no momento da partida. Além dessa habilidade narrativa, também são exigidas do narrador de futebol capacidades básicas para descrever o que vê, identificar e relatar o fato jornalístico, transmitir o evento em si, interagir com ouvintes e conduzir a transmissão esportiva (SCHINNER, 2004), distribuindo entre os outros profissionais da jornada o tempo de fala.

Ferraretto (2014) explica que, utilizando-se de maior ou menor emoção, o narrador tem função também de canalizar o sentimento da torcida enquanto descreve o fato que se desenrola em campo. “Misturando informação e emoção, o narrador segura a transmissão de um evento esportivo, descrevendo-o em detalhes, mexendo com a sensorialidade do ouvinte e fornecendo a ele uma visão do que acontece” (FERRARETTO, 2014, p. 216). Para tanto, Schinner (2004) enumera que o narrador deve ter domínio da modalidade, estar preparado para acompanhar diferentes esportes e para apresentar programas de especificidades distintas e fazer entrevistas, assim como comentários, quando necessário.

Soares (1994) dividiu os estilos de locução das transmissões esportivas em duas escolas: a denotativa e a conotativa. Na primeira, o narrador chama a bola de bola, na segunda, fala-se em balão, gorduchinha, pelota, entre outros nomes que remetem o ouvinte ao objeto em questão (SOARES, 1994). Conforme Ferraretto (2014, p. 220), na primeira, “predomina a descrição calcada no significado dicionarizado das palavras usadas”, enquanto na segunda há outros sentidos associados “ao significado dicionarizado das palavras utilizadas, abusando de figuras de linguagem, gírias, metáforas, slogans e chavões”.

A narração sobreviveu ao desenvolvimento das transmissões dos jogos de futebol como “centro do espetáculo proporcionado pelo rádio esportivo” (SOARES, 1994, p. 61), mesmo após a inserção de comentaristas, repórteres e a figura do plantão esportivo. De acordo com Guimarães (2018), essas outras funções foram inseridas nas jornadas radiofônicas de futebol em meados dos anos 1950, quando o narrador começou a ocupar uma cabine no estádio e o comentarista tornou-se figura recorrente nas transmissões.

O autor considera que uma série de fatores estimulou a inserção desses novos componentes nas transmissões, tais como: a Copa do Mundo de Futebol Masculino de 1950; o desenvolvimento tecnológico e o apelo popular do futebol após o Maracanazo (GUIMARÃES, 2018). De lá para cá, as jornadas radiofônicas não passaram por grandes transformações em relação a seus componentes ou estrutura, apesar de, atualmente, como afirmam Rutilli e Götz (2022), serem perceptíveis mudanças nos estilos de narração provocadas por transmissões on-line, em mídias digitais e plataformas de streaming.

Narradoras

Se pouco mudaram em sua formatação, as transmissões de jogos de futebol no rádio brasileiro também demoraram a ter alguma alteração em relação à hegemonia masculina. O futebol, em si, como analisa Wood (2018), se constituiu, na América Latina, como importante elemento da

masculinidade hegemônica, como prática e também como discurso. Em paralelo, de acordo com Rial (2021), o jornalismo esportivo esteve, durante muito tempo, exclusivamente nas mãos de homens e, apesar da crescente participação de mulheres em diferentes funções, a presença ainda hoje não é igualitária: a hierarquia e a defasagem numérica permanecem. Para a autora, há, inclusive, um longo caminho a percorrer até que se chegue à conquista de plena cidadania para as mulheres em um tema tão fortemente relacionado a um símbolo de nação, no Brasil, como é o futebol (RIAL, 2021).

Na narração, especificamente, a primeira a romper essa barreira foi Zuleide Ranieri, em junho de 1971, conforme evidenciam pesquisas até o momento. A ausência de registros oficiais, principalmente sobre emissoras que não estão localizadas em estados do Sudeste, e de gravações das transmissões dificultam que se identifique a totalidade de narradoras na história do rádio. Por isso, esta é uma pesquisa que, assim como justifica Guimarães (2020), não se constitui definitiva. Trata-se de uma contribuição para sistematizar o que já é possível dispor de registros de mulheres que atuaram como narradoras em emissoras de rádio AM e FM no Brasil, entendendo as transmissões da Rádio Mulher, na década de 1970, como um marco por enquanto inicial.

“Alguém já ouviu uma partida de futebol irradiada por mulher? Comentada por mulher? Mas isso vai acontecer” (LIMA, 1971, p. 16). O questionamento e a afirmação foram publicados em matéria do jornal Folha de S.Paulo, na edição do dia 4 de julho de 1971. “O ouvinte sintoniza seu rádio em 730 khz, no horário habitual das transmissões esportivas, e a voz de duas jovens, Helena e Gilda, vai transmitir-lhe com narração e comentário, as emoções de uma partida de futebol” (LIMA, 1971, p. 16). No mesmo ano, a revista Placar, de 29 de outubro, também anunciou a realização das transmissões femininas, identificando as profissionais envolvidas pelo apelido ou pelo primeiro nome apenas. “Baby é a locutora, Germana a repórter-volante e Lara a comentarista. É o trio esportivo da Rádio Mulher, a mais recente bossa em matéria de transmissão de futebol” (FRANCO, 1971, p. 18).

Apesar das indicações de Helena Marques, pelo jornal paulista, e da mulher identificada apenas como Baby pela revista Placar como locutoras, o marco da primeira narração feminina é atribuído à mineira Zuleide Ranieri. De acordo com Lima (2022), a narradora afirma ter feito sua estreia em um jogo entre as seleções da União Soviética e da Tchecoslováquia, em 1972. Contudo, segundo o Centro de Referência do Futebol Brasileiro (2023), a primeira transmissão de futebol da Rádio Mulher ocorreu em 15 de junho de 1971, com a cobertura de um amistoso entre Palmeiras e Portuguesa de Desportos, no Palestra Itália, com narração da própria Zuleide Ranieri. Mas é possível que a função tenha sido assumida por uma das locutoras citadas nas matérias indicadas anteriormente.

Assim, Zuleide é considerada a primeira narradora no país – alguns vão mais longe, evidenciando que pode ter sido a primeira no continente e talvez até no mundo. Mesmo assim, é indiscutível o seu pioneirismo. Depois dela, Claudete Troiano, repórter na Rádio Mulher, também passou a narrar jogos, alternando-se a função entre as duas. Em entrevista a Rodney Brocanelli (2015), disponível no YouTube, Zuleide afirma que sua referência de narração era Fiori Gigliotti, enquanto a de Claudete era Osmar Santos: ambos narradores característicos da escola conotativa (SOARES, 1994).

A narradora lembra que a equipe exclusivamente feminina das transmissões de futebol ficou no ar por volta de dois anos (BROCANELLI, 2015). A cobertura esportiva em “tempo real” da Rádio Mulher teria encerrado em 1975, mas a saída da maioria daquelas mulheres se deu antes, com a inserção de homens na equipe, de acordo com o Centro de Referência do Futebol Brasileiro (2023). Também em entrevista concedida em 2015, bem posterior à época de sua atuação como narradora, Claudete afirma que a importância do que elas faziam foi maior do que ela atribuía à época (DUARTE, 2015). Pelo que é possível identificar até o momento, as ondas sonoras do rádio passariam longos anos sem que a voz feminina fosse ouvida narrando uma partida de futebol. Trata-se de algo que, a partir do que foi possível identificar até o momento, só voltou a acontecer nos anos 2000.

Nessa década, encontram-se duas experiências que ocuparam espaço na programação de emissoras de rádio em seu formato tradicional. A primeira delas ocorreu em contexto universitário, mas aqui é considerada por serem transmissões veiculadas pela Rádio Universitária da Universidade Federal de Goiás (UFG), que opera em 870 AM, e está, como afirma Spenthof (1998, p. 161), “como qualquer outro veículo de comunicação de massa, no mercado”. Estudante do curso de Jornalismo da instituição, Pollyanna Pádua atuou como narradora em transmissões de jogos de futebol profissional em 2004, com a equipe do projeto laboratorial Doutores da Bola na emissora pública (VERSIANE; FERRO, 2020). Pollyanna lembra que o fato foi noticiado por um jornal local quando houve a primeira jornada exclusivamente feminina na Rádio Universitária da UFG. Considera que abriu portas para as gerações seguintes do projeto. Sentiu pouca resistência, apesar de ter necessitado de aprovação dos colegas para ascender ao posto da narração nas transmissões (VERSIANE; FERRO, 2020).

Em 2009, identifica-se que uma jornalista, já profissional na área, atuou como narradora em pelo menos uma ocasião no Paraná. Elaine Felchacka narrou uma partida da Copa do Brasil de Futebol Feminino pela Rádio 91 Rock (FERRO, 2021). A coluna Intervalo do jornal Gazeta do Povo (FERNANDES, 2009) noticia que a emissora, prefixo 91,3, realizou uma transmissão inédita no rádio paranaense, só com mulheres e indica Elaine na narração do jogo entre as equipes Novo Mundo e Santos. Baptista Junior (2017) também escreve sobre essa jornada esportiva, afirmando que Lara Mota dividiu a função principal na locução com a colega. Já na versão evidenciada por Fernandes (2009), Lara esteve na transmissão, mas atuando como comentarista.

A participação de narradoras em transmissões radiofônicas de jogos de futebol começa a se fazer mais presente na década seguinte, principalmente a partir da segunda metade dos anos 2010. Nesse contexto, destaca-se a estreia de Renata Silveira na narração, após a vitória em uma seleção – ela se tornou, mais recentemente, a primeira narradora da Rede

Globo de Televisão. Em 2014, ano em que a Copa do Mundo de Futebol Masculino aconteceu no Brasil, a Rádio Globo (RJ) organizou o concurso Garota da Voz, em formato de reality show, para escolher uma mulher que narraria um jogo transmitido no site da estação. Renata venceu o concurso e ainda hoje é considerada a primeira voz feminina a narrar jogos desta competição internacional no Brasil. Ela atuou na transmissão de dois jogos: Uruguai x Costa Rica e Croácia x México (BOKEL, 2022).

Somente em 2016, o projeto laboratorial de transmissões esportivas da Rádio Universitária da UFG teve uma segunda estudante de Jornalismo na narração de alguma das jornadas irradiadas pela emissora. Núbia Alves fez sua estreia como narradora em 6 de abril daquele ano, na cobertura da partida entre Vila Nova e Aparecidense, válida pelo Campeonato Goiano de Futebol Masculino. Também ainda quando era graduanda em Jornalismo, mas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Isabelly Moraes fez sua primeira narração pela Rádio Inconfidência (AM 880), uma rádio pública estadual em que era estagiária, em 2017. O jogo era América (MG) x ABC, pela Série B do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino. Ela foi incentivada pelo coordenador do Departamento de Esportes, um servidor público concursado da emissora (ESTEVEZ, 2017). O fato de ser a primeira narradora do estado gerou grande repercussão midiática à época e também abriu as portas para que a emissora tivesse, em um futuro próximo, mais mulheres na narração. Isabelly também atuou como narradora na Rede Bandeirantes em São Paulo, tanto no rádio quanto na TV aberta, em transmissões de futebol feminino, e foi contratada no primeiro semestre de 2023 pelo Grupo Globo, igualmente para a narração (LANCE, 2023).

Em 2018, Letícia Beppler, em São Paulo, e Michelle Veiga, em Santa Catarina, tiveram oportunidades como narradoras em transmissões de futebol. A primeira narrou o clássico paulista Palmeiras x São Paulo em jornada comemorativa do Dia da Mulher, pela Rádio Melhor FM. De acordo com Bitar (2018), apesar de a emissora ter formato on-line, ela distribui seu conteúdo para rádios AM/FM, que a retransmitem. Assim, a transmissão com

narração de Letícia foi ouvida em emissoras de formato antena, como Clip FM, da Região Metropolitana de Campinas (SP), Rádio Cidade, de São Carlos e Rádio Executiva FM, da cidade de Pesqueira (PE).

Alguns meses depois, Michelle foi a responsável pela narração do jogo entre Criciúma e Londrina, válido pela Série B do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino, pela Rádio Difusora AM 910, de Içara, no Sul de Santa Catarina. “A oportunidade surgiu, no dia 20 de julho de 2018, por conta de problemas de saúde que impossibilitaram o narrador oficial, Joel Bernardo, de fazer a transmissão” (MATTOS, 2019, p. 81). Alguns dias depois, ela voltou a ser escalada para o posto para a jornada esportiva de CRB x Criciúma. De acordo com Mattos (2019, p. 90), “a experiência e as críticas, num primeiro momento, fizeram Michelle Veiga pensar em desistir, inclusive, do rádio”, o que a levou a não fazer mais narração, mesmo permanecendo no meio. Não é incomum que mulheres tenham uma ou algumas oportunidades na função, mas não permaneçam nesse tipo de atuação profissional.

Fernanda Arantes, por exemplo, esteve em duas transmissões de futebol como narradora em 2019. A primeira foi pela internet e a credenciou para narrar também no rádio. A apresentadora comandou a jornada esportiva de amistoso da Seleção Brasileira de Futebol Feminino contra a equipe nacional do México em dezembro de 2019, na rádio CBN, em transmissão somente de mulheres (GLOBO ESPORTE, 2019). No Rio Grande do Sul, também em 2019, Valéria Possamai e Mara Steffens estrearam como narradoras. Enquanto a primeira narrou apenas uma partida pela Rádio Grenal (FM 95.9), a segunda fez carreira narrando jogos em emissoras do interior do estado e ganhou destaque nacional ao participar da segunda edição do concurso Narra Quem Sabe, nos canais ESPN18. Valéria era estagiária na Rede Pampa de Comunicação quando participou de uma transmissão

¹⁸ Em 2018, a Fox Sports realizou o concurso Narra Quem Sabe com o objetivo de revelar mulheres para o cenário da narração esportiva nacional e selecionar narradoras que atuariam em transmissões televisivas da Copa do Mundo de Futebol Masculino naquele ano. A segunda edição do programa, que tem características de *reality show*, foi promovida pela ESPN em 2021.

exclusivamente feminina do clássico entre Grêmio e Internacional, pelo Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino, como narradora (RÁDIO GRENAL, 2019). Mara fez sua estreia narrando um jogo de futsal na Rádio Diário AM (FERRO, 2021), em que trabalhou até 2022. Mara relata que não gostou de seu desempenho inicial na narração. Por isso, ficou muito tempo sem narrar, até assumir a função em uma webrádio de sua cidade, Carazinho (RS) (CONTATO VIP, 2022).

No período entre 2016 e 2019, algumas mulheres começaram a narrar jogos de futebol em transmissões de webrádios, que fogem ao escopo do rádio AM/FM adotado nesta pesquisa. Mesmo assim, registram-se aqui alguns nomes, como os de Clairene Giacobe, que narra desde 2016 na Rádio Estação Web (RS) (FERRO, 2021), e Elaine Trevisan, que hoje é narradora nos canais do Grupo Disney de Televisão (ESPN e Fox Sports), depois de passar pela função na TV Redevida em 2016 e na Webradio Poliesportiva (SP) em 2017 (ALABY, 2017). Luciana Zogaib, que começou a atuar como narradora da Rádio Roquette-Pinto (FM 94.1), do Rio de Janeiro, em 2021, também faz narrações em emissoras on-line desde 2018.

Muitas das narradoras que agora chegam às transmissões televisivas tiveram experiências iniciais na internet: em webrádios, webtvs e também nas mídias digitais, como nas transmissões do Campeonato Paulista de Futebol Feminino, pela parceria entre a federação estadual e o Facebook, por exemplo. E são, em geral, as mesmas que participaram dos concursos para narradoras realizados pelos canais Esporte Interativo e Fox Sports em 2018 (FERRO, 2021). Natália Lara, que participou da edição de 2018 do Narra Quem Sabe, passou por webrádios entre 2018 e 2019, por transmissões institucionais em mídias sociais e também pelo streaming antes de chegar aos canais do Grupo Globo. Entretanto, se começam a surgir vagas na televisão para mulheres que narram em transmissões de futebol, as contratações nesse sentido no rádio AM/FM aparentemente seguem escassas.

Por todo o país

Eduarda Gonçalves é uma das narradoras que estrearam no rádio, passaram por um concurso televisivo e migraram para a TV. Ainda em 2019, ela foi a segunda narradora da história da Rádio Inconfidência (MG). Atualmente, é repórter dos canais ESPN, depois de ser uma das vencedoras do Narra Quem Sabe realizado pela emissora em 2021. É a primeira mulher negra entre as narradoras citadas até aqui. Nos registros históricos que levantamos até o momento, é perceptível uma ausência ainda maior de narradoras que fujam aos padrões brancos e cisheteronormativos. Assim como afirmam Betti e Zuculoto (2021, p. 9), toda a abordagem sobre a história de mulheres no rádio brasileiro não pode ser feita “sem que consideremos sua interseccionalidade com outros marcadores sociais da diferença”.

É somente após 2020, por exemplo, que se identificam pioneiras da narração em transmissões esportivas de rádio AM/FM em estados do Nordeste do país. O que não indica que não tenham existido narradoras antes disso nessa região. É possível que seja mais difícil identificá-las por estarem fora do eixo Sul-Sudeste, compreendendo as relações de poder que perpassam a concepção nacional e que contribuíram para a construção cultural da subalternidade dos nordestinos, como analisa Fernandes (2020). “Foi construído um imaginário estereotipado da região e da sua população com o objetivo de torná-los subalternos. Esse processo é responsável por gerar grandes desigualdades, dependência e subordinação econômica, política, social e cultural de uma região para a outra” (FERNANDES, 2020, p. 165). Realidade que muitas vezes mantém essa região à margem da historiografia considerada “nacional”.

Faz-se necessário, então, ampliar o olhar para as outras regiões em pesquisas específicas. Nosso esforço, nesse sentido, identificou o trabalho de Érika Nascimento pela Rádio Salgueiro FM (FM 102.9), localizada na cidade de mesmo nome, em Pernambuco. Participante da edição de 2021 do concurso Narra Quem Sabe, ela começou narrando um torneio de futebol amador no mesmo ano, mas desde 2022 é narradora titular da emissora,

acompanhando principalmente a equipe de sua cidade no Campeonato Pernambucano de Futebol Masculino (GALVÃO, 2023).

Algumas outras estreias que não correspondem à narração no rádio também são importantes e devem ser ressaltadas, dada a ausência de muitos registros das mulheres nordestinas narradoras em transmissões via AM/FM. Destaca-se o nome de Manuela Avena, na Bahia. Apesar de ter passagens por webrádios e também pelas Rádio Sociedade e CBN, nas quais não teve essa oportunidade, a publicitária teve a carreira impulsionada pelo Narra Quem Sabe de 2018 e é narradora em canais de televisão (LISBOA, 2020). A jornalista baiana Cris Menezes fez um percurso semelhante em 2021, mas da reportagem no rádio para a narração em uma plataforma de transmissão por *streaming*. Repórter da Rádio Andaiá FM, ela narrou uma partida do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino (RÁDIO ANDAIÁ, 2021).

Também em 2021, Júlia Carvalho atuou naquela que foi considerada a primeira transmissão de futebol com narração feminina no Rio Grande do Norte. Ela narrou uma partida do torneio estadual de futebol de mulheres para o canal *on-line* da federação local (FERRO, 2021). No mesmo ano, Patrícia Castro tornou-se a primeira narradora de uma partida oficial da modalidade no Ceará, segundo Silveira (2021). Com passagens por emissoras de rádio, ela começou e teve continuidade na função nas transmissões do Campeonato Cearense de Futebol Feminino pelo canal da Federação Cearense de Futebol no YouTube.

Em frente

Silveira (2021) explica que Patrícia Castro mantinha o desejo de narrar jogos de futebol e o permitiu despertar ao ver outras mulheres atuando na narração em canais de televisão. “O anúncio de Renata Silveira como a primeira narradora esportiva da Globo, em 2020, era o empurrãozinho esperado” (SILVEIRA, 2021, *on-line*). Nas entrevistas concedidas por narradoras que começam a atuar em transmissões de futebol, seja por rádio, televisão ou internet, é comum que destaquem o estímulo recebido ao ver

mulheres narrando. Compreende-se esta como uma dentre muitas justificativas para o aumento no número de narradoras de futebol.

Em emissoras de rádio AM/FM ainda é possível destacar mais uma narradora: Jeovana Oliveira, da Rádio Inconfidência, de Minas, que fez sua estreia em julho de 2021 e continuou atuando na narração durante o ano de 2022 (OLIVEIRA, 2022). Na Rádio Universitária da UFG, em Goiás, entre 2018 e 2020, outras cinco estudantes do curso de Jornalismo estiveram na narração em pelo menos uma transmissão realizada em uma das cabines da emissora nos Estádios Serra Dourada e Olímpico, em Goiânia: Aline Carlêto, Daniela Versiane, Mariana Siqueira, Tandara Reis e Maiara Dal Bosco (VERSIANE; FERRO, 2020).

Outra iniciativa laboratorial acadêmica também abriu portas para que Duda Dalponte fosse a narradora de uma transmissão comemorativa em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, em 2020, na Rádio Avaí, em Florianópolis. A irradiação foi pela FM 89.1, assim como pelos perfis do clube no Facebook e no YouTube (JORDÃO, 2020). A participação fez parte do que Nascimento e Chaves (2020) refletiram como repercussão ao desenvolvimento do projeto Donas do Placar19. A proposta mobilizou estudantes para as transmissões de jogos da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019 pela webemissora Rádio Ponto UFSC. Nessas jornadas, mais duas alunas do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), além de Duda, arriscaram-se como narradoras. As autoras descrevem uma negação da maioria do grupo de alunas em atuar na narração, o que inclusive inviabilizou algumas outras transmissões (NASCIMENTO; CHAVES, 2020).

Possível enumerar também, fora do rádio hertziano, as atuações de Ana Tereza (Tetê) Motta, que esteve como narradora da Rádio Coxa, do Coritiba

¹⁹ O Donas do Placar foi, segundo Nascimento e Chaves (2020, p. 513), “um projeto de extensão que formou uma equipe de radiojornalismo composta exclusivamente por mulheres e realizou a transmissão experimental de jogos da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019” pela Rádio Ponto UFSC, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Foot Ball Club, entre 2018 e 2021 (CARVALHO, 2021), e Andreana Chemello, que estreou na narração da Rádio Estação Web (RS) em 2021 (BROCANELLI, 2021). Além delas, Letícia Macedo começou a narrar de forma voluntária na webrádio Sintonia Esportiva em 2020, em São Paulo. Atualmente, segue atuando na narração em transmissões pela internet, em canais institucionais e plataformas de streaming (LIGADO NO ESPORTE, 2022). Então repórter da Rádio CBN Campo Grande (MS), Isabelly Melo foi reconhecida como primeira mulher a narrar um jogo de futebol em seu estado, em 2021. Entretanto, sua estreia na narração foi na webtv da federação local. Posteriormente ela foi uma das vencedoras do Narra Quem Sabe de 2021 (RIBEIRO, 2021).

Considerações finais

O cenário de resistência e impedimentos às narradoras tem sido tensionado, como reflete este artigo, pela insistência de vozes femininas que permanecem tentando o direito a entoar o grito de gol, no rádio, na televisão e na internet. Porém, quando se estabelece o esforço de traçar o percurso histórico evidenciando as mulheres que já narraram em alguma transmissão, é possível observar que por mais que as portas comecem a se abrir, ainda preponderam as fechadas. Isto, sobretudo nas emissoras tradicionais de rádio, em AM ou FM. Continuam poucas as oportunidades, e quando ocorrem, normalmente são para transmissões pontuais. Assim, todas as que acontecem, permanecem compreendidas como pioneiras.

A partir desta pesquisa, foram identificadas 22 mulheres que atuaram pelo menos uma vez como narradoras em uma transmissão de futebol em rádio AM ou FM no Brasil entre o início da década de 1970 e o início dos anos 2020. São elas: Zuleide Ranieri, Claudete Troiano, Pollyanna Pádua, Elaine Felchacka, Renata Silveira, Núbia Alves, Isabelly Moraes, Letícia Beppler, Michelle Veiga, Fernanda Arantes, Valéria Possamai, Mara Steffens, Luciana Zogaib, Eduarda Gonçalves, Érika Nascimento, Jeovana Oliveira, Aline Carlêto, Daniela Versiane, Mariana Siqueira, Tandara Reis, Maiara Dal Bosco e Duda Dalponte. Contudo, em atividade na função específica, é possível destacar as

narradoras Luciana Zogaib, da Rádio Roquette-Pinto (RJ), e Érika Nascimento, da Rádio Salgueiro (PE).

Há muitas vozes femininas buscando espaço nas narrações esportivas, que começam a se abrir para elas. Tanto que, apesar de o foco desta pesquisa ser as transmissões em rádios AM e FM, optou-se por também trazer alguns dos muitos exemplos de narradoras que têm atuado em webrádios e nas mídias digitais. Atenta-se para o fato de que, muitas vezes, as radialistas que conseguem espaços em outros lugares para narrar, que não na emissora em que trabalham, são saudadas e enaltecidas no conteúdo noticioso daquelas rádios em que atuam em outras áreas – no ar e no site – e que não lhes dão espaço para narração.

É perceptível o aumento no número de narradoras no rádio brasileiro, porém ainda são poucas. Faz-se necessário que as empresas de radiodifusão olhem para as ausências em suas equipes e percebam a necessidade de mudanças em vários sentidos, mas também no padrão de hegemonia masculina para a cobertura esportiva. Ressalta-se a importância da radiodifusão pública nesse sentido. Em pelo menos três emissoras em que as mulheres tiveram espaço para a narração, essa característica pode ser identificada. A Rádio Inconfidência, hoje em crise após a demissão de diversos funcionários e ameaça de extinção (ALMG, 2023), abriu espaço para o início da carreira de pelo menos três narradoras nos últimos anos.

A oportunidade de transformação na forma como são orquestradas as jornadas esportivas atualmente também é uma prerrogativa dos laboratórios de ensino que abrem espaço para a experimentação e a realização dessas transmissões em cursos de graduação, em especial de Jornalismo – como foi identificado nas Universidades Federais de Goiás e Santa Catarina. Historicamente, a porta de entrada para as mulheres no mercado de trabalho é o acesso ao ensino. De acordo com Lodi (2006), fatores como o aumento da escolaridade e o acesso à universidade contribuíram para a participação feminina na força de trabalho a partir da metade da década de 1980. É possível inferir que esse é um caminho que se abre também quando se fala

da narração esportiva e mesmo atualmente.

A falta de informações sobre a atuação de mulheres nas transmissões de futebol, que ainda prevalece, reflete e, ao mesmo tempo, influencia para a manutenção de um cenário predominantemente masculino. Por isso, o esforço por identificar as mulheres que fazem parte da história da narração de jogos de futebol no rádio brasileiro deve ser permanente. Com uma revisão do relato histórico das mulheres no rádio (BETTI; ZUCULOTO, 2021), mais narradoras serão evidenciadas. Da mesma forma, verificar mais mulheres na função pode incitar mais vozes femininas a narrar e também contribuir para estimular a atenção da pesquisa científica a respeito.

Referências

ALABY, Rafael. **Rádio realiza transmissão 100% feminina no Brasileirão: meninas contam experiência histórica.** meninas contam experiência histórica. 2017. Torcedores.com. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2017/12/radio-transmissao-100-feminina>. Acesso em: 01 abr. 2023.

ALMG (Belo Horizonte - MG). **Desmonte da Rádio Inconfidência pauta audiências na Assembleia.** 2023. Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/comunicacao/noticias/arquivos/Desmonte-da-Radio-Inconfidencia-pauta-audiencias-na-Assembleia/>. Acesso em 02 abr. 2023.

BAPTISTA JUNIOR, Ayrton. **Lugar de mulher é na latinha.** 2017. Coluna Boleiros e Barangas. Globoesporte.com. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/pr/blogs/especial-blog/boleiros-e-barangas/post/lugar-de-mulher-e-na-latinha.html>. Acesso em: 01 abr. 2023.

BETTI, Juliana Gobbi; ZUCULOTO, Valci. A história (das mulheres) do rádio no Brasil: uma proposta de revisão do relato histórico. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 13., 2021, Remoto. **Anais [...]**. Juiz de Fora: Alcar, 2021. v. 1, p. 1-12. Disponível em: https://x80071.a2cdn1.secureserver.net/wp-content/uploads/2021/08/30_gt_historiadamidiasonora.pdf. Acesso em: 01 abr. 2023.

BITAR, Rodrigo. **Melhor FM pode transmitir mais jogos com equipe feminina no comando.** 2018. Torcedores.com. Disponível em:

<https://www.torcedores.com/noticias/2018/03/melhor-fm-pode-transmitir-mais-jogos-com-equipe-feminina-no-comando>. Acesso em: 01 abr. 2023.

BOKEL, Thiago. **Renata Silveira e a voz feminina na hora do gol**: "estamos escrevendo uma história". 2022. Globoesporte.com. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2022/11/14/renata-silveira-e-a-voz-feminina-na-hora-do-gol-estamos-escrevendo-uma-historia.ghtml>. Acesso em: 01 abr. 2023.

BROCANELLI, Rodney. **Radioamantes no Ar relembra a equipe esportiva da Rádio Mulher formada só por mulheres em um papo com Zuleide Ranieri**. 2015. Blog Radioamantes. Disponível em: <https://radioamantes.com/2015/11/16/radioamantes-no-ar-relembra-a-equipe-esportiva-da-radio-mulher-formada-so-por-mulheres-em-um-papo-com-zuleide-ranieri/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

BROCANELLI, Rodney. **Rádio Estação Web tem mais uma narradora**: Andreana Chemello. 2021. Blog Radioamantes. Disponível em: <https://radioamantes.com/2021/07/07/radio-estacao-web-tem-mais-uma-narradora-andreana-chemello/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

CARVALHO, Helena. **Agora é com elas**: a resiliência de Tetê Motta. 2021. Rainhas do Drible. Disponível em: <https://rainhasdodrible.com/2021/03/17/agora-e-com-elas-a-resiliencia-de-tete-motta/>. 02 abr. 2023.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro (org.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CENTRO DE REFERÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO (São Paulo). **Rádio Mulher**. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/626331/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

CONTATO VIP (Carazinho - RS). **Do rádio para a televisão**: a experiência da jornalista Mara Steffens no programa Narra Quem Sabe da ESPN. 2022. Disponível em: <https://www.contatovip.com.br/norte/do-radio-para-a-televisao/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

DUARTE, Marcelo. **Projeto sobre futebol feminino dá destaque para as pioneiras da Rádio Mulher**. 2015. Disponível em: <https://www.guiadoscuriosos.com.br/esportes/projeto-sobre-futebol-feminino-da-destaque-para-as-pioneiras-da-radio-mulher/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

ESTEVES, Bernardo. **A locutora**: uma pioneira no rádio mineiro. 2017. Esquina. Revista Piauí.. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-locutora/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

FARIA, Bob. **Grito de gol**: as vozes da emoção na TV. São Paulo: Editora Leitura, 2011.

FERNANDES, Hévilla Wanderley. **A questão nordestina**: Estado, região e futebol. 2020. 177 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

FERNANDES, Rodrigo. **Sem catedráticos**. 2009. Coluna Intervalo. Gazeta do Povo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/docura-ou-travessura-bzqyj3wizj4ytipdyvxcy1hzi/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. Narradoras em Transmissões Esportivas no Brasil: mapeamento histórico da presença feminina na narração em veículos de rádio, televisão e internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Remoto. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2021. p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-hj/raphaela-xavier-de-oliveira-ferro.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2023.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; GOMES, Juliana; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. O pioneirismo de Ruth Costa no radiojornalismo esportivo de Santa Catarina entre as décadas de 1940 e 1950. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2022, Remoto. **Anais [...]**. Curitiba: Uninter, 2022. p. 1-5. Disponível em: www.even3.com.br/Anais/alcarsul2022/566126-O-PIONEIRISMO-DE-RUTH-COSTA-NO-RADIOJORNALISMO-ESPORTIVO-DE-SANTA-CATARINA-ENTRE-AS-DECADAS-DE-1940-E-1950. Acesso em: 01 abr. 2023.

FRANCO, Ricardo. Pra quem quer gols numa voz macia: rádio mulher. **Placar**. São Paulo, 29 out. 1971. Meio Tempo, p. 18-18.

GALVÃO, Didi. **Hoje tem emoção no campeonato pernambucano de futebol na voz de Erika Nascimento**. 2023. Blog do Didi Galvão. Disponível em: <https://www.didigalvao.com.br/hoje-tem-emocao-no-campeonato-pernambucano-de-futebol-na-voz-de-erika-nascimento/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed.. São Paulo:

Atlas, 2002.

GLOBO ESPORTE (Araraquara - SP). **Equipe feminina vai comandar transmissão da CBN em amistoso da Seleção Brasileira**. 2019. Globoesporte.com. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/ribeirao-preto-e-regiao/futebol/noticia/equipe-feminina-vai-comandar-transmissao-da-cbn-em-amistoso-da-selecao-brasileira.ghtml>. Acesso em: 02 abr. 2023.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. Abílio de Castro: pioneiro da narração esportiva no rádio do Brasil?. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, Remoto. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2020. p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0420-2.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2023.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **Narradores de Futebol, dos Desbravadores aos Contemporâneos**: estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015). Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p. 296. 2015.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **A narração de futebol no contexto de rádio expandido**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p. 266. 2022.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio X TV: O jogo da narração**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. 2006. 246 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. **O comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre**: uma análise das novas práticas profissionais na fase de convergência. 2018. 197 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. O início da narração esportiva no rádio brasileiro: as transmissões pioneiras. In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil; KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina; ZUCULOTO, Valci (org.). **Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção**. Ijuí: Unijuí, 2020. p. 79-95. (Coleção Linguagens).

HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. Das ondas do rádio à tela da TV: notas sobre a evolução da narração esportiva. In: XXXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. **Anais [...]**. Fortaleza: Intercom, 2012.

JORDÃO, Marcos. **Transmissão da partida entre Avaí e Juventus será feita por mulheres.** 2020. Portal ND Mais. Disponível em: <https://ndmais.com.br/futebol/transmissao-da-partida-entre-avai-e-juventus-sera-feita-por-mulheres/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

LANCE (Rio de Janeiro). **Globo anuncia a contratação de três novos narradores.** 2023. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/globo-anuncia-a-contratacao-de-tres-novos-narradores.html>. Acesso em: 12 jun. 2023.

LELO, Thales Vilela. A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 1-14, 27 jun. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/CX9nYFhxxJZXYqcgXcDNBQS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 abr. 2023.

LIGADO NO ESPORTE (Cubatão – SP). TV Polo Cubatão. **Ligado no Esporte:** Letícia Macedo – Narradora Esportiva. 2022. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OhEDnxg_LFA. Acesso em: 02 abr. 2023.

LIMA, Nelio. As mulheres em campo, transmitindo o jogo. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, p. 16-16. 04 jul. 1971.

LIMA, Taiane Anhanha. Rádio Mulher: a voz do protagonismo feminino no futebol. In: Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol, 4., 2022, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro, 2022. p. 1-21. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/769463/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

LISBOA, Juliana. **"Não queremos roubar espaço, só fazer parte", diz 1ª narradora Copa do NE.** 2020. Dibradoras. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/03/07/nao-queremos-roubar-espaco-so-fazer-parte-diz-1a-narradora-copa-do-ne/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

LODI, Odete. A mulher e as relações de trabalho. **Revista Ciências Sociais em Perspectiva**, v. 5, n. 9, p. 149-160, 2006. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ccsaemperspectiva/article/view/1427/1157>. Acesso em: 02 abr. 2023.

MATTOS, Ediante Teles de; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A constituição histórica da presença da mulher no radiojornalismo esportivo brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2017. p. 1-13. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2554-1.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2023.

MATTOS, Ediane Teles de. **A trajetória das profissionais mulheres no radiojornalismo esportivo em Santa Catarina**. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MONTEIRO, Emmanuel Grubisich. A Experiência do Rádio na Formação do Narrador de Futebol Televisivo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2007. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1603-1.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2023.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2017. p. 269-279.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Narrativas sobre as primeiras transmissões de jogos internacionais da seleção brasileira. **Letra. Imagen. Sonido. L.I.S.: Ciudad mediatizada**, Buenos Aires, n. 15, p. 147-165, jan. 2016. Disponível em: <https://publicaciones sociales.uba.ar/index.php/lis/article/view/3825/3150>. Acesso em: 01 abr. 2023.

MUSTAFÁ, Izani. **Alô, Alô, Joinville! Está no ar a Rádio Difusora!** A Radiodifusão em Joinville/SC (1941-1961). 2009. 231 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2009.

NASCIMENTO, Fernanda; CHAVES, Leslie Sedrez. Donas do Placar: uma experiência de radiojornalismo esportivo com o protagonismo das mulheres. **Diversidade e Educação**: Rio Grande, v. 8, n. 2, p. 513-526, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/11588>. Acesso em: 12 jun. 2023.

OLIVEIRA, Jeovana. **Narrações**: como cheguei até aqui. 2022. Portfólio. Disponível em: <https://jeovanaffoliveira.wixsite.com/portfolio/narra%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 02 abr. 2023.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Sumus, 1985. 117 p.

PROVENZANO, Bruna; SANTUÁRIO, Marcos Emílio. A participação das

mulheres no radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32, Curitiba. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2009. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3847-1.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2023.

RÁDIO ANDAIÁ (Bahia). **Repórter da equipe Alto Astral da Rádio Andaiá FM é contratada pelo MyCujoo para narrar jogo entre Bahia e Ferroviária**. 2021. Disponível em: https://www.andaiafm.com.br/index/esportes/id-142802/reporter_da_equipe_alto_astral_da_radio_andaia_fm_e_contratada_pelo_mycujoo_para_narrar_jogo_entre_bahia_e_ferrovieira. Acesso em: 02 abr. 2023.

RÁDIO GRENAL (Porto Alegre). **Rádio Grenal é primeira emissora do Estado a transmitir jornada de futebol com equipe feminina**. 2019. Disponível em: <https://www.radiogrenal.com.br/radio-grenal-e-a-primeira-emissora-do-estado-a-transmitir-uma-jornada-de-futebol-com-equipe-feminina/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

RIAL, Carmen. #Déjala trabajar: el fútbol y el feminismo en Brasil. In: FISCHER, Thomas; KÖHLER, Romy; REITH, Stefan. (Org.). **Fútbol y Sociedad en América Latina**. 1ed. Frankfurt: Iberoamericana Editorial Vervuert, 2021, v. 1, p. 241-256.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva no Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. 326 p.

RIBEIRO, Marcos. **Isabelly Melo**: narradora de MS é selecionada por reality da ESPN. 2021. Sem Retranca. Disponível em: <https://semretranca.com.br/isabelly-melo-narradora-de-ms-e-selecionada-por-reality-da-esp/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

RUTILLI, Marizandra; GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **As vozes da emoção**: perfil dos narradores esportivos do rádio gaúcho na atualidade. **Animus**: Santa Maria, v. 21, n. 47, p. 334-355, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/63966/50987>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos**: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. São Paulo: Editora Panda Books, 2004. 278 p.

SILVEIRA, Crisneive. **"A voz"**: Patrícia Castro é a primeira mulher a narrar jogo oficial de futebol no Ceará. Ludopédio. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/a-voz-patricia-castro-e-a-primeira-mulher-a-narrar-jogo-oficial-de-futebol-no-ceara/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

SILVA, Luana Beatriz da; WEIGELT, Diego. A mulher no radiojornalismo gaúcho: uma análise das Rádios Bandeirantes, Gaúcha e Guaíba. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2018. p. 1-12. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0156-1.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2023.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994. 113 p. (Coleção Novas Buscas em Comunicação)

SPENTHOF, Edson Luiz. A importância das rádios e TVs universitárias como laboratórios. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 153-166, jan./jul. 1998. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/22755/13543>. Acesso em: 01 abr. 2023.

VALENTE, Rafael. **Resgate, respeito e reflexão**: documentário da ESPN mergulha na trajetória de mulheres jornalistas no ainda campo minado do esporte. ESPN (site). Disponível em: https://www.espn.com.br/artigo/_/id/12098547/resgate-respeito-reflexao-documentario-mergulha-trajetoria-mulheres-campo-minado-esporte. Acesso em: 06 jun. 2023.

VERSIANE, Daniela Figueredo; FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. As mulheres e o jornalismo esportivo em 20 anos do projeto Doutores da Bola. In: MAIA, Juarez Ferraz de; BORGES, Rosana Maria Ribeiro; FARIAS, Salvio Juliano Peixoto (org.). **Estudos Contemporâneos em Jornalismo**: coletânea 8. 2. ed. Goiânia: Cegraf Ufg, 2020. p. 297-317. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/76/o/E-book_2020.pdf?1607086179. Acesso em: 02 abr. 2023.

WOOD, David. The Beautiful Game? Hegemonic Masculinity, Women and Football in Brazil and Argentina. **Bulletin of Latin American Research**, v.37, n. 5, p. 567-581, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/blar.12633>. Acesso em: 12 jun. 2023.

Armindo Antônio Ranzolin: um ícone do rádio esportivo brasileiro

Armindo Antônio Ranzolin: an icon of Brazilian sports radio

Armindo Antônio Ranzolin: un ícono de la radio deportiva brasileña

Ciro Götz

Resumo

O objetivo geral deste trabalho²⁰ é recuperar parte da trajetória do narrador esportivo, falecido no dia 17 de agosto de 2022, aos 84 anos. A pesquisa assinala suas principais influências técnicas e estilísticas, destaca seus feitos e propõe uma reflexão sobre seu legado em relação à história da narração esportiva radiofônica brasileira. O estudo aponta que Ranzolin inspirou profissionais de diferentes gerações. Trata-se de uma investigação qualitativa, descritiva e associada à modalidade de estudo de caso (GIL, 2018), pesquisa documental (MOREIRA, 2011) e bibliográfica (STUMPF, 2011).

Palavras-chave: Narração Esportiva; Rádio Guaíba, Rádio Gaúcha; História.

Sobre o autor

Ciro Götz

cirogotz@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2824-4117>

Doutor e mestre em

Comunicação Social pela

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Jornalista formado pela

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). É autor do livro

As Vozes do Gol – História da narração de futebol no rádio de Porto Alegre (2020).

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 18/03/2023 aceito em: 05/05/2023.

>> Como citar este texto:

GÖTZ, Ciro. Armindo Antônio Ranzolin: um ícone do rádio esportivo brasileiro. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 134-153, jan./jul. 2023.

²⁰ Trata-se da versão ampliada do resumo expandido intitulado “Armindo Antônio Ranzolin: o narrador comandante paradigmático”, apresentado no VII Encontro Nordeste de História da Mídia, em 2022, integrando o GT História da Mídia Sonora.

Abstract

The general objective of this work is to recover part of the trajectory of the narrator, who died on August 17, 2022, aged 84. The research points out his main technical and stylistic influences, highlights his accomplishments and proposes a reflection on his legacy in relation to the history of Brazilian radio sports narration. The study points out that Ranzolin inspired professionals from different generations. This is a qualitative, descriptive investigation associated with case study (GIL, 2018), documentary (MOREIRA, 2011) and bibliographical (STUMPF, 2011) research.

Keywords: Sports Narration; Radio Guaíba, Radio Gaúcha; History.

Resumen

El objetivo general de este trabajo es recuperar parte de la trayectoria del relator, quien falleció el 17 de agosto de 2022, a los 84 años. La investigación señala sus principales influencias técnicas y estilísticas, destaca sus realizaciones y propone una reflexión sobre su legado en relación a la historia del relato deportivo radiofónico brasileño. El estudio destaca que Ranzolin inspiró a profesionales de distintas generaciones. Se trata de una investigación cualitativa, descriptiva asociada a la investigación de estudio de caso (GIL, 2018), documental (MOREIRA, 2011) y bibliográfica (STUMPF, 2011).

Palabras clave: Relato Deportivo; Radio Guaíba, Radio Gaúcha; Historia.

Introdução

A trajetória da narração esportiva brasileira iniciou em meados dos anos 1920 (GÖTZ, 2020). A primeira irradiação oficial teria acontecido no dia 19 de julho de 1931, quando Nicolau Tuma²¹, pela Rádio Educadora Paulista, transmitiu, na íntegra, a vitória de São Paulo sobre Paraná por 6 a 4, pelo Campeonato Brasileiro de Seleções. Porém, há divergências. Abílio de Castro²², pelo Rádio Clube do Recife, por exemplo, narrou a vitória de

²¹ Nicolau Tuma nasceu no dia 19 de janeiro de 1911, em Jundiaí, São Paulo. Além de pioneiro do rádio, também atuou como político. Faleceu em 11 de fevereiro de 2006.

²² Foi um dos pioneiros do rádio no Brasil. Atuou pelo Rádio Clube do Recife, emissora fundada em 1919, a mais antiga do país. Nasceu em 1901 e faleceu em 1989. Também foi professor de português. Criou o

Pernambuco sobre a Paraíba por 6 a 2, no dia 12 de julho do mesmo ano, ainda que não integralmente, mas, alguns dias antes de Tuma.

Divido a linha do tempo da narração brasileira em três períodos²³: dos desbravadores, entre meados dos anos 1920 e final da década de 1950, fase entre a implantação, difusão e segmentação do rádio; dos paradigmáticos, dos anos 1960 aos 1990, entre as fases de difusão, segmentação e princípio da convergência; e contemporâneos, do avanço tecnológico a um contexto de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016). A primeira é considerada a etapa dos “aventureiros”. A segunda, do “ápice técnico” da locução esportiva. A última, por sua vez, é a fase vigente, muito influenciada, ainda, pela anterior.

A história (considerada) da narração esportiva do rádio gaúcho começou no dia 19 de novembro de 1931, quando Ernani Ruschel (DUVAL, 2012), com o microfone da Rádio Sociedade Gaúcha, transmitiu a vitória do Grêmio contra a Seleção do Paraná por 3 a 1, no estádio da Baixada, no Moinhos de Vento. Nessa época, as principais características estilísticas eram semelhantes aos *relatos* protagonizados por narradores de países da região do Rio da Prata, isto é, Argentina e Uruguai (GÖTZ, 2015), de ritmo mais lento, emoção moderada e presença de anglicismos.

A exemplo de outras localidades brasileiras, entre os anos de 1930 e 1940, as irradiações no Rio Grande do Sul ocorriam sob uma série de dificuldades técnicas e, pode-se dizer, eram, ainda, experimentais. Ao longo do tempo, porém, a função acompanhou o próprio curso de crescimento estrutural do rádio. Depois de Ruschel, marcaram época outros desbravadores

termo “locutor”.

²³ A linha do tempo brasileira foi baseada naquela elaborada na dissertação “Narradores de futebol, dos desbravadores aos contemporâneos: estilo e técnica da locução no rádio portoalegrense (de 1931 a 2015)” (GÖTZ, 2015). O autor divide a história da locução em três fases: desbravadora, paradigmática e contemporânea. No artigo “A narração esportiva no rádio do Brasil: uma proposta de periodização histórica”, as etapas foram relacionadas ao modelo de periodização da história do rádio no Brasil, elaborada por Ferraretto (2012). O autor fundamentou-se na economia política da comunicação, com apoio de Mosco (1996), Bolaño (1988) e Brittos (1999/2002). Também tomou em conta uma cronologia de acordo com Ortriwano (1985), Federico (1982) e Moreira (1991). Por fim, Ferraretto amparou-se metodologicamente em Heller (1997), no sentido de procurar cortes ou pontos de ruptura.

gaúchos como Cândido Norberto²⁴ e Farid Germano²⁵, responsáveis por catapultar a função em grande parte naquele período. A partir da década de 1950, as transmissões tiveram um amplo desenvolvimento técnico, retórico e emotivo, com nomes paradigmáticos como Mendes Ribeiro²⁶, Milton Jung²⁷ e Pedro Carneiro Pereira, considerado o locutor esportivo mais importante do estado até hoje. E é nesse período (entre os anos de 1950 e 1980) – que segue influenciando narradores da atualidade – em que se consagrou um dos principais profissionais não apenas do Rio Grande do Sul, como do Brasil: Armindo Antônio Ranzolin.

Ranzolin nasceu em Caxias do Sul, no dia 8 de dezembro de 1937. Aos dois anos, mudou-se com sua família para a cidade de Lages, em Santa Catarina. Inspirou muitos locutores esportivos ao longo de sua carreira de relatos futebolísticos, finalizada em 1995. Tinha como características principais uma forma de locução técnica, rápida, com ênfase na emoção. Não possuía bordões, ainda que criasse frases de efeito improvisadas. Primava pela descrição fiel dos lances. Entre diversas atividades jornalísticas exercidas no rádio, será lembrado, também, pelos seus comentários precedidos pela saudação “alô, amigos!”. No dia 17 de agosto de 2022, Ranzolin faleceu, aos 84 anos. Em artigo para o jornal *Zero Hora*, no mês de janeiro do mesmo ano, sua filha, Cristina Ranzolin, havia ressaltado que ele estava acometido pelo mal de Alzheimer, doença degenerativa. Esse foi o

²⁴ Cândido Norberto foi um dos principais nomes do radiojornalismo gaúcho. Criou o tradicional programa Sala de Redação, nos anos 1970, que segue no ar pela Rádio Gaúcha. Norberto faleceu em 2009. Realizou a primeira irradiação internacional por um gaúcho. No dia 14 de maio de 1949, transmitiu a vitória do Grêmio diante do Nacional, no Estádio Centenário, em Montevidéu, por 3 a 1.

²⁵ Protagonizou a primeira transmissão interestadual do Rio Grande do Sul. Em 1944, Germano narrou os confrontos entre Combinado do Paraná e Seleção Gaúcha. Faleceu em 8 de abril de 2012, com 88 anos.

²⁶ Em 1958, o narrador entrou para a história, ao lado do jornalista Flávio Alcaraz Gomez, ao realizar a cobertura da primeira conquista da Seleção Brasileira em uma Copa do Mundo, pela Rádio Guaíba, inaugurada um ano antes. Teve grande destaque em outros meios como a Rádio Gaúcha e RBS TV. Faleceu em 1999.

²⁷ Conhecido também com “a voz do rádio” no Rio Grande do Sul. Com timbre potente e grave, Jung foi um influente narrador esportivo. Atuou durante cinco décadas na Rádio Guaíba como locutor do Correspondente Renner, a partir de 1964, um informativo aos moldes do conhecido O Repórter Esso. Faleceu em 2018.

principal motivo para seu afastamento dos microfones.

O **objetivo geral** deste trabalho é recuperar parte da história de Armindo Antônio Ranzolin, com ênfase na sua trajetória como narrador. Os **objetivos específicos** são: assinalar suas principais influências técnicas e estilísticas, destacar feitos e refletir sobre seu legado.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e associada à modalidade de estudo de caso (GIL, 2018), pesquisa documental (MOREIRA, 2011) e bibliográfica (STUMPF, 2011). Consultaram-se obras como a *Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro* (PRATA e SANTOS, 2014), uma entrevista realizada em 2004 para *As Vozes do Rádio*, projeto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), pesquisas oriundas da dissertação *Narradores de futebol, dos desbravadores aos contemporâneos – Estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)* (GÖTZ, 2015), do livro *As Vozes do Gol – História da narração de futebol no rádio de Porto Alegre* (GÖTZ, 2020), especial produzido por Ferraretto (2005) no blog *Uma história no rádio do Rio Grande do Sul* e demais livros e artigos de apoio.

A trajetória de Armindo Antônio Ranzolin

As primeiras experiências de Ranzolin com narração foram logo na infância, “em cima” da mesa de botão. Aos 16 anos, tornou-se colunista para o Correio Lageano, onde escrevia crônicas sobre futebol amador. Dois anos mais tarde, foi convidado a trabalhar como locutor, apresentador e animador na Rádio Diário da Manhã. No dia 18 de março de 1956, Armindo Antônio Ranzolin narrou a sua primeira partida de futebol pela emissora, entre dois clubes amadores, no estádio Municipal de Lages. Nessa região, havia um ambiente de rádio muito mais voltado para o Rio de Janeiro e também São Paulo. E a primeira grande influência na sua narração foi de Jorge Curi²⁸, da

²⁸ Mineiro de Caxambu, Curi nasceu no dia 25 de fevereiro de 1929. Cobriu nove Copas do Mundo. Transmitiu Olimpíadas e títulos intercontinentais de clubes como Santos e Flamengo. Faleceu no dia 23 de dezembro de 1985, próximo a Caxambu, em um acidente automobilístico.

Rádio Nacional.

Na casa da minha mãe e do meu pai em Lages, como menino, cansei de sentar ao lado da minha mãe e acompanhar as novelas no rádio. Acompanhava os programas políticos com o meu pai. E eu só fui descobrir que havia pelo rádio futebol, porque, em 1950, um ponteiro direito foi à linha de fundo, deu um chute, Barbosa não pegou, e o Uruguai nos ganhou dentro do Maracanã a Copa do Mundo. Mas, então, a partir daquele momento, eu como menino que ouvia o rádio com os meus pais, eu descobri que havia futebol no rádio. E esta descoberta mudou a minha vida. Eu nunca imaginava que pudesse vir a me transformar num profissional de rádio, porque aí eu fui buscar espaço em uma emissora pequena que havia lá em Lages, Santa Catarina. Comecei a brincar de rádio lá, e aprendi de ouvido. Aprendi de ouvido. Eu ouvia tanto rádio lá, que, de repente, as pessoas achavam que eu tinha conhecimento de rádio suficiente para me entregar ao microfone, como fizeram nessa emissora, lá em Lages (RANZOLIN, 2004).

No ano de 1957, ele deixou Santa Catarina e partiu para Porto Alegre. Em 1959, foi aprovado em teste na Rádio Guaíba. Lá, atuou como redator e locutor comercial. Já na Rádio Difusora, alcançou o posto de primeiro narrador, no início dos anos 1960. Na Rádio Farroupilha, em 1964, gerenciou os departamentos Artístico e de Esportes. Ranzolin, ainda, foi convidado pela Diários e Emissoras Associados a assumir a direção geral da extinta TV Piratini. Tratou-se de sua primeira experiência de televisão. Porém, as coisas não funcionaram do jeito que ele esperava e, em 1969, retornou à Rádio Guaíba, onde permaneceu até o ano de 1984, quando migrou para a Rádio Gaúcha.

Em 10 de agosto de 2004, Armindo Antônio Ranzolin, ao lado de Lauro Quadros²⁹, participou de uma aula inaugural do curso de Comunicação Social da Universidade Luterana do Brasil, no auditório do Prédio 11, em Canoas. Entre vários assuntos, Ranzolin comentou sobre a transmissão do seu primeiro clássico Gre-Nal.

²⁹ Um dos principais jornalistas da história da crônica gaúcha. Iniciou sua carreira em 1959, na Rádio Gaúcha. Destacou-se, principalmente, como comentarista na Rádio Guaíba, onde ingressou em 1962. Retornou à Gaúcha em 1985. Apresentou o programa Polêmica e participou do debate esportivo Sala de Redação. Nasceu em 19 de setembro de 1939, em Porto Alegre. Aposentou-se em 2014 e, quando este artigo foi concluído, tinha 83 anos.

Meu primeiro Gre-Nal foi em 1961 e, por sinal, eu estava na Rádio Difusora, me deixou numa angústia terrível, porque eu estava escalado para narrar o meu primeiro Gre-Nal da carreira e, de repente, explode a legalidade. Brizola vai para frente do Palácio, brigada se instala com metralhadoras, em cima do Palácio, até que o presidente João Goulart, que estava na China, chegasse aqui, porque Jânio Quadros tinha renunciado. E, aí, era quinta ou sexta-feira, e eu digo, e o Gre-Nal, não vai ter Gre-Nal? Veja só, um debutante de GreNal está aqui, aflito. Bom, o que aconteceu foi o seguinte, adiaram o Gre-Nal, que aconteceu 45, 50 dias depois. Este foi o meu primeiro Gre-Nal, vejam só o sofrimento meu (RANZOLIN, 2004).

De volta à Guaíba, e após a morte de Pedro Carneiro Pereira, em 1973, em um acidente automobilístico, no autódromo Tarumã, Armindo Antônio Ranzolin subiu ao posto de principal narrador esportivo da emissora. Pereira perdeu a vida com apenas 35 anos, às 14h45min do dia 21 de outubro de 1973, após a largada da 4ª etapa do Campeonato Gaúcho de Viatura de Turismo. Na segunda volta, o Opala 22 de Pereira se chocou com o 85 de Ivan Iglésias, que morreu na hora. Pedro Carneiro Pereira não conseguiu se soltar a tempo, e acabou carbonizado.

No momento do fato, Ranzolin estava transmitindo uma partida no Beira-Rio, enquanto, no Espírito Santo, Milton Jung acompanhava um compromisso do Grêmio. Após narrar os primeiros 15 minutos do jogo entre Internacional e São Paulo, sabendo da fatalidade de Pedro Carneiro, confirmada pelo repórter Clóvis Rezende³⁰, e informada no ar pelo plantão Antônio Augusto³¹, Ranzolin declarou:

Bem, este tipo de informação nós não estávamos preparados para receber./ O Pedrinho corre há tanto tempo./ Morre tanta gente nos autódromos, mas nós sempre imaginamos que, com o Pedrinho, isso não aconteceria./ Confesso para os ouvintes da Rádio Guaíba que não há a menor condição para que o nosso trabalho prossiga./ A partir deste momento, o Departamento de Esportes da Rádio Guaíba, hoje, vai encerrar as suas atividades./ Nós não transmitiremos o jogo do Internacional e São Paulo, nem o jogo do Grêmio contra a Desportiva Ferroviária./ Vamos colocar um ponto final na participação do

³⁰ Além da Rádio Guaíba, destacou-se como profissional na TV Guaíba e Radiobrás. Faleceu em 2020.

³¹ É a principal referência da função de plantão esportivo no Rio Grande do Sul. Antônio Augusto faleceu no dia 5 de abril de 2015, devido a um acidente vascular cerebral. Atuou nas rádios Bandeirantes (Difusora), Pampa, Gaúcha, Farroupilha e Guaíba.

Departamento de Esportes da Rádio Guaíba nesta Jornada Esportiva Ipiranga e nesta transmissão aqui do Beira-Rio.// (RANZOLIN, 1973).

Na obra *A história do Rádio Porto-alegrense contada por quem a fez*, de Andréia Athaydes e Sérgio Stosch (2008), Ranzolin reconheceu que:

[...] não houve no Rio Grande do Sul alguém que tenha chegado no ponto mais alto de qualidade em termos de autenticidade na narração do lance, o vocabulário, o texto, posicionamento, personalidade, como aquele baixinho fantástico, Pedro Carneiro Pereira (RANZOLIN, 2008).

Ao tornar-se chefe de equipe, Ranzolin testemunhou o crescimento e o “rompimento de fronteiras” nacionais e internacionais da dupla Inter e Grêmio. Narrou grandes títulos, primeiramente conquistados pelo Internacional, como os campeonatos brasileiros de 1975, contra o Cruzeiro, 1976, diante do Corinthians³², e 1979, contra o Vasco da Gama³³, além de uma grande sequência de vitórias regionais do clube em Gauchões. Mais tarde, a partir dos anos 1980, narrou pela Rádio Guaíba também o primeiro título brasileiro do Grêmio, em 1981, contra o São Paulo, e, logo em seguida, da Libertadores da América, diante do Peñarol³⁴, do Uruguai, e o Mundial Interclubes, em 1983, contra o Hamburgo³⁵, da Alemanha, no Japão. Foram as primeiras conquistas internacionais do futebol gaúcho³⁶.

³² Trata-se da partida decisiva, ocorrida no dia 12 de dezembro, no Beira-Rio. Na ocasião, o Inter conquistou o bicampeonato ao vencer por 2 a 0, gols de Valdomiro e Dario.

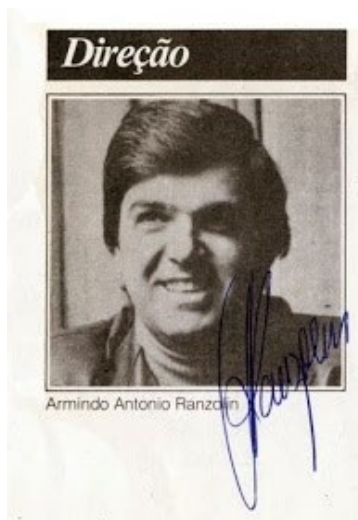
³³ No dia 23 de dezembro, o Inter, de forma invicta, conquistou o Campeonato Brasileiro pela terceira vez. No jogo derradeiro, venceu o Vasco da Gama por 2 a 1, com gols de Jair e Falcão. Wilsinho descontou para os cariocas.

³⁴ Foi o primeiro título de Libertadores do Grêmio e do futebol gaúcho. A conquista aconteceu na noite do dia 28 de julho, no Olímpico. Os gremistas marcaram com Caio e César. Morena descontou para o Peñarol.

³⁵ No dia 11 de dezembro, o Grêmio levantou a taça da Copa Intercontinental, conhecida também como Mundial de Clubes, com grande apresentação do atacante Renato, que marcou dois gols. Schröder ainda fez o gol alemão.

³⁶ Em 1980, o Internacional chegou perto do título da Libertadores da América. Na final, o clube enfrentou o Nacional, do Uruguai. Empatou em 0 a 0, no primeiro jogo, em Porto Alegre, no dia 30 de julho. Na partida decisiva, foi derrotado por 1 a 0, no Estádio Centenário, em Montevidéu, no dia 6 de agosto. Victorino marcou para os uruguaios.

Figura 1 – Armindo Antônio Ranzolin (1983)



Fonte: Rádio Guaíba AM³⁷.

A Rádio Guaíba sustentou uma hegemonia notável nos anos 1970. Contudo, na década de 1980, a empresa jornalística Caldas Júnior, que comandava a Guaíba, sofreu uma grave crise financeira. De acordo com Ferraretto (2007), a emissora chegou a atrasar salários, realizar pagamentos com vale e descumprir obrigações. Foi um ponto de virada para a Rádio Gaúcha, do Grupo RBS, assumir a liderança da audiência no Rio Grande do Sul, posição que ocupa, atualmente, de forma consolidada. Alguns profissionais acabaram trocando a Guaíba pela Gaúcha. Foi o caso de Ranzolin, que estreou em maio de 1984.

Pela Rádio Gaúcha, Armindo Antônio Ranzolin narrou o primeiro título da Copa do Brasil do Internacional, em 1992, contra o Fluminense³⁸. Pelo lado do Grêmio, acompanhou o segundo título dessa competição, em 1994, diante do Ceará³⁹, o bicampeonato da Libertadores, contra o Atlético Nacional da

³⁷ Do LP Grêmio campeão da América rumo a Tóquio. Porto Alegre, 1983. Acervo de Ferraretto (2005). Ver: <http://www.radionors.jor.br/2014/05/armindo-antonio-ranzolin-e-o-futebol.html>.

³⁸ A partida aconteceu no Beira-Rio, no dia 13 de dezembro. Célio Silva, de pênalti, marcou o gol do título do torneio, o único do Inter, até agora.

³⁹ Foi o segundo título do Grêmio, conquistado com um gol de Nildo, no dia 10 de agosto, no Olímpico. O Grêmio ainda foi campeão da Copa do Brasil nos anos de 1989, 1997, 2001 e 2016.

Colômbia⁴⁰, e ainda voltou a Tóquio com o Grêmio, porém, com o vice-campeonato gremista, derrotado no Estádio Nacional, para os holandeses do Ajax⁴¹, nas cobranças de pênaltis.

Figura 2 - Ranzolin na Rádio Gaúcha



Fonte: Zero Hora (1984).

Houve ainda muitas coberturas de outros importantes eventos como a Copa do Mundo, que foram seis⁴² no total. Em 1994, narrou o tetracampeonato⁴³ do Brasil, nos Estados Unidos. Em 1998, chefiou a equipe da Copa da França. Aposentou-se do Grupo RBS no dia 6 de dezembro de 2006, onde, além de narrador, foi apresentador, gerente de esportes, geral e do sistema de rádios (ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO BRASILEIRO, 2012).

Além do esporte, Ranzolin destacou-se ancorando o programa

⁴⁰ O título foi obtido no estádio Atanasio Girardot, em Medellín, no dia 30 de agosto. Aristizábal abriu o placar para os colombianos, mas Dinho, de pênalti, decretou o empate.

⁴¹ A segunda final de Copa Intercontinental gremista, o Mundial de Clubes, ocorreu no dia 28 de novembro, outra vez no estádio Nacional de Tóquio. Após empate no tempo normal e prorrogação por 0 a 0, o Grêmio perdeu para o Ajax na disputa de pênaltis por 4 a 3.

⁴² Ranzolin cobriu as Copas da Alemanha, 1974, Argentina, 1978, Espanha, 1982, México, 1986, Itália, 1990, e Estados Unidos, em 1994.

⁴³ A final entre Brasil e Itália ocorreu no estádio Rose Bowl, em Los Angeles, no dia 17 de julho. Após empatarem no tempo normal e prorrogação por 0 a 0, as seleções decidiram nos pênaltis. O Brasil venceu por 3 a 2 e ficou com o tetracampeonato.

Atualidade (1992 a 2006), pela Rádio Gaúcha, em eventos como o atentado às torres gêmeas do *World Trade Center*, em Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001. Entre 1961 e 1995, ano que abandonou definitivamente a narração de futebol no rádio, Ranzolin transmitiu 140 Gre-Nais.

Pela Rádio Guaíba, a sua última transmissão aconteceu no dia 5 de maio de 1984. No estádio Olímpico, ele narrou a vitória do Grêmio sobre o Náutico por 3 a 1, pelo Campeonato Brasileiro. Já pela Rádio Gaúcha, como destacou anteriormente a Figura 2, a estreia na emissora ocorreu no dia 12 de maio de 1984, quando narrou a vitória do Grêmio sobre o Vasco por 1 a 0, em Porto Alegre, coincidentemente pelo Brasileirão. E sua última transmissão da final de um Campeonato Gaúcho também foi realizada no Olímpico, quando descreveu o gol decisivo marcado pelo tricolor Carlos Miguel, no clássico contra o Internacional, no dia 13 de agosto de 1995, que terminou 2 a 1⁴⁴.

Estilo e técnica

De acordo com Ferraretto (2005), uma das principais características de Ranzolin era a grande capacidade de comando de jornada.

A voz de dicção perfeita de Armino Antônio Ranzolin, de qualidades profissionais acentuadas pela precisa narração lance a lance, fica suspensa no ar quando o plantão de estúdio interrompe de forma quase peremptória:

- Tem gol, Ranzolin!//
- Onde, Antônio Augusto?// (FERRARETTO, 2005).

Ranzolin, assim como sua referência Pedro Carneiro Pereira, também se formou em Ciências Jurídicas, pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Enfatizava o cuidado com a dicção clara e a descrição dos lances. Tornou-se com “naturalidade” comandante de equipes por onde passou. Havia uma participação maior da reportagem e dos comentaristas durante o período que Ranzolin narrou futebol, mas a jornada, diferentemente de outros estados como São Paulo e, principalmente, Rio de

⁴⁴ Além de Carlos Miguel, também marcaram Nildo, para o Grêmio, e Zé Alcino, para o Internacional.

Janeiro, sempre se caracterizou como uma transmissão mais “seca”. Na verdade, essa era uma característica da Rádio Guaíba, de ser uma rádio sem vinhetas, sem efeitos, algo que perdurou até os anos 1990.

O clássico Gre-Nal sempre foi um evento caro para Ranzolin. Ele defendia que não era permitido, pelo menos durante o jogo, favorecer ou desfavorecer mais um lado em relação ao outro, por causa da enorme rivalidade, da dicotomia que existe no panorama do Rio Grande do Sul. Porém, ele sempre deu ênfase à festa do vencedor, algo que, de praxe, ainda acontece no rádio atual, sem que se deixe de cobrir o time derrotado. Admitia, no entanto, privilegiar os times gaúchos diante de adversários de fora do estado:

Mas, nós temos que confessar aqui o seguinte. Se nós estamos transmitindo um jogo no Morumbi, contra o São Paulo, se nós estamos transmitindo um jogo de lá, e como aconteceu quando o Baltazar deu o primeiro título de campeão brasileiro para o Grêmio, marcou aquele gol, evidentemente que se o São Paulo tivesse feito um gol antes, ou depois, eu não ia vibrar. E por quê? Porque eu estou falando para uma audiência que está no rádio sofrendo, torcendo e tudo mais, e eu tenho que manter esse ouvinte ligado comigo, porque eu estou solidário com ele (RANZOLIN, 2004).

Além da técnica (descrição, movimentação dos jogadores, da bola, ambientação do jogo e emoção) e da dicção clara, Ranzolin chegava a utilizar figuras de linguagens e, em algumas oportunidades, emitia opiniões durante as narrações. Um dos jogos fundamentais na carreira de Ranzolin foi a final entre Internacional e Cruzeiro, de 1975, pelo Campeonato Brasileiro, no dia 14 de dezembro. O único gol daquela tarde de decisão, no Beira-Rio, foi marcado pelo zagueiro Elias Figueroa, aos 12 minutos do segundo tempo, para um público de mais de 82 mil pagantes. E foi o primeiro título nacional de um clube gaúcho narrado por Ranzolin. Ele conseguia modular a locução, conforme a posição que a bola estivesse. No campo de defesa, empreendia um tom mais grave que, na medida que a bola passava para a parte intermediária e avançava em proximidade ao gol, a voz alterava-se. O exemplo a seguir ilustra o manejo de modulação em diferentes momentos da partida.

Campo de defesa (narração mais cadenciada) - Uma bola de Valdir, Valdir dá, agora, para Falcão, Falcão para Valdir./ O público está

sentindo, está crescendo o futebol do Colorado!/ Lá vai Valdir, Valdir vai pela direita, pode suspender para a área, ainda a bola com Valdir.//

Intermediária (aumenta o ritmo da narração) - Valdir parou, na entrada da área, Valdir atrasou para Valdomiro./ Valdomiro recolheu, na frente do jogador Zé Carlos, atrasou para Caçapava./ Caçapava com a bola dominada.//

Proximidade do gol (ritmo de tensão no relato) - Fora da área, vai tentar o tiro./ Caçapava para Falcão, de cabeça, na tabela, para Paulo César, para Caçapava, corta a defesa do Cruzeiro!/ Vai o rebote para Eduardo, Eduardo ficou no vazio, Eduardo lançou em profundidade para Joãozinho, o Valdir já voltou fechando espaço, atrasou a bola para Figueroa [...].//

Gol (ápice do jogo) - Prepara-se Valdomiro para fazer a cobrança para a equipe do Internacional./ O sinal marcou, 10 de jogo, segundo tempo, Beira-Rio, placar Ipiranga Banrisul, zero Internacional, zero Cruzeiro./ O estádio, agora, começa a ficar com uma torcida empolgante, agitando as suas bandeiras, cheio desse barulho ensurdecedor da garganta do torcedor gaúcho./ Atenção, cobrado para Figueroa, atirou de cabeça!/ Gooooool do Internacional./ O capitão Elias Figueroa, de cabeça, cumprimentou Raul./ Na bola que veio de Valdomiro./Agora um mar vermelho no Beira-Rio!/ Pode ser o gol da Copa Brasil, pode ser um gol do coroamento de uma campanha!/ Internacional 1, Cruzeiro 0, 11 minutos de partida, segundo tempo!// (RANZOLIN, 1975).

Edileuza Soares (1994) classifica a narração esportiva em dois tipos: denotativa e conotativa. Conforme a autora, a primeira indica que “seus representantes preocupam-se em dar ao ouvinte a imagem da partida pela utilização de signos denotativos” (SOARES, 1994, p. 61). Trata-se da significação direta entre o signo e seu objeto. Já a segunda escola aponta que “seus representantes caracterizam-se pelo uso de signos conotativos que vêm agregar-se ao primeiro naquela mesma relação signo/objeto” (SOARES, 1994, p.61). Nesse sentido, Ranzolin pode ser definido como um narrador de qualidade mista. Se no caso dos trechos da partida entre Inter e Cruzeiro, os relatos apresentaram emoção e momentos predominantemente descritivos, no seguinte exemplo, no duelo entre São Paulo e Grêmio, pela final do Campeonato Brasileiro de 1981⁴⁵, o locutor, no gol de Baltazar, aplicou

⁴⁵ A final entre São Paulo e Grêmio aconteceu no dia 3 de maio de 1981, no Morumbi. No primeiro duelo,

algumas figuras de linguagem:

Paulo Isidoro arrancou no campo de ataque, prendendo a bola como convém, deixando respirar a sua meia cancha./ Entregou, agora, para Paulo Roberto./ Paulo Roberto levantou./ Chuveiro na área para Renato Sá./ Subiu para cabeçada, atrasou para Baltazar.../ Matou no peito, experimentou, uma bomba, atirou.../ Gooooool do Grêmio!/ Baltazar!/ 19 minutos e 35, no segundo tempo!/ Gol do iluminado, Baltazar!/ Gol do Chuteira de Ouro!/ O Grêmio faz 1 a 0 contra o São Paulo!/ Zero a zero serve!/ Um a zero, senhores, pode fazer do Grêmio, com 77 anos, campeão brasileiro em 1981!/ Cristalizou o Morumbi!/ Está derretendo o iceberg!/ O Grêmio está transformando o iceberg em picolé, e muito gostoso, no Morumbi!// (RANZOLIN, 1981).

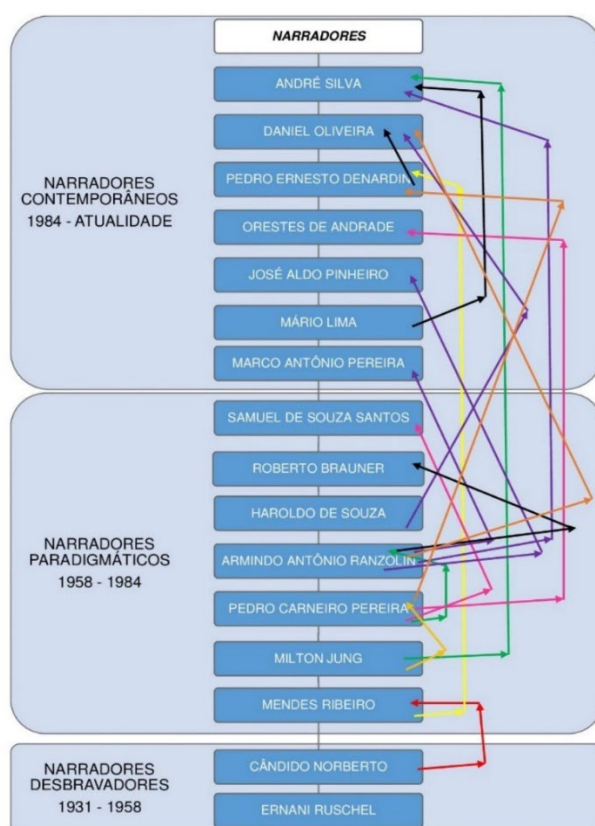
Primeiramente, é possível perceber a personificação do “herói”, no caso, o centroavante Baltazar, o “chuteira de ouro”. E ainda há outros elementos conotativos como o “chuveiro na área”, “deixando respirar” (a meia cancha), o “iluminado Baltazar” e o trecho “cristalizou o Morumbi!/ Está derretendo o iceberg!/ O Grêmio está transformando o iceberg em picolé, e muito gostoso, no Morumbi!”.

Como destacado no início, Ranzolin influenciou diversos narradores, o que, de fato, continua acontecendo. Em pesquisa de 2020⁴⁶, em Porto Alegre, Götz constatou, conforme a Figura 3, que o narrador foi uma fonte para formação estilística de profissionais já em meados do próprio período paradigmático e, principalmente, a partir da era contemporânea, dos anos 1980 à atualidade.

em Porto Alegre, o Grêmio havia vencido por 2 a 1.

⁴⁶ A pesquisa iniciou em 2015 e foi completada em 2020.

Figura 3 – Árvore de Referências



Fonte: Götz (2020).

A figura intitulada Árvore de Referências, que se trata de um fluxo de influências entre narradores porto-alegrenses, entre 1931 e 2020, revela que Ranzolin predominou entre as preferências de narradores como Robert Brauner⁴⁷, Marco Antônio Pereira⁴⁸, José Aldo Pinheiro⁴⁹, Daniel Oliveira⁵⁰ e André Silva⁵¹.

⁴⁷ Foi narrador de futebol da Rádio Gaúcha, da Rádio Pampa, de Copas do Mundo, pioneiro em transmissões de corridas de Fórmula 1, no Rio Grande do Sul, com destaque para a cobertura, em 1991, do tricampeonato mundial de Ayrton Senna. Faleceu em 7 de outubro de 2016.

⁴⁸ Teve grande destaque em emissoras como a Rádio Guaíba, Gaúcha e Bandeirantes. Narrou diversos jogos importantes, inclusive, de Copas do Mundo. Também passou pela Rádio Grenal. Recentemente, admitido torcedor do Grêmio, atuou pelo canal de YouTube 1903 Play.

⁴⁹ Destacou-se como narrador pela Rádio Guaíba nos anos 1980 e consolidou-se na Rádio Gaúcha, na década de 1990. Esteve na Band de Porto Alegre. Há alguns anos, retornou ao microfone da Guaíba, onde segue na atualidade.

⁵⁰ Iniciou sua trajetória como locutor no final dos anos 1990 e foi na Rádio Bandeirantes de Porto Alegre que se consagrou, onde narra atualmente.

⁵¹ Repórter por natureza, teve destaque na Rádio Guaíba, no princípio dos anos 2000. Em 2005, foi

Principalmente motivado pela obra de Ranzolin, Marco Antônio Pereira (2015) declarou que “não é pecado, para quem está começando, se espelhar em alguém. A gente sempre tem na vida, na música, no trabalho, na própria vida da gente, as pessoas que a gente mais admira, né?”. E completou: “Eu sempre gostei muito da técnica e da seriedade do Ranzolin, que foi um cara que marcou uma geração toda de narradores do Rio Grande do Sul” (PEREIRA, 2015).

Ranzolin, inclusive, participou ativamente do desenvolvimento direto da carreira profissional de muitos radialistas e jornalistas. Foi o caso de José Aldo Pinheiro. Em 1985, o narrador foi convidado por Ranzolin a integrar a equipe da Gaúcha. De acordo com uma entrevista cedida ao projeto *Vozes do Rádio* (2005), Pinheiro revelou que Ranzolin definiu o seu nome “artístico”, a designação que seria sua assinatura: “a partir de agora, esse cara está chegando aqui na rádio e nós vamos trocar o nome dele. O nome dele vai ser José Aldo Pinheiro, porque José Aldo tem mais a ver que José Odoraldo Pinheiro” (PINHEIRO, 2005).

Para Haroldo de Souza⁵² (2015), um dos narradores paradigmáticos em atividade no Rio Grande do Sul, a rivalidade que cultivou ao longo de sua carreira com Ranzolin foi “saudável”.

Tive o prazer de, por muitos anos, disputar a audiência. Audiência qualificada, porque é bom também você saber qual é o teu adversário. É mais gostoso. O adversário é bem qualificado, porque tu também tens alguma coisa. Se você sabe que é meia boca, porque tu também estás meia boca. Então, na história do rádio do Rio Grande do Sul, eu reconheço dois grandes narradores, Pedro Carneiro Pereira e Armindo Antônio Ranzolin. Os demais, todos do mesmo nível, do mesmo nível que eu (SOUZA, 2015).

Em um âmbito geral no estado, de acordo com investigação recente

contratado pela Rádio Gaúcha, onde segue. Em 2015, recebeu a oportunidade para narrar e, eventualmente, realiza a função.

⁵² Desde meados dos anos 1970 no Rio Grande do Sul, paranaense, é conhecido pelos bordões “Adivinhe!” e “as bandeiras estão tremulando!”. Foi o principal rival de Ranzolin na disputa por audiência no estado. Atuou com seu adversário de 1984 a 1991, ano que trocou a Rádio Gaúcha pela Guaíba. Atualmente, ele narra na Rádio Grenal.

promovida por Rutilli e Götz (2022)⁵³, que indicaram o perfil da narração esportiva gaúcha, de 95 locutores consultados sobre suas respectivas referências, 39 deles mencionaram o nome de Armindo Antônio Ranzolin, o que o posicionou atrás, apenas, dos narradores Haroldo de Souza e Pedro Ernesto Denardin⁵⁴, os mais lembrados, com 40 citações cada.

Considerações finais

Como já destacado, Armindo Antônio Ranzolin foi um narrador extremamente técnico, com a capacidade de visualizar muito bem o jogo e posicionar a bola em campo. A intensidade e o tom da voz seguiam o ritmo. Ranzolin foi uma das bases de construção da narrativa atual, colaborando no desenvolvimento de estilos posteriores de profissionais gaúchos de diferentes gerações. E além de narrador, também obteve resultados marcantes como âncora de coberturas jornalísticas, além do esporte, e na gerência de equipes de trabalho.

Em um período onde o acesso a arquivos e gravações é muito facilitado pelas novas plataformas como YouTube, em plena fase de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), em que foram ultrapassados os limites das ondas hertzianas para outros meios como celulares e *tablets*, conhecer a história e a técnica construídas por Armindo Antônio Ranzolin ainda é fundamental para compreender a narração praticada. Muito do seu estilo continua refletido no desempenho de narradores contemporâneos. Supõe-se, certamente, que há locutores que utilizam parte de suas técnicas, embora sem o conhecimento de quem foi Armindo Antônio Ranzolin. E esse é o papel da pesquisa histórica: resgatar o passado, interpretar os fatos, relacionar com o presente, refletir e projetar o futuro.

⁵³ A pesquisa foi realizada entre outubro e novembro de 2020, com os resultados divulgados apenas em 2022.

⁵⁴ Foi o substituto de Armindo Antônio Ranzolin na Rádio Gaúcha. Além de várias Copas do Mundo, notabilizou-se como âncora do programa Sala de Redação, na própria emissora. Tem como principal bordão o “é demais!”

Até o fechamento deste artigo, ainda não havia sido lançada a página⁵⁵ *Memória Armindo Antônio Ranzolin – A trajetória do grande comunicador e narrador dos gaúchos*. O projeto, iniciado em 2022, teve a produção de um site dedicado a recuperar e disponibilizar ao público uma série de acervos como narrações de gols, fotos, uma biografia e outras atrações com a participação de personalidades do futebol e da crônica esportiva. Supervisionada por Cristina Ranzolin e Ricardo Ranzolin, filhos do falecido narrador, a equipe de elaboração, execução e pesquisa contou com a participação de Cauê Meneghelli (*design*), Flávio Dutra e Luciano Klöckner (consultoria), Bruno Chaise (especial Histórias Narradas), Ciro Götz e Marcello Campos (pesquisa e edição de áudios). Os estudos sobre Armindo Antônio Ranzolin não terminam por aqui. Há muito mais, todavia, a ser investigado e levado ao público geral e científico.

Referências

ATHAYDES, Andréia, STOSCH, Sérgio. (Org). **A história do rádio portoalegrense contada por quem a fez**. Canoas: ULBRA, 2008.

DUVAL, Adriana Ruschel. Ernani Ruschel. *In*: PRATA, N., SANTOS, C. (orgs.). **Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 245-247.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20**. Canoas: ULBRA, 2007

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Revista Eptic**. Sergipe, v. 14, n. 2, p. 1-24, mai/ago. 2012.

FERRARETTO, Luiz Artur. **RadioNoRS**. Armindo Antônio Ranzolin e o futebol das tardes de domingo na Guaíba. 2005. Disponível em: <http://www.radionors.jor.br/2014/05/armindo-antonio-ranzolin-e-o-futebol.html>. Acesso em: ago. 2022.

FINGER, Cristiane; GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. Narradores de futebol do rádio de Porto Alegre, dos desbravadores aos contemporâneos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 17, n. 2, p. 126-137, jul/dez. 2020.

⁵⁵ Disponível em: <https://memoriaranzolin.com.br/>.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2018.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **Narradores de futebol, dos desbravadores aos contemporâneos** – Estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015). 2015. 296 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **As vozes do gol: história da narração de futebol no rádio de Porto Alegre**. Florianópolis: Insular, 2020.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. A Narração Esportiva no Rádio do Brasil: uma proposta de periodização histórica. **Revista Âncora**. João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 66-86, jan/jun. 2020.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **A narração de futebol no contexto de rádio expandido**. 2022. 267 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

MEMÓRIA Ranzolin. **Armindo Antônio Ranzolin**. 2023. Disponível em: <https://memoriaranzolin.com.br/>. Acesso em: mar. 2023.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. /n: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 269-279.

PEREIRA, Marco Antônio. Marco Antônio Pereira. **Projeto Vozes do Rádio**. Famecos/PUCRS. 2005. Disponível em: <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/entrevista-completa-63/>. Acesso em: abr. 2015.

PINHEIRO, José Aldo. José Aldo Pinheiro. **Projeto Vozes do Rádio**. Famecos/PUCRS. 2005. Disponível em: <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/>. Acesso em: abr. 2015.

PRATA, Nair; SANTOS, Cláudia. **Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2014.

RANZOLIN, Armindo Antônio. Armindo Antônio Ranzolin. **Projeto Vozes do Rádio**. Famecos/PUCRS, 2004. Disponível em: <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/apresentacao-26/>. Acesso em:

ago. 2015.

RANZOLIN, Cristina. Alô, amigos! **GZH**, 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniaio/noticia/2022/01/cristina-ranzolin-alô-amigos-ckyototcz008d01885vu821yn.html>. Acesso em: 18 mai. 2023.

RUTILLI, Marizandra; GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. As vozes da emoção: perfil dos narradores esportivos do rádio gaúcho na atualidade. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática (Animus)**. Santa Maria, v. 21, n. 47, p. 334-355, 2022.

SOARES, Edileuza. A bola no ar: **O rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.

SOUZA, Haroldo de. Haroldo de Souza. **Projeto Vozes do Rádio**. Famecos/PUCRS. 2001. Disponível em: <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/entrevistacompleta-34/>. Acesso em: abr. 2015.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 51-61.

O público como prosumidor no radiojornalismo esportivo: Revisão de literatura de 2009-2020

The Audience as Prosumer in Sports Radio Journalism: A Literature Review from 2009-2020

La audiencia como prosumidor en el periodismo deportivo radiofónico: revisión bibliográfica 2009-2020

Luciana Mendes da Fonseca, Valquíria Aparecida Passos Kneipp

Resumo

O artigo teve por objetivo revisar a literatura de 2009 a 2020 da academia sobre a utilização da transmídia e narrativa transmídia como ferramenta para alteração das práticas sociais de produção radiofônica no esporte. A pesquisa teve como metodologia a revisão integrativa de literatura baseada em Mendes, Silveira e Galvão (2008) e foram trabalhados conceitos sobre radiojornalismo esportivo e transmídia, de Jenkins (2009), Shirky (2011), Renó e Flores (2012). A revisão mostra a evolução das pesquisas a respeito do assunto, em especial nos últimos anos da década. Além disso, o trabalho pode ser um instrumento de potencial para a ampliação do conhecimento disponível sobre o assunto.

Palavras-chave: Rádio; Transmídiação; Esporte; Transmídia; Convergência.

Sobre as autoras

Luciana Mendes da Fonseca
lmendes042@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4261-5727>

Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e graduada em Comunicação Social – Radialismo pela mesma instituição. Integra o Grupo de Estudos sobre Nova Ecologia dos Meios (Genem), da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), e o Grupo de Estudos de Mídia – Análises e Pesquisas em Cultura, Processos e Produtos Mídiaáticos (Gemini), da UFRN.

Valquíria Aparecida Passos Kneipp
valquiriakneipp@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-5522-6961>

Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), graduada em Jornalismo pela Unesp, com pós-doutorado em Comunicação pela mesma instituição. É professora associada de graduação e pós-graduação da UFRN. Integra os Grupos de Pesquisa Genem, da Unesp, Jornalismo Popular e

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 04/04/2023 aceito em: 01/06/2023.

>> **Como citar este texto:**

FONSECA, Luciana M.; KNEIPP, Valquíria A. P. O público como prosumidor no radiojornalismo esportivo: Revisão de literatura de 2009-2020. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Natal-RN, v. 14, n. 01, p. 154-179, jan./jul. 2023.

Alternativo (AlterJor), da ECA-USP, e Gemini, da UFRN. Organizadora do livro *Trajatória da TV no Rio Grande do Norte: a fase analógica* e autora do ebook transmídia *Voz e vez da redação: memórias da trajetória de formação do telejornalista brasileiro*.

Abstract

The article aimed to review the academic literature from 2009 to 2020 on the use of transmediation and transmedia storytelling as a tool for changing the social practices of radio production in sport. The research methodology was based on an integrative literature review based on Mendes, Silveira and Galvão (2008) and concepts on sports radio journalism and transmedia by Jenkins (2009), Shirky (2011), Renó and Flores (2012) were worked on. The review shows the evolution of research on the subject, especially in the last years of the decade. In addition, the work can be a potential instrument for expanding the available knowledge on the subject.

Keywords: Radio; Transmediation; Sport; Transmedia; Convergence.

Resumen

El artículo tuvo como objetivo revisar la literatura académica de 2009 a 2020 sobre el uso de la transmediatización y la narración transmedia como herramienta para cambiar las prácticas sociales de producción de radio en el deporte. La investigación tuvo como metodología la revisión integradora de literatura basada en Mendes, Silveira y Galvão (2008) y se trabajaron conceptos sobre periodismo deportivo radiofónico y transmedia, de Jenkins (2009), Shirky (2011), Renó y Flores (2012). La revisión muestra la evolución de las investigaciones sobre el tema, especialmente en los últimos años de la década. Además, el trabajo puede ser un instrumento potencial para ampliar el conocimiento disponible sobre el tema.

Palabras clave: Radio; Transmediatización; Desporte; Transmedia; Convergencia.

Introdução

É visto que há uma crescente do rádio em ser cada vez mais instigador

de interação com o público, utilizando as redes sociais digitais e fazendo uso de uma linguagem multiplataforma, o que pode ser um reflexo da convergência dos meios. Em muitos casos, pode ser observado que a narrativa transmídia e as estratégias de transmidiação são ferramentas utilizadas na produção de programas radiofônicos, em especial no segmento esportivo.

De acordo com pesquisa feita pela Kantar Ibope Media em 2022, cerca de 83% da população brasileira ouve rádio todos os dias. O estudo também assegura que 56% dos ouvintes diários confiam nesse meio para se informar. Além de que ouvem em várias plataformas, não apenas no aparelho comum de rádio, buscando uma extensão do conteúdo auditivo e com possibilidade de interações sociais. A pesquisa também mostra que o esporte é um assunto relevante e rentável no rádio, sempre em crescimento, uma vez que espelha o interesse da sociedade ao longo do tempo.

Portanto, este estudo teve como objetivo revisar a literatura de 2009 a 2020 sobre a utilização da transmidiação e da narrativa transmídia como ferramentas para alteração das práticas sociais de produção radiofônica no esporte. Além disso, busca analisar os estudos que a academia tem feito desde 2009⁵⁶, sintetizando quais os achados dessa temática até 2020 (marcando o fim da década).

A metodologia se fez por meio de uma revisão integrativa de literatura inspirada em Mendes, Silveira e Galvão (2008), sendo dividida em três passos, já que esse tipo de método possibilita a investigação do tema de forma mais profunda e em trabalhos de diversas áreas. A pesquisa se justifica como um estudo quantitativo, por mensurar os estudos sobre o assunto, e qualitativo, já que analisa as descobertas. O artigo é importante para a comunidade acadêmica, uma vez que traz à tona inovação nos estudos do rádio esportivo, discorrendo sobre haver ou não conceitos a partir desta perspectiva e as pesquisas ao longo da trajetória em um espaço de tempo.

⁵⁶ Ano de lançamento do livro *Cultura da convergência*, de Henry Jenkins.

No próximo tópico será brevemente abordada a trajetória do radiojornalismo no esporte no Brasil, trazendo um panorama do contexto social desde a criação das primeiras emissoras e as principais mudanças que foram feitas ao longo do tempo no ponto de vista da produção em rádio.

O tópico a seguir traz à tona a própria revisão de literatura, e após isso, a discussão a partir do que foi encontrado. Dentre os fundamentos teóricos utilizados nesta pesquisa, estão: a compreensão da trajetória do radiojornalismo esportivo no Brasil (CANAVILHAS; GIACOMELLI, 2015), (OLIVEIRA, 2016) e o uso da transmídia (JENKINS, 2009), (SHIRKY, 2011), (RENÓ; FLORES, 2012). A problemática da pesquisa se baseia na seguinte pergunta: a configuração da narrativa transmídia e da transmídiação no radiojornalismo esportivo pode alterar as práticas sociais de produção radiofônica?

Midiatização esportiva: do rádio às dinâmicas digitais

Para compreender os estudos sobre a midiatização do rádio e conseqüentemente no gênero esportivo, se faz necessário tratar brevemente sua trajetória no Brasil e os contextos socioculturais de cada época. Bem como, as características da cobertura esportiva e espetacularização, e por fim as relações de convergência e transmídiação. Esses pontos são aprofundados a seguir.

Breve histórico do rádio e da midiatização

Embora haja um grande consenso entre vários autores, como Calabre (2004), sobre a primeira transmissão radiofônica no Brasil ter ocorrido em 7 de setembro de 1922 na cidade do Rio de Janeiro e, conseqüentemente, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ter sido a primeira emissora criada em 1923 a partir de Roquette Pinto e Henrique Morize, outros defendem ser a Rádio Clube de Pernambuco antes mesmo de 1920.

Vaz Filho (2019) infere que a primeira emissora radiofônica do Brasil foi

a Rádio Clube de Pernambuco, em Recife, a qual contava com atividades registradas desde 1919. O autor sustenta por meio de documentos que as primeiras experiências amadoras e a organização dos estatutos da rádio se deram no mesmo ano.

Independentemente do debate em relação ao pioneirismo, há o consenso de que o rádio foi se adaptando às mudanças ante as tecnologias em cada época e as necessidades exigidas pelo mercado, embora até hoje traga a característica da interatividade e trate de diversos assuntos de interesse social a partir do radiojornalismo, como o esporte.

Portanto, entender o jornalismo esportivo como uma editoria tal como a economia ou política, se faz necessário, como discutem Canavilhas e Giacomelli (2015).

O jornalismo esportivo não contempla apenas resultados de jogos ou competições, porque relaciona o esporte com a cultura, política ou com a economia. Afinal o esporte envolve temas econômicos de clubes e seleções, envolve cenários políticos de entidades que regulam o esporte como o COI (Comitê Olímpico Internacional) ou a FIFA (Federação Internacional de Futebol), por exemplo, e foram até arma política durante a 2ª Grande Guerra e, mais recentemente, durante a Guerra Fria. (CANAVILHAS e GIACOMELLI, 2015, p. 158)

Assim, o jornalismo esportivo trabalha de forma interdisciplinar, como corrobora Maluly (2017): “O jornalismo é uma prática que requer do profissional um profundo conhecimento das regras e princípios, além de uma visão multidisciplinar, e não isolada” (MALULY, 2017, p. 80). O autor confirma que, dessa maneira, o cerne do trabalho jornalístico é explanar o esporte como um ambiente que possibilita integração e coletividade. A notícia esportiva não está diretamente ligada apenas ao espetáculo, mas também a valores sociais.

Dessa maneira, é importante entender como o esporte, em especial o futebol, se tornou tão relevante. Silveira (2009) explica que o primeiro espaço para o esporte na imprensa brasileira eram os relatos dos jogos de times amadores de futebol italiano em algumas páginas do jornal *Fanfulla*⁵⁷ em São

⁵⁷ Criado em 1893, foi o jornal mais importante publicado em italiano no Brasil. Porém, a partir de 1941

Paulo, em meados de 1910. O autor também faz um apanhado histórico sobre como o rádio no Brasil, na década de 1920, acabou influenciando a cobertura do esporte no jornalismo impresso.

É nesse contexto que o rádio se desenvolveu. Como destaca Zuculoto (2012), o rádio entre as décadas de 1920 e 1930 tem sua Era de Ouro, pois ainda na primeira década estava em consolidação, trazendo mudanças no que se refere ao jornalismo: “quando [...] passam a se desenvolver utilizando características e recursos do veículo mais adequados à transmissão de informações jornalísticas, entre os quais a rapidez e o imediatismo” (ZUCULOTO, 2012, p. 28-29).

É importante destacar o contexto político da época e que impactou na profissionalização do rádio apenas a partir da década de 1930. Calabre (2004) explica que isso foi freado na década de 1920.

[...] não apenas por razões de ordem técnica, mas também pela turbulenta conjuntura política. Foi um tempo de instabilidade, com as revoltas tenentistas, as constantes declarações de Estado de Sítio; nesse contexto, o rádio poderia vir a se tornar um perigoso veículo de comunicação, de divulgação dos acontecimentos e de propaganda contra o poder estabelecido. Para evitar qualquer risco, o governo limitou, desde o decreto n.16.657 (5.11.1924), as sociedades civis a transmitirem uma programação com fins educativos, científicos e artísticos de benefício público, ficando expressamente proibida a propagação de notícias internas de caráter político sem a prévia permissão do governo (CALABRE, 2004, p. 7).

No entanto, a partir da década de 1930, apresentou-se um desenvolvimento na forma de produzir conteúdo, não se extraindo mais as notícias dos jornais impressos, especialmente no radiojornalismo. Calabre (2004) explana que uma das razões foi a busca das emissoras em popularizar o meio, trazendo pautas para discussão que chamassem a atenção das pessoas, como os jogos de futebol. Além disso, a propaganda política passou

começou a ser escrito em português. Tinha inicialmente um caráter humorístico. O *Fanfulla* passou a engajar-se em campanhas em defesa dos imigrantes italianos radicados no Brasil e tinha seções de política, cultura, variedades e esportes. A partir de 2014 passou a existir apenas na versão digital (MALATIAN, 2015).

a ser utilizada nessa época, como em São Paulo nas eleições de 1930 – entre os associados da Rádio Educadora Paulista, estava o candidato à presidência da República daquele ano, Júlio Prestes, para o qual a emissora fazia campanha, contrapondo-se a Getúlio Vargas, candidato da Aliança Liberal.

Calabre ainda aponta que isso permitiu a criação dos primeiros modelos de programação. O rádio passou a ser o principal meio de comunicação de massa no país nessa época, uma vez que permitia uma relação entre os indivíduos com a notícia, ao discutir as notícias, trazendo uma ideia de integração social.

De acordo com Calabre, essa lógica de programação foi criada na década de 1940 e vigorou até a década de 1960, se apoiando em quatro núcleos: música, dramaturgia, jornalismo e programas de variedade. A Rádio Nacional foi o expoente do período, se destacando com o uso de transmissores mais potentes e que conseguiram alcançar outros estados.

Oliveira (2016) assinala que a primeira transmissão direta do futebol e o consequente início do radiojornalismo esportivo no Brasil se deu em 1931 pela Rádio Educadora de São Paulo, com o jogo entre Seleção Paranaense e Seleção Paulista pelo Campeonato Brasileiro de Seleções:

Neste mesmo período, os principais clubes aderiram à profissionalização, e a imprensa, incluindo muitos radialistas, foi essencial para que o esporte tomasse um novo rumo e se expandisse para o país. A inserção dos negros nos principais clubes do país e a divulgação do esporte bretão através do rádio disseminou por todo o país a paixão pelo futebol. (OLIVEIRA, 2016, p. 18).

Para Oliveira (2016), a estruturação de equipes com repórteres, comentaristas e locutores para as transmissões esportivas no Brasil se deu no fim da década de 1940, com destaque para a Rádio Difusora de São Paulo, se espalhando por todo o país. Guimarães (2020) aponta que, desde a Era Vargas, o futebol se popularizou no Brasil, a partir de campeonatos locais, bem como a Copa do Mundo de 1930, disputada no Uruguai, contribuindo no processo de profissionalização desse esporte. Assim, esse tipo de cobertura já estava popular na Copa do Mundo em 1950, realizada no Brasil.

Lopez (2010) explica que até os anos 1950 no Brasil, na produção do meio radiofônico, a interatividade se baseava principalmente nas cartas enviadas pelos ouvintes. Outra inovação tecnológica foi a transmissão radiofônica via satélite, a partir de 1958. O primeiro satélite de telecomunicações foi o Score I. As transmissões comerciais no Brasil começaram sete anos depois, com o lançamento do Intelsat I.

Outra mudança importante do período foi a popularização do transistor no Brasil a partir da década de 60, trazendo uma mudança de hábitos de consumo com a mobilidade, já que era possível o público levar o aparelho portátil de rádio para os jogos. Zuculoto e Zimmermann (2020) atribuem ao transistor as mudanças na área de produção em rádio como conhecemos hoje.

[...] o transistor foi o grande responsável, enquanto tecnologia, para a reinvenção do rádio e a evolução da produção da reportagem, principalmente da externa. Foi o transistor que proporcionou outras novidades eletrônicas da época. O próprio gravador, ao se transistorizar, impulsionou mais ainda a reportagem, em especial na exploração das características radiofônicas de mobilidade e imediatismo. (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020, p. 7).

A partir disso, as transmissões ao vivo e externas se tornaram mais corriqueiras, proporcionando as primeiras interações pelo telefone. Essas antecederam as relacionadas às atuais tecnologias móveis, que podem ser consideradas uma forma inicial de transmídiação de conteúdo. É importante destacar que na década de 90 as transmissões de rádio FM passaram a ser via satélite, o que foi possibilitado pelo avanço das telecomunicações, como aborda Meditsch (2007).

A telefonia móvel celular e a telefonia direta por satélite romperam os últimos obstáculos à mobilidade na produção, dispensaram a necessidade de instalação de sistemas próprios de radiocomunicação com os repórteres, nas emissoras, e aumentaram a autonomia dos jornalistas em relação aos controles governamentais, exercidos através das redes físicas. (MEDITSCH, 2007, p. 116)

Dessa forma, já nos anos 2000 com as rádios *all news* e a chegada da internet nas emissoras, tornou-se possível a utilização de novas plataformas de produção de conteúdo, baseadas na interatividade dos ouvintes,

retroalimentando o conteúdo.

A espetacularização/mediatização do esporte pelo rádio

Lopez (2010) aponta que, na década de 1990, aumentou a busca por profissionais que produzissem, editassem e apresentassem seus próprios conteúdos no rádio. Aliado a isso, o surgimento de novas ferramentas de apuração, trouxe à tona a necessidade de jornalistas multimídias para auxiliar o rádio a se tornar multiplataforma e hipertextual, o que foi possibilitado nos anos 2000 com a popularização da internet das emissoras.

Com a evolução da tecnologia, assim como no rádio, o esporte ganhou ainda mais destaque, gerando a sua espetacularização, como Bourdieu (1997) aponta: “O referencial aparente é a manifestação ‘real’, isto é, um espetáculo propriamente esportivo [...] O referencial oculto é o conjunto das representações desse espetáculo” (BORDIEU, 1997, p. 121)⁵⁸. Trazendo para o contexto do rádio, essa espetacularização dos eventos esportivos se dá, desde seu início, pela grande quantidade de reportagens sobre os jogadores, treinadores, torcida, trazendo personagens, em outros horários que não apenas na transmissão.

Para Morin (2002), os espaços midiáticos a partir da cultura de massas criam o chamado “novo Olimpo”, em que se personificam figuras importantes para representar o modelo ideal de vida, atuando quase como divindades para os consumidores. Dessa forma, o consumo está ligado ao modo de produção do espetáculo criado pela cultura de massas, como aponta Debord (2003).

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. [...] Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário — o consumo. (DEBORD, 2003, p. 9-10).

Hjarvard (2012) afirma que a noção de grupos e lugares pode ser

⁵⁸ Bourdieu se refere aos Jogos Olímpicos neste livro.

modificada na medida em que a mídia influencia a cultura e a sociedade, através do processo que ele chama de midiatização. Esse processo acontece em diferentes aspectos, como culturais, políticos ou religiosos, de forma que apareça uma nova condição social.

Portanto, esse tipo de produção ao longo do tempo se apoia no público, que engaja e participa, fazendo parte do universo do conteúdo, que há alguns anos é mediado pela utilização da narrativa transmídia. Dessa maneira, pode possibilitar uma interação com o público com todos os seus desdobramentos e contribuindo para que o meio principal (o rádio) ganhe mais audiência internauta, que não apenas consome, mas que compartilha e também produz conteúdo, atuando como prosumidores⁵⁹ (TOFFLER, 1980).

Uma possível explicação para isso pode ser vista em Shirky (2011), que afirma que essa participação crescente do público pode resultar do desejo em contribuir para a sociedade atual. O que se liga à ideia de inteligência coletiva (JENKINS, 2009).

Renó e Flores (2012), apoiados nessa ideia, definem a sociedade atual como multimídia:

Uma sociedade multimídia é, como o nome define, um grupo de cidadãos que têm em suas mãos uma diversidade de meios. Esta diversidade é aproveitada por eles, por exemplo, para o campo da comunicação, tanto interpessoal como entre pessoa e empresa, uma instituição ou uma máquina. Também é uma característica de uma sociedade multimídia, a possibilidade de escolher entre um meio e outro para utilizá-lo segundo a sua conveniência. (RENÓ; FLORES, 2012, p. 39, tradução nossa)⁶⁰

Concomitante a isso, Renó e Flores (2012) trazem como maior característica da sociedade multimídia a busca pela liberdade de plataformas,

⁵⁹ Relação entre consumidor e produtor de informações, intensificada sobretudo a partir da fase da convergência.

⁶⁰ No original: “Una sociedad multimedia es, como define el nombre, un grupo de ciudadanos que tiene en sus manos una diversidad de medios. Esta diversidad es aprovechada por ellos, por ejemplo, para el campo de la comunicación, tanto interpersonal como entre persona y una empresa, una institución o una máquina. También es una característica de una sociedad multimedia la posibilidad de escoger entre un medio y otro para utilizarlo según su conveniencia”.

utilização de hipertexto⁶¹ e hipermídia⁶². Dessa forma, devemos entender quais plataformas atuais se fazem necessárias, em especial, as dinâmicas no radiojornalismo esportivo.

Convergência no radiojornalismo atual

Lopez (2010) aponta que o radiojornalismo, ao potencializar o uso das tecnologias da informação, assume uma importância que se torna um marco no que se refere à produção. Tudo isso, no entanto, é fruto do fenômeno da convergência, que propiciou a adesão dos meios de comunicação aos ambientes virtuais e de dispositivos móveis. Bianco (2012) define convergência de mídias como um processo cultural:

A convergência de mídia é entendida aqui mais do que uma mudança tecnológica. [...] Representa uma nova maneira de interagir com meios tradicionais, estabelecendo um outro patamar de cultura de relacionamento com o público. A convergência não é uma novidade no desenvolvimento dos meios de comunicação, sempre foi essencial no processo de transformação em todos os tempos, embora a observada na contemporaneidade tenha características diferenciadas por força dos recursos oferecidos pela tecnologia digital. (BIANCO, 2012, p. 17)

Constitui-se, então, como uma sistemática que está dentro da cultura da convergência, que para Jenkins (2009), representa uma transformação cultural conforme os consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. Sendo assim, é importante ressaltar o conceito de convergência de conteúdo.

Fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia⁶³, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2009, p. 29)

Outra plataforma seria a utilização da crossmídia, conforme De Haas: “[...] a narrativa direciona o receptor de uma mídia para a seguinte” (apud

⁶¹ Ambiente não linear de leitura em que o público pode criar seus caminhos (RENÓ; FLORES, 2012).

⁶² Ambiente que traz várias informações multimidiáticas (foto, texto, áudio, vídeo, animação, infográfico) em que o receptor pode escolher seus caminhos narrativos (RENÓ; FLORES, 2012).

⁶³ Aqui Jenkins se refere às plataformas de linguagem, não apenas às plataformas de comunicação.

CORREIA; FILGUEIRAS, 2008, p. 4). Um exemplo é a utilização de trechos de narrações de gols de coberturas de jogos de futebol nos sites das emissoras após o término da partida. Dessa maneira, o ouvinte pode consumir o mesmo conteúdo apenas mudando a plataforma.

A partir então dessa procura pela integração coletiva em que os consumidores são elementos de uma cultura participativa na midiatização possibilitada pela convergência, é necessário trazer uma linguagem específica atrativa. Assim, surge a narrativa transmídia, que “se mostra cada vez mais atual e interessante por integrar todos os conceitos de produção e distribuição de conteúdo em uma única metodologia e processo de criação, envolvendo qualquer tipo de mídia” (ARNAUT et al., 2011, p. 265).

Fechine et al. (2013) afirmam que o termo narrativa transmídia popularizou-se no Brasil pelo *transmedia storytelling*⁶⁴ tratado por Jenkins (2009), sendo que o ponto principal deste termo é de que cada consumo possa ser autônomo e participativo. Outros autores apontam também pontos em comum da narrativa transmídia de Jenkins (2009), trazendo o questionamento se ela pode ser utilizada em outros gêneros comunicativos, não apenas no entretenimento. Pode-se inferir então, que a aplicação desta narrativa é estruturada por meio da produção, sendo a busca pela interatividade imediata com o público uma característica principal dela. Dessa maneira, os consumidores fazem parte da criação de conteúdo, envolvendo qualquer tipo de mídia, retroalimentando uma cultura de participação.

Shirky (2011, p. 23) aponta que a interação está no produzir e também no compartilhar, portanto, ela pode acontecer em conteúdo de entretenimento ou jornalístico. No webjornalismo⁶⁵, é um elemento essencial, confirmado por Sabino (2017, p. 2), quando diz que a chegada das mídias digitais proporcionou espaços de participação dinâmica com o público, que agora

⁶⁴ É importante ressaltar que esses conceitos são adaptados por Jenkins (2006), no entanto, foram propostos por Kinder (1991).

⁶⁵ Uma atividade jornalística com tipo de produção diferenciada e praticada exclusivamente no ambiente da rede digital (SABINO, 2017, p. 2).

divulgam seu conteúdo e são agentes e atores sociais.

Aliado a isso, nos últimos anos, a utilização de redes sociais digitais pode ser uma outra característica dessa sociedade especificamente no rádio, como apontam Van Haandel e Ramos (2014):

Há atualmente uma abundância de conteúdos na Internet [...] eles estão disponíveis em diversas plataformas, em diferentes tecnologias (*streaming direto, streaming on demand, download* ou *podcasting*), com fácil acesso a quem busca um determinado conteúdo como, por exemplo, uma música ou um vídeo. [...] O próprio Facebook pode ser considerado um espaço que se comporta como um universo de conteúdos, pois ele convergiu diversas plataformas para o seu interior, apresentando nas *timelines* dos usuários vídeos de hits do momento, áudios de registros raros, fotos de acontecimentos, entre outras diversas opções, além de permitir, por meio de seu chat, uma conversa em tempo real entre os seus membros. (VAN HAANDEL; RAMOS, 2014, p. 8)

Dessa forma, público e produção convergem entre si e estão em constante sintonia. Entendendo isso, levantam-se os seguintes questionamentos: como esses conceitos foram se estruturando? Houve pesquisas a respeito disso na última década?

Revisão de literatura 2009-2020

Essa revisão faz parte da pesquisa da dissertação do mestrado em que se estudou o uso das estratégias de transmídiação durante a transmissão da Copa América 2019 pela Rádio Globo. A problemática central envolveu identificar como a configuração da narrativa transmídia e da transmídiação no radiojornalismo esportivo pode alterar as práticas sociais de produção radiofônica. Para tanto, foram percorridos três passos, a partir da revisão integrativa de literatura inspirada em Mendes, Silveira e Galvão (2008).

Esse tipo de método possibilita a investigação do tema de forma mais profunda e em trabalhos de diversas áreas. Portanto, o primeiro passo se deu pela definição do tema da pesquisa. O segundo passo envolveu uma busca de artigos em periódicos, dissertações e teses sobre o objeto, para entender o que foi estudado nesta década, definindo-se o período de 2009 a 2020 para a coleta de dados.

Nesta etapa foram escolhidas cinco plataformas de pesquisa eletrônica para os artigos e periódicos: o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), os anais dos encontros anuais da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), as revistas *Rádio-Leituras* e *Estudos em Jornalismo e Mídia* e, posteriormente, os anais dos congressos anuais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), especificamente do Grupo de Pesquisa (GP) Comunicação e Esporte. Para facilitar os campos de busca foram estabelecidas combinações das seguintes palavras-chaves: convergência, rádio, transmídia e esporte.

As combinações foram: rádio e transmídia; rádio e esporte; transmídia e esporte; convergência e esporte. No portal da Capes, foram encontradas 28 publicações e nas revistas *Rádio-Leituras* e *Estudos em Jornalismo e Mídia*, apenas uma em cada.

A segunda combinação foi escolhida por ser um tema interligado, visto que o rádio e o esporte foram se popularizando e profissionalizando ao mesmo tempo no Brasil e na mesma época. Foram encontradas 333 publicações no portal da Capes, oito pela revista *Rádio-Leituras* e apenas uma pela *EJM*.

A terceira combinação foi pensada ao se entender que a narrativa transmídia pode ser encontrada em mais de um gênero esportivo, sendo um questionamento se seria possível encontrar pesquisas com outros esportes ou em outras mídias além do rádio. Foi encontrada, porém, uma única publicação no portal da Capes e nenhuma nas revistas.

A última combinação foi pensada ao se questionar se haviam outras pesquisas que trouxessem a convergência ligada a outros esportes e se haviam pesquisas de outros pontos de vista sobre a utilização de narrativa transmídia e transmídiações. Foram identificadas 129 publicações no portal da Capes, uma pela *Rádio-Leituras* e nenhuma pela *EJM*.

Para a seleção dos anais da SPJor, foi feita uma busca pelo título em cada uma das edições eletrônicas disponíveis entre 2012 e 2020. Em 2017,

foi encontrada uma publicação e após a leitura do resumo foi selecionada para a pesquisa. Em 2019, foram encontradas 6 publicações e após a leitura dos resumos foram selecionados dois artigos para a pesquisa. Em 2020, foram encontradas 13 publicações e depois da leitura dos resumos foram selecionados três trabalhos. Ao todo, foram reunidas 525 publicações.

Para a seleção das teses e dissertações os mesmos critérios foram adotados: na primeira combinação foram encontrados 100 resultados; na segunda, 25; e na terceira, 12. Na última, foram vistos 40 resultados, totalizando 177.

Para a seleção do material encontrado foi escolhido como o segundo critério a leitura dos 702 títulos dos artigos, dissertações e teses. Foram selecionados nesse critério um total de 23 artigos, 13 dissertações e quatro teses. No terceiro critério de seleção de materiais, foi feita a leitura dos resumos dos trabalhos. Assim, foram escolhidos 15 artigos, seis dissertações e duas teses, no total.

O terceiro passo foi a avaliação dos materiais selecionados, pensando assim na categorização em três grandes grupos (jornalismo e transmídia; rádio, convergência e transmídia; esporte, convergência e transmidiação). Essa classificação agrega valor para a pesquisa a partir de duas frentes, respectivamente: discutir as aplicabilidades da transmídia e transmidiação no rádio; bem como trazer esses conceitos para o esporte.

O quadro 1 a seguir mostra a categorização dos materiais encontrados, de acordo com o título, objetivos e se estão na perspectiva de reflexão ou de debate:

Quadro 1 – Categorização grupo Jornalismo e Transmídia

JORNALISMO E TRANSMÍDIA				
Título	Autoria	Ano	Natureza do estudo	Objetivos
Convergência e Transmídia nos debates dos candidatos ao	Allyson Viana Martins, Laíza	2012	Debate	Como a retransmissão <i>online</i> , o uso do Twitter e a adição de elementos utilizados apenas na web

governo da Paraíba: a Rede Paraíba de Comunicação nas Eleições 2010	Felix de Aguiar			contribuíram para a promoção de uma cobertura convergente e transmidiática, baseada nas ideias propostas por Henry Jenkins
Segunda tela e a reconfiguração das práticas comunicacionais no processo de fruição de televisão	Ana Silvia Lopes Davi Medola, Elissa Schpallir Silva	2015	Reflexão	O uso da segunda tela pelos telespectadores é um recurso emergente que reconfigura práticas de consumo de televisão já consolidadas no tocante às formas de interação, socialização e a busca por conteúdos complementares
Jornalismo em tempos de convergência: a distribuição de conteúdo em multiplataformas	Vinícius José Biazotti Sabino	2017	Debate	Discutir como a convergência jornalística em paralelo às mídias sociais modificaram as lógicas de circulação de notícias no veículo informativo Gazeta do Povo
Midiatização e espetacularização: O jornalista como influenciador digital	Raphael Moroz Teixeira	2019	Debate	Analisar, sob o ponto de vista estético, a forma com que jornalistas têm se projetado nas redes sociais digitais
Jornalismo e estudos de recepção: Possibilidades e desafios metodológicos	Graziela Soares Bianchi, Felipe Collar Berni	2020	Reflexão	Refletir sobre o jornalismo na sua interface com os estudos de recepção, levantando possibilidades que os Estudos Culturais apresentam para a pesquisa jornalística
Dissertação – Entre concepções e experiências: elementos para um conceito de jornalismo transmídia	Mariano Costa Castro	2018	Reflexão	Apresentar elementos para um conceito de jornalismo transmídia, identificando os elementos que o caracterizam

Fonte: Autoria própria

A primeira categoria temática identificada, Jornalismo e transmídia, enfatizou os processos de convergência e transmídia de formas iniciais no

jornalismo e como o público se torna cada vez mais hipermidiático e capaz de influenciar na produção dos conteúdos. A categorização foi feita a partir dos eixos temáticos das pesquisas encontradas de uma forma geral, uma vez que todas seguiam esse caminho. Foi possível notar que as pesquisas que tratam de debate e reflexão estão em mesma quantidade, especialmente trazendo estudos de caso.

Isso pode indicar que se buscava entender se a transmídia seria um fenômeno nos meios de comunicação, em especial o jornalismo e a televisão. As pesquisas buscavam em sua maioria identificar os elementos que indicavam o jornalismo como transmídia, utilizando as redes sociais digitais como principal agente. Aqui é possível identificar a preocupação em compreender a sociedade hipermidiática, com uso de autores como Jenkins (2009), Arnaut et al. (2011), bem como Renó e Flores (2012) nos nichos de interesse no consumo de notícias, de jornalismo informativo e política.

No entanto, são nos últimos anos da década que as pesquisas tratam de compreender metodologias mais específicas que englobem esses temas, podendo ser um indicador de que já se tratava de fenômeno e algo mais sólido nos campos de estudo da comunicação.

O quadro 2 a seguir mostra a categorização dos materiais encontrados no grupo Rádio, Convergência e Transmídia:

Quadro 2 – Categorização grupo Rádio, Convergência e Transmídia

RÁDIO, CONVERGÊNCIA E TRANSMÍDIA				
Título	Autoria	Ano	Natureza do estudo	Objetivos
A contribuição do Facebook para o rádio em cenário transmídia	Johan Cavalcanti Van Haandel, Fernando Manuel dos Santos Ramos	2014	Reflexão	Discutir a contribuição do Facebook para o rádio que opera no cenário transmídia, observando como é caracterizada a audiência hoje, quais as ações da audiência e como o rádio planeja e desenvolve os seus elementos para transmitir e difundir

				conteúdos com esta narrativa
O corpo e o lúdico: caminhos para o rádio informativo criar vínculos com o ouvinte	Marcelo Cardoso	2016	Reflexão	Elementos lúdicos da cultura são expressos pelo jogo e ajudam a criar vínculos entre emissora e ouvinte no rádio
Galera, a rádio do futuro, agora	Ciro Götz	2017	Reflexão	A web rádio Galera disputa mercado e audiência com emissoras hertzianas a partir da análise comparativa de coberturas com a Rádio Grenal
Neymar: A construção jornalística de um herói espetáculo a partir das redes sociais	Rogério Pereira Borges, Gabriela Dias Macêdo	2019	Debate	Avaliar reportagens originadas de redes sociais sobre o jogador Neymar, publicadas pelo portal Globo, em seus sites globoesporte.com e GShow, em um período de três meses, para analisar o discurso criado em torno da figura do esportista na construção simbólica de um herói espetáculo durante a Copa do Mundo em 2018
Isso é Fantástico: A expansão transmídia da reportagem televisiva ao podcast	Marcos Carvalho Macedo	2020	Reflexão	Investigar as estratégias de expansão entre as reportagens especiais televisivas do Programa Fantástico e o podcast Isso é Fantástico, enfatizando como se dá seu desdobramento temático-textual

Fonte: Autoria própria

A segunda categoria temática, Rádio, convergência e transmídia, deu enfoque ao rádio se tornar gradualmente mais convergente e se utilizar das multiplataformas para abranger públicos. A categorização deste material se deu por todos os trabalhos tratarem dos três temas de forma unida.

É possível notar o esporte ligado à perspectiva de convergência no

rádio de forma mais efetiva cerca de cinco anos após os estudos de convergência se popularizarem. O que pode denotar uma dificuldade em entender isso no meio acadêmico esportivo e radiofônico nos primeiros anos da década, visto que a maioria dos estudos se deu por casos de megaeventos esportivos como a Copa do Mundo de Futebol masculino (2014, 2018) e as Olimpíadas de Verão (2016).

Aqui fica mais natural a integração dos conceitos ligados à transmídia, como em Gambarato (2013), aliados às noções de midiatização (Hjarvard, 2012, 2014) e espetacularização (Debord, 2003). O que pode ser entendido também como uma forma de caracterização da narrativa transmídia do jornalismo esportivo, ainda, porém, se adaptando de metodologias de outras mídias de pesquisa, como a televisão.

Aqui se usa o conceito de rádio social de Kischinhevsky (2012), com mídias sociais de base radiofônica possibilitando diversas formas de interação: “O rádio social se apresenta como espaço de fruição e também como canal de distribuição de conteúdos radiofônicos (musicais e/ou informativos), através da formação de redes de amizades e comunidades virtuais” (KISCHINHEVSKY, 2012, p. 426).

O quadro 3 a seguir mostra a categorização dos materiais encontrados no grupo Esporte, convergência e transmidiação:

Quadro 3 – Categorização grupo Esporte, convergência e transmidiação

ESPORTE, CONVERGÊNCIA E TRANSMIDIAÇÃO				
Título	Autoria	Ano	Natureza do estudo	Objetivos
O futebol-arte na imprensa nacional: a construção de um estilo de jogo	Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro	2014	Reflexão	Panorama crítico das narrativas encontradas na imprensa nacional sobre o futebol-arte
O jornalismo esportivo transmídia no ecossistema dos esportes eletrônicos (e-sports)	Marcos Américo	2014	Debate	Discutir o conceito de e-sport ou esporte eletrônico na atividade jornalística esportiva no contexto transmedia
				Clarificar qual espaço

O lugar do esporte na rádio: estudo de caso no Brasil e em Portugal	João Canavilhas, Fábio Ozorio Giacomelli	2015	Debate	ocupado pelos conteúdos esportivos na programação e nos sites das rádios do Brasil e de Portugal, verificando a importância do futebol na oferta de notícias esportivas
2014 FIFA World Cup on the Brazilian Globo Network: a transmedia dynamics?	Renira Rampazzo Gambarato et al.	2017	Debate	Até que ponto a cobertura brasileira da Rede Globo pode ser caracterizada como uma experiência transmídia?
O Brasil dimensionado pelo futebol	Agnaldo Kupper	2019	Debate	Entender as mudanças sociais causadas pelo futebol no Brasil ao longo da história
Gooooool: Motivation drivers of attitudinal and behavioral fan loyalty in Brazil	Philip J. Rosenberger III et al.	2019	Debate	Entender os fatores motivacionais dos fãs e não-fãs de futebol no Brasil
Passion and market: The intertwining that makes the marketization of brazilian spectacle football	Getúlio Sangalli Reale, Marlon Dalmoro	2019	Reflexão	Analisar como o processo de mercantilização ocorre através do entrelaçamento entre as dimensões culturais do futebol e a ideologia do mercado
Comunicação estratégica no futebol brasileiro: Estudo sobre os campeões nacionais de 2018 na copa libertadores 2019	Fernando Jesus da Rocha, Fábio Giacomelli	2019	Debate	Identificar o uso da transmídia storytelling como recurso estratégico digital, além da utilização do loop dialógico, para a comunicação e feedback dos clubes Sociedade Esportiva Palmeiras e do Esporte Clube Cruzeiro, durante a Copa Libertadores 2019, junto aos seus públicos
A nova tecnologia no futebol: Diálogos sobre a influência do VAR	Andriéle Cremonte Oliveira et al.	2020	Debate	Debater, a partir da descrição e da análise do programa brasileiro "Sala de Redação", alguns pontos relevantes sobre a utilização do Árbitro de Vídeo (VAR) no contexto do futebol

				brasileiro
Jornalismo esportivo em podcast: Discussões sobre um formato em ascensão	Matheus Ramalho Orlando	2020	Debate	Discutir, em termos teóricos, o jornalismo esportivo em podcasts, formato que vem crescendo no Brasil e no mundo
Dissertação – As transmissões de jogos de futebol em um ambiente de convergência midiática: uma análise a partir do Esporte Interativo	Rodrigo Édipo do Nascimento Silva	2013	Debate	Identificar e analisar as mudanças que estão ocorrendo nas estratégias de transmissão dos jogos de futebol para compreender melhor este fenômeno
Dissertação – Futebol na segunda tela: as estratégias de transmídiação do Esporte Interativo na Copa do Nordeste	Giordano Bruno Medeiros e Oliveira	2016	Debate	Verificação das estratégias de transmídiação pelo esporte Interativo na Copa do Nordeste, discorrendo sobre um novo estilo de transmissão esportiva
Dissertação – Inovação na mídia tradicional esportiva televisiva: O caso ESPN no Brasil	Renata Soares Netto	2020	Debate	Compreender como a mídia esportiva ESPN do Brasil tem se adaptado ao seu mercado em constante transformação, principalmente em movimentos de inovações nas áreas de produção de conteúdo, processos organizacionais e modelos de negócios
Dissertação – <i>League of Legends</i> : Do esporte ritual ao esporte eletrônico	Marian Kaori Iura Oshiro	2020	Debate	Analisar as relações dos e-sports com a cultura e os meios de comunicação a partir da construção de narrativas transmídia, em que já existem espetáculos midiáticos do esporte tradicional como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos
				Analisar as notícias produzidas por dois portais de relevância

Dissertação – “Qual é, qual é... futebol não é pra mulher?” – Copa do Mundo de Futebol Feminino: Análise da cobertura jornalística em portais e sua relação com a quinta fase do webjornalismo	Natália Rodrigues Salomão	2020	Debate	nacional e internacional, Globo Esporte e The New York Times, respectivamente, durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019 visando identificar recursos do webjornalismo que estão presentes nessas reportagens
Tese – O Futebol: cultura e convergência das mídias	Cleber Vanderlei Rohrer	2016	Reflexão	Entender a espetacularização do futebol no Brasil e as relações da convergência de mídias nessa modalidade
Tese – Comunicação organizacional em megaeventos esportivos: O voluntariado nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016	Flávio Agnelli Mesquita	2020	Reflexão	Analisar quais foram as ações de comunicação empreendida pelo Comitê Gestor dos Jogos Olímpicos Rio 2016 e como os voluntários foram comunicados

Fonte: Autoria própria

A terceira categoria temática, Esporte, convergência e transmídia, trouxe nos últimos anos conceitos sobre o uso dessa narrativa, além das formas de transmídiação para o esporte a partir da perspectiva da televisão e também do rádio. É vista aqui a preocupação maior em categorizar a transmídiação utilizada no esporte, já de forma presente as estratégias de transmídiação de Fechine et al. (2013), adaptadas do entretenimento. Embora todas as pesquisas sejam estudos de caso, é notória a percepção em entender de que forma estas estratégias impactam na produção e consumo de conteúdo.

Porém, nenhuma pesquisa trata do rádio nesse sentido, o que pode indicar uma falta de interesse do meio acadêmico sobre esta mídia ou, ainda, um desconhecimento de que essas estratégias sejam utilizadas fora da televisão ou internet. As pesquisas indicam uma forte análise nas motivações

do consumo do público ao esporte, trazendo os conceitos que tratam da noção de pertencimento social ainda mais presentes.

Pode-se inferir que, as áreas de estudo sobre jornalismo esportivo ligado à transmídia ainda estão em expansão, uma vez que se percebeu na revisão que a partir de 2012 apareceram mais pesquisas nesse sentido. Também foram nos últimos quatro anos da década que se encontraram mais investigações sobre a aplicabilidade da transmídia no jornalismo e no rádio, o que pode indicar que foram nesses anos que os estudos tinham avançado mais nessa perspectiva e se pesquisaram mais casos (já que as metodologias em sua maioria trazem estudos de casos de megaeventos).

Considerações finais

Com a pesquisa identificou-se que, embora os estudos sobre convergência, transmídia e transmidiação existam há mais de 10 anos, apenas nos últimos anos se teve mais pesquisas sobre esses conceitos. Além disso, a maior parte dos estudos radiofônicos é adaptada da perspectiva da televisão. Pode-se inferir que as áreas de estudo sobre jornalismo esportivo ligado à transmídia ainda estão em expansão, uma vez que se percebeu na revisão que a partir de 2012 apareceram mais pesquisas nesse sentido. Também foi nos últimos anos que se encontrou mais investigações sobre a aplicabilidade da transmídia no jornalismo e no rádio.

Ante o exposto, espera-se que este estudo sirva para subsidiar novas discussões acerca do jornalismo esportivo no rádio em megaeventos aliado ao processo de transmídia e convergência de forma mais abrangente. É mister, portanto, realizar mais investigações, uma vez que se promoverá um amplo fortalecimento nas opiniões e críticas sobre o tema em questão, dando um direcionamento sobre a utilização das estratégias de transmidiação, bem como da narrativa transmídia, e permitindo a adaptação desses conceitos e a criação de outras discussões sobre o assunto nas transmissões esportivas radiofônicas.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**: A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. Tradução de Maria Lúcia Machado.

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**: Descobrindo o Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. 60 p.

CANAVILHAS, João; GIACOMELLI, Fábio Ozorio. O lugar do esporte na rádio: Estudo de caso no Brasil e em Portugal. **Rádio-Leituras**, Mariana, v. 6, n. 2, p.153-172, jul. 2015. Semestral. Disponível em: periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras/article/view/82/86. Acesso em: 21 maio 2019.

CORREIA, Danilo; FILGUEIRAS, Lúcia. **Introdução à mídia cruzada: tutorial**. São Paulo: Grupo de Estudos em Integração da Escola Politécnica de São Paulo da USP, 2008.

FECHINE, Yvana et al (coord.). Como pensar os conteúdos transmídias na teledramaturgia brasileira?: uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo. In: Lopes Maria Immacolata Vassallo de et al (org.). **Estratégias de Transmídiação na Ficção Televisiva Brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013. Cap. 1, p. 19-60. Coleção Teledramaturgia, volume 3.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. O início das narrações esportivas no rádio brasileiro: as transmissões pioneiras. In: In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil; KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina; ZUCULOTO, Valci (org.). **Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção**. Ijuí: Unijuí, 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª ed. Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

MALULY, Luciano. **Jornalismo Esportivo: princípios e técnicas**. 1ª ed. São Paulo: Ed. do autor, 2017.

KANTAR IBOPE MEDIA. Inside Rádio 100: Pesquisa regular de audiência de rádio. 2022. Disponível em: https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2022/09/INSIDE-RADIO-2022_KANTAR-IBOPE-MEDIA.pdf >. Acesso em: 03 abr. 2023.

MENDES, K.; SILVEIRA, R.; GALVÃO, C. Revisão Integrativa: Método de Pesquisa para a Incorporação de Evidências na Saúde e na Enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p.758-764, 8 out. 2008. Quadrimestral.

OLIVEIRA, Giordano Bruno Medeiros e. Futebol na segunda tela: As estratégias de transmídiação do Esporte Interativo na Copa do Nordeste. 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Estudos da Mídia, Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/23016. Acesso em: 07 jan. 2020.

PORTO-RENÓ, Denis; VIVAR, Jesús Miguel Flores. **Periodismo Transmedia**: Reflexiones y técnicas para el ciberperiodista desde los laboratorios de medios interactivos. Madri: Fragua, 2012. 146 p.

ROQUETTE-PINTO, Vera Regina. ROQUETTE-PINTO, O RÁDIO E O CINEMA EDUCATIVOS. **Revista USP**, [s.l.], n. 56, p.10-15, 28 fev. 2003. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i56p10-15>.

SANTOS, Emanuel Leonardo dos. Muito além das Ondas Hertz: A produção e a atuação da Rádio 96 FM na internet. 2017. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Estudos da Mídia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Cap. 2, 5.

SHIRKY, C. **Cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, p. 7-210, 2011.

VAN HAANDEL, Johan Cavalcanti; RAMOS, Fernando Manuel dos Santos. A contribuição do Facebook para o rádio em cenário transmídia. **Rádio-Leituras**, São Paulo, v. 5, n. 2, p.1-16, jul. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras/article/view/321/291>>. Acesso em: 21 maio 2019.

VAZ FILHO, Pedro Serico. A centenária Rádio Clube de Pernambuco: Registros em meios impressos documentam a origem da emissora pernambucana em 06 de abril de 1919. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 12., 2019, Natal. **Anais...**. São Paulo: Alcar, 2019. p. 1 - 13. Disponível em: ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/12o-encontro-2019/gt-historia-da-midia-sonora/a-centenaria-radio-clube-de-pernambuco-registros-em-meios-impressos-documentam-a-origem-da-emissora-pernambucana-em-06-de-abril-de-1919/view. Acesso em: 20 jan. 2019.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.

A origem das lives esportivas em emissoras de Seberi-RS

El origen de las lives deportivas en emisoras de Seberi-RS

The beginning of lives at Seberi-RS radio stations

João Victor Gobbi Cassol; Gonzalo Prudkin

Resumo

O texto apresenta um estudo sobre duas emissoras radiofônicas da cidade de Seberi-RS, Rádio Seberi e Fortaleza FM, e tem como objetivo compreender as razões do surgimento das transmissões audiovisuais ao vivo via Facebook, isto é, as *lives*, produzidas por essas empresas desde o ano de 2018, com ênfase em eventos esportivos. Objetiva compreender, a partir da teoria do rádio hipermidiático (LOPEZ, 2010), as motivações que levaram as rádios a iniciarem a cobertura de eventos empregando as *lives* e identificar a existência ou inexistência de processos de adaptação e preparação dos profissionais, por meio de questionários e entrevistas. Considera-se que as motivações têm base na competitividade entre as empresas, em aspectos econômicos, e que não houve explícitos processos de adaptação prévios às *lives* nos radialistas, senão um considerável aprendizado empírico.

Palavras-chave: Rádio Seberi e Fortaleza FM; *Lives* no *Facebook*; Rádio hipermidiático

Sobre os autores

João Victor Gobbi Cassol
jvgc91@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1351-1961>

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC) e jornalista formado na Universidade Federal de Santa Maria, campus de Frederico Westphalen-RS (UFSM-FW). Integra o Observatório da Ética Jornalística (objETHOS) do PPIGOR/UFSC e o Grupo Biosofia (Pesquisas e Estudos em Filosofia).

Gonzalo Prudkin
gprudkin@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9656-9001>

Professor associado do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Campus Frederico Westphalen, RS, Brasil. Possui graduação em Comunicação Social com Menção em Jornalismo pela Facultad de Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de Entre Ríos (UNER), Paraná, Entre Ríos, Argentina. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Facom – Universidade Federal da Bahia (UFBA). Forma parte do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 25/05/2022 aceito em: 28/02/2023.

>> **Como citar este texto:**

CASSOL, João Victor Gobi; PRUDKIN, Gonzalo. A origem das lives esportivas em emissoras de Seberi – RS. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 180-205, jan./jul. 2023.

(GJOL) e da Equipe de Estudos de Periodismo Digital (internacional) da Facultad de Comunicación da Universidad Nacional de Córdoba, da Argentina.

Abstract

The text presents a study about two radio stations in the city of Seberi-RS, Radio Seberi and Fortaleza FM, and aims to understand the reasons for the emergence of audiovisual Facebook live broadcasts, i.e. lives, produced by these companies since 2018, with emphasis on sports events. It aims to understand, from the hypermedia radio theory (LOPEZ, 2010), the motivations that led radios to start covering events using lives and identify the existence or absence of adaptation and preparation processes of professionals, through questionnaires and interviews. It considers that the motivations are based on the competitiveness between companies, on economic aspects, and that there were no explicit adaptation processes prior to lives in radio broadcasters, but a considerable empirical learning.

Keywords: Rádio Seberi e Fortaleza FM; *Facebook Live*; Hypermediated radio.

Resumen

El texto presenta un estudio sobre dos emisoras radiofónicas de la ciudad de Seberi-RS: Radio Seberi y Fortaleza FM, y tiene como objetivo comprender las razones del surgimiento de las transmisiones audiovisuales en vivo vía Facebook, es decir, los programas en directo producidos por esas empresas desde el año 2018 para la cobertura de eventos deportivos. Pretende comprender, a partir de la teoría del radiohipermediático (LOPEZ, 2010), las motivaciones que llevaron a las radios a iniciar la cobertura utilizando Facebook e identificar la existencia o inexistencia de procesos de adaptación de los profesionales, usando entrevistas y cuestionarios. Considera que las motivaciones tienen base en la competitividad entre las empresas, en aspectos económicos y que no hubo un proceso de aprendizaje para producir ese tipo de contenido dirigido para sus periodistas, sino un considerable aprendizaje empírico.

Palabras clave: Rádio Seberi e Fortaleza FM; *Facebook Live*; Hypermediated radio.

Introdução

Por essência, o rádio é um veículo de comunicação de massa exclusivamente oral, que transmite sons a um público “numeroso, anônimo e heterogêneo” (CÉSAR, 2005, p. 163). De fácil recepção, o rádio não exige que o ouvinte seja alfabetizado e encontra como limite as questões legais estabelecidas pelo governo, que determina a frequência, amplitude e potência das estações, ou o próprio transmissor, dependendo da potência do aparelho.

Além da facilidade em se difundir entre os receptores, o rádio se destaca pela mobilidade, característica que até pouco tempo era exclusiva a este veículo de comunicação. Transportar rádios pelas ruas, em automóveis e até no bolso pode ser apontado como benefício que marca a história do rádio no mundo. Atualmente, com as tecnologias de *smartphones*, *tablets* e *notebooks* é possível acompanhar praticamente todas as mídias de massa através de dispositivos móveis.

Já no século XXI, o uso amplo da internet oficializou o processo de homogeneização dessas mídias. A chamada cultura da convergência (JENKINS, 2009) virou o mote em redações que tentavam fazer não mais a distinção entre jornal, rádio e TV, mas a coexistência desses recursos no mesmo espaço e ao mesmo tempo.

Salaverría e Negredo (2008) também dão sua versão sobre o processo da convergência nos meios de comunicação, após estudarem redações de jornais pelo mundo no início do século, diante da disseminação da internet. Em resumo, definem que a convergência da produção jornalística é um processo cuja evolução perpassa pela sintonia entre diversas áreas de uma redação, por exemplo, e não apenas o uso de diferentes suportes por um mesmo veículo de comunicação.

Porém, o jornalismo contemporâneo, no geral, e o rádio, em particular, têm se caracterizado nas últimas décadas, entre fins do século XX e início do século XXI, por se apropriar de novos mecanismos, isto é, tecnologias digitais

para produzir e oferecer ao público consumidor de informação uma “nova” narrativa multimídia.

Essa confluência é visível na esfera radiofônica com mais clareza, através da união entre os recursos como a radiodifusão e as diversas possibilidades inauguradas pelas plataformas digitais de comunicação, que permitem a coexistência de fluxos de informação oriundos de naturezas diferentes, sejam elas sonoras, visuais ou escritas. Para além de levar informação através de sons, o radiojornalismo hoje se vê cercado de outras mídias e vive um processo de incorporação dessas novidades, que acaba por dar forma ao rádio hipermidiático, mídia “que fala em diversas linguagens, em distintos suportes e, ainda assim, mantém no áudio seu foco” (LOPEZ, 2010, p. 119).

Visto assim, o rádio hipermidiático se realiza a partir de uma dinâmica que supõe “novas estruturas narrativas multimidiáticas e multiplataformas, que busquem a complementação e a ampliação do conteúdo” e demanda do jornalista “uma reformulação em suas rotinas e o investimento em novas habilidades e competências” (LOPEZ, 2010, p. 119).

Em outras palavras, é possível caracterizar a ação das emissoras de rádio atuais que buscam se “manterem ativas” não apenas através das ondas hertzianas, mas também por meio dos recursos da internet, agrupando diferentes formas de comunicação a uma rede. Na tentativa de estabelecer aproximação e estreitar o contato com o ouvinte, as redes sociais são, portanto, mecanismos importantes dentro da cultura de convergência radiofônica. Dentre os recursos usados, o Facebook Live vem sendo explorado com frequência pelas empresas, que perceberam na plataforma de produção de vídeos ao vivo disponibilizada pelo Facebook um caminho para divulgação de conteúdos radiofônicos.

Emissoras que procuram esses recursos investindo na produção de conteúdo por meio das redes sociais são observadas em diferentes contextos, seja em grandes centros urbanos ou mesmo em cidades interioranas. Em Seberi, município do Rio Grande do Sul com

aproximadamente 10.750 habitantes (IBGE, 2019) e situado a pouco mais de 400 quilômetros de Porto Alegre, duas emissoras de rádio locais, Fortaleza FM e Rádio Seberi, vêm empregando o recurso do Facebook Live, doravante chamado de *lives*, com exibições de programas de estúdio e, principalmente, transmissões esportivas, notadamente desde 2018.

Nesse processo de inserção do Facebook no cotidiano das emissoras de Seberi, é de se destacar a velocidade e a intensidade com que a rede social foi incorporada às programações, principalmente com o uso de *lives*. O rápido domínio dessa tecnologia, aliado à sua exploração comercial, são intrigantes do ponto de vista jornalístico, especialmente porque se constituem como movimentos de vanguarda no rádio regional.

Frente a essa tendência que pode significar uma ruptura na maneira de se fazer comunicação radiofônica na região de Seberi, propomos um estudo que busque dissecar esse processo de convergência observado, atentos principalmente ao período em que esses recursos foram implantados, em 2018. Em outras palavras, questionamos por que e como se deu o processo de implantação de recursos audiovisuais do *Facebook* para transmissões esportivas nas rádios Fortaleza FM e Rádio Seberi.

Diante desse problema, nossos objetivos são:

- Identificar as razões que levaram as duas emissoras a iniciarem a produção de *lives* para suas redes sociais, isto é, suas motivações para tal tomada de decisão;
- Compreender o modo como as emissoras prepararam a si e aos seus funcionários para esse novo ambiente, caso o tenham feito.

Da sociedade em rede ao rádio hipermediático

Em *A Sociedade em Rede – Do Conhecimento à Acção Política* (2006), Castells e Cardoso inauguram um conceito que teoriza as relações sociais globais da atualidade, estruturadas enquanto “sociedade em rede”. Na visão dos autores, a sociedade em rede, hoje, representa um conceito semelhante à

ideia que temos de globalização. Segundo eles, organizar-se em forma de redes não é uma particularidade da contemporaneidade para a humanidade, mas o desenvolvimento de novas tecnologias, como a Internet, tornou essa forma de relação social mais descentralizada.

Baseadas, portanto, na comunicação digital, a qual os autores consideram como a coluna vertebral da sociedade em rede, as relações e processos humanos da contemporaneidade têm implicações diretas na forma como a mídia atua, conforme Cardoso (2007) explica em um livro dedicado a analisar a atuação dos meios de comunicação nessa sociedade em redes.

Para Lemos (2009), no marco da constituição da cultura contemporânea atual, existe um processo de formação ou de reconfiguração da comunicação de massa que começa a “conviver” com uma comunicação pós-massiva. Entre as características dessa nova esfera comunicacional, além da “emissão desenfreada”, a conexão global aliada à distribuição e produção livre contribuem para tornar a comunicação pós-massiva uma realidade “mais comunicacional do que informacional” (LEMOS, 2009, p. 3). Alicerçada nas tecnologias digitais, ela tem por característica potencializar a ação e a conversação globais, mas também reforça dimensões e aspectos locais, o que resulta, para Lemos (2009), numa forma descentralizada, colaborativa e participativa de comunicar.

Um mundo conectado exige que o jornalismo se refaça diante dessa realidade, conforme apontam Salaverría e Negrodo (2008). E, para tanto, os autores elencam quatro dimensões do contexto jornalístico em que mudanças de hábitos são tendência diante da convergência, sendo elas a tecnológica, a empresarial, a profissional e a editorial (de conteúdos) (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p. 46).

Cientes desse contexto do mundo da comunicação, ou pelo menos preocupadas com a audiência de suas emissoras, as rádios vêm explorando, consciente ou inconscientemente, as ideias de convergência e o conceito global de sociedade em rede. Essa tendência se dá através da “coluna vertebral” apontada por Castells e Cardoso (2006), a comunicação digital, em

que se encaixam as redes sociais digitais.

Dentro da lógica de rádio hipermediatizado, o uso dos sites de redes sociais, como Facebook, abre um canal de comunicação com o público, que pode participar ao vivo através das *lives*. Mas não apenas essa retroalimentação é importante nas redes sociais. Considerando determinados contextos locais, como é o caso analisado neste estudo, a cobertura de um assunto de interesse público via *lives* significa senão alcançar mais pessoas com a produção, ao menos oferecer um recurso midiático diferente, neste caso uma imagem em movimento, um vídeo.

Mais a fundo no debate, Lopez (2010, p. 112) propõe uma classificação sobre os níveis de convergência em que se situam as emissoras. No primeiro nível estão as emissoras com informatização das redações, possibilitando a edição digital de sons e textos pelas rádios. O segundo nível é o momento em que a tecnologia passa a ser usada para trazer mais velocidade na apuração, produção e transmissão da informação, ainda sem afetar a “forma narrativa e a composição do produto”. Por fim, o terceiro nível é a produção multimídia, onde as tecnologias interferem tanto na apuração, quanto na produção, veiculação e na maneira como o produto é publicado, promovendo uma modificação na linguagem de transmissão. Para a autora, esse nível demanda “a utilização da internet como um suporte para a transmissão de dados complementares e a definição por um padrão de rádio digital, que permita no próprio aparelho receptor a construção de uma narrativa multimídia” (LOPEZ, 2010, p. 113). A classificação do nível de convergência de uma emissora não representa, segundo a autora, uma relação de mais ou menos qualidade; cada veículo se adapta e utiliza a convergência de acordo com sua necessidade e realidade.

Lopez (2010, p. 119) também relata algumas das dificuldades e desafios encontrados pelas emissoras que acabam se enquadrando no modelo de rádio hipermediático. Como trabalha com diferentes plataformas e, portanto, diferentes públicos, “o rádio hipermediático se realiza a partir de uma dinâmica que supõe novas estruturas narrativas multimidiáticas e

multiplataformas, que busquem a complementação e a ampliação do conteúdo”. Essa ampliação pressupõe novas narrativas capazes de funcionar nas novas plataformas. “No rádio, é preciso começar a pensar a informação visual, começar a ler os acontecimentos sob uma perspectiva – técnica e tecnologicamente – mais ampla” (LOPEZ, 2010, p. 116).

Lopez afirma que essas mudanças no contexto radiofônico exigem que os jornalistas tenham responsabilidade e consciência da realidade de convergência para o mundo digital.

O jornalista de rádio, além de compreender que seu principal compromisso é com a informação e com a narrativa sonora, deve compreender a importância da construção de uma narrativa multimídia no jornalismo contemporâneo. E deve ter em mente que esta nova configuração altera a sua rotina de produção. (LOPEZ, 2010, p. 117)

No entanto, a autora também lembra que mesmo a multimídia não deve se tornar o foco principal das emissoras e dos profissionais. Para ser rádio, ainda que hipermediático, é necessário priorizar. “Nem todo ouvinte pode – ou quer – buscar multiplicidade de linguagens” (2010, p. 119).

Frente a esse mosaico teórico, fica mais claro compreender que a hipermediatização do rádio é um processo já em andamento, que inclusive configura sua fase expandida. Além de assinalar isso, a literatura demonstra também que as novas tecnologias às quais o rádio aderiu na verdade soam um tanto perimetrais em relação ao áudio, que parece se manter como o eixo de referência da radiofonia.

Reinvenção por essência

A dinâmica do radiojornalismo ao longo das décadas também foi sentida nas editorias de esportes das emissoras. Ao longo dos anos, o setor passou por tantas dificuldades quanto o radiojornalismo como um todo, mas ganhou ainda mais projeção, principalmente nos anos 40 e 50, com a chamada “Época de Ouro” do rádio (GONÇALVES; ZUCULOTO, 2015, p. 6). Reflexo da paixão da população, o futebol foi se tornando o principal, e muitas

vezes único, objeto de cobertura radiojornalística esportiva.

A televisão, nos anos 50, também se mostrou uma ameaça para o radiojornalismo esportivo. Em contrapartida, o desenvolvimento do transístor, que possibilitou a mobilidade do aparelho de rádio, foi uma das alternativas que contribuíram para a renovação, conforme Gonçalves e Zuculoto (2015, p. 7). Algumas décadas adiante, já nos anos 90, as tecnologias novamente desafiaram a capacidade do radiojornalismo esportivo. A TV a cabo e a internet chegaram e até hoje convivem com o rádio esportivo, novamente exigindo renovação nas transmissões (GONÇALVEZ; ZUCULOTO, 2015, p. 8).

No entanto, se de um lado o radiojornalismo esportivo é ameaçado por essas tecnologias, como a internet, por outro também pode fazer uso desse meio para se sustentar, em um processo semelhante ao ocorrido nos anos 50, quando os ouvintes eram incentivados a assistirem ao jogo na televisão e ouvirem a partida pelo rádio (GONÇALVEZ; ZUCULOTO, 2015, p. 8). Segundo as autoras, a internet...

contribuiu para a facilitação da produção jornalística, interatividade com o ouvinte e retransmissão do conteúdo. A nova plataforma ampliou o alcance das emissoras e pode diversificar sua audiência. [...] Mas apesar das profundas alterações causadas pela popularização da internet, sua presença também oferece várias possibilidades para a permanência do rádio. (GONÇALVEZ; ZUCULOTO, 2015, p. 8)

Essas novas tendências, assim como aquelas que foram assimiladas pela plataforma ao longo do século XX, se baseiam em motivações, implicam em mudanças nas rotinas, nas técnicas e nas exigências. A partir da compreensão da evolução da história do rádio como veículo, sob a luz das alterações sociais e comportamentais aqui descritas, da globalização das redes digitais, da tendência de convergência das mídias e dos exemplos dos rádios Fortaleza FM e Seberi, é que fundamentamos nosso estudo.

Metodologia

Diante da necessidade de explorarmos e descrevermos o fenômeno das *lives* exclusivamente nos rádios Fortaleza FM e Rádio Seberi, adotamos o

método de estudo de caso para procedermos com a pesquisa. Yin (2001, p. 32) define estudo de caso como “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. O objetivo de adotar esse método se justifica pelo fato de estarmos procurando compreender um acontecimento específico – o início das *lives* esportivas por rádios da cidade de Seberi, a partir de uma lógica ou uma teoria geral: o conceito de rádio hipermidiático.

Em função de elegermos duas emissoras como objeto de estudo, é justo que cada ação realizada no levantamento de informações tenha sido feita de maneira igual em uma e outra. Contávamos, portanto, com casos específicos a serem analisados, os quais requereram várias fontes de evidências e cujos resultados foram amparados teoricamente, lógica que segue o percurso descrito por Yin (2001).

Destacamos também que o estudo de caso aqui descrito segue as diretrizes da “lógica da replicação para estudos de casos múltiplos” (YIN, 2001, p. 68), isto é, antevê que o estudo dos objetos resulte em respostas semelhantes entre si nas testagens propostas. Traduzindo para a realidade em questão, a lógica da replicação para estudo de caso múltiplo permite que façamos uma análise do material pesquisado em cada uma das emissoras e produzamos relações entre esses levantamentos, tendo como referência quadros teóricos em comum que, neste caso, é o conceito de rádio hipermidiático e os demais princípios teóricos em questão.

Para compreender os motivos para as emissoras produzirem *lives* esportivas, optamos por contatar fontes relacionadas às áreas estratégicas das rádios, ligadas à elaboração da programação aos cargos administrativos. Como instrumento para coleta das informações, escolhemos promover entrevistas, que podem ser definidas como “a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação” (GIL, 2008, p. 109). Nossa opção por essa técnica se dá em função de procurarmos respostas capazes

de transmitir a singularidade dos casos estudados. Ouvir as explicações de cada emissora através das pessoas que gestam a rádio, pode revelar aspectos particulares sobre o objetivo que cerca essa problemática.

O tipo de entrevista em questão se assemelha ao que Gil (2008, p. 113) define como “entrevista estruturada”. Nesse modelo de diálogo, há uma lista de perguntas a serem levantadas pelo entrevistador, que precisa realizá-las e reconduzir o entrevistado para a temática central caso ele se desvie das pautas. Adotamos essa técnica pois ela possui rigor suficiente para que seja realizada com mais de um entrevistado, a fim de que a aplicação da entrevista fosse o mais semelhante possível para os representantes das duas emissoras. Armazenamos as entrevistas em arquivos de áudio.

Como fonte da Fortaleza FM, optamos por conversar com Luis Carlos Fortes, então diretor administrativo da emissora. No diálogo prévio à confirmação da participação da emissora na pesquisa, o profissional solicitou que a coleta dos dados fosse realizada em uma entrevista que também tivesse a presença do diretor técnico Giovane Sabino da Silva. A entrevista ocorreu no início de 2020, na sede da emissora Fortaleza FM, na cidade de Seberi. Na Rádio Seberi, Jeferson Luiz Carvalho, gerente geral da emissora, narrador, locutor e técnico de áudio, é a fonte consultada neste assunto. A entrevista também ocorreu no início de 2020, na sede da Rádio Seberi, na cidade de Seberi. Dentre os temas abordados na entrevista, estão o histórico de produção das *lives* e das *lives* esportivas pela emissora, os motivos para realizar esse tipo de transmissão e as razões para dar continuidade a elas.

Quadro 1 – Perguntas das entrevistas

1	Qual a história da emissora? Ano de fundação e desenvolvimento até os dias de hoje.
2	Qual a proposta da emissora? Isto é, para que público ela foi construída?
3	Quais as principais características da emissora e do estilo da programação?
4	Quando a emissora começou a produzir lives no Facebook?
5	Quando a emissora optou por realizar a cobertura da Série Bronze 2018 através das lives?
6	Por que a emissora decidiu fazer as lives, em especial as esportivas?
7	Qual a grande motivação da emissora em dar continuidade às lives?
8	Em relação às demais editorias além do esporte, as lives são recorrentes? Por que razão?

Fonte: autores

Para atender ao segundo objetivo proposto, compreender o modo como as emissoras prepararam a si e aos seus funcionários para esse novo ambiente, caso o tenham feito, escolhemos a aplicação de questionários: “técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado” (GIL, 2008, p. 121). Usamos um questionário produzido via Google Formulários, contendo três tipos de questões. As abertas, nas quais “solicita-se aos respondentes para que ofereçam suas próprias respostas”; perguntas fechadas, “em que se pede aos respondentes para que escolham uma alternativa dentre as que são apresentadas numa lista”, e dependentes, quando uma questão só pode ser respondida dependendo da resposta fornecida na anterior (GIL, 2008, p. 123, para todos os dados do parágrafo).

Seis pessoas participariam dessa etapa, três de cada emissora. Em cada rádio, distribuimos os links dos questionários via WhatsApp, nos contatos pessoais de cada fonte. Foram selecionados, em ambas as emissoras, um narrador esportivo, um repórter esportivo e um técnico de áudio/vídeo que trabalham nas transmissões esportivas.

Quadro 2 – Perguntas do questionário

1	Nome completo, idade e função exercida na emissora
2	Antes de participar das <i>lives</i> , você ocupava um cargo semelhante ao que ocupa atualmente durante as transmissões esportivas?
3	Você passou por algum processo de preparação ou qualificação profissional para iniciar a participação nas <i>lives</i> ?
3.1	[Se “sim” para pergunta 3]: Durante esse processo de adaptação, que atividades você realizou e durante quanto tempo?
3.2	[Se “não” para pergunta 3]: Então como foi seu processo de introdução nessa área?
4	Quais as principais dificuldades enfrentadas por você nas primeiras <i>lives</i> que participou?
5	Em um comparativo com o radiojornalismo tradicional, quais as principais diferenças que você nota em relação às transmissões esportivas via <i>live</i> na sua função?

Fonte: autores

Na Fortaleza FM, os questionários foram disparados em março de 2020 para o narrador Delfo Tiago de Souza, o repórter Luis Carlos Fortes e o técnico

de áudio/vídeo Giovane Sabino. Na Rádio Seberi, os questionários foram disparados em março de 2020 para o narrador Jeferson Luiz Carvalho e o repórter Gelson de Souza. Em conversa prévia com o gerente Jeferson Carvalho, antes da realização da entrevista, o profissional afirmou que exerce tanto a função de gerente quanto a de narrador e a de técnico de áudio/vídeo e, portanto, se dispôs a responder aos questionários, totalizando, portanto, cinco respondentes.

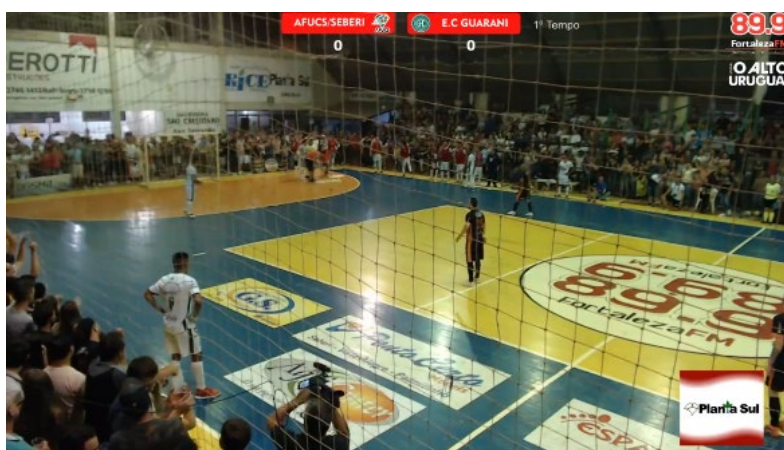
Análise dos dados

Tanto para Fortaleza FM quanto para Rádio Seberi, o início das transmissões via *live* tem como origem a cobertura esportiva da Associação de Futsal e Cultura de Seberi (Afucs), equipe de futsal da cidade de Seberi que, em 2018, estreava oficialmente em uma competição oficial, a Série Bronze, torneio disputado por times do terceiro escalão do futsal de todo o Rio Grande do Sul⁶⁶. O campeonato, organizado pela Federação Gaúcha de Futebol de Salão (FGFS), marcava o retorno de um time de Seberi a uma competição oficial de futsal, já que a cidade fora representada por outro clube, nos anos 1990, em certames profissionais promovidos pela mesma organização.

A motivação esportiva é apontada como propulsora das *lives* pelos representantes de ambas as emissoras. No caso da Fortaleza FM, Luiz Carlos Fortes afirma que, além da vinculação da cidade com o futsal, a opção por fazer as transmissões partiu da necessidade de inovar. “Na verdade, nós temos outra emissora na cidade, a gente sabia que a outra emissora também ia fazer a cobertura do futebol, e aí nós começamos a nos perguntar, o que que a gente poderia fazer de diferente [...]. Então foi nessa conversa, nos bastidores aqui que surgiu (*a ideia*): ‘ah, mas tem a questão do Facebook, uma ferramenta que tá surgindo, ninguém tá fazendo, vamos fazer?’”.

⁶⁶JORNAL O ALTO URUGUAI. **Afucs na Série Bronze**. 2018. (4m56s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=frNZ6lsKy6A>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

Imagem 1 – Tela de uma transmissão da Série Bronze 2018 pela Fortaleza FM



Fonte: FORTALEZA FM. Disponível em: <<https://www.facebook.com/fortalezafm89.9/>>. Acesso em maio de 2020.

Se a concorrência foi uma das motivações, o retorno econômico é, de maneira implícita, apontado como uma das razões para a continuidade desse modelo de transmissão, segundo Giovane Sabino da Silva. “Comercialmente, [a transmissão via Facebook] deu um bom resultado. Não dá para dizer que não. As pessoas preferem investir no que é diferente. Podemos proporcionar esse *plus* para o cliente nosso”. Isso é endossado por uma importante conquista da emissora em 2020: naquele ano, a Fortaleza FM se tornou a rádio oficial da Afucs na temporada, vencendo uma espécie de leilão pelos direitos de imagem da equipe, o que até então não havia ocorrido.

Há também uma terceira motivação, de acordo com a fala de Sabino, que parece inclusive ter alterado o comportamento dos profissionais, ou então acentuado algo que já existia antes em escala menor: a participação dos ouvintes/internautas. A atenção àqueles que sintonizam, ou clicam, nas *lives* da Fortaleza FM, é uma preocupação recorrente inclusive em outros momentos, mas é reforçada durante as transmissões via Facebook, em que aparentemente o canal de comunicação entre quem produz e quem consome

a informação é encurtado e permite, se não um diálogo, um contato mais frequente e com um grande volume de pessoas ao mesmo tempo.

Imagem 2 – Tela de uma transmissão da Série Bronze 2018 pela Rádio Seberi



Fonte: RÁDIO SEBERI. Disponível em: <<https://radioseberi.com.br/>>. Acesso em maio de 2020

Conforme Sabino e Fortes, é comum que, em função da grade de horários ou até mesmo da quantidade de equipamentos que uma transmissão radiofônica ao vivo fora do estúdio demanda, a equipe muitas vezes opte por fazer apenas as transmissões pelo Facebook, sem reproduzir o áudio no dial, como ocorre nas coberturas esportivas, quando o áudio é compartilhado simultaneamente entre rede social e antena.

Surge, então, o anseio, principalmente por parte de Fortes, conforme Sabino, de que as transmissões ao vivo via Facebook sejam recursos acessórios, complementares, que não prejudiquem o público ouvinte que não tem acesso às redes sociais, que acompanha a emissora apenas através do aparelho de rádio.

O Luis cobra muito disso, nos bastidores ele diz 'tchê, vamos ter cuidado para que isso ainda não vá fazer com que o rádio fique menor'. A gente tem que saber que a nossa prioridade é o rádio, nunca dá para optar pela live em detrimento do rádio. Então a gente tem se cobrado uns dos outros para acabar não indo e só fazer live, tem que usar essa ferramenta conosco, a nosso favor, não pode jogar contra nós (SABINO, Giovane).

Um dos motivos de não deixar as *lives* sobressaírem em relação à transmissão de antena pode se explicar pelo que Fortes avalia ser uma cultura regional. Ouvir o aparelho de rádio é visto pelo profissional como um costume “muito forte” na região, seja pela credibilidade ou pela tradição, razão pela qual há uma motivação consolidada para a posição da emissora. “Claro que tu tem (sic) que aliar com a ferramenta do Facebook, hoje não tem como tu trabalhar (sic) sem isso. Mas o rádio ‘rádio’ continua forte, continua firme [...] acredito que é uma característica da região. [...] A credibilidade é muito grande. Tem muitas coisas que o pessoal, no Facebook, não acredita”.

Processo semelhante de adesão às *lives* ocorreu com a Rádio Seberi, que também decidiu se aventurar no audiovisual a partir do esporte. Da mesma forma, a Afucs atraiu a atenção dos diretores da emissora, que teriam visto nos jogos da equipe local uma oportunidade de inovar, pelo menos em relação ao que a rádio vinha fazendo até então. Segundo Jéferson Carvalho, a equipe “entendeu que tinha que dar um passo a mais, e através do esporte percebeu que poderia fazer isso de uma forma diferente”. Entre os principais motivos elencados pelo diretor para a opção pelo esporte como laboratório de inovação estaria o fato de a emissora ter uma longa relação com a editoria, se destacando por transmissões esportivas ao longo dos anos, junto de outras empresas de comunicação da região.

É difícil afirmar, no caso da Rádio Seberi, que iniciar as transmissões audiovisuais pela internet tenha sido um processo planejado com relativa antecedência. As falas de Carvalho dão a entender que o ingresso no universo das *lives* não resultou de uma opção estratégica. “Agora, quando surgiu esse novo momento, ele desafiou de uma forma, que eu penso, natural. Não houve assim algo (*na linha*) ‘bom, agora eu vou fazer live porque eu...’ não. Foi natural”. É na necessidade e no pedido dos ouvintes que se encontram justificativas do ingresso da emissora no sistema de *lives*. Isso por que, conforme Carvalho, “o pedido do ouvinte fez com que a gente parasse e pensasse de forma diferente, e a gente fez um experimento para ver como

seria”.

Qual tenha sido o motivo, é perceptível que emissora começou a realizar as *lives* de maneira experimental, talvez incerta sobre efetuar investimentos financeiros em um negócio novo, cuja lucratividade ainda não se dimensionava, mas cuja existência e reprodução era importante para inovar e manter os ouvintes. O tom naturalizado de conduzir a adesão ao audiovisual pode encontrar explicação na ação que talvez resuma a naturalidade da Rádio Seberi em começar a produzir lives: uma parceria.

Seja pela facilidade ou por uma eventual opção em não realizar investimentos, Carvalho credita a uma parceria com a direção de uma igreja evangélica de Seberi a introdução da Rádio Seberi no meio das *lives*. O grupo Somos Igreja, que possui perfis e páginas nas redes sociais e alimenta esses canais com bastante frequência, teria servido de apoio técnico para o ingresso da emissora no audiovisual, em 2018, durante a Série Bronze. Foi então a partir dos conhecimentos audiovisuais da equipe do grupo Somos Igreja que a equipe radiofônica da Rádio Seberi deu início às transmissões dos jogos da Afucs. A partir dessa relação, segundo Carvalho, a equipe técnica da emissora passou a dominar os instrumentos para produzir as *lives*, e hoje consegue realizar as transmissões por conta própria.

Quanto à adaptação dos profissionais ao modelo produtivo das *lives*, as novas rotinas não foram objeto de grande preocupação prévia por parte das emissoras. Dos quatro profissionais que responderam ao questionário enviado por e-mail, três disseram não terem passado por algum processo de preparação ou qualificação profissional para iniciar a participação nas *lives*. Para o repórter da Rádio Seberi, Gelson de Souza, a qualificação se deu na prática, no dia a dia das transmissões. Segundo ele, o aprendizado ocorreu ao acompanhar a equipe técnica que fazia o serviço no início das transmissões, o Grupo Somos Igreja. Souza teria aprendido e se aperfeiçoado com eles, já durante as transmissões da Série Bronze 2018.

Por um processo semelhante passou o narrador esportivo da Fortaleza FM, Delfo Tiago de Souza. O locutor, que narrava jogos pela emissora antes

das *lives*, disse usar as transmissões esportivas da televisão como inspiração para conduzir a narrativa dos jogos da Afucs. “Nós fazemos rádio e TV simultaneamente, jamais esquecendo dos dois públicos”.

Os relatos das dificuldades apontadas pelos profissionais vão desde a necessidade de se adaptar com as câmeras até a criação de artes gráficas inseridas nas telas de transmissão, atestando que o preparo técnico das emissoras para esse momento se deu quase que integralmente na prática.

A necessidade de investir em novas habilidades surgiu também para o repórter de quadra da Rádio Seberi, Gelson de Souza. Responsável por criar as capas para as *lives* – isto é, as artes que anunciavam a transmissão nas redes sociais e que preenchem a tela de transmissão nos minutos iniciais do vídeo –, Souza encontrou dificuldades para aprender a gerar esse conteúdo. Dentre os desafios que o repórter aponta ter encarado no início das transmissões, estava a preocupação redobrada como público. Para ele, a principal diferença entre o rádio tradicional e as *lives* é “a responsabilidade, pois o público, além de te ouvir, está te vendo também e isso gera uma obrigação do erro zero”.

Juntam-se ao depoimento de Souza, da Rádio Seberi, as falas do narrador e do repórter da Fortaleza FM, Delfo de Souza e Luis Carlos Fortes, respectivamente. Está implícito no discurso dos entrevistados a preocupação real em manter os públicos das *lives* e do rádio em pé de igualdade quanto ao nível de informação recebida. “Mudou completamente a maneira de se fazer a cobertura esportiva. Na minha função de repórter de quadra/campo é preciso ficar ainda mais atento para passar a informação correta e que seja a mesma que o telespectador esteja visualizando”, ressalta Fortes.

Em todos os casos, havendo ou não havendo preparação formal para esse novo estágio em que cada emissora iria adentrar, a mudança existiu, e impactou na rotina dos profissionais. Os relatos das dificuldades apontadas pelos profissionais vão desde a necessidade de se adaptar com as câmeras até a criação de artes gráficas inseridas nas telas de transmissão, atestando que o preparo técnico das emissoras para esse momento se deu quase que

integralmente na prática.

Na fala do gerente da Rádio Seberi, Jeferson Carvalho – assim como em todas as demais dos profissionais entrevistados durante a pesquisa – é possível perceber um processo já apontado por Lopez (2010) quase 10 anos antes do período em que ocorreram essas transformações em Seberi, no que tange à reformulação das rotinas produtivas e o investimento em novas habilidades e competências pelos profissionais. Segundo Carvalho, “o audiovisual é completamente diferente. O posicionamento, a visão do locutor, o início de uma jornada esportiva; já não podia começar de qualquer jeito”, relembra, se referindo ao fato de que muitas vezes a transmissão radiofônica começava com o narrador sentado. “Com o audiovisual mudou tudo, então a gente teve que reaprender tudo isso pra entender como fazer esse trabalho acontecer”.

Sob a perspectiva do rádio hipermidiático, Lopez (2010) trata essa preocupação de Souza como um processo necessário aos jornalistas ou demais profissionais da função. Como trabalha com diferentes plataformas e, portanto, diferentes, públicos, “o rádio hipermidiático se realiza a partir de uma dinâmica que supõe novas estruturas narrativas multimidiáticas e multiplataformas, que busquem a complementação e a ampliação do conteúdo” (LOPEZ, 2010, p. 119). Essa ampliação, que no caso das rádios Fortaleza e Seberi foram as *lives*, pressupõe novas narrativas capazes de funcionar nas novas plataformas, gerando as dificuldades encontradas por Souza e pelos demais entrevistados.

Do puramente operacional, técnico, passando pelo narrativo e terminando no cognitivo, os processos de adaptação às *lives* exigiram mudanças profundas das rotinas produtivas dos profissionais de ambas emissoras. Ainda que cada uma delas tenha tomado rumos diferentes e tenha opiniões naturalmente divergentes entre si, foi comum a elas o fato de as mudanças serem surpreendentes. Se esperavam dificuldades, se temiam as novidades, não se media quais seriam grande parte delas e como enfrentá-las.

Considerações finais

A história por trás das motivações e dos processos que sustentaram o ingresso de Fortaleza FM e Rádio Seberi nas *lives* tem uma versão oficial, “autopromocional”, e uma versão em *off*, implícita nas entrelinhas e um tanto menos romântica. Elas não são contraditórias, mas as informações suprimidas da versão oficial, inferidas apenas a partir do não-dito, ajudam a visualizar com mais amplitude o cenário que promoveu ambas as emissoras ao ambiente digital do Facebook, inovando a maneira de produzir rádio em Seberi e na região.

Extraoficialmente, é de conhecimento público que Fortaleza FM e Rádio Seberi representam grupos políticos divergentes na cidade. Além de ocuparem posições ideológicas opostas, seus proprietários também competem no campo empresarial, sendo concorrentes diretos no setor agrícola. O clima de disputa se converteu para o mundo da comunicação. É de se estipular que, sabendo da participação da concorrência no mesmo estudo, os diretores criaram versões publicáveis de suas reais histórias por trás do início das *lives*.

É o que ocorre em relação às motivações para adentrar no cotidiano das *lives*. O desnude das versões nos mostra que, na verdade, Fortaleza FM e Rádio Seberi começaram a produzir as transmissões esportivas ao vivo pelo *Facebook* em função da concorrência. Pelo lado da Fortaleza FM, a ideia foi oferecer um produto novo, diferente do que a rival e ela própria produziam até então. As *lives* vieram, nesse caso, para atrair ouvintes, atrair clientes e impulsionar a rádio diante da Rádio Seberi.

Por sua vez, a Rádio Seberi percebeu a novidade dos concorrentes e buscou também produzir *lives*. Não pretendia ficar para trás e, por isso, passou a investir no ramo, o que fica evidente quando a diretoria da rádio argumenta que não planejou esse processo minuciosamente, apenas começou repentinamente. Além disso, o fato de a emissora buscar apoio externo para as transmissões, por meio da parceria com o grupo Somos Igreja,

também mostra que esse processo não foi planejado.

Assim, as motivações para o início das *lives* nas emissoras são, em sua essência, mercadológicas. Os demais elementos, como a inovação, a convergência, a exploração de um novo canal e daí por diante, todos se justificam também pela finalidade competitiva do início e da manutenção das *lives* até os dias atuais. Não se pode reduzir as motivações ao dinheiro ou à política ou aos outros negócios, mas dentre os vários fatores indicados como motivos para as transmissões no Facebook, todos parecem surgir na tentativa de consolidarem um diferencial diante da concorrência.

Em relação aos processos de adaptação dos profissionais ao ambiente das *lives*, tivemos percepções diferentes sobre como isso funcionou em cada emissora. Por meio do retorno dos questionários, parte da equipe da Fortaleza FM afirma não ter passado por algum tipo de formação ou preparação para as *lives*, enquanto parte diz ter participado. Isso demonstra que, mesmo se algum processo preparatório tenha ocorrido, ele não foi assim compreendido pelos profissionais da rádio, não foi formalizado.

A falta dessa preparação ocasionou uma mudança significativa no modo de produção de informações da equipe da Fortaleza FM. Em suma, o aprendizado maior se deu na prática. Aos poucos, os profissionais entenderam que, agora, a imagem estava disponível para eles e também para os internautas, gerando uma sensação de responsabilidade maior por parte dos funcionários. Isso levou os profissionais a “subirem a régua” dos trabalhos, prestando mais atenção nos jogos e também nas informações repassadas ao público.

Essa consequência inicial, na Fortaleza FM, foi pouco a pouco dando lugar à preocupação com a interatividade através do Facebook. Os comentários dos internautas e a proximidade entre público e profissionais, permitida pelo ambiente virtual, rapidamente foram incorporados pela equipe como uma novidade positiva, convertida de preocupação para promoção das *lives* e da própria emissora.

Na Rádio Seberi, os processos foram um tanto diferentes. A começar

pelo fato de que a emissora iniciou as *lives* depois da concorrente. Mas, o que poderia ser algo negativo, mostrou o lado positivo quando a rádio uniu forças com o grupo Somos Igreja. Unidos de conhecimento técnico, os parceiros da emissora funcionaram quase que como instrutores dos profissionais, introduzindo-os às tecnologias das *lives*. Ou seja, não houve nenhum processo formal, anterior ao início das transmissões, que tivesse preparado os funcionários da Rádio Seberi para o novo momento, mas a própria parceria com o Somos Igreja acelerou a habilitação da emissora.

Isso se converteu em um ambiente quase natural para a equipe da Rádio Seberi lidar com o mundo das *lives*. Nos processos produtivos, as principais mudanças foram comportamentais: com a imagem à disposição do público, os funcionários foram instigados a pensarem em conteúdos audiovisuais, para todos os segmentos, não apenas as transmissões esportivas pelo Facebook. Na rotina produtiva dentro do ginásio, o que os profissionais notaram foi a necessidade de se organizar melhor para as transmissões, afinal agora a equipe estaria visível, e não apenas audível, para o público.

Em todos os casos, havendo ou não preparação formal para esse novo estágio em que cada emissora iria adentrar, a mudança existiu, e impactou na rotina dos profissionais. Se reinventar passou a ser um objetivo dos repórteres e locutores também, inseridos num contexto comunicacional diferente, tal e qual apontado pela teoria do rádio hipermidiático de Lopez (2010).

Se considera diante da observação e das entrevistas, que as duas rádios prepararam seus profissionais de maneiras diferentes para as *lives*. Ainda que seja possível rastrear que a Fortaleza FM tenha efetivamente planejado as transmissões esportivas no *Facebook*, essa preocupação parece ter sido mais a nível técnico, de equipamentos, do que humano. Houve uma tentativa de transição para o modelo audiovisual da programação, mas não se pode afirmar que essa etapa tenha sido eficiente. Já na Rádio Seberi, os processos de mudança poderiam ter sido tão mais drásticos que os da

Fortaleza FM, já que o ingresso nas *lives* não foi algo sistematicamente planejado, mas a parceria com o grupo Somos Igreja serviu como um curso preparatório para a equipe, que sentiu em menor intensidade os impactos produtivos durante as primeiras transmissões.

Se a preparação dos trabalhadores a esse cenário foi parcial, o mesmo pode ser dito no aspecto institucional, em relação ao modelo de negócio, e isso certamente gerou impactos. Em outras palavras, o impacto dessa guinada é que, à época do estudo, o Facebook se tornou, antes de tudo, o principal meio de reprodução das informações de Fortaleza FM e Rádio Seberi no ambiente digital. Era na rede social o lugar onde circulavam notícias escritas e faladas, vídeos, fotos e todos os demais conteúdos jornalísticos, de entretenimento e comerciais produzidos pelas rádios em questão. Não é possível afirmar, nessa pesquisa, por qual razão essas emissoras escolheram o Facebook como a rede social na qual veiculariam suas publicações, mas se sabe que o ambiente se tornou uma verdadeira praça de interação entre emissora e público, relação que se mostrou especialmente mais intensa durante as *lives*, e que configurou uma nova forma de fazer radiojornalismo. Uma vez que apostaram nesse caminho e obtiveram resultados rápidos, concentraram esforços para manter a rentabilidade desse canal, o que de certa forma pode ter tornado as emissoras dependentes desse modelo de negócio.

Assim, Fortaleza FM e Rádio Seberi se tornaram parcialmente dependentes do Facebook para se fazerem visíveis ao público internauta, e a interação entra nessa relação de dependência também. Sem a rede social, é difícil perceber um meio de proximidade com o público da Internet, no cotidiano das emissoras, de tamanha relevância. Com isso, fica aberta uma lacuna para mais estudos nessa área, voltados a compreender o quão dependentes das redes sociais as rádios são hoje na frente digital da radiofonia.

A partir do cenário posto para Fortaleza FM e Rádio Seberi, é evidente o quanto ele se aproxima das descrições feitas por Lopez, em 2010. Quase

uma década antes das emissoras de Seberi darem início às *lives*, convergindo para o ambiente da Internet, a autora relatava um processo semelhante pelo qual passavam BandNews FM e rádio CBN. Um dos exemplos é a preocupação da Fortaleza FM em atender com qualidade o público ouvinte, aquele que não está acompanhando a *live*, o que Lopez (2010) afirma mais de uma vez ao teorizar sobre o rádio hipermidiático. Ainda que se caracterize por se reproduzir em diversos e distintos suportes, o rádio hipermidiático só se encaixa em tal definição se mantiver o foco de suas produções no áudio.

Ainda sobre a relação com o público, a menção que Souza e Fortes fazem da emergente preocupação em reportar com mais fidelidade – já que agora há público que também assiste aos jogos e não apenas ouve, podendo questionar o que eles relatam – Lopez (2010) antecipava esse tipo de adequação como um processo necessário aos jornalistas ou demais profissionais envolvidos no rádio hipermidiático.

A semelhança entre os relatos de Lopez (2010) e a realidade das emissoras seberrienses mostra que as novidades e dificuldades enfrentadas pelas empresas foram sendo descobertas na prática pelos profissionais das rádios de Seberi à época do começo das transmissões on-line, realidade antecipada pela autora há uma década. Estavam, na verdade, redescobrimo algo já tratado pelas teorias do jornalismo, que também sugere alternativas para essas empreitadas ocasionadas pelo mundo digitalizado.

Assim, manifestamos aqui a importância dos aspectos teóricos para as práticas do Jornalismo. A ciência tem como propósito contribuir para o desenvolvimento da humanidade, benefício que só se converte em realidade quando o conhecimento chega à linha de frente, à prática. Nesse caso, a presença de mais jornalistas, dotados de conhecimento teórico e cientes da importância dele, em Fortaleza FM e Rádio Seberi, poderia significar o encurtamento de impasses práticos enfrentados por essas empresas. Sem isso, elas descobrem empiricamente, na base do teste e erro, os melhores caminhos para o seu sucesso.

Referências

CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede – filtros, vitrines, notícias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=mr3OBdwe8uYC&oi=fnd&pg=PA9&dq=sociedade+em+rede&ots=VynB5MG95W&sig=CRW5ka7mhm1LDL9jPzIDdfWkG5U#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 22 de setembro de 2019.

CASTELLS, M. A; CARDOSO, G. **Sociedade em rede: do conhecimento à política**. A sociedade em rede: do conhecimento a acção política. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2006. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/sociedade-em-rede-do-conhecimento-%C3%A0-ac%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica>>. Acesso em: 22 de setembro de 2019.

CESAR, Cyro. **Rádio – a mídia da emoção**. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 29 de outubro de 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Seberi, Rio Grande do Sul – RS**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/seberi.pdf>>. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

LE MOS, André. **Anjos interativos e retribalização do mundo**. Sobre interatividade e interfaces digitais. Disponível em: <<https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf>>. Acesso em 13 de maio de 2020.

GONÇALVEZ, Jéssica; ZUCULOTO, V.R.M. Registros históricos para pensar um rádio esportivo pós-industrial. **Alcar 2015: 10º Encontro Nacional de História da Mídia**, Porto Alegre. 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-sonora-1/registros-historicos-para-pensar-um-radio-esportivo-posindustrial/at_download/file>. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e**

perspectivas do rádio *all News* brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã, Portugal: LabCom Books, 2010. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf>. Acesso em 11 de outubro de 2019.

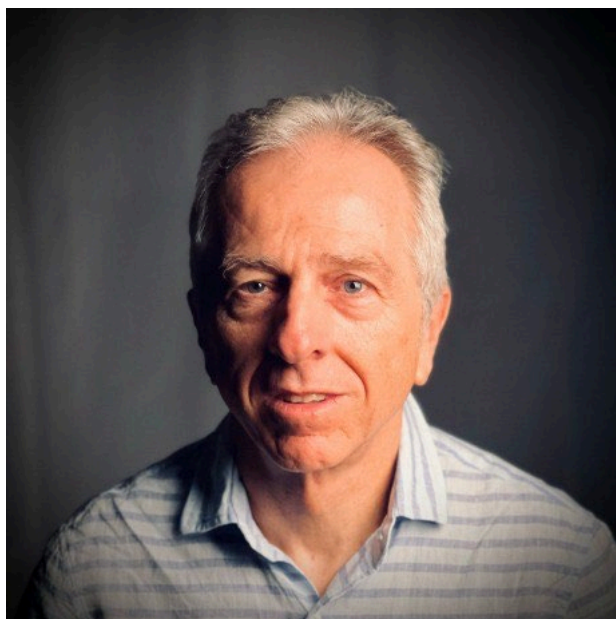
SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo Integrado: convergência de medios y reorganización de redaciones**. Barcelona: Editorial Sol90, 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em: <https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf>. Acesso em 29 de outubro de 2019.

ENTREVISTA

RONALDO HELAL

Por: Filipe Mostaro



“O rádio, cara... o rádio é um fenômeno. As pessoas achavam que TV ia matar o rádio, internet ia matar o rádio... o rádio é uma coisa assim muito impressionante. E eu acho que ele foi fundamental na popularização do futebol e na ideia de identidade nacional brasileira, principalmente nos anos 30, com o governo Getulio Vargas, com o nacionalismo Vargas, novas formas de pensar o Brasil.”

O rádio como pioneiro na relação mídia e esporte

As transmissões de narrativas sobre o esporte estão presentes nas mídias sonoras desde o início do seu processo de popularização (SOARES, 1994). No Brasil, podemos demarcar este período a partir dos anos 1930, mais precisamente em 1932, quando a publicidade passa a ser permitida nas programações das emissoras e o rádio se torna o principal veículo de comunicação no país (MOREIRA, 1998). Como Gisela Ortrivano (2002) indica, as emissoras, de maneira geral, foram inauguradas transmitindo algum evento ou, ao menos, informando a sua existência.

Nesta edição da **Radiofonias**, entrevistamos o professor titular Ronaldo Helal, da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O sociólogo é um dos pioneiros no campo de investigação interdisciplinar de mídia e esporte. Nessa entrevista, ele destacou como o rádio,

a sua linguagem e a formação de ídolos e heróis nacionais a partir dos anos 1930 funcionaram como uma retroalimentação entre a ideologia elaborada pelo governo de Getúlio Vargas e a popularidade do esporte.

Radiofonias **Querida que você começasse falando pra gente sobre essa relação que o esporte vai ter com a mídia e, principalmente, da elaboração da cultura nacional, daquilo que a gente entende hoje como o que seria ser brasileiro etc.**

Ronaldo Helal: O que a gente pode começar a pensar... Eu me lembro que há muito tempo atrás, o Hugo Lovisolo (*antropólogo e professor aposentado*), que me ajudou a fundar o grupo Esporte Cultura na Uerj... a gente estava numa discussão mais ou menos assim: o que teria acontecido primeiro, né? A popularização do futebol ou a imprensa dando atenção ao futebol? O Hugo falava assim: se a imprensa não tivesse dado atenção ao futebol, ele teria se popularizado? Essa é a pergunta difícil. Se você pesquisar, é uma hipótese muito complicada. Eu acho que foi sempre uma via de mão dupla. À medida em que o esporte foi se popularizando, a imprensa estava vendo que uma coisa tava acontecendo e que tinha que noticiar isso. E aí foi uma coisa que foi se retroalimentando. Quanto mais ela dava notícia, mais se popularizava e vice-versa. Tô falando nesse momento ainda sem o advento do rádio, tá? Tô falando no momento ainda da imprensa, dos jornais. O rádio, cara... o

rádio é um fenômeno. As pessoas achavam que TV ia matar o rádio, internet ia matar o rádio... o rádio é uma coisa assim muito impressionante. E eu acho que ele foi fundamental na popularização do futebol e na ideia de identidade nacional brasileira, principalmente nos anos 30, com o governo Getúlio Vargas, com o nacionalismo Vargas, novas formas de pensar o Brasil. E você tinha, claro, o grande cronista esportivo que era o Mário Filho. Tinha um grande sociólogo, cientista social, mas acho que ele não se vê como sociólogo, que é o Gilberto Freyre. Seria mais como escritor, mas a gente bota ele como cientista social. Eles começaram a prestar bastante atenção no futebol. E o Mário Filho, fazendo das suas crônicas batalhas épicas. E o rádio foi fundamental. Eu me lembro do Maracanã antes dessa reforma, faz tempo que eu não vou ao Maracanã, muito de vez em quando hoje em dia, era um hábito comum você, às vezes, quando há algum momento da partida que o jogo está... as torcidas estão tensas, e tem aquele silêncio do Maracanã, você ficava escutando a voz de Waldir Amaral, do Jorge Curi, do rádio, porque as pessoas iam pro estádio com o rádio no ouvido. É como se aquilo ali fosse uma extensão, não só da sua audição, da sua visão,

porque tinha um repórter de campo que estava vendo coisas que você por acaso não estaria vendo. É como se aquilo certificasse, você se sentia incompleto de ir ao estádio sem o rádio. Então era um som comum, você estar no estádio e ficar escutando quantos minutos estão faltando, o relógio marcando. Esse era um hábito bastante comum do carioca. Eu acho que acho que, no Brasil inteiro, a gente tem que ver o seguinte, o Rio de Janeiro era a capital da República até 1960, mas eu acho que perdurou até os anos 80 essa preponderância aqui do Rio de Janeiro como capital da República. Então a Rádio Nacional teve um papel fundamental em popularizar os times do Rio de Janeiro. Se a gente tentar explicar porque o Flamengo é a maior torcida do Brasil, o ponto de partida é um pouco difícil. Tem um livro do Renato Coutinho que tenta explicar isso. Ele meio que atribui a gestão do presidente Bastos Padilha, que começou conscientemente a popularizar o clube, trouxe Leônidas da Silva, que tinha ações bastante populares. Mas por que no Brasil? Por que não foi só no Rio de Janeiro? Porque como a Rádio Nacional só transmitiu os jogos do Rio de Janeiro essa composição de afetos dos torcedores pelo time do Rio de Janeiro acabou se espalhando por todo o Brasil, principalmente na região Norte e Nordeste. Então, por isso você encontra torcedores do Flamengo muito mais fora do Rio de Janeiro do que no Rio de Janeiro, e de Vasco, Botafogo e Fluminense também, e acaba

ombreado e competindo com vários outros clubes do Brasil. Acho que os clubes de São Paulo começaram a ganhar uma força maior a partir da década de 1990, através até de uma ação consciente da Federação Paulista de Futebol de pegar essa fatia que estava indo só para os times do Rio de Janeiro.

Radiofonias Grande parte da sua pesquisa é entender essa parte da idolatria que existe no esporte. E o rádio é um grande fabricante de ídolos, os narradores esportivos conseguem mexer com o imaginário do torcedor e construir uma ideia do jogador como um herói, como uma pessoa que vai ser idolatrada. A gente pode colocar o rádio como um pontapé inicial? Assim, pensando como essa linguagem radiofônica tem exaltado jogadores, como Leônidas da Silva, em seguida, Garrincha e Pelé. A gente vai passando por toda essa geração gloriosa que a gente teve no Brasil até chegar no Zico. A gente foi entrevistar o Zico lá da última vez. Ele mencionou que quem deu o nome Galinho de Quintino foi (o locutor) Waldir Amaral, que é reconhecido até hoje. A gente já falou da importância da mídia em tornar o futebol algo muito forte na cultura nacional e agora o papel específico do rádio em outra linha sua de pesquisa, que é absolutamente fundamental para nós, que é na formação desses ídolos, de idolatria, de como que essa linguagem radiofônica penetra no

imaginário do torcedor e vai elaborando essas qualidades que um grande ídolo deve ter, a jornada do herói, que a pessoa vai redimir a sociedade em algum momento.

Ronaldo Helal: A gente pode pensar assim, talvez um episódio que possa ilustrar isso, na Copa de 1958 as pessoas assistiam às partidas acho que dois dias depois, no cinema. Eu não sei qual foi a partida agora, você deve saber mais do que eu, que o Brasil venceu por 1 ou 2 a 0 e que a narrativa radiofônica foi de um jogo maravilhoso. Um jogo cheio de pegada, de corrida, de lances emocionantes. E quando as pessoas foram ver no cinema, foi uma partida assim muito monótona, que o Nelson Rodrigues teria saído com essa frase ímpar: “a verdade é que ninguém entendeu que a verdadeira partida aconteceu na narrativa radiofônica”. É como se você tivesse um outro espetáculo ali. Então, é óbvio que naquele momento, quer dizer, o rádio estava penetrando em todos os rincões do Brasil e os lugares mais distantes que você possa imaginar a pessoa escutando o rádio e essas locuções. O rádio tem essa coisa, não pode ficar parado. Você não pode ter um minuto de silêncio no rádio se não o cara vai mudar, vai sintonizar em outro canal, vai achar que tá com defeito o rádio. E essa coisa de você criar os epítetos, diamante negro, é claro, também tem Mário Filho, também tem a imprensa, os jornais também. Mas essa simbiose dos atletas

em campo, do rádio e depois com a narrativa da imprensa, o rádio pautando essas coisas que tão acontecendo... Isso ajudou bastante a criar toda essa mitologia do nosso futebol, Garrincha, a alegria do povo, o anjo de pernas tortas. Todas essas coisas foram sendo cada vez mais, digamos, amplificadas, tinha uma coisa que acontecia no campo, tinha uma outra coisa que acontecia no imaginário. Tanto daqueles que estavam assistindo, porque mesmo você assistindo, você tem uma visão diferente quando você está escutando pelo rádio e que quando você está sem o rádio. Você adquire mais informações, você mexe com mais e mais cognição dentro de você do que se estivesse somente vendo o jogo. É como se estimulasse vários códigos dentro de você. Então eu acho que o rádio tem que ser muito criativo, imaginativo, não pode ficar parado, senão a narrativa fica ruim. Eu me lembro até uma vez, há um tempo atrás era muito comum as pessoas assistirem aos jogos na televisão, tirar o som e colocar o som do rádio, porque achavam (*o áudio da TV*) muito monótono. Fulano passa para Beltrano. Cruzou para Sicrano, gol! Era assim. Então o que aconteceu: você pega hoje os narradores esportivos e eles meio que fazem uma narrativa parecida com o rádio. Não chega a ser igual à do rádio, mas não é mais aquela coisa, Fulano passa para outro e acaba, não é isso. Eles têm uma coisa de colocar bastante emoção, justamente para fazer com que as pessoas não

desliguem a televisão e vão para o rádio. Para competir com o rádio. É realmente um instrumento que é bastante potente como meio de comunicação. Você falou da formação de heróis também, que é muito importante, mas às vezes eu acho que ela carrega nas tintas, quase uma questão de construir vilões também, e às vezes um pouco injusta. Eu passei a entender (porque eu sou Flamengo, todo mundo sabe que eu sou Flamengo) a implicância de determinados jogadores do Flamengo, que eu achava bons de bola, botar um pouco mais de tempo, escutando jogos no rádio pela impaciência que o comentarista, narrador, tinha. Falando com um tom meio de deboche e aquilo acaba que tem uma influência. A pessoa tá ali escutando aquilo e, mesmo estando no estádio, aquilo fica amplificado, entendeu? Então, acho que são as duas coisas. Tem a questão da idolatria e tem a questão, não só da vilania, como de minimizar talvez algum jogador, rebaixar o status de algum jogador que porventura não está numa fase boa, mas é um jogador bom de bola.

Radiofonias: E é inegável a gente falar que o rádio contribuiu muito para aquilo que a gente estuda bastante, a ideia do país do futebol. Você já mencionou os anos, as quatro Copas do Mundo, que o Brasil venceu três. O rádio, mesmo com a chegada da televisão em 1970, foi fundamental em contar toda essa narrativa. A gente sabe que há a formação de uma

comunidade imaginada, porque acredita que o Brasil é representado por 11 atletas dentro de um campo. Como que isso passa pela narrativa do rádio que você mencionou, que é mexer com o imaginário das pessoas, das pessoas acreditarem naquele jogo narrativo e se dedicarem de uma forma que elas realmente, em 1970, acreditaram que a vitória da seleção poderia estar associada à vitória da nação como um todo. Essa construção que a gente estuda bastante...

Ronaldo Helal: O Brasil como uma nação nova, que passou o século XIX inteiro até 1889 como monarquia, até 1888 com escravidão, ele vira o século tentando entender o que era ser brasileiro. Muita influência da França. Aí você tem aquele pontapé inicial com a Semana de Arte Moderna em 1922 e depois você tem, a partir da década de 1930, com Gilberto Freyre, *Casa grande e Senzala*, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, você tem novas formas de conceituar o Brasil. E o futebol foi visto como, talvez, o melhor instrumento para se criar uma ideia de nação brasileira. É claro que tem que ter uma correspondência empírica. A gente tem estudado e a gente tem uma suspeita muito forte. O Arlei Damo (*antropólogo*) já trabalhou com isso, a partir de uma hipótese da saudosa Simone Guedes, nossa amiga rubro negra, antropóloga, de que a fundação simbólica do nosso futebol, não é nem do país do futebol, mas a ideia do

futebol arte, que teria surgido na Copa da França em 1938, pela jogada do Leônidas da Silva e por aquele artigo famoso de Gilberto Freyre antes da semifinal contra a Itália (*“Foot-ball mulato”, publicado no Diário de Pernambuco, em que o autor fazia o elogio da miscigenação brasileira*). Você uma vez falou que a primeira *fake news* foi ali.

Radiofonias E só um detalhe, foi a primeira Copa do Mundo, não por acaso, transmitida pelo rádio no Brasil.

Ronaldo Helal: Pois é, e o Brasil fica em terceiro lugar. Supostamente teve um pênalti, que não foi pênalti, uma coisa meio duvidosa. E aí, claro, você começa a criar essa história de que nós seríamos os bailarinos da bola. Qual é a correspondência empírica? Você não tem as Copas do Mundo de 1942 e 1946, por causa da Segunda Guerra Mundial, mas de 1950 a 1970, você vai a quatro finais e vence três. Você ganha três Copas do Mundo em 20 anos. Estou contando até 1950, porque de 1950 o João Saldanha, que eu tive o privilégio de entrevista-lo em minha tese de doutorado, me garantiu que aquela seleção era tão boa quanto a de 1970, que o Zinho era do nível do Pelé. Falou que a seleção era fantástica. Então, o rádio estava do lado o tempo todo noticiando aquilo. A ideia de que houve um grande silêncio no Maracanã, que foi a maior tragédia da história brasileira, a Copa de 1950. Em 1970, o rádio noticiou

que aquela vitória era a vitória do Brasil como nação. No auge do regime militar, valorizando o projeto político que estava em voga. Então, essas coisas sempre existiram. É interessante perceber também que o Paulo Perdigão, que tem um livro muito importante, *A Anatomia de uma derrota*, era um cara que nem era muito ligado ao futebol, mas ele esteve na Copa do Mundo, tinha 11 anos de idade e aí ele escreveu esse livro para tentar entender aquela derrota. Ele conta uma história em que ele está fazendo a recuperação radiofônica, na Manchete. Ele está fazendo recuperação, aí o cara do lado perguntou assim: é agora que vai acontecer o tapa do Obdulio Varela? E ele falou: alguém viu o tapa? E o cara disse que não era nem nascido. O tapa que não existiu, existiu no imaginário, porque alguma faísca se acendeu ali e aquilo ficou. É muito curioso isso. E ele escreve esse conto *O dia que o Brasil perdeu a Copa*, que virou o curta metragem do Jorge Furtado chamado *Barbosa*, que é justamente a trajetória do Barbosa. E todas aquelas questões vieram do rádio. Várias coisas vieram do rádio. Gol de placa, um monte de bordão que a gente sabe hoje em dia, todos vieram do rádio. O rádio até hoje é um instrumento muito importante, não resta a menor dúvida, ele não morreu. É impressionante como as pessoas achavam que a televisão ia matar o rádio, depois a internet, e ele continua aí com essa sobrevivência, forte e resistente. Agora, claro, para construir

ideia de nação brasileira por meio do futebol, haja vista que os discursos do Getúlio Vargas eram feitos no estádio de São Januário (*pertencente ao Vasco da Gama*), antes de existir o Maracanã, mas era um estádio de futebol. Isso tem muito a ver, entendeu? O futebol, na década de 1930 estava se popularizando bastante, porque em 1933 ele se torna profissional, quer dizer, passam a existir duas ligas, a profissional e a amadora. De 1933 a 1937, no Rio e em São Paulo tinham duas ligas, a liga profissional e a liga amadora. Em 1937, você tem a fusão, era só profissional, e era um movimento que já vinha crescendo desde a década de 1920. A gente tem o famoso caso do Vasco da Gama, que colocou uma composição étnica e social até então não vista e ganhou o campeonato de 1923. E aí depois ele é expulso da liga, depois ele tem que voltar, mas aí tem que assinar súmula. Tinha também como uma condição fazer o seu estádio, aí ele fez São Januário. Enfim, tinha toda uma história ali de um esporte que estava se popularizando.

Radiofonias **Eu sei que o seu pai vivenciou vários momentos do Flamengo através do rádio. E eu queria uma parte mais pessoal sua mesmo. Como é que foi crescer dentro do Flamengo, acompanhando toda essa paixão que o esporte envolve e tendo o rádio como esse mediador social?**

Ronaldo Helal: Tomar café da manhã com meu pai era escutando rádio,

resenha esportiva, sempre. Na hora de jantar também, ele estava lá com rádio. Jogos de futebol, numa época em que não tinha TV, era com rádio, mesmo depois com a TV, tinha o rádio. O rádio era uma coisa, assim, impressionante para o meu pai. E é uma coisa, uma gramática, que você aprende também a ver o jogo escutando o rádio. Quem não tem não tem esse hábito, não consegue entender. A minha esposa, já relaxou com isso porque viu que Bruno, meu filho, já pegou isso desde cedo. Às vezes eu estou escutando o jogo no carro, eu estou vendo televisão, aí cruzou, Fulano fez gol, Fulano cruzou e é gol de cabeça. E ela pergunta: “Como é que você sabe que o gol foi assim?” Porque eu estou prestando atenção no rádio. Aí ela vê depois na televisão e como está narrado, foi o que a gente viu. Agora, saindo um pouco da história do meu pai, eu lembro do gol, o famoso gol do Roberto Dinamite contra o Botafogo, que eles dão lençol, famoso esse gol. Eu lembro que eu estava escutando no rádio, e o Waldir Amaral não tinha aquela coisa do Jorge Cury, e eu falei: “gente, esse gol foi um gol maravilhoso”. Quando eu vi na televisão, falei caramba! Mas claro, pela narrativa dele você percebia, pelo jeito dele, que não era um gol comum. Quem conhecia Waldir Amaral, ia falar que isso era um golaço. É que o Jorge Cury era muito mais efusivo. Eu lembro direitinho, como ele narrou foi como eu vi na televisão. Então o rádio tem isso, mas é uma gramática que você aprende

a ouvir, é uma extensão da sua visão, do que você capta. Você está vendo o jogo e está escutando e vendo, está entendendo o que está acontecendo.

Eu lembro também, outra experiência minha com o rádio, que eu posso te falar, quando eu fui morar em Nova York para fazer um mestrado, doutorado nos anos 1980, não tinha internet, nada disso. Então, como é que eu ia acompanhar o Flamengo? Eu tinha que acompanhar o Flamengo. Comprei um radinho de ondas curtas, porque eu conseguia sintonizar a Rádio Nacional de Manaus. Aí eu escutava todos os jogos do Flamengo. Só que às vezes tinha uma interferência de uma comunidade alemã, não sei aonde, e dava alguns ruídos. Mas eu lembro que o famoso Fla-Flu de 1985, que o Leandro faz um gol do meio da rua, cara, quando estava no finalzinho do jogo, ele, o rádio, começou, e eu só entendi que tinha sido gol. Depois é que eu soube que foi um golaço lá do meio da rua, porque foi um momento que realmente a transmissão tinha ficado bem ruim. Eu consegui acompanhar os jogos via rádio. Eu tinha escadinha de incêndio naqueles prédios antigos de Nova York, botava lá antena e captava. Foi uma das primeiras aquisições que eu fiz quando eu vi que ia ficar bastante tempo fora. Eu tinha que acompanhar o Flamengo, tinha que ter um radinho de ondas curtas.

Sobre o entrevistado

Ronaldo Helal é professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1980), graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979), mestrado (1986) e doutorado (1994) em Sociologia pela New York University. É pesquisador 1-C do CNPq, pós-doutor em Ciências Sociais pela Universidad de Buenos Aires (2006). Em 2017, realizou estágio sênior na França no Institut National du Sport, de L'Expertise et de la Performance. Foi vice-diretor da Faculdade de Comunicação Social da Uerj (2000-2004) e coordenador do projeto de implantação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Uerj (PPGCom/Uerj), tendo sido seu primeiro coordenador (2002-2004). Foi chefe do Departamento de Teoria da Comunicação da FCS/Uerj diversas vezes e membro eleito do Conselho Consultivo da Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Uerj por duas vezes. Em 2008 concluiu o curso de Especialização "Tango: genealogia política e historia"; ministrado pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: futebol, mídia, identidades nacionais, idolatria e cultura brasileira. É coordenador do grupo de pesquisa

Esporte e Cultura e do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME). Publicou 15 livros e 150 artigos em capítulos de livros e em revistas acadêmicas da área, no Brasil e no exterior.

Sobre o entrevistador

Felipe Mostaro é professor adjunto da Faculdade de Comunicação da Uerj. Doutor em Comunicação pelo PPGCOM e coordenador do AudioLab na Uerj.

>> Como citar este texto:

MOSTARO, Filipe. O rádio como pioneiro na relação mídia e esporte. Entrevista a Ronaldo Helal. **Radiofonias** – **Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 206-213, jan./abr. 2023.